



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA
INSTITUTO DE LETRAS E LINGUÍSTICA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ESTUDOS LINGUÍSTICOS
CURSO DE DOUTORADO**

**A COMUNICAÇÃO NA COMUNIDADE DISCURSIVA DA
IGREJA CATÓLICA APOSTÓLICA ROMANA: DAS CARTAS DOS
APÓSTOLOS A GÊNEROS TEXTUAIS ATUAIS**

UBERLÂNDIA/2014

Sandra Eleutério Campos Martins

**A COMUNICAÇÃO NA COMUNIDADE DISCURSIVA CATÓLICA
APOSTÓLICA ROMANA: DAS CARTAS DOS APÓSTOLOS A GÊNEROS
TEXTUAIS ATUAIS**

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos - Curso de Doutorado do Instituto de Letras e Linguística da Universidade Federal de Uberlândia, como requisito parcial para a obtenção do título de Doutor em Estudos Linguísticos.

Área de Concentração: Linguística e Linguística Aplicada

Linha de pesquisa 2: Linguagem, texto e discurso

Orientador: Prof. Dr. Luiz Carlos Travaglia

UBERLÂNDIA/2014

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

Sistema de Bibliotecas da UFU, MG, Brasil.

M386c Martins, Sandra Eleutério Campos, 1961-
2014 A comunicação na comunidade discursiva Católica Apostólica Romana:
 das Cartas dos Apóstolos a gêneros textuais atuais / Sandra Eleutério
 Campos Martins. -- 2014.
 186 f.

 Orientador: Luiz Carlos Travaglia.
 Tese (doutorado) - Universidade Federal de Uberlândia,
Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos.
 Inclui bibliografia.

 1. Linguística - Teses. 2. Cartas dos Apóstolos - Teses. 3.
Documentos papais – Teses. I. Travaglia, Luiz Carlos. II. Universidade
Federal de Uberlândia. Programa de Pós-graduação em Estudos
Linguísticos. III. Título.

CDU: 801

Ao meu pai,
Meu maior incentivador,
Aquele que dizia que eu era a sua pérola...
E que se foi, antes que este dia chegasse...

AGRADECIMENTOS

A DEUS, MEU REFÚGIO E MEU BALUARTE, AQUELE EM QUEM CONFIO. NA MINHA ANGÚSTIA, ESTEVE SEMPRE COMIGO E ME SALVOU.

AO MEU MARIDO, COMPANHEIRO DE QUASE TRINTA ANOS, PELA COMPREENSÃO E APOIO.

AOS MEUS FILHOS, MEUS AMORES INCONDICIONAIS, QUE MESMO DE LONGE, ESTIVERAM SEMPRE AO MEU LADO.

À MINHA MÃE, COMPANHEIRA PARA TODAS AS HORAS, PELA PRESENÇA CONSTANTE EM MINHA VIDA.

AOS MEUS IRMÃOS, PELO INCENTIVO E CARINHO DE SEMPRE.

ÀS MINHAS CUNHADAS, ANA E MARIA, QUE SE TORNARAM MINHAS IRMÃS, PELAS PALAVRAS DE ENCORAJAMENTO.

AO PROFESSOR LUIZ CARLOS TRAVAGLIA, POR SEU PROFISSIONALISMO E DEDICAÇÃO, MAS, ANTES DE TUDO, PELA AMIZADE, COMPREENSÃO E APOIO NO PERÍODO MAIS DIFÍCIL DA MINHA VIDA.

À PROFESSORA MARIA APARECIDA OTTONI, PELAS VALIOSAS CONTRIBUIÇÕES NOS EXAMES DE QUALIFICAÇÃO.

AO PROFESSOR JOÃO BOSCO CABRAL DOS SANTOS, PELO ACOLHIMENTO E PELA ORIENTAÇÃO DO TRABALHO DE ÁREA COMPLEMENTAR.

À MARIA JOSÉ N. FABIANO, TAINAH FREITAS ROSA E MARIA VIRGÍNIA DIAS DE ÁVILA, PELA ATENÇÃO QUE SEMPRE ME DISPENSARAM.

AOS PROFESSORES DO CURSO DE DOUTORADO PELAS VALIOSAS CONTRIBUIÇÕES COM A MINHA FORMAÇÃO ACADÊMICA.

A DOM ALOÍSIO ROQUE OPPERMAN, ARCEBISPO EMÉRITO DA DIOCESE DE UBERABA, POR ME TER ABERTO AS PORTAS DE SUA RESIDÊNCIA E TER COLOCADO SUAS COLEÇÕES À MINHA DISPOSIÇÃO.

A DOM PAULO MENDES PEIXOTO, ARCEBISPO DA DIOCESE DE UBERABA, PELA SOLICITUDE COM QUE ME ATENDEU.

A DOM HUGO DA SILVA CAVALCANTE, VIGÁRIO JUDICIAL DO TRIBUNAL ECLESIAÍSTICO INTERDIOCESANO DE UBERABA, PELAS INESTIMÁVEIS CONTRIBUIÇÕES.

À UNIVERSIDADE FEDERAL DO TRIÂNGULO MINEIRO - UFTM, PELA DISPENSA PARCIAL PARA CURSAR DOUTORADO.

RESUMO

Os objetivos desta pesquisa são proceder a um levantamento, caracterização e descrição tanto dos gêneros usados atualmente na correspondência entre a Santa Sé, os demais membros e os fiéis da Igreja Católica Apostólica Romana, como das Cartas de São Paulo, levantando evidências de que os primeiros têm suas origens nos textos escritos pelos apóstolos, particularmente por São Paulo. A fundamentação teórica do trabalho está sustentada nos estudos sobre o conceito e caracterização de gênero e de comunidade discursiva, mais especificamente Bakhtin (2003) e Travaglia (2007, 2009). A respeito do gênero correspondência, adotamos Kaufman e Rodriguez (1995) e Bazerman (2006). Buscamos, ainda, o trabalho de Fremantle (1956), Polhill (1999), Trobisch (2001) e Silva (2008), cujos trabalhos se referem às Cartas de São Paulo. Iniciamos a investigação, fazendo uma descrição da configuração das Cartas de São Paulo. Simultaneamente, realizamos o levantamento, junto à comunidade religiosa católica, dos gêneros de texto escritos pelo Papa ou em seu nome, dentre os quais selecionamos dez. Em seguida, procedemos à descrição e caracterização de todos esses textos, estabelecendo a relação entre eles e as cartas de São Paulo. Os resultados evidenciam que as funções sociocomunicativas desempenhadas pelas Cartas de São Paulo, junto às comunidades das igrejas primitivas, realizam-se atualmente, na comunidade discursiva religiosa católica apostólica romana, por diversos gêneros de textos enviados pelo papa aos católicos do mundo inteiro, os quais constituem, assim, uma atualização dos textos produzidos por São Paulo, à época em que viveu e exerceu o seu papel de líder da Igreja. Complementarmente caracterizamos e distinguimos dez gêneros da comunidade discursiva católica apostólica romana produzidos pelo papa e que as evidências indicam seriam derivados das cartas dos apóstolos, particularmente das de São Paulo.

ABSTRACT

The purposes of this study are to carry out a survey, characterization and description of the genres used currently in the correspondence between the Holy See, the other members and the faithful of the Apostolic Roman Catholic Church, as well as in Saint Paul's Epistles, bringing out evidence that the first have their origin in the texts written by the apostles, mainly Saint Paul. The theoretical basis for the study is found in the studies concerning the concept of genre characterization and of discursive community, more precisely Bakhtin (2003) and Travaglia (2007, 2009). Concerning the correspondence genre, we adopted Kaufman and Rodriguez (1995) and Bazerman (2006). We also analyzed the writings of Fremantle (1956), Polhill (1999), Trobisch (2001) and Silva (2008), whose works refer to Saint Paul's Epistles. We started the research, making a description of the configuration of Saint Paul's Epistles. Simultaneously, we carried out a survey, with the Catholic religious community, of the genres of text written by the Pope, or on his behalf, of which we selected ten. We proceeded, then, to the description and characterization of all these texts, establishing the relationship between them and the Saint Paul's Epistles. The results show that the socio-communicative functions carried out by Saint Paul's Epistles in the communities of the primitive church, are alive currently in the religious discursive community of Apostolic Roman Catholicism, by various genres of texts sent by the Pope to Catholics in the whole world, who, constitute, thus, an actualization of the texts produced by Saint Paul, at the time in which he lived and carried out his role of Church Leader. Complementarily, we characterized and distinguished ten genres of the discursive community of Apostolic Roman Catholics produced by the Pope which the evidence indicates would be derived from the apostles, mainly Saint Paul.

SUMÁRIO

| | |
|---|-----|
| 1. INTRODUÇÃO | 11 |
| 2. REFERENCIAL TEÓRICO..... | 16 |
| 2.1. Os gêneros: definição e caracterização | 16 |
| 2.2. O gênero correspondência | 35 |
| 2.3. As cartas de São Paulo..... | 42 |
| 2.3.1. Apresentação | 42 |
| 2.3.2. As comunidades cristãs primitivas | 49 |
| 3. METODOLOGIA | 56 |
| 4. A ANÁLISE DO <i>CORPUS</i> E RESULTADOS | 64 |
| 4.1. Caracterização das Cartas de São Paulo..... | 64 |
| 4.2. Os gêneros atuais da comunidade discursiva católica apostólica romana..... | 87 |
| 4.2.1 – Alguns elementos sobre a organização da Igreja Católica Apostólica Romana | 87 |
| 4.2.2- Dez gêneros derivados das cartas dos apóstolos – breve caracterização..... | 89 |
| 4.2.3 – A caracterização dos gêneros e sua relação com as cartas dos apóstolos... | 92 |
| 4.2.3.1. Configurações comuns e que evidenciam as relações dos gêneros atuais com as cartas de São Paulo | 93 |
| 4.2.3.2. Características distintivas dos gêneros atuais da comunidade discursiva católica apostólica romana e suas relações com as cartas de São Paulo ... | 137 |
| 5. CONSIDERAÇÕES FINAIS | 161 |
| 6. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS | 164 |
| 7. BIBLIOGRAFIA | 167 |
| 8. ANEXOS | 176 |

1. INTRODUÇÃO

Os estudos sobre os gêneros textuais têm ganhado mais e mais espaço nos estudos lingüísticos, à medida que um número cada vez maior de pesquisadores tem se dedicado a esse trabalho. Essa preocupação em pesquisar, estudar, descrever, caracterizar, explicar e também ensinar os diferentes gêneros textuais, embora quase inexistente no Brasil há alguns anos, expande-se hoje pelo país inteiro. Essa expansão pode ser observada, por exemplo, nos títulos de simpósios, comunicações e painéis publicados em Cadernos de Resumos de congressos recentes, tais como SIGET 2013, SILEL 2013, GELNE 2012, GEL-SP 2013, dentre outros. À proporção que os estudos avançam, em relação às questões teóricas e práticas desse novo campo de pesquisa e ensino da linguagem, novos desafios se apresentam. Os gêneros existem em um grande número nas sociedades e, à medida que essas sociedades se alteram, novos gêneros surgem para atender as demandas comunicativas, enquanto outros desaparecem ou se modificam. Assim, uma pergunta de ordem geral aberta para estudos mais amplos dos gêneros tem sido como descrever e explicar os textos, evidenciando que neles e por meio deles os indivíduos produzem, reproduzem ou desafiam a realidade social na qual vivem.

Tendo nos dedicado, já há algum tempo, ao estudo dos gêneros e, como católica praticante que somos, temos participado sempre das atividades pastorais da paróquia da qual fazemos parte na cidade onde residimos. Nessas atividades, temos a oportunidade de ter acesso aos gêneros que circulam na comunidade discursiva católica apostólica romana, por meio dos quais os membros dessa comunidade organizam suas atividades diárias e, segundo Bazerman criam “significações e fatos sociais num processo interativo tipificado num sistema de atividades que encadeia significativamente as ações discursivas” (BAZERMAN, 2006, 10). Além disso, ao participar da missa, aos domingos, e proceder à leitura de textos ou trechos de textos da Bíblia Sagrada, sentíamos sempre certo incômodo, quando pensávamos neles, em relação a sua compreensão do ponto de vista da

classificação dos gêneros. Mas os que mais aguçavam a nossa curiosidade eram as cartas dos apóstolos, especialmente quando as relacionava aos textos que circulam atualmente na comunidade discursiva, tais como as bulas ou encíclicas papais.

Dessa forma, decidimos realizar este trabalho, visando a proceder à análise dessas cartas para caracterizá-las e verificar se há alguma relação entre elas e gêneros por meio dos quais se realiza a comunicação entre a Igreja Católica e seus fiéis, nos dias atuais. Para tal, precisamos também proceder à caracterização e descrição dos gêneros que circulam atualmente nessa comunidade.

Pudemos encontrar alguns trabalhos já publicados sobre o gênero carta ou epístola, como, por exemplo, teses sobre as “cartas à redação”, publicadas em jornais e revistas, mas nada que trate especificamente dessas cartas dos apóstolos e de sua possível evolução para as formas de comunicação atuais na comunidade discursiva católica apostólica romana. Por “atuais” estamos designando os séculos XX e XXI e, portanto, os gêneros utilizados no *corpus* foram produzidos nesse período.

Inicialmente, pensamos em tratar dos gêneros utilizados na comunicação entre os membros da comunidade discursiva católica como um todo, incluindo aqueles produzidos pela Santa Sé, pela Conferência Nacional dos Bispos do Brasil - CNBB, pelas dioceses e até mesmo por cada uma das paróquias. No entanto, percebemos que esse se trata de um conjunto de textos demasiadamente amplo, para um trabalho da natureza dessa pesquisa e, assim, decidimos que o nosso corpus seria constituído por textos produzidos pelo Papa, ou em seu nome.

Essa decisão tem como justificativa o fato de que os apóstolos de um modo geral, mas especialmente Pedro e depois Paulo, que foram os mais importantes líderes de comunidades católicas, à época em que viveram, foram substituídos pela figura do papa, o líder mundial da Igreja Católica. O Apóstolo Paulo, para realizar seu trabalho de orientação, de guia dos fiéis, utilizava-se de cartas, quando não podia visitar pessoalmente as diversas comunidades que criou e animou de maneira constante, na busca de seu objetivo que era formar, em torno de Cristo, um povo novo, com diferente consciência de suas relações com Deus e entre si. Similarmente, ao Romano Pontífice cabe, não apenas o ofício de inspeção ou direção, mas o do pleno e supremo poder de jurisdição sobre toda a Igreja, não só nas coisas referentes à fé e aos costumes, mas também nas que dizem respeito à disciplina e ao governo da Igreja, ofício que ele realiza por meio desses gêneros utilizados atualmente nessa comunidade discursiva.

Muitos são os textos que circulam nessa comunidade discursiva para que se possa estabelecer comunicação entre os próprios membros da Igreja e/ou entre a Igreja e os seus fiéis. Entretanto esses textos ainda não foram analisados e descritos e, por esse motivo, não é possível precisar a função de cada um deles e se há dependência ou interdependência entre eles no funcionamento social da comunidade. Assim, por questões de delimitação do estudo, o nosso **corpus** constitui-se de dez tipos diferentes de documentos, com dez exemplares de cada, cuja fonte é a própria editora da Santa Sé¹ ou sites de paróquias. A maioria desses documentos está disponíveis no *site* da Santa Sé, muitos deles com versões em português de Portugal, elaboradas pela Tipografia Poliglota Vaticana, instituição ligada à Cúria Romana². Além desses, também fazem parte do nosso *corpus* as cartas de São Paulo, escritas a diferentes pessoas/comunidades, quais sejam: a) Romanos I e II, b) Coríntios, c) Gálatas, d) Efésios, e) Filipenses, f) Colossenses I e II, g) Tessalonicenses, h) Hebreus, i) Timóteo I e II, j) Tito e l) Filemôn.

Dessa forma, apesar da vasta investigação existente em relação aos diferentes gêneros, escolhemos tal *corpus* e tema, porque verificamos que ainda não foram realizadas muitas pesquisas a respeito das cartas de São Paulo e dos gêneros que circulam atualmente na comunidade discursiva religiosa católica apostólica romana, conforme afirmam alguns dos autores mencionados na revisão da literatura desta pesquisa, e nem mesmo da possível relação entre as cartas dos apóstolos e gêneros atuais da comunidade discursiva da Igreja Católica Apostólica Romana.

Por isso, esta pesquisa tornou-se relevante, na medida em que, num primeiro momento, procedeu a um estudo e caracterização desses textos de São Paulo, definindo-os enquanto um gênero; num segundo momento, procedeu a um levantamento e uma análise com descrição dos textos por meio dos quais a comunicação é feita atualmente dentro da Igreja Católica, observando se há ou não influência das cartas de São Paulo nessa forma de comunicação, dentro dos limites dessa instituição, que ainda exerce grande influência sobre um grande número de pessoas, as quais constituem a comunidade discursiva que utiliza tais gêneros. Portanto, este trabalho contribuirá com a elaboração de uma teoria

¹ A palavra Sé episcopal ou Sede episcopal (do latim: sedes) refere-se a uma catedral, lugar onde um bispo tem sua cátedra e exerce seu governo eclesiástico.

² Conjunto de Dicastérios - Secretaria de Estado, as Congregações, os Tribunais, os Conselhos e os Ofícios - e dos organismos que coadjuvam o Romano Pontífice no exercício do seu supremo múnus pastoral.

geral de descrição e classificação dos gêneros, o que tem sido buscado por muitos pesquisadores no Brasil.

É importante ressaltar que não se trata de um estudo histórico, uma vez que não pretendíamos observar a evolução dos documentos ao longo da história, mas demonstrar que os gêneros utilizados atualmente na comunidade discursiva católica apostólica romana são derivados das primeiras cartas dos apóstolos de Cristo, especificamente as de São Paulo. Trata-se de uma investigação com base nas características dos documentos enquanto gêneros textuais e, por isso, procedemos a um levantamento dos traços constitutivos das cartas de São Paulo, observando vários aspectos. Em seguida, caracterizamos também, com base nos mesmos parâmetros, os documentos utilizados pelo papa para comunicar-se com os demais membros da Igreja católica Apostólica Romana. Por fim, buscamos identificar, nesses gêneros atuais, elementos que se configurassem como evidências de que esses documentos são derivados das cartas de São Paulo, uma vez que apresentam características idênticas ou próximas, transformadas ou atualizadas dessas cartas.

Para realizar este trabalho, começamos por proceder a uma reflexão sobre o conceito de gênero, adotando alguns teóricos que têm dedicado o seu trabalho a defini-lo, identificá-lo e caracterizá-lo, os quais apontamos no momento oportuno. Além disso, fizemos um levantamento teórico sobre o gênero correspondência ou carta, apesar de haver pouca bibliografia sobre o tema. Depois, analisamos e descrevemos as configurações textuais das cartas de São Paulo, para caracterizá-las de acordo com a teoria do gênero. Passamos, então, a proceder a um levantamento e caracterização dos gêneros usados na comunicação entre os membros da comunidade discursiva católica apostólica romana e, finalmente, comparamos esses documentos com as cartas de São Paulo.

Dessa forma, o **objetivo geral** do nosso trabalho é inventariar, caracterizar e descrever as Cartas de São Paulo e os gêneros usados atualmente na correspondência entre os membros e os fiéis da Igreja Católica Apostólica Romana, verificando se os últimos têm suas origens nos textos escritos por São Paulo. **De maneira mais específica, objetivamos**, então, identificar tanto a função das Cartas de São Paulo, como dos documentos atuais nas diversas comunidades e/ou os indivíduos aos quais se destinam; levantar as características dos textos das Cartas de São Paulo e dos documentos atuais, do ponto de vista de seu conteúdo temático; de seu estilo (ou características da linguagem); de sua estrutura composicional; de seus objetivos e funções e de suas condições de produção, para descrevê-los enquanto gêneros; comparar os textos dos papas com as cartas de São Paulo,

identificando e descrevendo semelhanças e diferenças em suas configurações e, finalmente, verificar se algum ou alguns gêneros atuais da comunidade discursiva da Igreja Católica Apostólica Romana representam uma atualização das cartas dos apóstolos às comunidades da Igreja em seus primeiros tempos.

Nos próximos capítulos, expomos o referencial teórico utilizado como instrumento da pesquisa (Capítulo 2), a metodologia (Capítulo 3) e a análise do *corpus* e os resultados da pesquisa (Capítulo 4). Passemos então ao referencial teórico.

2. REFERENCIAL TEÓRICO

2.1. Os gêneros: definição e caracterização

Inicialmente, é preciso fazer uma reflexão sobre o conceito de gênero, fundamentando-se nos teóricos que têm dedicado o seu trabalho a defini-los, identificá-los e caracterizá-los. Para realizar este trabalho, adotaremos alguns desses trabalhos, conforme se poderá ver, em seguida.

Durante muito tempo em sua vida, o ser humano se contentou em falar e entender a sua língua materna sem fazer dela objeto de reflexão, de comentário ou de questionamento. Entretanto, provocados pelo conhecimento de outras línguas, pelo reconhecimento da existência de diferenças dialetais dentro da mesma comunidade de fala ou por pura curiosidade desinteressada do homem a respeito de si mesmo e da realidade que o rodeia, há milênios, diferentes povos começaram a observar, analisar e registrar diferentes aspectos da linguagem humana. Ainda hoje, as inúmeras correlações que a linguagem mantém com a vida humana continuam aguçando a curiosidade de observadores à procura por respostas a várias e distintas perguntas. É nessa perspectiva que os estudos lingüísticos se multiplicaram em escolas e movimentos, com vistas a entender de que maneira as formas e os sentidos estão interrelacionados em um sistema lingüístico, numa determinada comunidade de linguagem.

Dentre essas escolas, tem-se a Lingüística Textual que, iniciada na década de 60, tentava compreender os fenômenos que ocorriam além do nível frasal e que não podiam ser explicados nesse nível. Mas, a partir da década de 80, adota-se na Lingüística Textual uma nova orientação, em que se considera o texto como resultado de uma série de operações interrelacionadas, quais sejam conhecimento lingüístico, enciclopédico e sociointeracional e, ainda, que os interlocutores se utilizam de diferentes estratégias na produção de um texto. Nessa perspectiva sociocognitivo-interacionista, o contexto passa a ser constituído na própria interação e os sujeitos são vistos como atores sociais, conforme Koch e Elias,

a produção da linguagem constitui *atividade interativa* altamente complexa de produção de sentidos, que se realiza, evidentemente, com base nos elementos lingüísticos selecionados pelos enunciadores e na sua forma de organização, mas que requer, por parte destes, não apenas a mobilização de um vasto conjunto de saberes de ordem sociocognitiva, cultural, histórica, de todo o contexto, enfim, como também - e sobretudo - a sua reconstrução no momento da interação. (KOCH e ELIAS, 2011, p. 10)

Dessa forma, é importante ressaltar que, na perspectiva sociocognitivo-interacional, além de se considerar o co-texto, que se constitui na materialidade lingüística realizada por meio das combinações fonológicas, morfológicas, sintáticas, semânticas e pragmáticas, é preciso que não se perca de vista o contexto, o qual determinará o texto a ser utilizado em determinada situação comunicativa.

Isso ocorre, conforme afirma Bakhtin (2003, p.261), porque “todos os diversos campos da atividade humana estão ligados ao uso da linguagem” e, assim, em qualquer situação de comunicação, a interação humana se realiza por meio de enunciados, orais ou escritos, concretos e únicos, produzidos pelos integrantes dos diversos campos da atividade humana. Cada um desses enunciados reflete, segundo esse mesmo autor,

as condições específicas e as finalidades de cada referido campo não só por seu conteúdo (temático) e pelo estilo da linguagem, ou seja, pela seleção de recursos lexicais, fraseológicos e gramaticais da língua, mas, acima de tudo, por sua construção composicional. (BAKHTIN, 2003, p. 261)

Para ele, então, esses três elementos, o conteúdo temático, o estilo e a construção composicional, estão estreitamente ligados no todo do enunciado e são, na mesma medida, determinados pelas peculiaridades de cada campo da comunicação. Assim, conforme o estudioso, cada campo de utilização da língua elabora tipos relativamente estáveis de enunciados os quais ele designa por **gêneros do discurso**.

Marcuschi (2008, p. 154) concorda com Bakhtin, afirmando que é impossível a comunicação verbal sem que se utilize algum gênero, pois qualquer manifestação verbal ocorre por meio de textos e todos os textos se realizam em algum gênero. Para Marcuschi, quando se domina um gênero textual, não se domina apenas uma forma lingüística, mas especialmente uma forma de realizar linguisticamente objetivos específicos em situações

sociais particulares. Como afirma Bronckart (2007, p.103), “a apropriação dos gêneros é um mecanismo fundamental de socialização, de inserção prática nas atividades comunicativas humanas”. Justamente por se situarem numa relação sócio-histórica com fontes de produção que os sustentam além da justificativa individual, ou seja, as escolhas dos gêneros a serem utilizados numa ou outra interação humana pela linguagem justificam-se pelos contornos da situação comunicativa e não apenas pelo estilo individual, é que os gêneros textuais operam, muitas vezes, como formas de legitimação discursiva.

Essa noção de gênero, para Bathia (1997, p. 629), permite responder a indagação “por que os membros de comunidades discursivas específicas usam a língua da maneira como o fazem?” Por exemplo, os publicitários escrevem panfletos, os jornalistas elaboram notícias, proferem-se palestras, mais ou menos do mesmo jeito em diversos campos da ação humana. Ocorre que, nesse jogo, entram ações comunicativas que possuem estratégias convencionais para que se possam alcançar determinados objetivos. Assim, além de ter uma forma e uma função, assim como um estilo e um conteúdo, os gêneros são determinados basicamente por sua função. Por isso é que se pode afirmar que os gêneros não são entidades formais, mas entidades comunicativas em que predominam os aspectos que dizem respeito a funções, propósitos, ações e conteúdos e que, assim, a tipicidade dos gêneros resulta de suas características funcionais e de sua organização retórica, uma vez que constituem formas verbais de ação social, estabilizadas e recorrentes em textos próprios de determinadas práticas em domínios discursivos específicos. Assim, os gêneros acabam por se constituírem em uma espécie de guia para os interlocutores, fazendo com que as ações retóricas se tornem inteligíveis.

Nesse sentido, Swales (1990) propõe o conceito de comunidade discursiva, que adotamos neste trabalho. Para o autor, uma comunidade discursiva refere-se a um grupo de pessoas que se agrupam com objetivos que estão além dos objetivos de socialização e solidariedade, mesmo que esses também estejam presentes entre os membros do grupo. Numa comunidade discursiva, as necessidades de comunicação dos objetivos do grupo geralmente costumam predominar no desenvolvimento e manutenção de suas características discursivas. Segundo o autor, para identificar um grupo como sendo uma comunidade discursiva, é necessário que esse grupo apresente seis características, a saber, a) ter um conjunto de objetivos públicos comuns; b) ter mecanismos de intercomunicação entre seus membros; c) utilizar seus mecanismos de participação para oferecer informação e *feedback*; d) ter e utilizar um ou mais gêneros na função comunicativa de seus objetivos;

e) possuir um léxico específico; e f) ter um nível de membros com uma formação própria de conteúdo relevante e uma *expertise* em discurso.

Segundo Travaglia (2012), para Swales,

a comunidade discursiva se distingue da comunidade de fala: primeiro por dar sempre uma perspectiva social, sobretudo à escrita e menos à fala; em segundo lugar, por ser um agrupamento socioretórico e não um agrupamento sociolinguístico, como a comunidade de fala, em que as características discursivas (seu desenvolvimento e manutenção) são determinadas prioritariamente pelos objetivos que perseguem ao contrário da comunidade de fala, em que tais características são desenvolvidas e mantidas prioritariamente pelas necessidades comunicativas do grupo, tais como a socialização e solidariedade grupal. (TRAVAGLIA, 2012, p. 78)

De acordo com Swales (1990, p. 24), a comunidade discursiva constitui um grupo com interesses específicos. Por isso, segundo Travaglia (2012), os gêneros que esse grupo utiliza é um dos fatores que definem a sua identidade.

O conceito de "esfera de atividade humana", de Bakhtin (2003) muito se assemelha ao conceito de comunidade discursiva de Swales. Para ele,

Todas as esferas da atividade humana, por mais variadas que sejam, estão sempre relacionadas com a utilização da língua. Não é de surpreender que o caráter e os modos dessa utilização sejam tão variados como as próprias esferas da atividade humana, o que não contradiz a unidade nacional de uma língua. A utilização da língua efetua-se em forma de enunciados (orais e escritos), concretos e únicos, que emanam dos integrantes duma ou doutra esfera da atividade humana. O enunciado reflete as condições específicas e as finalidades de cada uma dessas esferas, não só por seu conteúdo (temático) e por seu estilo verbal, ou seja, pela seleção operada nos recursos da língua — recursos lexicais, fraseológicos e gramaticais —, mas também - e, sobretudo, por sua construção composicional. Estes três elementos (conteúdo temático, estilo e construção composicional) fundem-se indissolúvelmente no *todo* do enunciado, e todos eles são marcados pela especificidade de uma esfera de comunicação. Qualquer enunciado considerado isoladamente é, claro, individual, mas cada esfera de utilização da língua elabora seus *tipos relativamente estáveis* de enunciados, sendo isso que denominamos *gêneros do discurso*. (BAKHTIN, 2003, p. 279)

Marcuschi (2002) chama de "domínios discursivos" o que, para Bakhtin, seriam as "esferas de atividade humana". Segundo o autor,

Usamos a expressão *domínio discursivo* para designar uma esfera ou instância de produção discursiva ou de atividade humana. Esses *domínios*

não são textos nem discursos, mas propiciam o surgimento de discursos bastante específicos. Do ponto de vista dos domínios, falamos em *discurso jurídico*, *discurso jornalístico*, *discurso religioso* etc., já que as atividades jurídica, jornalística ou religiosa não abrangem um gênero em particular, mas dão origem a vários deles. Constituem práticas discursivas dentro das quais podemos identificar um conjunto de gêneros textuais que, às vezes, lhe são próprios (em certos casos exclusivos) como práticas ou rotinas comunicativas institucionalizadas. (MARCUSCHI, 2002, p. 23-24)

Para Bronckart (2007),

[...] na escala socio-histórica, os textos são produtos da atividade de linguagem em funcionamento permanente nas formações sociais: em função de seus objetivos, interesses e questões específicas, essas formações elaboram diferentes espécies de textos, que apresentam características relativamente estáveis (justificando-se que são chamadas de gêneros de texto) e que ficam disponíveis no intertexto como modelos indexados, para os contemporâneos e para as gerações posteriores. (BRONCKART, 2007, p. 137)

Na definição de formações sociais do autor, pode-se observar a semelhança com a noção de esferas da atividade humana, de Bakhtin.

Já os conceitos de *conjunto de gêneros*, *sistemas de gêneros* e *sistemas de atividades* de Bazerman (2006) se assemelham mais ao conceito de Swales de comunidade discursiva, uma vez que, para o autor, a base definitiva dessas noções são papéis e funções sociais exercidas por indivíduos ou grupos de indivíduos trabalhando em campo de forma organizada. Assim, para o autor, os gêneros também podem ser elementos identitários de comunidades sociais do uso da linguagem.

Esta pesquisa insere-se numa comunidade discursiva que estamos designando por *comunidade discursiva católica apostólica romana*, derivada das comunidades religiosas cristãs dos primeiros tempos. Assim, embora haja outras comunidades discursivas religiosas, tais como a Anglicana, a Calvinista, a Batista, a Presbiteriana, dentre outras, este trabalho envolve gêneros da comunidade discursiva católica apostólica romana, concebida como propõe Swales (1990).

Como se pode observar, muitos têm sido os estudos sobre os gêneros textuais que procuram identificá-los, conhecê-los e classificá-los. A própria Linguística textual sempre assumiu como uma de suas tarefas “diferenciar as várias espécies de textos” (FÁVERO E

KOCH, 1983, p. 14). Atualmente devido à quantidade de investigações sobre o tema, muitas são as terminologias, teorias e posições em relação à questão.

Uma das teorias que mais tem sido referida em relação ao reconhecimento dos gêneros e para a elaboração de quadros tipológicos é a de Bakhtin (2003). Para Bakhtin (2003, p. 262), os gêneros do discurso, como ele os denomina, são “tipos relativamente estáveis de enunciados” que emanam de uma ou de outra esfera da atividade humana e nos quais se encontram indissolavelmente ligados o conteúdo temático, o estilo e a construção composicional. O autor classifica os gêneros em dois grupos: os gêneros *primários* que “são constituídos em circunstâncias de comunicação verbal espontânea”; e os gêneros *secundários*, os quais “aparecem em circunstâncias de uma comunicação cultural mais complexa e relativamente mais evoluída, principalmente escrita: artística, científica, sociopolítica” (BAKHTIN, 2003, p. 263). Bakhtin (2003, p. 261, 262) aponta, ainda, os três elementos aos quais já referimos e que, segundo ele, caracterizam os gêneros em geral: o *conteúdo* ou seleção de temas; o *estilo* ou escolha dos recursos lingüísticos; e a *construção composicional* ou formas de organização textual.

Outra referência sobre o tema é Bronckart (2007, p. 119), que concebe o texto “como um folhado constituído por três camadas superpostas: a infra-estrutura geral do texto, os mecanismos de textualização e os mecanismos enunciativos”. Bronckart (2007) propõe uma classificação dos textos a partir da oposição entre a ordem do narrar e a ordem do expor, de um lado e entre implicação e autonomia, de outro. Segundo ele, teríamos os textos do mundo do expor implicado, o “discurso interativo”, e os textos do mundo do expor autônomo “discurso teórico”; e, ainda, os do mundo do narrar implicado, o “relato interativo” e os do mundo do narrar autônomo, a “narração”. Estas classificações são propostas por ele como tipos, ou arquétipos de discurso e não como gêneros.

Adam (1993) propõe uma classificação dos textos a partir das diferentes formas de sua organização às quais dá o nome de seqüências – narrativa, descritiva, argumentativa, explicativa e dialogal. Para ele, os textos classificam-se segundo essas seqüências, que constituem os “protótipos”, os quais constituiriam modelos abstratos de que as pessoas dispõem e que seriam definidos tanto pela natureza das macroproposições que comportam quanto pelas modalidades de articulação dessas macroproposições no texto. Essa classificação refere-se mais a tipos de texto do que a gêneros.

Entretanto, segundo Travaglia ([2003]/2007), como essas tipologias foram construídas tendo em vista um objetivo específico de trabalho, elas utilizam critérios que

levam em conta a natureza do material textual que se queria classificar e/ou a aplicação prática a que se propunham. Por isso, o autor aponta a importância de se elaborar uma teoria tipológica geral de textos que possa ser aplicada às várias tipologias existentes, interrelacionando-as de alguma forma.

De acordo com ele, a grande quantidade de teorias e abordagens, parâmetros e critérios para o estabelecimento de tipologias com diferentes objetivos, resulta num desconforto classificatório que acontece porque não existe uma teoria tipológica geral e porque se encontram, no cenário científico, diferentes abordagens e suas metalinguagens que, não raro, utilizam-se exatamente dos mesmos termos para significar conceitos distintos. Para Travaglia, até mesmo o termo identificador do(s) elemento(s) tipológico(s) básico(s), tais como tipos, espécies, modos, gêneros, dentre outros, é diferente.

Dessa forma, Travaglia ([2003]/2007, p. 97; 2009) realizou um trabalho de identificação de elementos tipológicos fundamentais, que, segundo ele, entrariam na composição de praticamente todos os textos existentes em nossa cultura e que ele chamou de tipos, contrapondo a outras naturezas das categorias de texto. Com esse trabalho, descobriu fatos sobre tipologização que apontam a necessidade e a validade de se distinguir quatro naturezas distintas (que ele chamou de **tipelementos**) para as categorias de texto, o que evitaria problemas e mal entendidos, tanto no estabelecimento de tipologias e de sua interrelação, como na classificação tipológica de textos e, ainda, na relação que se poderia estabelecer entre diferentes classificações que um mesmo texto pode receber. Assim, o autor propôs uma teoria em que identificou essas quatro naturezas para as categorias de texto designadas pelos termos **tipo/subtipo**, **gênero** e **espécie** e criou o termo **tipelementos**, conforme já apontamos, para ser um termo genérico que designasse essas quatro naturezas. Para Travaglia (2004), uma categoria de texto designa qualquer classificação que uma sociedade e cultura dê a um texto, tipologizando-o. Assim, segundo o autor, o termo *categoria de texto*

identifica uma classe de textos que têm uma dada caracterização, isto é, um conjunto de características comuns em termos de conteúdo, estrutura composicional, estilo (características linguísticas), funções/objetivos, condições de produção, mas distintas das características de outras categorias de texto, o que permite diferenciá-las. (TRAVAGLIA, 2004, p. 147)

Ainda, de acordo com o autor, alguns exemplos de categorias de textos em nossa sociedade e cultura brasileiras seriam: descrição, dissertação, injunção, narração,

argumentativo “*stricto sensu*”, predição, romance, novela, conto, fábula, parábola, caso, ata, notícia, mito, lenda, certidão, atestado, ofício, carta, soneto, *haikai*, ditrambo, ode, acróstico, epitalâmio, prece, tragédia, comédia, farsa, piada, tese, artigo, relatório, ocorrência, requerimento, boletim de ocorrência, denúncia, sentença, receita culinária, receita médica, publicidade, etc.

O conceito de **tipelemento**, de acordo com Travaglia (2004), designa classes de categorias de textos de diferentes *naturezas*. Para o autor,

os tipelementos mantêm entre si relações específicas, que devem ser consideradas ao se estruturar e propor tipologias, para não alinhar, num mesmo plano, elementos de naturezas diferentes e distintas. (TRAVAGLIA, 2004, p.148).

Segundo o autor, o **tipo** de texto constitui o primeiro tipelemento dessa teoria e pode ser identificado e caracterizado pelo modo de interação e a maneira de interlocução que instaura, a partir de perspectivas que podem variar constituindo critérios para que se estabeleça diferentes tipologias. Travaglia ([2003]/2007) apresenta várias perspectivas definidoras dos tipos de texto que identificou. A seguir apresentamos essas perspectivas.

Em primeiro lugar, o autor propõe “a perspectiva do produtor do texto em relação ao objeto do dizer, em relação ao fazer / acontecer ou conhecer/saber e quanto à inserção ou não destes no tempo e/ou no espaço” (TRAVAGLIA, [2003]/2007, p. 102). De acordo com o autor, essa perspectiva instaura os tipos que geralmente são chamados por descrição, dissertação, injunção e narração.

Em segundo, Travaglia ([2003]/2007, p. 102), propõe “a perspectiva do produtor do texto estabelecida pela imagem que ele faz do receptor como alguém que concorda com o que ele diz ou não”. Para Travaglia, quando o produtor acredita que o receptor não concorda com ele, esse produtor cria os **textos argumentativos “stricto sensu”**, utilizando-se de argumentos e recursos lingüísticos adequados para persuadir/convencer seu interlocutor. Por outro lado, quando o inverso acontece, isto é, se o receptor é visto pelo produtor como alguém que concorda com ele, tem-se o discurso da cumplicidade e, dessa forma, tem-se o texto argumentativo não “*stricto sensu*” ou argumentativo “*lato sensu*”, pois, nesse caso, não há a necessidade do convencimento mais explícito do interlocutor.

Em relação à perspectiva em que o produtor do texto faz uma antecipação ou não no dizer, o autor aponta que se tem o texto preditivo ou o não preditivo. Finalmente, ele,

citando Weinrich (1968), afirma que a atitude comunicativa de comprometimento ou não com o que diz instaura outra perspectiva. Nesse caso, tem-se os textos do mundo comentado ou do mundo narrado.

Travaglia ainda apresenta as perspectivas que nos dão as seguintes tipologias, as quais não detalhamos por não interessar a nosso estudo: a) lírico, épico/narrativo e dramático; b) humorístico e não humorístico; c) literário e não literário; d) factual e ficcional.

Além da perspectiva, Travaglia ([2003]/2007), ao levantar e estruturar parâmetros e critérios para caracterizar as categorias de texto (tanto os tipos quanto os subtipos, gêneros e espécies) especifica os seguintes: a) **o conteúdo temático**, o que pode ser dito em uma categoria de texto; b) **a estrutura composicional**, que se refere à superestrutura, a características relativas à disposição de elementos no texto, a elementos de versificação, a sua composição por tipos e espécies, à dimensão dos textos, à linguagem, dentre outros; c) **os objetivos ou função sociocomunicativa**; d) **as características da superfície linguística do texto**, características da sequência linguística que podem se referir a qualquer plano da língua – fonológico, morfológico, sintático, semântico, pragmático; e e) **as condições de produção**.

Travaglia (2007a) exemplifica com algumas características definidoras dos tipos. Em relação ao **conteúdo composicional**, o **tipo narrativo** tem como conteúdo temático os acontecimentos ou fatos organizados em episódios, em que se indicam o lugar, o tempo, os participantes e os acontecimentos, as ações, fatos ou fenômenos. No **tipo descritivo**, o conteúdo temático envolve a localização do objeto de descrição as suas características e/ou partes. No **tipo dissertativo**, as entidades, as proposições e as relações entre elas constituem o conteúdo temático. No **injuntivo**, o conteúdo refere-se sempre a algo a ser feito, algo cuja realização alguém pretende.

Quanto à **estrutura composicional**, Travaglia (1991 e 2007a) aponta que os textos do **tipo narrativo** da espécie história, por exemplo, encaixam-se na superestrutura geral que o autor propõe, cujas partes obrigatórias são a “complicação” e a “resolução”. Segundo o estudioso, as partes opcionais da superestrutura narrativa podem realizar-se ou não e de modo diferente conforme o gênero. No **texto injuntivo**, de acordo com o autor, a superestrutura compõe-se de três partes: o elenco – “em que se apresentam os elementos a serem manipulados na ação a ser feita”, a determinação ou incitação, na qual “aparecem as

situações a cuja realização se incita” e a “justificativa ou explicação”, “em que se dá razões para a realização das situações” (TRAVAGLIA, 2007a, p. 51).

Travaglia (2007a, p. 55), aponta também que, em relação à composição por tipos e espécies, é importante “quais tipos entram na composição de um gênero”. Assim, uma narrativa histórica, por exemplo, pode ser constituída pelos tipos descritivo, dissertativo, injuntivo e narrativo.

Para Travaglia (2007b) os tipos/subtipos e as espécies compõem os gêneros e, às vezes, essa composição pode ser necessária, isto é, aquele tipo/subtipo e/ou espécie tem presença obrigatória no gênero. É o caso, por exemplo, da narração em romances, contos, dentre outros. Entretanto, pode ser que o tipo/subtipo e/ou espécie não seja de presença obrigatória no gênero, como no caso do gênero carta, em que não há necessidade de nenhum tipo específico estar presente.

Além disso, ao compor os gêneros, os tipos podem manter entre si três tipos de relação: a) conjugar-se; b) cruzar-se ou fundir-se e c) intercambiar-se.

Há **conjugação** de tipos quando, na composição do gênero, os tipos aparecem lado a lado, sem que haja fusão de características no mesmo trecho, no mesmo espaço textual. Por exemplo, no editorial, há trechos descritivos, injuntivos e narrativos ao lado dos trechos dissertativos, normalmente constituindo argumentos ou desempenhando outras funções. Na conjugação, pode haver um tipo dominante ou não.

De acordo com Travaglia (2007b), a conjugação de diferentes tipos na composição de um gênero acontece de três maneiras diferentes. Há um tipo dominante necessariamente, isto é, este tipo estará sempre presente e será dominante num determinado gênero, como por exemplo nos romances e nas fábulas, nos quais o tipo narrativo é sempre presente e dominante, mesmo que apareçam trechos descritivos, dissertativos, injuntivos. É importante ressaltar que essa dominância não é vista pelo autor em termos de espaço textual ocupado pelo tipo, mas em termos do comando da forma de interação que acontece. Pode ocorrer, assim, que o tipo dominante ocupe espaço textual menor que outro, como veremos na nossa análise, que mostra os gêneros da comunidade discursiva católica apostólica romana com dominância do tipo injuntivo, mas que o espaço textual ocupado pelas sequências injuntivas é pequeno, em relação a outras sequências. De acordo com o autor,

Quando um tipo é dominante em um gênero, os outros tipos que com ele se conjugam aparecem realizando alguma função subordinada ao que pede o tipo dominante. Tem-se, pois uma relação hierarquizada. (TRAVAGLIA, 2007b, p. 1302)

Para o autor, em alguns gêneros, a conjugação pode acontecer com um tipo dominante, mas não necessariamente. Por exemplo, em relação à carta, é possível termos cartas predominantemente descritivas, dissertativas, injuntivas ou narrativas ou argumentativas “*stricto sensu*”, com ou sem conjugação de outros tipos. Também é possível encontrarmos cartas em que os tipos estão conjugados, sem que algum seja dominante. Nesse caso, há apenas trechos colocados lado a lado como uma colagem.

O autor aponta também que há outros gêneros nos quais os tipos aparecem somente conjugados, mas nunca algum deles é dominante. Por exemplo, a “bula de remédio”, constituída sempre de uma conjugação de descrição, dissertação, injunção e narração, mas nenhum tipo está subordinado a outro. Na bula, segundo o autor, o tipo liga-se a uma parte ou categoria da superestrutura do gênero. Por exemplo, a descrição aparece sempre na composição do remédio, a injunção aparece na posologia, a dissertação na explicação de como o remédio age no organismo e a narração, em relatos de casos clínicos.

A **fusão** ou **cruzamento** ocorre quando o gênero apresenta, ao mesmo tempo, no mesmo espaço textual, características de dois ou mais tipos, como, por exemplo, o editorial em cuja composição aparecem, de maneira necessária e dominante, em fusão, os tipos dissertativo e argumentativo “*stricto sensu*”.

Quando, em uma dada situação de interação em que se esperava um tipo ou gênero, considerando o modo de interação que se estabelece e que, como resultado, exigiria uma determinada categoria de texto, aparece outra, temos o **intercâmbio** de tipos. Nesse caso, o produtor do texto, que utiliza uma categoria que não é a própria daquele tipo de interação naquela esfera de ação social, pretende produzir determinados efeitos de sentido.

A relação entre tipos/subtipos que compõem um gênero e as partes da superestrutura do gênero pode ser relevante, pois é comum uma parte da superestrutura ser realizada por um dado tipo/subtipo.

Quanto à **dimensão**, que constitui outro aspecto da estrutura composicional, o autor afirma haver um padrão esperado de tamanho para um gênero. Dessa forma, uma epopéia é sempre muito maior que um poema lírico e uma piada é uma narrativa bem curta.

No parâmetro “ **objetivos ou função sociocomunicativos**”, o autor aponta que os tipos também têm objetivos, os quais são identificados por muitos como atos de fala.

Assim, segundo Travaglia (2007a, p.60), na **descrição**, tem-se como objetivo falar como é o objeto do dizer; na **dissertação**, procura-se “o refletir, o explicar, o avaliar, o conceituar, o expor idéias para dar a conhecer”; na **injunção**, pretende-se “dizer a ação requerida”, dizer como deve ser feito, incitando o alocutário à realização da ação; na **narração**, pretende-se “contar, dizer os fatos, os acontecimentos, entendidos estes como os episódios, a ação em sua ocorrência”; **os textos argumentativos "stricto-sensu"** objetivam sempre convencer, persuadir, buscar a adesão do alocutário; e, nos **textos preditivos**, pretende-se sempre antecipar a ocorrência de algo por alguma razão.

As **características da superfície linguística** do texto também constituem um parâmetro definidor dos tipos, de acordo com Travaglia. Se, como exemplo, utilizarmos o tempo verbal “presente do indicativo”, teríamos, conforme Travaglia (2007a), a) na narrativa passada, esse tempo verbal desempenhando papel de relevo emocional; b) na narrativa presente real, marcando a relação entre o tempo da enunciação e o referencial como simultâneos; c) na narrativa passada, com o presente histórico, dando aparência de atualidade. Por outro lado, nos textos dissertativos e descritivos, junto com o aspecto imperfectivo, a função seria marcar a simultaneidade referencial das situações do texto e, especificamente nos textos dissertativos, esse tempo verbal, juntamente com os aspectos indeterminado ou habitual, estabelece duração ilimitada das situações, assinalando o tempo onitemporal. Já nos textos injuntivos, o “presente do indicativo” tem valor de futuro e, junto com modalidades como ordem, obrigação, proibição, dentre outras, “produz o efeito de incitação à realização de algo”.

Ainda no que se refere às características linguísticas de superfície, em relação ao uso de conectores e os tipos de relações entre cláusulas, Travaglia (2007a) aponta que, na descrição, os conectores de conjunção, com a função de somar características que formam o quadro da descrição, são maioria, mas também aparecem os de contrajunção, possibilitando a oposição de características para o mesmo fim. Nos textos dissertativos, tendo em vista que são importantes as relações entre idéias constituintes do conhecer, são empregados conectores que estabelecem os mais variados tipos de relações, tais como conjunção, contrajunção, causa/consequência, comparação, dentre outras. Os conectores que marcam as relações temporais predominam nos textos narrativos, enquanto que, nos textos injuntivos, são relevantes os conectores que assinalam o sequenciamento de ações (os “passos” de como fazer algo).

O **subtipo**, para Travaglia (2009, p. 2634 - 2636), é a segunda natureza que as categorias de texto podem ter. De acordo com o autor, o subtipo apresenta todas as características básicas do tipo, mas eles se distinguem por outros traços. Por exemplo, o tipo dissertativo possui dois subtipos: o expositivo e o explicativo. Enquanto que no expositivo se trabalha a apresentação textual de diferentes formas dos saberes, sem qualquer contraposição ou problematização, no explicativo apresenta-se um ponto incontestável do conhecer/saber que é problematizado, o que exige uma resolução seguida de uma conclusão e avaliação. Já, no texto injuntivo, temos vários subtipos, a saber: ordem, pedido, súplica, conselho, prescrição e opção, que, segundo Travaglia (1991), constituem variedades do injuntivo. De acordo com o autor, alguns traços seriam capazes de distinguir um subtipo ou variedade injuntiva da outra, a saber,

a) cada subtipo representa um ato de fala diferente, uma força ilocucionária distinta; b) na interação, as formações imaginárias do locutor sobre si e o alocutário variam em termos de hierarquia; c) a quem a realização da situação beneficia ou prejudica: locutor ou alocutário; d) quem é o responsável pela realização da situação: locutor ou alocutário; e) o ato de fala implica o grau de polidez, preservando ou não a face do locutor e alocutário. (TRAVAGLIA, 1991, p. 47-48)

Para resumir as distinções entre esses subtipos, o autor apresenta um quadro, que reproduzimos a seguir.

| | Ato de fala | Formação imaginária em termos de hierarquia | Beneficiado | Responsável pela realização da situação | Grau de polidez |
|----------|---------------------------------------|--|-----------------------|--|------------------------|
| Conselho | Diz qual/como é o melhor fazer | Locutor considera-se com maior experiência que o alocutário | Alocutário | Alocutário | + polidez |
| Pedido | Solicita a realização de uma situação | Locutor se vê como igual ou inferior ao alocutário na organização social | Locutor | Alocutário | + polidez |
| Ordem | Determina um fazer | Locutor se vê como superior ao alocutário na organização social | Locutor ou alocutário | Alocutário | - polidez |

| | | | | | |
|------------|--|--|--------------------------------|-----------------------------|--|
| Prescrição | Ensina fazer ou determina uma forma de fazer | Locutor considera-se com maior saber que o alocutário | Alocutário | Alocutário | neutro |
| Optação | Deseja a realização de uma situação | Locutor se vê sem possibilidade de determinar a realização da ação | Locutor ou alocutário ou ambos | Nem alocutário, nem locutor | + polidez (conforme o que se deseja e para quem) |

(TRAVAGLIA, 1991, p. 49)

Entretanto, nesse trabalho, embora afirme que a opção, assim como o conselho, o pedido, a ordem e a prescrição sejam variedades ou subtipos da injunção, o autor não estabeleceu com clareza o conceito de subtipos e nem havia delineado a proposta de que esse seria outro tipeamento, ou seja, uma natureza distinta que as categorias de texto podiam apresentar. Mas, em Travaglia (2009), o estudioso apresenta as características básicas do tipo injuntivo, as quais todos os subtipos - **ordem, pedido, súplica, conselho, prescrição e opção** - possuem e, ainda, reafirma os traços que podem ajudar na distinção desses subtipos. Assim, por exemplo, nos subtipos “pedido” e “súplica”, a diferença reside no fato de uma súplica ser um pedido em que o locutor se apresenta como extremamente necessitado, o que consiste numa estratégia para obrigar o alocutário/enunciatário a fazer o que se quer.

O terceiro tipeamento, segundo Travaglia ([2003]/2007), refere-se ao **gênero** de texto, o qual se pode caracterizar por sua função sócio-comunicativa específica. Para o autor, como essas funções sociais não são de fácil explicitação, esse é um ponto em que a pesquisa linguística ainda precisa de muito desenvolvimento. Como exemplo, pode-se mencionar a **correspondência**, por meio da qual se pode trocar informações entre pessoas e/ou instituições e que possibilita a interação por meio de um veículo específico que vai além das limitações de tempo e espaço; a **notícia** ou **reportagem** cuja função social é a de manter o interlocutor atualizado acerca dos fatos que acontecem numa região, país ou no mundo; o **gênero didático** cujo objetivo específico é ensinar, servir ao ensino/aprendizagem do conteúdo do texto, quase sempre em situações formalizadas de educação; e também o **gênero oratório**, o qual se define pela finalidade de “convencer inteligências e influenciar ou persuadir vontades” (TAVARES, 1974, apud TRAVAGLIA,

[2003]/2007).

A **espécie** de texto constitui o quarto e último tipo da teoria, definindo-se e caracterizando-se, de acordo com Travaglia ([2003]/2007), por aspectos formais da estrutura e da superfície lingüística e/ou por aspectos de conteúdo como, por exemplo, as espécies “história” e “não-história”, que mesmo vinculadas ao tipo narrativo, distinguem-se por aspectos de conteúdo. Na narração **história**, a partir de um conflito, seus episódios se encadeiam em direção a uma resolução e a um resultado, o que não acontece na narração **não-história**, cujos episódios estão lado a lado no texto e não se encadeiam rumo a um resultado. Também em relação ao gênero **romance**, podem-se distinguir, pelo conteúdo, várias espécies, quais sejam romances históricos, psicológicos, regionalistas, eróticos, policiais, etc. Além dessas distinções operadas pelos aspectos de conteúdo, de acordo com Travaglia ([2003]/2007), a espécie também relaciona-se a outros aspectos. Por exemplo, o mesmo tipo narrativo pode ser apresentado em duas espécies formais: em prosa e em verso, que não são necessariamente vinculadas ao tipo narrativo; também no gênero correspondência, pode-se apontar várias espécies, “geralmente caracterizadas por aspectos formais, particularmente de superestrutura: carta, telegrama, ofício, memorando, bilhete, etc” (TRAVAGLIA, [2003]/2007, p. 106). Segundo o autor, pode-se mencionar, ainda, as espécies objetiva e subjetiva; estática e dinâmica; comentadora e narradora, vinculadas ao tipo descritivo, as quais são definidas tanto por aspectos de conteúdo, como por características formais. Travaglia ([2003]/2007) aponta também, para exemplificar sua proposta, algumas espécies vinculadas ao tipo lírico e definidas pela forma:

acróstico (letras iniciais dos versos lidas na vertical que formam um nome ou frase); **balada** (três oitavas e uma quadra final, às vezes substituída por uma quintilha, constituindo o ofertório, versos octossílabos, três rimas cruzadas ou variáveis); **soneto** (composição de quatorze versos, distribuídos em duas quadras e dois tercetos, sendo o último verso chamado de “chave de ouro” porque contém a essência do poema); **haicai** (poema de forma fixa: estrofe de três versos com um total de dezessete sílabas métricas assim distribuídas: primeiro verso: cinco sílabas; segundo verso: sete sílabas; terceiro verso: cinco sílabas); etc. (TRAVAGLIA, [2003]/2007, p. 107)

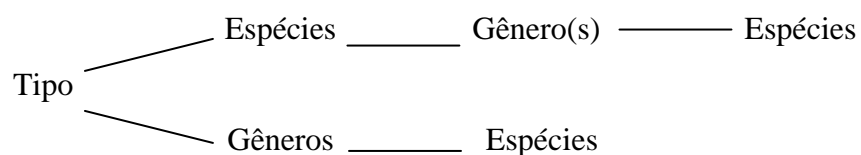
De acordo com o autor, vinculadas ao tipo lírico, ainda há espécies definidas pelo conteúdo, como por exemplo,

o **ditirambo** (poema que celebra os prazeres da mesa, principalmente na hora do brinde de modo jovial e entusiástico); a **elegia** (comporta as composições de tristeza e de luto); o **epitalâmio** (composição destinada a celebrar bodas e núpcias); os **poemas bucólicos** (que têm por assunto a vida do campo) dos quais temos o **idílio** (que é monológico) e **écloga** (que é dialogada), etc. (TRAVAGLIA, [2003]/2007, p. 107)

Por esses exemplos, é possível observar algumas das interrelações que ocorrem entre os tipos/subtipos, gêneros e espécies.

De acordo com a teoria, até o momento, foi possível verificar que espécies aparecem vinculadas a tipos/subtipos ou gêneros, os quais aparecem vinculados a tipos. Às vezes essa vinculação do gênero ao tipo se faz a uma espécie ou outra do tipo. Observe o Esquema 1 (TRAVAGLIA, [2003]/2007, p. 108), do qual se deve fazer apenas uma leitura de correlação, não de hierarquização.

Esquema 1



Travaglia ([2003]/2007) afirma que alguns gêneros podem ser necessariamente vinculados a um tipo, outros não. Quando acontece essa vinculação, ela ocorre em termos de dominância e não de exclusividade do tipo na composição do gênero. Se não ocorre, é porque, em termos de dominância, o gênero pode se ligar a vários tipos diferentes e, então, poderá ser de um ou outro tipo, conforme sua composição seja predominantemente de um ou outro tipo. Como exemplo de gênero que não está necessariamente vinculado a um tipo de texto, pode-se mencionar o gênero “correspondência”. Assim, de acordo com Travaglia [2003]/2007, p. 109)

as cartas, por exemplo, não são todas do mesmo tipo. Assim, uma carta pode, por exemplo, ser exclusivamente ou predominantemente descritiva ou dissertativa ou injuntiva ou narrativa ou argumentativa “stricto sensu” ou, ainda, pode ser uma conjugação de todos estes tipos sem um dominante que a caracterize como de um tipo. Neste último caso, é simplesmente uma somatória de seqüências de tipos diferentes o que, na verdade, parece acontecer raramente. (TRAVAGLIA, [2003]/2007. p. 109)

Para o autor, também a bula de remédio, por possuir trechos descritivos, dissertativos, injuntivos ou narrativos, sem que nenhum tipo atue como dominante, não se vincula necessariamente a um dos tipos.

De acordo com essa teoria, há vários textos do gênero oratório, que se vinculam ao tipo argumentativo “strictu-sensu”, tais como o **sermão**, a **prédica**, a **homilia** e a **conferência**, com temática sagrada ou religiosa; **a oratória judiciária ou forense**, cujos textos são produzidos em júris populares, por advogados de defesa e acusação; **a conferência** com temática acadêmico-científica; e, ainda, textos **de natureza política ou deliberativa**, os discursos em câmaras e senado para convencimento ou persuasão.

Também o gênero oratório tem outras espécies, quase sempre definidas pelo conteúdo (TAVARES,1974 apud TRAVAGLIA, [2003]/2007). Dentre elas, pode-se mencionar

- a) **religiosos: panegírico** (texto elogioso, encomiástico, comemorativo em festas de santos, datas eclesiais e outros fatos e aspectos ligados à religião); **oração fúnebre** (texto de homenagem a mortos); os **de circunstâncias diversas: discurso cívico** (comemorativo de datas festivas ou solenes, quase sempre de natureza patriótica ou pública); **exéquias** (“discurso fúnebre em homenagem memorativa de uma pessoa falecida”); **genetliaco** (saudação ao nascimento ou aniversário de alguém); **brinde** (“discurso muito breve que se faz em saudação a uma pessoa” ou grupo, fato ou instituição “em geral erguendo vivas e bons augúrios no ato de beber”); **homenagem** (“discurso de saudação e louvor a alguém ou entidade”); **formatura** (discursos pronunciados em refeições de grau); **elogio** (“discurso laudatório ou encomiástico”); **alocução** (“discurso ligeiro e simples, feito em ocasião solene”); **discursos de posse e recepção** (“orações pronunciadas quando da posse” de pessoas em cargos e funções das mais diferentes naturezas, que podem ter cruzamentos com o elogio); os **acadêmicos: palestra** (“fala despreziosa e coloquial” sobre tema acadêmico de alguma disciplina ou ciência, “desprovida da ênfase do discurso ou da profundidade e argumentação da conferência); e os **políticos: oração / discurso demagógico(a)** (“eloquência fundamentada no patético, visando tão somente comover as massas”.... “fala vazia com intuítos meramente imediatistas ou fortuitos”). (TAVARES,1974 apud TRAVAGLIA, [2003]/2007, p. 111).

Percebe-se, então, que, na descrição de um gênero, além das características que lhe são próprias enquanto tal, apresentar-se-ão também as características do(s) tipo(s) e da(s)

espécie(s) que o constituem. Para Travaglia ([2003]/2007, p. 111-112), um gênero será predominantemente de um tipo ou de outro, levando-se em conta a “forma/modo de interação que o tipo estabelece e não em função do “espaço” (quantidade de linhas, extensão) do texto ocupado por um ou outro tipo”, segundo já mencionamos anteriormente. Por outro lado, as espécies não têm realização independente e, por isso, sempre integram a composição de um texto de um determinado tipo ou de um gênero.

Como o que funciona na sociedade e na cultura são os gêneros, segundo o autor, eles é que realizam os tipos/subtipos e as espécies, ou seja, só tomam vida nos gêneros. Segundo o autor, enquanto “os tipos compõem os gêneros, as espécies estabelecem variedades de um tipo ou gênero necessárias à interação, acrescentando aspectos diversos à composição dos gêneros” ([2003]/2007, p. 112). Entretanto, Travaglia ([2003]/2007) aponta, ainda, que essa hipótese tem pelo menos três problemas que têm que ser enfrentados, para que ela seja comprovada ou proposta de maneira mais sustentável. Por exemplo, tem-se o fato de tipos, gêneros e espécies poderem alterar as suas configurações, ao longo do tempo, ou até mesmo perdê-las. Assim, seria preciso responder a questões como, por exemplo, se o soneto, hoje considerado apenas uma espécie, tem ou teria tido uma função social que o configuraria como um gênero. Por último, conforme Travaglia ([2003]/2007), há que se levar em conta o fato de que há tipos que parecem não ser realizados por nenhum gênero específico nem estar obrigatoriamente vinculados a eles, como o descritivo, por exemplo.

Dessa forma, o autor afirma que, embora tipos/subtipos e espécies só se realizem em gêneros, a proposição teórica de tipos/subtipos e espécies é pertinente e necessária para a descrição tipológica de textos, primeiro, porque, conforme apontamos anteriormente, nem todos os tipos parecem ter gêneros específicos, obrigatoriamente ou não vinculados a eles, ou seja, “os tipos têm existência independente dos gêneros, mesmo que se venha a confirmar a hipótese de que não teriam, no funcionamento textual, realização independente dos gêneros” ([2003]/2007, p. 113). Segundo, os cruzamentos ou fusões de tipos, (como por exemplo, em um texto que é simultaneamente descritivo, lírico e do mundo comentado ou outro que é dissertativo e argumentativo “strico sensu” ou, ainda, um que seja, ao mesmo tempo, dramático e narrativo), demonstram a necessidade da proposição dos tipos, uma vez que, sem eles, seria difícil organizar as características de cada um que, em conjunto com outros, constituem os mais diversos gêneros e espécies. Por fim, de acordo com o autor, mesmo que houvesse gêneros vinculados a todos os tipos, seria necessário

dar-lhes um tratamento teórico, uma vez que há um grande número de características que são próprias dos tipos e, como consequência, faz-se necessário considerá-los, para apreender generalizações que poderiam não ser do gênero em si, mas de outro elemento tipológico de outro caráter e natureza. Além disso, para Travaglia ([2003]/2007, p. 113), "as descrições tipológicas de textos continuariam misturando características de elementos tipológicos de naturezas diferentes e, assim, criando tipologias incoerentes e problemas difíceis de resolver", porque teriam origem em uma questão de princípio; e, ainda, porque "as descrições tipológicas de texto, permaneceriam colocando no mesmo nível elementos de natureza diversa, o que sem dúvida não se deseja, do ponto de vista teórico-epistemológico".

Em relação às espécies, o autor afirma serem elas também

necessárias, pertinentes e válidas do ponto de vista teórico-epistemológico, pois se não forem consideradas, não seria possível computar, por exemplo, as características de um soneto que, além de ser sempre um espécie do tipo lírico, pode conter uma narração (história ou não), uma descrição, uma dissertação, uma injunção, sem tender a atribuir as características do soneto a cada um desses tipos. (TRAVAGLIA, [2003]/2007, p. 114).

Resumindo, segundo Travaglia ([2003]/2007 e 2009), o **tipo** pode ser identificado e caracterizado por instaurar um modo de interação, uma maneira de interlocução, segundo diferentes perspectivas que podem variar constituindo critérios para o estabelecimento de tipologias diferentes. O **subtipo** é uma variação do tipo que, apesar de manter as características básicas, apresenta traços que o distinguem de outro subtipo. Por outro lado, a **espécie** se define e se caracteriza apenas "por aspectos formais de estrutura (inclusive superestrutura) e da superfície lingüística e/ou por aspectos de conteúdo" (TRAVAGLIA, 2007, p.106), enquanto que o **gênero** se caracteriza por desempenhar uma função sociocomunicativa específica.

Para Travaglia (2007a), conforme já mencionado, são necessários alguns **parâmetros e critérios** para que se possa proceder à **caracterização das categorias de texto**, principalmente dos gêneros, quais sejam: o conteúdo temático; a estrutura composicional; os objetivos e funções sociocomunicativas; as características da superfície lingüística, geralmente em correlação com outros parâmetros; e, finalmente, as condições de produção. Além desses, o autor aponta outro critério ou parâmetro que pode contribuir

para essa caracterização que é o suporte típico em que o mesmo costuma ou deve aparecer. Entretanto, segundo ele, a caracterização das categorias de texto é feita por uma conjugação de critérios que pode se dar de diferentes modos e, muitas vezes, a distinção depende não da presença de elementos distintos, mas de uma combinação diversa dos mesmos elementos. Além disso, pode ser que uma categoria não se caracterize por critérios e parâmetros de todos os cinco grupos, mas de apenas alguns deles.

Por ser tão abrangente e constituir uma teoria tipológica geral de textos que pode ser aplicada às várias tipologias existentes, interrelacionando-as de alguma forma, é que optamos por esse referencial, tomando-o como base para o nosso trabalho.

Considerando, então, a noção de gênero, tomado como tipos relativamente estáveis de enunciados que emanam de uma ou de outra esfera da atividade humana e nos quais se encontram indissolivelmente ligados o conteúdo temático, o estilo e a construção composicional, refletindo as condições específicas e as finalidades de cada campo da atividade humana, segundo Bakhtin; determinados basicamente por sua função, conforme Bathia, e constituídos por tipos - ou sequências, de acordo com Bronckart e Adam, e tomando-se a teoria dos tipelementos como referencial teórico, este trabalho buscará caracterizar os textos do livro “Cartas de São Paulo”, da Bíblia Católica Apostólica Romana, descrevendo-os do ponto de vista da noção de gênero. Além disso, exigirá o levantamento, caracterização e descrição de gêneros que circulam atualmente na comunidade discursiva católica apostólica romana, para finalmente proceder à identificação das semelhanças e diferenças entre eles, verificando ainda se algum deles seria resultado da evolução não só das cartas de São Paulo, mas das cartas dos apóstolos de modo geral. Para tal, foi preciso também proceder a um levantamento teórico sobre os gêneros de correspondência, apesar de não termos encontrado muita bibliografia sobre eles.

2.2. O gênero correspondência

Com o surgimento da escrita, aparecem os meios de sua utilização realizando a interação entre os homens. Além disso, para manter a comunicação, mesmo à distância, o meio mais usado é a carta. Há várias espécies de cartas, tais como a pessoal, a oficial, a comercial, dentre outros. Algumas até se transformaram, com o tempo, em documentos

comprobatórios da História como é o caso da carta de Pero Vaz de Caminha.

Mas, como a função primeira da carta é estabelecer comunicação entre seres humanos, ela faz parte do gênero correspondência. De acordo com Ferreira (1986, p. 484), a correspondência constitui o ato ou efeito de corresponder-se; troca de cartas, bilhetes ou telegramas; artigo de jornal em forma de carta aos redatores; carta a um jornal.

Para Kaufman e Rodriguez (1995), os textos epistolares visam estabelecer comunicação por escrito, com um interlocutor ausente, determinado no texto por meio de um cabeçalho. Pode ser um indivíduo, como um amigo, um parente, o gerente de uma empresa, o diretor de uma escola, ou um conjunto de indivíduos designados de forma coletiva, como por exemplo, um conselho editorial ou uma junta diretora. De acordo com Kaufman e Rodriguez, essa comunicação pode se dar por meio de carta, convite, solicitação, dentre outros.

Segundo as autoras, esses textos apresentam uma estrutura que se reflete explicitamente em sua organização espacial e cujos constituintes são o **cabeçalho**, o qual estabelece o lugar e o tempo da produção, os dados do destinatário e a forma de tratamento adotada para estabelecer o contato; o **corpo**, parte do texto em que se desenvolve a mensagem, além da **despedida**, em que se registra a saudação e a assinatura, por meio da qual se introduz o autor no texto.

Para elas, o estilo é determinado pelo grau de familiaridade existente entre os interlocutores. Assim, caso o texto seja dirigido a um parente ou a um amigo, pode-se adotar um estilo informal, mas, se o destinatário é desconhecido ou ocupa uma posição superior em uma relação assimétrica qualquer como, por exemplo, um cidadão dirigindo-se ao prefeito de sua cidade, opta-se por um estilo formal.

Além disso, de acordo com essas autoras, a carta pode ser constituída de diferentes tipos (narrativo ou argumentativo, por exemplo), dependendo de sua função (informativa, apelativa, dentre outras). Assim, por exemplo, nas cartas familiares e amistosas, ou seja, os textos por meio dos quais o autor conta, a um parente ou a um amigo, eventos particulares de sua vida, o tipo predominante é diferente das cartas argumentativas cuja finalidade é persuadir o interlocutor e, para alcançar esse objetivo, precisa de argumentos convincentes. Como se constitui em um “diálogo” à distância com um interlocutor conhecido e, às vezes, até íntimo, nas cartas amistosas adota-se um estilo espontâneo e informal, que deixa transparecer até mesmo marcas da oralidade, tais como frases inconclusas, em que se empregam as reticências com muita frequência, as quais possibilitam múltiplas

interpretações na tentativa de concluí-las; indagações que buscam suas respostas nos destinatários e outras que encerram suas próprias respostas; empregam-se pontos de exclamação que revelam a ênfase que o locutor dá a certas passagens e refletem a sua alegria, preocupações, indignações ou dúvidas. Nesses textos, podem-se notar orações desiderativas, interrogativas, exclamativas, manifestando a subjetividade do autor, a qual determina também o emprego de diminutivos e aumentativos, muitos adjetivos qualificativos, além da presença de ambigüidade lexical e sintática, repetições e interjeições. Caso essa carta estabeleça comunicação entre interlocutores entre os quais haja algum tipo de assimetria, ela deixa de ser uma carta pessoal, podendo assumir outras formas, como uma carta argumentativa que se escreve ao comandante do batalhão da Polícia Militar da cidade, solicitando policiamento para uma escola, por exemplo. Nesse caso, adota-se um estilo mais formal, que recorre ao uso de fórmulas de cortesia já convencionalmente estabelecidas para a abertura e encerramento. Dependendo das intenções de comunicação, essas cartas podem se vincular predominantemente ao tipo argumentativo ou ao narrativo. Para uma carta formal, há na sociedade recomendações normativas como a que diz que é preciso ter cuidado na coerência do tratamento, de modo que, caso se comece a carta no tratamento em terceira pessoa, deve-se ir até o fim em terceira pessoa, tanto em relação aos pronomes, quanto às demais formas lingüísticas, tais como os modos e tempos verbais.

Já para Ferreira (1986, p. 359), a *carta* constitui um meio pelo qual um homem pode se corresponder com outro(s); originou-se no grego, *chártes*, passando pelo latim, *charta*. Trata-se de uma comunicação manuscrita ou impressa adequadamente acondicionada ou endereçada a uma ou várias pessoas. Pode ser chamada também de missiva ou epístola. Segundo o autor, vários podem ser os tipos de cartas, quais sejam: a) a **carta aberta**, a que se dirige publicamente a alguém nos jornais ou outras formas de divulgação coletiva, como panfletos, por exemplo; b) **carta de aviso**, comunicação de um comerciante a outro de que emitiu contra ele, e em favor de terceiro, uma ordem de pagamento ou saque; c) **carta de abono**, documento de garantia da solvabilidade de uma pessoa até certo limite; d) **carta de alforria**, o título que conferia liberdade ao escravo; e) **carta de consciência**, certas disposições de última vontade confiadas em segredo ao(s) testamenteiro(s); f) **carta de corso**, autorização dada por nação beligerante para que navios da marinha mercante se armem e pratiquem atos de guerra; g) **carta de marca**, licença de corso; h) **carta de crédito**, autorização dada por um banqueiro ou comerciante a seu

correspondente, para que ponha à disposição de terceiro determinada importância dentro de certo prazo; i) **carta de fiança**, documento (carta) em que alguém se obriga solidariamente pelo pagamento de outrem; j) **carta de guia**, documento assinado pelo juiz encaminhando o réu à prisão, em cumprimento de sentença; k) **carta de prego**, carta fechada, na qual se determina o que o comandante de um navio deve fazer, e que ele só deve abrir, quando fora da barra, l) **carta de remessa**, relação de títulos enviados pelos comerciantes aos bancos para serem cobrados ou descontados; borderô; m) **carta de saúde**, documento que o comandante de um navio recebe da autoridade consular do país para onde se dirige, declarando o estado de sanidade do porto de onde sai; n) **carta do abc**, livrinho para aprender os primeiros rudimentos da leitura, carta de á-bê-cê, cartilha; o) **carta patente**, documento que encerra obrigações, doações, privilégios públicos, e é dirigido em geral a todos aqueles que o virem ou documento individual em que são definidos, para cada oficial das forças armadas, sua situação hierárquica (posto) e o corpo ou quadro a que pertence, a fim de fazer prova dos direitos e deveres assegurados por lei ao seu possuidor; p) **carta precatória**, documento pelo qual um órgão judicial demanda a outro a prática de ato processual que necessite ser realizado nos limites de sua competência territorial; q) **carta régia**, carta dirigida pelo monarca diretamente a uma autoridade, sem passar pela chancelaria; r) **carta reversal**, aquela pela qual se faz uma concessão em troca de outra; s) **carta rogatória**, pedido dos paroquianos de uma diocese para que se sagre certo eclesiástico; t) **cartas dimissórias**, aquelas pelas quais um prelado autoriza outro a conferir ordens sacras a um diocesano daquele; u) **carta testamentária**, instrumento das disposições de última vontade contidas em testamento cerrado, ou particular; cédula testamentária; v) **carta testemunhável**, recurso judicial que visa a fazer subir ao tribunal competente certos recursos cuja interposição ou seguimento foram denegados pelo juiz inferior; x) **Carta Magna**, carta constitucional, constituição de um país.

Percebe-se que a carta sempre foi um dos instrumentos mais úteis em situações diversas. É um dos mais antigos meios de comunicação. Todavia como se pode perceber na relação de tipos de carta apresentada por Ferreira (1986), muitos atualmente não são mais uma correspondência, constituindo outro tipo de documento, mas mantendo o nome de carta, tendo em vista uma variedade de carta de que se originou. Este fato atesta a validade de nossa hipótese de que gêneros atuais da Comunidade Católica Apostólica Romana podem ter sua origem nas cartas dos apóstolos.

Há vários tipos de cartas e a sua forma depende do seu conteúdo. A **carta pessoal** é a carta que escrevemos para amigos, parentes, namorado (a), o remetente é a própria pessoa que assina a carta, estas cartas não têm um modelo pronto, são escritas de uma maneira particular. A **carta comercial** se torna o meio mais efetivo e seguro de comunicação de uma organização ou de uma empresa com seus clientes. A linguagem deve ser clara, simples, correta e objetiva.

Na correspondência, a linguagem mais correta é aquela que é adequada ao contexto, ao momento, e à relação entre os interlocutores. Por exemplo, a linguagem que se usa para falar com um amigo, não é a mesma que se usa para falar com a avó, ou com um parente distante.

Mais modernamente, outros autores publicaram artigos sobre as cartas, com uma abordagem diferente das de Kaufman e Rodriguez (1995) ou de Ferreira (1986, p. 359).

Gomes (2002) afirma que a carta apresenta uma superestrutura característica, constituída de a) local e data; b) vocativo; c) saudação (opcional) / introdução; d) corpo; e) despedida; f) assinatura; g) pós-escrito e h) notas (opcionais). Aponta, ainda, que a carta tem também uma estrutura retórica, que envolve a) a função 1, de estabelecer contato; b) a subfunção 1, de situar o tempo e o espaço da produção; c) a subfunção 2, de definir o interlocutor/ destinatário; d) a subfunção 3, de assegurar o contato; e) a função 2, de realizar o propósito; f) a função 3 de finalizar o contato e g) a subfunção 1, da despedida. (GOMES, 2002, apud TRAVAGLIA, 2007a, p. 53).

Para Bazerman (2006, p. 83 a 99), a carta estabelece comunicação direta entre dois indivíduos numa relação específica em circunstâncias também específicas e constitui um meio flexível, no qual muitas funções, relações e práticas institucionais podem se desenvolver, fazendo com que novos usos sejam socialmente inteligíveis, enquanto permite que a forma de comunicação se altere. Como, para ele, as cartas podem ter desempenhado um papel no surgimento de gêneros distintos, muitos exemplos começaram a chamar a sua atenção, levando-o a acreditar que eles poderiam fazer parte de um padrão mais geral. Apesar de a história revelar que vários domínios de práticas letradas têm sido muito frequentemente objeto de pesquisas, poucas foram submetidas a uma análise formal de gênero e muito poucas foram investigadas em relação à carta.

De acordo com o autor, muitos gêneros surgiram de atos de fala do dia-a-dia mais corriqueiros, tais como os de contar ou lembrar. Também os comandos orais daqueles que têm autoridade transformaram-se, há muito, em gêneros escritos reconhecíveis, tais

como proclamações, códigos, leis e ordens. Esses gêneros, no antigo Oriente e na Grécia, expressavam os primeiros comandos escritos, além de outros assuntos de Estado, fossem eles militares, administrativos ou políticos e tinham a forma de cartas. Elas forneciam a identificação do autor e da audiência e, num período bem mais antigo da história, eram entregues por meio de um mensageiro pessoal da autoridade, que passava a representar a própria presença dessa autoridade. Esse mensageiro fazia, então, a leitura em voz alta daquilo que tinha sido escrito. Esses procedimentos, para Bazerman, expressavam explicitamente as relações sociais concretizadas à distância por meio das cartas.

Segundo ele, as cartas evoluíram de documentos formais e oficiais para conter a expressão de preocupações pessoais e, em seguida, mensagens particulares. Assim, as cartas passaram a ser também pessoais, as quais se tornaram muito comuns na Grécia e em Roma, transformando-se num meio flexível de realizar muitos tipos de negócios e outras transações. Dentre as cartas comerciais e administrativas, achavam-se as cartas de petição e as de recomendação. Além dessas, as cartas aos deuses, cartas aos mortos e cartas-orações sugerem a flexibilidade da forma carta para estabelecer e elaborar situações comunicativas, nessa sociedade. Dois outros tipos de carta foram também tratados como documentos eruditos nas escolas e nas bibliotecas pessoais: as cartas sobre temas técnicos ou profissionais, incluindo filosofia, retórica, profecia, matemática e medicina, das quais as cartas de Aristóteles constituem exemplos; em relação ao segundo tipo, podemos mencionar as cartas-ensaios mais extensas que se tornaram as substitutas dos tratados completos.

Criada para mediar a distância entre dois indivíduos, a carta fornece um espaço aberto de transações, que pode ser especificado, definido e regularizado de muitas maneiras diferentes. Essas transações são reveladas por meio das saudações, das assinaturas e dos conteúdos da carta, apontando a sua natureza e a relação entre os indivíduos. Por isso, Bazerman acredita que, quanto mais temas e transações, de forma reconhecível, inserem-se nas cartas, o gênero, em si, se expande e especializa. Para ele, foi assim que tipos distintos de cartas, que constituíam uma variedade muito grande de transações que podiam ser realizadas a distância, foram se tornando reconhecidos e passaram a ser tratados de maneira distinta. Assim, para cada tipo de transação, seguem-se modelos distintos.

Bazerman (2006, p. 88) afirma que

Como revelam os estudos históricos, essas variedades de cartas se tornaram fortemente tipificadas em organização e no uso de frases de expressão. Por sua vez, não só a organização e as transações podem alcançar distâncias maiores, como também os laços sociais entre os indivíduos podem ser reforçados e até criados através de relações indiretas com outras pessoas (como através de cartas de recomendação). (BAZERMAN, 2006, p. 88)

Mas o autor acredita que as cartas tiveram um papel ainda mais importante, no que se refere ao surgimento de outros gêneros. Ele afirma que há muitos exemplos de gêneros com ligações fortes com a correspondência, tais como os jornais e outros periódicos, alguns instrumentos financeiros, como as letras de câmbio e cartas de crédito, os livros do Novo Testamento, as encíclicas papais e os romances. Para ele,

A carta, com sua comunicação direta entre dois indivíduos dentro de uma relação específica em circunstâncias específicas (tudo que podia ser comentado diretamente), parece ser um meio flexível no qual muitas das funções, relações e práticas institucionais podem se desenvolver – tornando novos usos socialmente inteligíveis, enquanto permite que a forma de comunicação caminhe em novas direções. (BAZERMAN, 2006, p. 83)

Segundo o autor, dentro da antiga Igreja Cristã, uma poderosa força comunicativa foi conferida às cartas, devido à riqueza e à multiplicidade das práticas antigas de escrever esse gênero. Em relação ao Novo Testamento, com exceção dos Evangelhos, quase todos os livros encontram-se sob a forma de cartas, escritas num primeiro momento entre pessoas específicas ou entre grupos reduzidos, mas, em seguida, disponibilizadas para todos os que eram membros da comunidade, conforme veremos. Nessas cartas, regularmente enquadradas nas formas de comunhão que estabilizaram laços de comunidade e fé, encontram-se narrativas de eventos notáveis, o proselitismo, a oração, o consolo, os ensinamentos morais, o louvor dos fiéis, os avisos contra os falsos profetas, o pensamento [filosófico](#), a profecia e a organização da Igreja, o que proporciona uma característica específica de comunhão a uma enorme variedade de atividades realizadas no Novo Testamento.

Dessa forma, segundo Fremantle (1963), a Igreja passou a escrever cartas que inicialmente serviam para manter a sua comunhão em lugares distantes. Cartas de bispos que reafirmavam os laços de comunhão entre eles eram levadas por viajantes, apresentando-os como membros comungantes da Igreja. Em um tipo específico de cartas,

as encíclicas, também circulavam informações sobre divisões internas e listas de quais clérigos permaneciam “em comunhão”. Assim, nessas cartas apostólicas e pastorais passaram a circular decisões doutrinárias, decisões dos sínodos episcopais e assuntos temporais e políticos, à medida que a organização da Igreja se desenvolvia nos períodos romano tardio e medieval. À proporção que a hierarquia da Igreja se estabeleceu, as cartas papais a respeito de assuntos gerais e específicos se tornaram cada vez mais importantes, passando a constituir tipos ainda hoje em uso, tais como as *cartas apostólicas*, as *bulas*, as *súmulas*, as *encíclicas*, as *resoluções* e os *éditos*.

Com o objetivo de treinar os clérigos para escrever cartas, uma vez que elas se tornavam o principal meio de doutrina e administração, criou-se um ramo especializado da Retórica conhecido como *ars dictaminis*, segundo Camargo (1991, apud BAZERMAN, 2006), em que se enfatizava a saudação, de forma a conferir respeito aos papéis sociais e às posições de emissor e receptor, além de posicioná-los dentro de relações sociais institucionalizadas. Bazerman aponta, ainda, que escritores de cartas foram aconselhados a invocar a boa vontade do receptor, suscitando sentimento e obrigação, narrando claramente a situação que indicava a necessidade da carta e a cooperação que se esperava do receptor, de acordo com Murphy (1971, apud BAZERMAN, 2006). Na sessão em que apresentamos a análise das cartas de São Paulo, podemos observar a presença de algumas dessas características apontadas por Fremantle (1963) e Bazerman (2006).

2.3. As cartas de São Paulo

2.3.1. Apresentação

A síntese da biografia e trabalhos de Paulo que aqui apresentamos são suficientes para mostrar a importância dele para a constituição da Igreja Católica e, dessa forma, justificar o porquê da escolha de suas cartas às comunidades com as quais trabalhou, para buscar a comprovação da hipótese desta pesquisa de que as cartas dos primeiros tempos, em virtude da sua relevância, transformaram-se em outros gêneros da comunidade discursiva Católica Apostólica Romana atual.

Segundo a Bíblia Sagrada (1990), São Paulo constitui uma das figuras mais importantes do Novo Testamento. Nos Atos dos Apóstolos e nas Cartas que ele escreveu,

estão as informações sobre a sua vida. Paulo nasceu aproximadamente no ano 10 da era Cristã, em Tarso, na Cilícia, conforme o capítulo 9, versículo 11 do livro *Atos dos Apóstolos* da Bíblia Cristã. Segundo o mesmo livro, era filho de judeus da tribo de Benjamim e cresceu à luz da mais perfeita tradição judaica. Ele aprendeu um trabalho manual, provavelmente herdado do pai, que consistia na profissão de "tendeiro" (At 18, 3), que deve ser entendido como alguém que trabalha a lã tosca de cabra ou as fibras de linho para fazer esteiras ou tendas (At 20, 33-35). Ainda muito jovem, dirigiu-se a Jerusalém, onde se especializou no conhecimento da sua religião. Assim, tornou-se mestre e fariseu no cumprimento escrupuloso e rigoroso de toda a Lei judaica e seus pormenores. Com base nesta profunda ortodoxia, vislumbrou no novo movimento que se inspirava em Jesus de Nazaré um risco, uma ameaça para a identidade judaica e, por isso, ele, ferozmente, "perseguiu a Igreja de Deus", como três vezes admite nas suas Cartas (*1 Cor* 15, 9; *Gl* 1, 13; *Fil* 3,6), com uma atitude de profunda intolerância.

Mas o encontro com Jesus mudou totalmente a sua vida – passou de perseguidor a apóstolo - até aproximadamente o ano 67, quando morreu. Paulo, que era Saulo, antes de se converter, de acordo com a edição pastoral da Bíblia Sagrada (1990),

Só respirava ameaças e morte contra os discípulos do Senhor. Ele apresentou-se ao sumo sacerdote e lhe pediu cartas de recomendação para as sinagogas de Damasco, a fim de levar presos para Jerusalém todos os homens e mulheres que encontrasse seguindo o Caminho. Durante a viagem, quando já estava perto de Damasco, Saulo se viu repentinamente cercado por uma luz que vinha do céu. Caiu por terra e ouviu uma voz que lhe dizia: "Saulo, Saulo, por que você me persegue?" Saulo Perguntou: "Quem és tu, Senhor?" A voz respondeu: "Eu sou Jesus a quem você está perseguindo. Agora, levante-se, entre na cidade e aí dirão o que você deve fazer". Os homens que acompanhavam Saulo ficaram cheios de espanto, porque ouviam a voz, mas não viam ninguém. Saulo se levantou do chão e abriu os olhos, mas não conseguia ver nada. Então o pegaram pela mão e o levaram para Damasco. E Saulo ficou três dias sem poder ver e não comeu nem bebeu nada. (Bíblia Sagrada, 1990, Act: 1-9, p.1402)

De acordo com a Bíblia (1990), em Damasco, havia um discípulo de Jesus chamado Ananias. Jesus o chamou numa visão e pediu que procurasse Saulo, porque este tinha sido o homem que escolhera como instrumento para anunciar Seu nome aos pagãos, aos reis e ao povo de Israel. Jesus disse também a Ananias que mostraria a Saulo quanto ele deveria sofrer por causa de Seu nome, mas pediu-lhe que devolvesse a vista a Saulo. De acordo com a Bíblia, Ananias esticou suas mãos sobre Saulo e disse-lhe que Jesus o enviara para

que curasse sua visão e ficasse cheio do Espírito Santo. Na mesma hora, caiu dos olhos de Saulo algo parecido com escamas e ele recuperou a vista. Levantou-se e foi batizado. Depois, comeu e ficou forte como antes.

Saulo passou alguns dias com os discípulos em Damasco e logo começou sua pregação, afirmando que Jesus era o Filho de Deus. Todos ficaram impressionados com a mudança de Saulo e, logo, os judeus fizeram uma trama para matá-lo. Mas esses planos chegaram ao conhecimento de Saulo, que foi salvo pelos discípulos, os quais, durante a noite, fizeram-no fugir, descendo a muralha que cercava a cidade dentro de um cesto. De acordo com a Bíblia (1990), Saulo dirigiu-se para Jerusalém onde foi recebido por Barnabé³, que o apresentou aos apóstolos, aos quais contou o ocorrido. Daí em diante, Saulo ficou com os apóstolos e pregava corajosamente o nome de Jesus, passando, então, a ser chamado de Paulo, provavelmente por ser um nome grego, em oposição a “Saulo” (Saul), um nome judeu. Dirigiu-se à Antioquia e Barnabé o acompanhou. Lá eles começaram a falar sobre Deus ao povo, dizendo como Deus os tinha salvado com a sua morte. Muitos começaram a seguir Paulo e Barnabé. Entretanto, quando os judeus viram a multidão, ficaram com muita inveja e, com basfêmias, começaram a se opôr ao que Paulo e Barnabé falavam. Por isso, Paulo e Barnabé declararam que precisavam anunciar a palavra de Deus a eles, que eram judeus, em primeiro lugar, mas, como eles a rejeitavam e não se julgavam dignos da vida eterna que o Senhor lhes oferecia, eles dedicaram-se, então, aos pagãos, aos quais, ele acreditou, até o fim de sua vida, ter sido destinado a enviar a Palavra de Deus e conduzir à salvação.

Embora Jesus, durante sua vida, quando falava do Reino, comparando-o ao grão de mostarda que cresce e abriga os pássaros, tenha se movimentado quase que exclusivamente dentro de uma pequena região, a Palestina, indo poucas vezes a terras que não pertenciam aos judeus, pediu aos discípulos que percorressem o mundo e anunciassem o Evangelho a todos. Os outros doze apóstolos de Jesus, que viviam em Jerusalém e viajaram muito pouco, na sua maioria não sentiram necessidade de escrever Cartas, pois podiam responder oralmente às pessoas e à comunidade. Mas, Paulo, depois que se converteu, deu início a suas viagens missionárias.

³ Barnabé nasceu de pais judeus, da tribo de Levi. Era natural de Chipre, onde possuía terras (At 4:36-38), que vendeu, doando o dinheiro para a igreja em Jerusalém, onde permaneceu junto aos apóstolos, exercendo atividades eclesíásticas.

O ponto de partida para essas suas viagens, levando a "boa notícia", isto é, o anúncio de graça destinado a reconciliar o homem com Deus, consigo mesmo e com os outros, foi a Igreja de Antioquia da Síria, onde pela primeira vez o Evangelho foi anunciado aos gregos e onde também foi cunhado o nome de "cristãos", que significa "crentes em Cristo", conforme o livro dos Atos dos Apóstolos (*Act 11, 20.26*), da Bíblia Cristã.

A primeira viagem missionária de Paulo não tinha sido confiada a ele, mas ao cipriota Barnabé. Estavam em Antioquia, Paulo se juntou a ele, desceram de Antioquia para o porto de Selêucia, na costa síria, atravessaram a ilha de Chipre, indo de Salamina a Pafos; dali chegaram à costa meridional da Anatólia, hoje Turquia, e passaram pelas cidades de Atália, Perga da Panfília, Antioquia da Pisídia, Icônio, Listra e Derbe, de onde regressaram ao ponto de partida. Assim nasceu a Igreja dos povos, a Igreja dos pagãos.

A segunda viagem missionária também teve início em Antioquia. Tendo ultrapassado a Síria e a Cilícia, reviu a cidade de Listra. Ao visitar a cidade novamente, durante sua segunda viagem, Paulo ouviu o bom testemunho dos irmãos sobre Timóteo⁴ e decidiu levá-lo consigo para o trabalho da pregação do evangelho. O apóstolo mostra grande respeito, confiança e amor por Timóteo, mencionando o discípulo com muita afeição na maioria das cartas que escreveu. Dessa forma, os dois atravessaram a Anatólia central e chegaram à cidade de Tróade, na costa setentrional do Mar Egeu. Dali, zarpou para a Macedônia, entrando na Europa. Tendo desembarcado em Nápoles, chegou a Filipos, onde fundou uma bonita comunidade; depois passou por Tessalônica e, partindo dali devido às dificuldades que lhe causaram os judeus, passou por Bereia e chegou a Atenas. De Atenas foi a Corinto, onde se deteve por um ano e meio. Dali dirigiu-se a Éfeso e, a seguir, passando por Chipre, regressou à Palestina, chegando a Cesaréia Marítima, de onde subiu a Jerusalém e, então, voltou para Antioquia pelo Rio Oronte. Lá permaneceu por algum tempo.

Logo, partiu de novo, em sua terceira viagem missionária, percorrendo sucessivamente as regiões da Galácia e da Frígia, fortalecendo as igrejas que ali fundara. Dali Paulo partiu diretamente para Éfeso, capital da província da Ásia, onde permaneceu durante dois anos, desempenhando um ministério que teve fecundas influências na região. Depois, atravessou a Macedônia e voltou a Corinto, onde ficou por cerca de três meses. De

⁴ O jovem Timóteo morava na cidade asiática de Listra, e era filho de uma judia crente e um pai grego (*At 16:1*). É provável que Timóteo e sua mãe tenham sido convertidos pela pregação de Paulo durante a primeira viagem missionária do apóstolo (*At 14*).

Corinto, voltou a percorrer os seus passos: passou de novo pela Macedônia, de navio chegou a Tróade e depois, passando somente pelas ilhas de Mitilene, Chio e Samo, chegou a Mileto, onde pronunciou um importante discurso aos Anciãos da Igreja de Éfeso, dando um retrato do verdadeiro pastor da Igreja. Dali partiu novamente, içando as velas rumo a Tiro, de onde depois chegou a Cesaréia Marítima para subir mais uma vez a Jerusalém. Lá, alguns judeus julgaram que fossem pagãos outros judeus de origem grega, introduzidos por Paulo na área do templo reservada exclusivamente aos israelitas e, por causa desse mal-entendido, Paulo foi preso. Teve que se defender diante do povo e do Sinédrio⁵. Foi enviado para Cesaréia, onde se apresentou diante de Festo⁶. Como Paulo apelou para César, na condição de prisioneiro romano, partiu de Cesaréia com destino a Roma, sob guarda militar.

Tem início, assim a sua quarta viagem missionária. Na viagem, passou pelas ilhas mediterrâneas de Creta e Malta. Foi uma viagem muito difícil. Era inverno e o navio naufragou em Malta, onde permaneceu por três meses. Passou, depois, pelas cidades de Siracusa, Régio da Calábria e Pozuóli, até que chegou à capital do Império em 62 d.C. Os cristãos de Roma foram recebê-lo no Foro de Ápio e nas Três Tavernas, região de Roma. Ao vê-los, Paulo sentiu-se encorajado (At 28, 15). Em Roma, recebeu autorização para morar numa casa particular, mas tendo um soldado a vigiá-lo. Nesta casa, ficou por dois anos, vivendo às custas de seu próprio trabalho. Recebia todos que o procuravam, pregando o reino de Deus.

Assim, Paulo percorreu muitos milhares de quilômetros, anunciando, de cidade em cidade, o “Evangelho” da morte e ressurreição de Jesus. Não lhe interessou narrar a vida de Jesus nem sequer os seus milagres. Paulo era, antes de mais, um missionário, segundo suas próprias palavras “Ai de mim, se não evangelizar!” (1 Cor 9,16). Depois de fundadas as comunidades por onde andou, as cartas passaram a ser o único meio ao seu alcance para se comunicar com essas comunidades, tendo em vista a distância entre elas e, ainda, a prisão de Paulo.

Resulta, pois, dessa necessidade de comunicação com as suas comunidades, o caráter geralmente circunstancial dos escritos de Paulo, que não tinham propósitos

⁵ Sinédrio é o nome dado à assembleia de juízes judeus que constituía a corte e legislativo supremos da antiga Israel.

⁶ Festo desempenhou o ofício de governador em Cesaréia de 60 d.C. até sua morte no ano 62.

propriamente teológicos⁷, sendo que a Carta aos Romanos constitui uma exceção nesse sentido. Também em Colossenses e Efésios é possível verificar mais uma preocupação com a teologia da Igreja que com os problemas das igrejas propriamente ditos. Por meio de suas cartas, pode-se perceber quais eram os problemas e as necessidades das primeiras comunidades cristãs, às quais Paulo respondeu a partir do Evangelho.

Paulo era um homem bem preparado, pois conhecia a fundo a religião de seus pais, além de possuir boas noções das filosofias e religiões gregas de seu tempo. Escrevia e falava em grego, mas enquanto judeu, tinha mentalidade completamente diferente da dos gregos, embora se esforçasse para assimilar a maneira de pensar desse povo. Além disso, Paulo era cidadão romano, do que soube tirar proveito, bem como de toda bagagem cultural que adquiriu, para conduzir todos a Jesus.

Segundo a Bíblia (1990), com a leitura de suas cartas, pode-se ter uma idéia de como era seu caráter: às vezes muito meigo e carinhoso; por outras, severo. Não cede e ameaça com castigos. Ao escrever às comunidades, compara-se à mãe que acaricia os filhinhos e dá a vida por eles, mostrando-lhes que os ama e se sacrifica ao máximo por eles. Mas também se considerava um pai que educa, que conduz as pessoas, por meio do Evangelho, à vida nova. Quando se fazia necessário, era severo e ameaçava, exigindo obediência. Sentia, pelas comunidades que fundou ou animou, o ciúme de Deus, temendo que elas perdessem a fé.

Paulo era capaz de amar todos os membros de todas as comunidades, sem distinções. Constantemente os chamava “queridos” e “amados”. Queria que todos fossem fiéis a Deus, pois somente assim é que poderiam se tornar seus filhos.

Pelo fato de não ter vivido com Jesus como os demais apóstolos, ele enfrentou sérias dificuldades. Alguns diziam que ele não era apóstolo, pois não tinha visto o Senhor, mas Paulo se defendia, contando sua experiência com Cristo. Outros afirmavam que apenas quem tivesse andado com Jesus de Nazaré é que podia fundar comunidades, que Paulo não era apóstolo, pois se o fosse, teria a coragem de viver às custas da comunidade. Mas Paulo respondia que, para ele, anunciar o Evangelho era uma obrigação. Era cumprir uma ordem. Por isso, não tinha direito de ser sustentado por outros. Ele considerava muito perigoso unir pregação do Evangelho com dinheiro. Por isso, preferia ganhar o pão com o

⁷ De estudo de Deus, seus atributos, suas relações com o mundo e com os homens; dos dogmas e das tradições do Cristianismo.

suor do rosto e anunciar o Evangelho gratuitamente, apesar de Jesus ter dito que o operário é digno do seu sustento.

Além de ter sido quem criou a comunicação escrita para o Novo Testamento, Paulo foi, dentre os apóstolos, aquele que mais escreveu. Suas Cartas são anteriores aos textos dos Evangelhos. Ele não inventava teorias, mas tentava, a partir das dificuldades, mostrar o que significava ser cristão, naquele momento e naquele lugar determinados. Por isso é que certas soluções por ele apresentadas devem ser entendidas à luz dos problemas e da realidade que tal comunidade viveu.

Conforme já mencionamos, então, todos os textos de Paulo têm a forma de cartas. Segundo Polhill (1999), na época, havia uma longa tradição na produção de cartas para o consumo público (embora endereçadas a indivíduos, o endereçado era comumente um instrumento ficcional). Aristóteles e Epicurus produziram epístolas desse tipo, mas as “epístolas morais” de Sêneca, contemporâneas de Paulo, são as mais conhecidas. Por séculos, essas epístolas foram conhecidas como protótipo das cartas de Paulo. Das cartas greco-romanas foram as mais preservadas, pois a literatura tende a ser preservada, a correspondência particular, não.

No século XIX, conforme afirma Polhill (1999) arqueologistas descobriram grandes quantidades de papiros antigos, dentre os quais havia muitas cartas, muitas delas datadas do primeiro e segundo séculos a.C. Eram correspondência privada: cartas de apresentação e recomendação; correspondência familiar - um marido expressando preocupação com a sua mulher grávida. Um filho escrevendo à casa pedindo dinheiro, etc.

De acordo com o autor, na virada do século XVII, um perito argumentou que as cartas de Paulo pertenciam à mesma categoria das cartas desses papiros e não podiam ser incluídas no grupo das epístolas literárias, pois elas tratavam de problemas de igrejas específicas e não objetivavam o consumo público. Mas, hoje, muitos estudiosos afirmam que as cartas de Paulo não são exatamente como esses papiros particulares, mas constituem algo entre eles e as epístolas de Sêneca (a maioria era maior que os papiros e menor que as de Sêneca). Além disso, Paulo sempre escreveu em seu papel de “apóstolo” e, assim, suas comunicações com suas igrejas carregavam sua autoridade como apóstolo e servia para substituir a sua presença pessoal.

Segundo Trobisch (2001), as cartas de Paulo não têm datas e, assim, ainda não há um consenso sobre a cronologia delas. De acordo com o autor, apenas duas cartas, 1 aos Coríntios e Romanos, dão-nos algumas pistas que permitem estabelecer sua ordem

cronológica. As informações que se podem obter em 1Cor 16:1-4 e Rom 15:25-26 sugerem que a Carta aos Romanos foi escrita depois da 1 aos Coríntios. Entretanto, na Bíblia Cristã, a Carta aos Romanos figura antes da 1 Carta aos Coríntios.

De acordo com a Bíblia (1990), pode-se traçar um roteiro que começa por 1 e 2 Tessalonicenses e, depois, Filipenses. Seguem-se 1 e 2 Coríntios e, em seguida, Gálatas, Romanos, Efésios, Colossenses, Filemon, 1 Timóteo, Tito, 2 Timóteo e Hebreus.

Uma descrição detalhada das cartas de Paulo será apresentada na análise do *corpus*.

2.3.2. As comunidades cristãs primitivas

Em suas viagens missionárias, Paulo e seus discípulos fundaram ou animaram diversas igrejas na Ásia Menor e na Europa. Por questões de organização e para que se possa entender melhor a análise das cartas, apresentamos as comunidades em que ficavam as Igrejas de Paulo, de acordo com a ordem cronológica sugerida pela Bíblia Cristã (1990), da escrita de suas cartas.

Mas, antes de apresentá-las, é necessário mencionar que essas comunidades não podem ser confundidas com comunidade discursiva, pois, essas comunidades eram agrupamentos de pessoas, em várias cidades, que se dispunham a seguir as palavras de Jesus, sob a liderança de Paulo. A maioria eram pagãos convertidos ao cristianismo, por meio da ação evangelizadora de Paulo e seus seguidores. Na verdade, acreditamos que o conjunto dessas comunidades pode ter formado uma comunidade discursiva cristã dos primeiros tempos, que teria dado origem a diversas comunidades religiosas dentre elas a católica apostólica romana.

Começamos, então pela comunidade de Tessalônica.

Segundo Silva (2008), a cidade de **Tessalônica** era, no início da era cristã, uma das maiores do Império Romano. Após ser conquistada, os romanos conferiram-lhe o status de capital da Macedônia e impulsionaram seu crescimento. Tinha uma localização geográfica privilegiada. Possuía um dos melhores portos naturais do Mar Egeu e a *Via Egnatia*, que ligava o Oriente a Roma, atravessava o coração da cidade. Além dessas, as outras estradas e o porto se encarregam de levar e trazer mercadorias do mundo inteiro.

De acordo com Bortolini (2008), numa cidade assim, é comum a população começar a diversificar, cada qual com sua cultura, língua, deuses, folclore, superstições, tradições e crenças. Para abrigar tanta gente, Tessalônica tinha uma infraestrutura básica (pensões, hospedarias, saunas, teatros, praças públicas, santuários e, também, prostituição). No campo, havia rebanhos, cultivo de oliveiras, uva e outras frutas. No mar, muitos pescadores tiravam das águas o sustento que alimentava estivadores, comerciantes, marinheiros, soldados, funcionários públicos, fiscais, pedreiros, mestres de obras, ferreiros, artesãos, dentre outros. Mas, segundo a Bíblia (1990: At 17,5), havia também desempregados e vagabundos. Porém, tanto quem trabalhava no campo, quanto os pescadores, sobreviviam a duras penas, uma vez que os latifundiários e atravessadores acabavam ficando com os lucros do que era produzido. Como resultado, Bortolini (2008) aponta que, em Tessalônica, havia uma elite dominante, formada pelas lideranças políticas e militares e pelas minorias que detinham e controlavam o comércio e os meios de produção; uma classe média, formada em sua maioria por funcionários públicos, militares, aposentados, arquitetos e outros; e a maioria do povo, que era pobre. Havia muitos escravos, carregadores do porto, gente que recebia um tipo de “salário mínimo”, que não participava das decisões, não tinha voz nem vez, típico de uma cidade desigual, como qualquer cidade grande nos dias de hoje: as oportunidades são muitas, mas o acesso a elas está restrito a poucas e selecionadas pessoas.

Assim, em Tessalônica, tinha-se uma comunidade de gente empobrecida e a presença de Paulo e a “Boa Notícia” que trazia consigo significavam uma forma alternativa de vida e liberdade para os marginalizados, que venciam um tipo de sociedade desigual e, ao mesmo tempo, constituíam fermento de um novo amanhecer. Dessa forma, esse povo se unia em comunidade, para receber a Palavra de Deus.

De acordo com Polhill (1999), a cidade de **Filipos** ficava na região mais oriental da Macedônia. Embora a capital da região fosse a cidade de Tessalônica, Filipos era a cidade mais antiga da região e também tinha se tornado colônia romana.

Segundo Becker (2007), na sua origem, a cidade de Filipos era conhecida como *Krenides*, o local de pequenos mananciais. Mas, em cerca de 358 a.C., a cidade foi ameaçada pelos trácios e seus habitantes recorreram ao rei da Macedônia, Felipe II, pai de Alexandre, o Grande, o qual os ajudou e também mudou o nome da cidade para Filipos, em homenagem a seu pai, Felipe I. Felipe II drenou a região em que ficava Filipos, que era uma zona pantanosa, fortificou e aumentou a cidade, que ocupava um ponto estratégico,

uma vez que por ali passavam todas as rotas de caravanas da Grécia e da Trácia, inclusive também a *Via Egnátia*. As minas de metais nobres, como ouro, prata e cobre, a madeira que Filipos exportava para a construção de barcos e a sua florescente agricultura contribuíram para o enriquecimento da cidade. No Tempo de Paulo, Filipos era uma cidade cercada por uma muralha de aproximadamente três quilômetros e meio que cercava uma área de sessenta e oito hectares. Sua população era de cinco a dez mil pessoas e constituía-se de trácios, gregos, macedônios e romanos.

De acordo com a Bíblia (1990), a sociedade de Filipos era desigual, na qual poucos lucravam à custa da escravização de muitos pobres e indefesos. Entre eles havia espírito de competição, inveja, rivalidades, murmurações, disputa, divisões, conflitos, ganância e egoísmo. Nesse contexto, o evangelho de Paulo se torna Boa Notícia de libertação. Ao chegar à cidade, como era comum para os missionários, procuraram uma sinagoga, para ali anunciarem o evangelho, mas não encontraram. Entretanto, eles encontraram um lugar de oração junto ao rio, na saída da cidade, onde estavam reunidas algumas mulheres para a oração e celebração da fé judaica. Uma dessas mulheres, Lídia, que era negociante de púrpura e morava na cidade, ao lado de sua comunidade ouviram a mensagem do evangelho e receberam o batismo. Em seguida, essa mulher acolhe os missionários em sua casa, onde surge o núcleo da comunidade cristã de Filipos, que mais alegrava o coração de Paulo. Nessa comunidade, as mulheres desempenhavam liderança significativa, trabalhando arduamente na proclamação do evangelho.

A cidade de **Corinto**, segundo a Bíblia (1990), era um rico centro comercial, próxima a Atenas, com mais de quinhentos mil habitantes, na maioria, escravos. A cidade foi escolhida como um importante centro das atividades missionárias cristãs de Paulo, em virtude de sua posição estratégica na região, na ponta oeste do istmo que separava a Grécia central do Peloponeso no eixo norte-sul e o mar Jônico do Egeu no eixo leste-oeste. A cidade possuía um porto marítimo que recebia pessoas de todas as raças e religiões, à procura de vida fácil e luxuosa, o que gerava um ambiente de imoralidade e ganância. Era uma sociedade piramidal, em que a riqueza de poucos convivia com a miséria de muitos. Nesse contexto, a comunidade cristã de Corinto era formada de pessoas da camada mais modesta da população, segundo o próprio Paulo nos diz, em sua carta (*1 Cor 1,26-28*). De acordo com a Bíblia (1990), entre os anos 50 e 52, Paulo permaneceu na cidade por dezoito meses, quando fundou a comunidade. Havia entre os cristãos, em Corinto, dois grupos com idéias diferentes a respeito da observância ou não da lei judaica. A sua missão, de acordo

com o próprio Paulo, era aproximá-los, a fim de formar uma só comunidade de adoração a Jesus, restabelecendo a unidade da igreja.

A **Galácia** não era uma cidade, mas uma região da Ásia Menor. Segundo Polhill (1999), a primeira menção do termo “Galácia”, no Livro dos Atos da Bíblia Cristã, ocorre no contexto da segunda viagem missionária de Paulo. Segundo o autor, por um período de quatro anos, Paulo levou o evangelho à região norte da Galácia, a Trôade da Ásia, às cidades da Macedônia e Acaia. Originalmente, o termo "Galácia", que deriva dos gauleses - povo que invadiu a Ásia Menor no séc. III a.C., referia-se apenas a esse povo. Mas foi adotado pelos gregos e, aos poucos, foi se generalizando. Os Gálatas estabeleceram seu reino na região de Péssina, Távia, Ancira — atual Ankara, capital da Turquia, que corresponde à região frígio-gálata. Entretanto, conforme Silva (2008), na época do apóstolo Paulo, a Galácia não era apenas a terra dos gauleses, mas englobava também a região de Antioquia da Pisídia, Listra, Icônio e Derbe, na Licaônia, cidades que formam o que chamamos hoje de Galácia do Sul. Portanto, os destinatários de Paulo, na Carta aos Gálatas, seriam as comunidades das igrejas que fundou, em toda essa região.

De acordo com Polhill (1999), o próprio Paulo nos fala da ocasião em que ele levou o evangelho à Galácia pela primeira vez. Diz ter sido por causa de uma doença que ele parou na região. Para o autor, deveria ser o tipo de doença que faria os gálatas desprezarem o missionário. Entretanto, eles o acolheram “como se ele fosse ‘um anjo de Deus’ quase como se ele fosse ‘o próprio Cristo Jesus’” (POLHILL, 1999, p.138)⁸. Por isso, Paulo tinha tanto carinho pela comunidade.

Silva (2008) afirma que os gálatas davam mostra de ser um povo receptivo e hospitaleiro. Eles não tinham origem judaica e, por isso, não conheciam as tradições, costumes e religiões desse povo. Portanto, Paulo não deve ter encontrado dificuldades em pregar, pela primeira vez, uma prática religiosa ampla e livre, com base no Cristo crucificado, portador da salvação para todos. Entretanto, conforme Silva (2008, p. 55), “grupos de tendência radical, conhecidos como judaizantes, devem ter vindo em seguida pregar que, para a salvação, eram indispensáveis algumas práticas da lei hebraica, em especial a circuncisão”. Isso, para o autor, representou um retrocesso, uma vez que a comunidade não praticava as tradições judaicas, além de representar uma ameaça à cruz de Cristo, que Paulo apresentara como único caminho para a salvação. À distância, Paulo foi

⁸ A tradução do trecho é de nossa responsabilidade.

informado da situação dos Gálatas e ficou irado com a comunidade, por estarem abandonando tão rapidamente o verdadeiro evangelho por uma perversão.

A Igreja cristã de **Roma** não foi criada por Paulo. Conforme Polhill (1999), o cristianismo chegou a Roma antes de Paulo. Mas a tradição católica aponta Pedro e Paulo como fundadores da igreja de Roma, pois, sem dúvida, o fortalecimento da fé cristã em Roma foi obra dos dois apóstolos. Não se sabe com precisão, o ano da chegada de Pedro em Roma. Na Bíblia Cristã, (1990: At 12,17), fala-se apenas da fuga de Pedro de Jerusalém, mas não há nenhuma pista que permita afirmar sobre quando ele tenha ido a Roma. Mas, quando Paulo foi a Roma pela primeira vez, em cerca de 62 d.C., Pedro não estava na cidade. Nessa época, Roma tinha uma população de aproximadamente um milhão de habitantes, constituída de diferentes grupos étnicos, vindos de toda a parte do império. Dentre eles, havia uma grande colônia judaica, com aproximadamente 50 mil judeus. Eles viviam na região de Trastévere⁹ e possuíam cerca de onze sinagogas. É provavelmente nessa comunidade judaica que vamos encontrar a origem da Igreja de Roma.

Segundo Silva (2008),

Sobre as origens da comunidade cristã em Roma, quase nada sabemos. Uma hipótese é que os “romanos de passagem” (At 2,10) em Jerusalém, no Pentecostes, tenham retornado a Roma e constituído o primeiro núcleo daquela igreja. Provavelmente uns dez anos após a ressurreição já havia comunidades cristãs na capital. Essas eram originalmente assembleias judaicas que foram aceitando a reforma cristã. Pelo registro de Suetônio¹⁰, sabemos que elas entraram em confronto com outros grupos de judeus, por causa de um certo *Chrestus*, o Cristo. No ano 49, quando Cláudio¹¹ expulsa judeus de Roma, são expulsos também cristãos, como o casal Priscila e Áquila, conhecidos por Paulo na comunidade de Corinto. (SILVA, 2008, p.62)

Certamente esse “Chresto” era mesmo Cristo que se tornara o motivo da discórdia nas sinagogas de Roma, obrigando o imperador Cláudio a decretar a expulsão dos judeus de Roma. Assim, a comunidade cristã que era formada por judeus-cristãos e gentios convertidos, com a expulsão dos primeiros, tornou-se uma comunidade de cristãos

⁹ Um dos distritos do centro histórico de Roma, ao sul da cidade do Vaticano.

¹⁰ Gaio Suetônio Tranquilo foi um historiador romano de que, segundo Gary Habermas, em seu livro *The Historical Jesus*, pouco se sabe a respeito, exceto que era o secretário chefe do Imperador Adriano (117-134 d.C.) e tinha acesso aos registros imperiais.

¹¹ Tibério Cláudio César Augusto Germânico foi o quarto imperador romano da dinastia Júlio-Claudiana e governou de 24 de janeiro de 41 d.C. até a sua morte em 54.

provenientes dos pagãos. Como foram proibidos de se reunir nas sinagogas, começaram a fazê-lo nas casas dos cristãos, especialmente nas periferias, próximo às vias de entrada da cidade. Mas a expulsão dos judeus foi revogada e os judeus cristãos voltaram a Roma. De acordo com Silva (2008), pelo que consta, não havia grandes contrastes doutrinários ou práticos na comunidade, como os judaizantes agressivos da Galácia. Conforme o autor, os problemas de Roma eram a superpopulação, pessoas aventureiras, levadas pelas ambições de cargos públicos, pela busca por prazeres e pelo desejo de fazer fortuna, vindas de todas as partes do império e os vícios, originados no paganismo, que criavam uma atmosfera de imoralidade na cidade.

Entretanto, Polhill (1999) afirma que havia certa tensão entre os cristãos judeus e os pagãos convertidos ao cristianismo e que essa desunião era a maior preocupação de Paulo com a comunidade.

A cidade de **Éfeso** era uma das maiores cidades da Ásia, com uma população de duzentos e cinquenta mil habitantes. Localizada a cerca de quatrocentos e quarenta e cinco quilômetros da Galácia, de Filipos e Tessalônica e a aproximadamente quatrocentos quilômetros de Corinto, com o porto mais importante da região e boas estradas de acesso, ocupava um lugar central em relação às comunidades já fundadas por Paulo. Era considerada a “Guardiã do Templo”, em virtude do templo à Deusa Artemis, ou Diana, e também pelos templos construídos posteriormente para o culto ao imperador. Segundo a Bíblia (1990: At 19:24, 25), essa deusa era adorada nesse suntuoso templo e era levada por pessoas de Éfeso e de países distantes em procissão pela cidade. A fabricação e a venda de imagens de prata dessa deusa da fertilidade, de múltiplos seios, era um próspero negócio em Éfeso. Assim, reinava ali um cenário de idolatria, misticismo, imoralidade e perseguição. Ao chegar à cidade, Paulo formou uma congregação que cresceu rapidamente. Era uma congregação constituída primariamente de gentios. Mas os judeus que aceitaram Jesus Cristo consideravam-no como a realização das esperanças de seu próprio povo e não como o fundador de uma nova religião.

A idéia de Paulo era criar em Éfeso um ponto estratégico para a difusão do Evangelho. Permaneceu na cidade até que Priscila e Áquila, que haviam sido expulsos de Roma, conseguissem arrumar moradia e trabalho e volta um ano depois, encontrando uma Igreja próspera, em pleno desenvolvimento e expansão. Os convertidos se desfizeram logo de suas imagens e de seus livros de magia.

Vendo que essa igreja estava em rápido desenvolvimento e se opunha ao uso de imagens, Demétrio, um dos maiores fabricantes da cidade, incitou o povo a se revoltar contra Paulo e a Boa Notícia, gritando repetidamente “Grande é a Ártemis dos efésios!”. Como resultado, a igreja de Éfeso acabou enfraquecendo espiritualmente e, ao tomar conhecimento do fato, Paulo escreve a carta aos efésios.

De acordo com Silva (2008), **Colossos** era uma antiga cidade frígia, localizada na Ásia Menor, às margens do rio Lico. A cidade foi importante no século V a.C.. Depois foi perdendo sua importância em virtude do crescimento das cidades de Laodiceia e Hierápolis, que ficavam muito próximas. Segundo o autor, parece que Paulo não conheceu essa região, que deve ter sido evangelizada por Epafra. De qualquer forma, foi uma cidade onde o cristianismo floresceu rapidamente. Parece que não havia a presença de muitos judeus cristãos na comunidade, mas mesmo assim, havia pessoas que ameaçavam a igreja de Colossos com a insistência na observância da Lei judaica, como a prática da circuncisão, a comemoração das festas judaicas e a guarda do sábado. Na comunidade, predominavam os gentios cristãos, os quais haviam se tornado tementes a Deus, tendo em vista que buscavam a garantia da sua salvação. De acordo com Polhill (1999), havia em Colossos uma visão inadequada de Cristo. Para eles, Jesus não passava de uma entre outras manifestações de Deus. Não entendiam como um crucificado, o mais esmagado dos homens, poderia dar sentido à vida e ao mundo. Segundo o autor, havia também problemas internos na comunidade. Algumas pessoas se sentiam superiores a outras e tentavam desqualificá-las da fé. Além disso, a igreja de Colossos estava sendo assediada por pregadores de doutrinas heréticas, a quem Paulo acusava de desvirtuar a igreja com falsos ensinamentos. Por isso, em sua carta, Paulo responde a esses problemas dos Colossenses com a mais exaltada apresentação de Cristo encontrada em todo conjunto de suas cartas.

Essas são as comunidades a quem Paulo anunciou o cristianismo. Dentre as maiores figuras desse cristianismo que nascia, Paulo é, depois de Cristo, a personalidade mais importante que se conhece e a sua Carta aos Coríntios constitui uma das obras mais significativas da humanidade.

3. METODOLOGIA

Nossa pesquisa, de caráter qualitativo, caracteriza-se como um estudo textual e discursivo dos textos do Livro “Cartas de São Paulo” da Bíblia Católica Apostólica Romana e de textos usados atualmente na comunicação entre os membros da Igreja Católica Apostólica Romana e entre a instituição e seus fiéis.

A pesquisa qualitativa pode ser classificada como **exploratória** ou **descritiva**. A pesquisa *exploratória* objetiva o aprimoramento das idéias ou a descoberta de intuições. Seu planejamento é bastante flexível e, normalmente, envolve levantamento bibliográfico e pesquisas com pessoas que estão envolvidas ou tiveram experiências práticas com o tema pesquisado.

Os estudos exploratórios não elaboram hipóteses a serem testadas no trabalho, restringindo-se a definir objetivos e buscar mais informações sobre determinado assunto de estudo. Objetivam familiarizar-se com o fenômeno ou obter nova percepção do mesmo e descobrir novas idéias.

As pesquisas *descritivas* objetivam descrever características de determinada população ou fenômeno ou o estabelecimento de relações entre as variáveis. Utilizam-se técnicas padronizadas para a coleta de dados, tais como o questionário e a observação sistemática.

A pesquisa descritiva observa, registra, analisa e correlaciona fatos ou fenômenos (variáveis) sem manipulá-los. Busca conhecer as diversas situações e relações que ocorrem na vida social, política, econômica e demais aspectos do comportamento humano, tanto do indivíduo tomado isoladamente como de grupos e comunidades mais complexas. (CERVO; BERVIAN, 2002).

Quando a pesquisa descritiva se aproxima da explicativa, elas vão além da simples identificação da existência de relações entre as variáveis, pois pretendem determinar a natureza dessa relação. Outras pesquisas descritivas se aproximam das exploratórias quando servem para proporcionar uma nova visão do problema.

A **pesquisa bibliográfica** é baseada em material já elaborado constituído principalmente de livros e artigos científicos. Dentre estes foram selecionados os mais atualizados ou os considerados clássicos, para se garantir o rigor científico e uma boa fundamentação teórica ou revisão de literatura. Busca-se *o estado da arte* sobre o tema investigado. Assim, quase todos os tipos de estudos utilizam a pesquisa bibliográfica para situar e contextualizar o que existe de pesquisas e produções na área de investigação. O objetivo é aproveitar a contribuição dos diversos autores sobre o tema da pesquisa.

Para o desenvolvimento do pensamento científico no mundo contemporâneo, o conceito de teoria tem adquirido importância essencial. Nenhum investigador busca às cegas nos laboratórios a verdade sobre algum problema. O pesquisador guia seu pensamento por determinadas formulações conceituais que integram as teorias, quando maneja os tubos de ensaio, procura obter conclusões no estudo da realidade social, etc.(TRIVIÑOS, 1987, p. 101)

Destarte, a pesquisa bibliográfica procura explicar um problema a partir de referências teóricas publicadas em documentos. Pode ser realizada de forma independente ou como parte da pesquisa descritiva, na busca de conhecer e analisar as contribuições culturais ou científicas do passado existentes sobre um determinado assunto, tema ou problema. (CERVO; BERVIAN, 2002)

“A vantagem principal da pesquisa bibliográfica reside no fato de permitir ao investigador a cobertura de uma gama de fenômenos muito mais ampla do que aquela que poderia pesquisar diretamente”. (GIL, 2002, p. 45).

Para responder ao problema da pesquisa, os principais autores consultados – com os quais dialogamos e cujas idéias confrontamos – foram Bakhtin (2003), Bazerman (2006), Travaglia (2007a,b,c), Fremantle (1963), Polhill (1999) e Trobish (2001).

No início, foi realizado um *levantamento bibliográfico*, a partir do qual selecionamos os principais textos, dentre eles livros, capítulos de livros e artigos. A partir daí, realizamos o fichamento dos textos selecionados para conhecer as teorias e decidir que elementos as mesmas seriam tomados como categoria e instrumento de análise. Independente do tipo de pesquisa e da metodologia empregada na investigação é necessário um embasamento teórico. Este é realizado a partir de um procedimento de leitura, análise e interpretação do material bibliográfico. Portanto, a leitura analítica desse material é imprescindível. (DALBERIO; DALBERIO, 2011, p. 54)

Neste trabalho, foi utilizada, também, a **Pesquisa documental**. Esta pesquisa também se vale de material escrito, como a pesquisa bibliográfica. As fontes de “primeira mão” são as que não receberam nenhum tratamento analítico. Nessa categoria, estão os arquivos conservados em órgãos públicos e instituições privadas, tais como associações científicas, igrejas, sindicatos, partidos políticos, etc. Incluem-se aqui inúmeros outros documentos como cartas pessoais, diários, fotografias, gravações, memorandos, regulamentos, ofícios, boletins, etc. (GIL, 2002).

As fontes em documentos considerados de “segunda mão” são os que de alguma forma já foram analisados, tais como: relatórios de pesquisa, relatórios de empresas, tabelas estatísticas, etc. (GIL, 2002).

Há de se considerar que os documentos constituem fonte rica e estável de dados. Tanto que, como os documentos subsistem ao longo do tempo, tornam-se a mais importante fonte de dados em qualquer pesquisa de natureza histórica. Além disso, o custo da pesquisa torna-se significativamente baixo, em relação a outras pesquisas.

Contudo, para garantir o rigor das análises, é preciso garantir a objetividade, bem como a representatividade e riqueza dos documentos analisados.

Dessa forma, na pesquisa documental analisam-se textos, atas de reuniões, livros antigos ou clássicos, mapas, desenhos, cartas, fotografias, etc. Na presente investigação foram analisados os textos do livro *Cartas de São Paulo*, da Bíblia Sagrada e textos de dez diferentes gêneros, por meio dos quais se estabelece comunicação entre o Papa e os demais membros da comunidade discursiva católica apostólica romana.

Portanto, nossa pesquisa é de natureza qualitativa, com uma base teórica construída por uma pesquisa bibliográfica, que serve de instrumental de análise do *corpus*, constituído de documentos levantados junto à comunidade discursiva católica apostólica romana - os gêneros, por meio dos quais se estabelece comunicação entre o Papa e os demais membros dessa comunidade e que constituem nosso objeto de estudo.

A pesquisa e seu método de condução foram guiados pelas seguintes **questões de pesquisa**:

- a) como se caracterizam as cartas de São Paulo e qual era a sua função na sociedade da época em que o apóstolo viveu;
- b) como são constituídos os gêneros utilizados atualmente na comunicação entre a Igreja Católica e seus fiéis;

- c) as suas configurações e funções sociocomunicativas sofreram influência das configurações e funções dos textos dos primeiros tempos da comunidade cristã, especificamente das Cartas de São Paulo?
- d) há gêneros utilizados pela atual comunidade discursiva cristã da Igreja Católica Apostólica Romana que se originaram desses primeiros textos configurados como cartas?

Nossa **hipótese** é que as cartas dos apóstolos, usadas como forma de comunicação entre as comunidades cristãs do primeiro século do Cristianismo, deram origem, de alguma forma, a vários gêneros contemporâneos da Comunidade Católica Apostólica Romana, particularmente na comunicação entre o centro da Igreja (o Papa e os que o cercam) e os ordinários de lugar e, por meio deles, os fiéis.

Para verificar a realidade ou não da hipótese trabalhamos com o **objetivo geral** de inventariar, analisar, descrever e caracterizar gêneros usados atualmente na comunicação entre os membros da direção da Igreja Católica Apostólica Romana e os fiéis dessa mesma Igreja e posteriormente verificar se os gêneros atuais por nós levantados tiveram origem nas cartas dos apóstolos (mais especificamente as Cartas de São Paulo) e com os seguintes **objetivos específicos**:

- a) Identificar a função das Cartas de São Paulo nas diversas comunidades e/ou junto aos indivíduos aos quais escreveu.
- b) Levantar as características do texto das Cartas de São Paulo, do ponto de vista: a) de seu conteúdo (temático); b) e de seu estilo da linguagem, procedendo a um levantamento dos recursos lexicais, fraseológicos e gramaticais da língua que foram empregados; e c) de sua construção composicional, para descrevê-las enquanto gênero.
- c) Levantar, caracterizar e descrever os principais gêneros usados atualmente na comunicação dentro da comunidade discursiva católica apostólica romana.
- d) Compará-los às cartas de São Paulo, identificando e descrevendo semelhanças e diferenças em suas configurações.
- e) Verificar se algum ou alguns gêneros da comunidade discursiva da Igreja Católica Apostólica Romana representam uma evolução das cartas dos apóstolos às comunidades da Igreja em seus primeiros tempos e, se possível, verificar como isto aconteceu.

De caráter descritivo e interpretativo, a pesquisa tem como *corpus* os textos que compõem o Livro “Cartas de São Paulo” da edição pastoral da Bíblia Católica Apostólica Romana, publicada pela Sociedade Bíblica Católica Internacional e *Paulus*, em 1991. Inicialmente, pensamos em tratar das cartas dos apóstolos dos primeiros tempos, como um todo, incluindo, no *corpus*, a carta de São Tiago, as duas cartas de São Pedro, as três cartas de São João e a carta de São Judas, mas resolvemos pelas cartas de São Paulo, por se tratar de um conjunto maior, a partir do qual seria possível levantar, de modo mais confiável, as regularidades, tendo em vista que São Paulo foi o apóstolo que mais escreveu cartas a muitas e diferentes comunidades da época.

Além disso, São Paulo é uma das figuras mais importantes da Igreja Católica Apostólica Romana, conforme as palavras do próprio Papa Bento XVI, em audiência proferida em Roma, no dia 26 de outubro de 2006,

Iniciamos hoje a aproximar as figuras de outras personagens importantes da Igreja primitiva. Também elas dedicaram a sua vida ao Senhor, ao Evangelho e à Igreja. Trata-se de homens, e também de mulheres que, como escreve Lucas no *Livro dos Actos*, "expuseram as suas vidas pelo nome de Nosso Senhor Jesus Cristo" (15, 26).

O primeiro deles, chamado pelo próprio Senhor, pelo Ressuscitado, para ser também ele um verdadeiro Apóstolo, é sem dúvida *Paulo de Tarso*. Ele brilha como estrela de primeira grandeza na história da Igreja, e não só da primitiva.

Também constituem o *corpus* os gêneros de texto usados atualmente na comunicação entre os membros da Igreja Católica Apostólica Romana e entre essa instituição e seus fiéis. Num primeiro momento, pensamos em incluir no *corpus*, os gêneros utilizados na comunicação entre os membros da comunidade discursiva católica como um todo, incluindo aqueles produzidos pela Santa Sé, pela Conferência Nacional dos Bispos do Brasil - CNBB, pelas dioceses e até mesmo por cada uma das igrejas particulares, ou seja, as paróquias.

Assim, procedemos ao levantamento desses gêneros. Procuramos pelo então Arcebispo da Diocese de Uberaba-MG, que solicitamente colocou a nossa disposição a sua secretária e o acervo particular de documentos. Entretanto, ao fazermos uma exploração inicial, levantamos inúmeros gêneros que circulam na comunidade discursiva católica apostólica romana, quais sejam, Decreto de Criação de Paróquia, Nomeação de Pároco, Certidão de Batismo, Certidão de Casamento; Notificação de Casamento; Pedido de

Batismo; Certidão de Crisma, Provisão de Ministro Extraordinário Da Sagrada Comunhão Eucarística, Provisão de Pároco, Provisão de Administrador Paroquial, Provisão de Capelão, Provisão de Reitor, Nomeação de Conselho Pastoral, Nomeação de Conselho Administrativo, Nomeação de diretor Espiritual de Movimentos Pastorais, Requerimento para Dispensa de Impedimento Matrimonial, Autorização, Ata de Litorato, Ata de Acolhitato, Ata de Diaconato, Ata de Presbiterial, Ata de Ordenação, Registro de Ordenação, Suspensão de Uso da Ordem, Comunicado do Arcebispo, Carta aos Presbíteros, Convocação para Reunião de Estudo, Convocação para Reunião do Clero, Requerimento de Beatificação, Requerimento de Canonização, Requerimento de Nulidade Matrimonial, Requerimento para Dispensa de Ordem, Requerimento para Dispensa de Disparidade de Culto, Termo de Contestação, Decreto de Aceitação de Processo, Decreto de constituição de Tribunal Colegial, Decreto de nomeação de Juiz Adjunto, Decreto de Nomeação de Juiz Auditor, Carta Rogatória, Depoimento, Carta Testemunhal, Sentença, Carta Decretal, Instrução Pastoral, Proclama de Casamento, Acordo, dentre outros, além daqueles produzidos pelo Papa ou em seu nome.

Também tivemos acesso a gêneros orais, por meio de suas respectivas transcrições, como Discurso, Homilia, *Ângelus* e Audiência. Nesse universo, encontramos tanto gêneros escritos como orais, como o Discurso, a Homilia, o *Ângelus* e a Audiência, que apresentam características das cartas de São Paulo.

No entanto, verificamos que o universo ainda continuava demasiado amplo, para um trabalho da natureza dessa pesquisa. A caracterização de todos esses gêneros constituiria um trabalho extremamente extenso, embora fosse interessante fazê-lo. Porém, diante do objetivo desta pesquisa, de verificar se há gêneros atuais da comunidade discursiva da Igreja Católica Apostólica Romana que têm suas origens nas cartas de São Paulo, decidimos que o nosso *corpus* seria constituído por textos produzidos pelo Papa, ou em seu nome, no Vaticano ou em outras localidades onde os papas costumam estar, com mais frequência, como Castel Gandolfo, cidade situada a cerca de 30 quilômetros da capital italiana e sede de residência de verão dos papas.

Essa decisão tem como justificativa o fato de que os apóstolos de um modo geral, mas especialmente Pedro e depois Paulo, que foram os mais importantes líderes de comunidades católicas, à época em que viveram, foram substituídos pela figura do papa, o líder mundial da Igreja Católica. Portanto, o Papa é o apóstolo do momento.

Fizemos também consultas a membros da comunidade, tais como o próprio Arcebispo, tendo em vista que, conforme afirma Swales (1990), os membros de uma comunidade discursiva têm certa *expertise* e, assim, acreditamos que eles pudessem também possuir alguma consciência sobre os gêneros, o que eles são, como se constituem e o que os distingue uns dos outros. Os outros membros da comunidade discursiva católica apostólica romana consultados foram o então arcebispo, Dom Aloísio Roque Oppermann, o atual arcebispo, Dom Paulo Mendes Peixoto e o Vigário Judicial do Tribunal Eclesiástico Interdiocesano de Uberaba, Dom Hugo da Silva Cavalcante, por indicação de Dom Paulo. De acordo com Dom Paulo, Dom Hugo faz traduções de documentos papais para o português, inclusive, com livros publicados, o que pudemos constatar depois, em nossas conversas. Dom Hugo forneceu-nos obras de referência que tratam da definição dos gêneros e alguns de seus livros com a tradução de alguns exemplares de diversos desses gêneros. Além dessas obras, obtivemos a maioria dos exemplares desses gêneros no *site* da Santa Sé (<http://www.vatican.va>), publicados *on line* pela Editora do Vaticano (*Libreria Editrice Vaticana*), e nos sites de Paróquias, Dioceses e outros com alguma relação com esses documentos (<http://www.basilicadocarmocampinas.org.br/historico.htm>; <http://www.pt.josemariaescriva.info/artigo/breve-apostolico-da-beatificacedilao>; <http://pastoralvocacionalcarmelitana>; <http://www.mcccatedralsantacruz.com>; <http://www.veritatis.com.br/doutrina/documentos-da-igreja>, dentre outros). Nos anexos, indicamos os endereços eletrônicos, tanto dos gêneros atuais analisados e constitutivos do corpus, como das Cartas de São Paulo, também disponíveis *on-line*. Consultamos também as coleções impressas dos documentos papais, às quais tivemos acesso pela gentileza de Dom Roque, que nos abriu as portas da residência episcopal e de sua biblioteca particular.

Nessa investigação, buscou-se, assim, caracterizar as “Cartas de São Paulo” da Bíblia Católica Apostólica Romana e verificar se esses textos interferiram na delimitação e configuração dos gêneros usados atualmente na comunicação entre o papa e os fiéis da Igreja Católica Apostólica Romana.

Para a realização dessa pesquisa, primeiramente, buscamos compreender a organização, concepções, crenças e hábitos da sociedade da época, com vistas a compreender como as Cartas de São Paulo circulavam e qual a sua função naquela sociedade. Depois, fizemos uma descrição da configuração das Cartas de São Paulo, considerando a sociedade da época e o *status* dos interlocutores, no caso, São Paulo e as diferentes comunidades às quais ele escreveu suas cartas.

Simultaneamente, realizamos o levantamento, junto à comunidade religiosa católica, dos gêneros de texto escritos pelo Papa ou em seu nome, dentre os quais selecionamos dez, conforme mencionado anteriormente.

Em seguida, procedemos à descrição e caracterização de todos esses textos, adotando a concepção bakhtiniana para o estudo de gênero e a proposta analítica de Travaglia (2007a) para a construção de uma teoria tipológica de textos, com base nos critérios que se agrupam em cinco parâmetros distintos - o conteúdo temático; a estrutura composicional; os objetivos e funções sociocomunicativas; as características da superfície linguística, geralmente em correlação com outros parâmetros; as condições de produção e o suporte típico em que um gênero costuma ou deve aparecer. Como já dissemos, de acordo com Travaglia (2007a), muitas vezes, a caracterização das categorias de texto é feita por uma conjugação de critérios que pode ocorrer de diferentes modos e, muitas vezes, a distinção depende de uma combinação diversa dos mesmos elementos e não da presença de elementos distintos. Segundo ele, nem sempre uma categoria se caracteriza por critérios e parâmetros de todos os cinco grupos, mas de apenas alguns deles. Por isso, estivemos atentos a isso.

Finalmente estabelecemos a relação entre os gêneros atuais e aqueles representados na pesquisa pelas cartas de São Paulo, com base em características gerais dos dois grupos de textos, mas também em informações históricas que pudemos levantar, com vistas a demonstrar que muitos gêneros textuais utilizados na comunidade discursiva católica apostólica romana têm as suas origens nas cartas de São Paulo.

É importante reafirmar que esta pesquisa não constitui um estudo histórico, evolutivo, mas um trabalho em que buscamos evidenciar que há gêneros nessa comunidade discursiva cujas origens encontram-se nas Cartas de São Paulo, com base na proposição teórica de que os gêneros evoluem, conforme apontam Bakhtin (2003) e Bazerman (2006).

Passemos, a seguir, para a análise do *corpus* e resultados.

4. A ANÁLISE DO *CORPUS* E RESULTADOS

4.1. Caracterização das Cartas de São Paulo

O conjunto das chamadas cartas paulinas constitui-se de quatorze textos, incluindo Hebreus, cuja autoria é questionada por alguns. Entretanto, como na edição da Bíblia que adotamos, a Carta aos Hebreus insere-se no capítulo das Cartas de São Paulo, decidimos incluí-la no conjunto. Dessas, dez são endereçadas a comunidades cristãs fundadas e/ou animadas por Paulo. As outras quatro são cartas pastorais, isto é, endereçadas a pastores que trabalharam junto com Paulo na sua evangelização.

A partir dos parâmetros e critérios propostos por Travaglia (2007a), já apresentados neste trabalho, passamos, então à caracterização dos textos produzidos por São Paulo. Os elementos característicos, apresentados na exemplificação, serão destacados em negrito.

Em relação à **estrutura composicional**, observamos que os textos têm uma superestrutura padrão: identificação do remetente; do destinatário, saudação, corpo da carta, saudação e bênção final (despedida). Entretanto, não há indicações do local e data em que os textos tenham sido produzidos. Vejamos os exemplos (01) e (02), nos quais figuram a identificação do remetente, do destinatário e a saudação.

(01) **Paulo**, Apóstolo de Jesus Cristo pela vontade de Deus, juntamente com o irmão Timóteo, **aos cristãos de Colossos**, fiéis irmãos em Cristo. **Que a graça e a paz de Deus, nosso Pai, estejam convosco.** (Carta aos Colossenses, 1-2)

(02) **Paulo**, servo do Cristo Jesus, chamado para ser apóstolo, separado para o evangelho de Deus – evangelho que Deus prometeu por meio de seus profetas, nas Sagradas Escrituras, respeito de seu Filho. Este, segundo a carne, era descendente de Davi, mas, segundo o Espírito de santidade foi declarado Filho de Deus com poder, desde a ressurreição dos mortos: Jesus Cristo, nosso Senhor. Por ele recebemos a graça da vocação para o apostolado, a fim de trazermos à obediência da fé, para a glória de seu nome, todas as nações; entre as quais também vós, chamados a pertencer a Jesus Cristo. – **A vós todos que estais em Roma, amados**

de Deus e santos por vocação: graça e paz da parte de Deus, nosso Pai, e de nosso Senhor, Jesus Cristo. (Carta aos Romanos, 1-7)

Nos exemplos (03) e (04), podemos identificar a despedida.

- (03) Irmãos, que **a graça de nosso Senhor Jesus Cristo esteja com o vosso espírito.** Amem. (Carta aos Gálatas, 18)
- (04) Saudai a todos os que vos guiam e a todos os santos. Os irmãos da Itália vos saúdam. **A graça esteja com todos vós.** Amém. (Carta aos Hebreus, 24-25)

Quanto ao vocativo, embora o termo não figure, no início, em nenhum dos textos, ele aparece diversas vezes no corpo, conforme podemos observar em (05) e (06).

- (05) Graças sejam dadas a Deus, que nos dá a vitória por meio de nosso Senhor Jesus Cristo. Assim, **queridos irmãos**, sede firmes, inabaláveis, fazei continuamente progressos na obra do Senhor, sabendo que a vossa fadiga não é inútil no Senhor. (Primeira Carta aos Coríntios, 57-58)
- (06) Aliás, **irmãos**, deveis saber que, muitas vezes, me propus ir até vós, mas até agora fui impedido de realizar este propósito. (Carta aos Romanos, 13)

Além desses, há outro elemento que figura na superestrutura dos textos produzidos por São Paulo: um agradecimento a Deus pelos destinatários, o qual aparece geralmente, em seguida à saudação. Os exemplos (07) e (08) ilustram esse elemento.

- (07) Tenho ouvido falar da fé que tendes no Senhor Jesus e do vosso amor para com todos os cristãos. Por isso, **não cesso de dar graças a vosso respeito**, quando vos menciono nas minhas orações. Que o Deus de nosso Senhor Jesus Cristo, o Pai a quem pertence a glória, vos dê um espírito de sabedoria que vos revele Deus e faça que O conheçais profundamente. Que vos ilumine os olhos da mente, para que compreendais a esperança para a qual Ele vos chamou; para que entendais como é rica e gloriosa a herança destinada ao seu povo; e compreendais o grandioso poder com que Ele age em favor de nós que acreditamos, conforme a sua força poderosa e eficaz. (Carta aos Efésios, 15-19)
- (08) **Agradeço ao meu Deus todas as vezes que me lembro de vós.** E sempre, nas minhas orações, rezo por todos com alegria, porque cooperastes no anúncio do Evangelho, desde o primeiro dia até agora. Tenho a certeza de que Deus, que em vós começou esse bom trabalho, vai continuá-lo até que seja concluído no dia de Jesus Cristo. É justo que eu pense assim de todos vós, porque estais no meu

coração. De fato participais comigo da graça que recebi, seja nas prisões, seja na defesa e confirmação do Evangelho. (Carta aos Filipenses, 3-7)

Ainda em relação à estrutura composicional, verificamos que, nos textos produzidos por São Paulo, há uma conjugação dos tipos descritivo, narrativo e argumentativo "stricto sensu", na forma proposta por Travaglia (2007a), com predomínio do tipo injuntivo, em que se objetiva dizer o quê e como fazer, incitando o interlocutor à realização de uma ação requerida. Apesar de não termos identificado, em nenhum dos textos o elenco ou descrição, pudemos observar a presença da determinação ou incitação - a injunção propriamente dita - que aparece, na maioria das vezes, ao final, além da justificativa - em que se apresentam razões para a realização da ação requerida - que pode figurar ao longo do corpo dos textos. Na Carta aos Filipenses, podemos verificar que a justificativa - exemplo (10) - figura depois da determinação - exemplo (09) -, enquanto que, na Primeira Carta aos Coríntios, a justificativa - em (11) - situa-se antes da determinação - em (12).

- (09) Quanto ao resto, meus irmãos, **alegrai-vos no Senhor**. Escrever-vos sempre as mesmas coisas não é penoso para mim, e é útil para vós. **Cuidado com os cães, cuidado com os maus operários, cuidado com os falsos circuncidados**. (Recomendações) (Filipenses – 3, 1-2)
- (10) **Os verdadeiros circuncidados somos nós, que prestamos culto, movidos pelo Espírito de Deus. Nós colocamos a nossa glória em Jesus Cristo e não confiamos na carne. Eu, aliás, até poderia confiar na carne. Se alguém acha que pode confiar na carne, eu mais ainda: fui circuncidado ao oitavo dia, sou israelita de nascimento, da tribo de Benjamim, hebreu filho de hebreus. Quanto à Lei judaica, fariseu; quanto ao zelo, perseguidor da Igreja; quanto à justiça que se alcança pela observância da Lei, sem reprovação. Por causa de Cristo, porém, tudo o que eu considerava como lucro, agora considero-o como perda. E mais ainda: considero tudo uma perda, diante do bem superior que é o conhecimento do meu Senhor Jesus Cristo. Por causa d'Ele perdi tudo, e considero tudo como lixo, a fim de ganhar Cristo, e estar com Ele.** (Justificativa) (Filipenses – 3, 6-9)
- (11) Portanto, quando este ser corruptível for revestido de incorruptibilidade e este ser mortal for revestido de imortalidade, então se cumprirá a palavra da Escritura: “A morte foi engolida pela vitória. Morte, onde está a tua vitória? Morte, onde está o teu aguilhão?” O aguilhão da morte é o pecado, e a força do pecado é a lei. Graças sejam dadas a Deus, que nos dá a vitória por meio de nosso Senhor Jesus Cristo. Assim, queridos irmãos, **sede firmes, inabaláveis, fazei continuamente progressos na obra do Senhor, sabendo que a vossa fadiga não é inútil no Senhor.** (Recomendações) (Coríntios – 15, 54-58)

- (12) **O mesmo acontece com a ressurreição dos mortos: o corpo é semeado corruptível, mas ressuscita incorruptível; é semeado desprezível, mas ressuscita glorioso; é semeado na fraqueza, mas ressuscita cheio de força; é semeado corpo animal, mas ressuscita corpo espiritual. Se existe um corpo animal, também existe um corpo espiritual, pois a Escritura diz que Adão, o primeiro homem, tornou-se um ser vivo, mas o último Adão tornou-se espírito que dá a vida. O primeiro a ser feito não foi o corpo espiritual, mas o animal, e depois o espiritual. O primeiro homem foi tirado da terra e é terrestre; o segundo homem vem do Céu. O homem feito da terra foi o modelo dos homens terrestres; o homem do Céu é o modelo dos homens celestes. E assim como trouxemos a imagem do homem terrestre, assim também traremos a imagem do homem celeste.** (Justificativa) (Coríntios– 15, 42-49)

Nas suas cartas, São Paulo apresenta o(s) tema(s) dos documentos, seguido de uma lista de motivos que justificam o seu desejo, construindo também uma argumentação. No exemplo (13), da Carta de São Paulo aos Coríntios, 15, 1-19, em que o desejo de São Paulo está implícito - acreditem que há ressurreição dos mortos e que, assim, Cristo de fato ressuscitou - podem-se observar esses recursos. Em negrito, o tema do documento; em seguida, a argumentação.

- (13) **Irmãos, lembro-vos o Evangelho que vos anunciei, que recebestes e no qual permanecéis firmes. É pelo Evangelho que sereis salvos, contanto que o guardéis do modo como eu vo-lo anunciei; de contrário, tereis acreditado em vão. Transmíti-vos, em primeiro lugar, aquilo que eu mesmo recebi, isto é: Cristo morreu pelos nossos pecados, conforme as Escrituras; foi sepultado, ressuscitou ao terceiro dia, conforme as Escrituras; apareceu a Pedro e depois aos Doze. Em seguida, apareceu a mais de quinhentos irmãos de uma só vez; a maioria deles ainda vive e alguns já morreram. Depois apareceu a Tiago e, a seguir, a todos os Apóstolos. Em último lugar apareceu-me também a mim, que sou um aborto. De facto eu sou o menor dos Apóstolos e não mereço ser chamado Apóstolo, pois persegui a Igreja de Deus.** Mas aquilo que sou devo-o à graça de Deus; e a graça que Ele me deu não foi estéril. Pelo contrário: trabalhei mais do que todos eles; não eu, mas a graça de Deus que está comigo. Portanto, aqui está o que nós pregamos, tanto eu como eles; aqui está aquilo em que vós acreditastes. Se os mortos não ressuscitam... — Ora, se nós pregamos que Cristo ressuscitou dos mortos, como é que alguns de vós dizem que não há ressurreição dos mortos? Se não há ressurreição dos mortos, então Cristo também não ressuscitou; e, se Cristo não ressuscitou, a nossa pregação é vazia e também é vazia a fé que tendes. Se os mortos não ressuscitam, então somos testemunhas falsas de Deus, pois testemunhamos contra Deus, quando dizemos que Deus ressuscitou a Cristo. Pois, se os mortos não ressuscitam, Cristo também não ressuscitou. E, se Cristo não ressuscitou, a fé que tendes é ilusória e ainda permanecéis nos vossos pecados. E, desse modo, aqueles que morreram em Cristo

estão perdidos. Se a nossa esperança em Cristo é somente para esta vida, nós somos os mais infelizes de todos os homens. (Carta de São Paulo aos Coríntios, 15 1,19)

Nesses argumentos, podemos observar que, em suas cartas, São Paulo também os constrói, a partir de afirmações de aspectos constitutivos da fé católica, segundo nos mostram os trechos em destaque, em (14) e (15).

(14) Portanto, quanto ao consumo de carnes imoladas a ídolos, «sabemos que um ídolo não é nada no mundo, e não existe outro deus a não ser o Deus único». É verdade que existem aqueles que são chamados deuses, tanto no Céu como na Terra, e neste sentido há muitos deuses e muitos senhores. **Contudo para nós existe um só Deus: o Pai. D'Ele tudo procede, e é para Ele que existimos. E há um só Senhor, Jesus Cristo, por quem tudo existe e por meio do qual também nós existimos.** Mas nem todos têm esse conhecimento. (Carta de São Paulo aos Coríntios 8,4-7)

(15) A vontade de Deus é que vivais consagrados a Ele, que vos afasteis da libertinagem, que cada um saiba usar o próprio corpo na santidade e no respeito, sem se deixar arrastar por paixões libidinosas, como os pagãos que não conhecem a Deus. Quanto a isto, que ninguém ofenda ou prejudique o irmão, porque o Senhor vingará-Se de todas estas coisas, como já dissemos e demos provas. **Deus não nos chamou para a imoralidade, mas para a santidade. Portanto, quem despreza estas normas não despreza um homem, mas o próprio Deus, que vos dá o Espírito Santo.** (Carta de São Paulo aos Tessalonicenses 4, 3-8)

Com exceção de Gálatas, Hebreus e Timóteo, uma bênção de graças termina as cartas, o que pode ser observado em (16), que encerra as cartas aos Tessalonicenses, e 1 Coríntios e em (17) que encerra a carta aos Gálatas e Efésios.

(16) **A graça esteja com todos aqueles que amam nosso Senhor Jesus Cristo com amor perene.** (Primeira Carta aos Tessalonicenses 5, 28; Segunda Carta aos Tessalonicenses, 3: 18; Primeira Carta aos Coríntios, 16:23)

(17) **Irmãos, que a graça de nosso Senhor Jesus Cristo esteja com o vosso espírito.** (Carta aos Gálatas 6,18; Carta aos Efésios 6,24)

Três de suas cartas possuem uma doxologia adicional na conclusão, as quais são doxologias formais a Deus e terminam com um “amém” final, como podemos ver nos exemplos (18), (19) e (20).

- (18) **Ao nosso Deus e Pai seja dada a glória para sempre. Amém.** (Carta aos Filipenses 4,20)
- (19) **Ao Senhor, glória para sempre. Amém!** (Primeira Carta a Timóteo 4,18)
- (20) **Glória seja dada àquele que tem o poder de vos confirmar na fidelidade ao meu evangelho e à pregação de Jesus Cristo, de acordo com a revelação do mistério mantido em sigilo desde sempre.** Agora este mistério foi manifestado e, mediante as Escrituras proféticas, conforme determinação do Deus eterno, foi levado ao conhecimento de todas as nações, para trazê-las à obediência da fé. A Deus, o único sábio, por meio de Jesus Cristo, a glória, pelos séculos dos séculos. Amém! (Carta aos Romanos 16, 25-27)

Ao final de algumas de suas cartas, Paulo escreve algumas passagens de próprio punho, as subscrições autográficas, o que revela que ele não escrevia as cartas de próprio punho. Essas subscrições têm três funções básicas, quais sejam: a) constituir uma nota bastante confidencial; b) possibilitar o acréscimo de dados que ele não ditou a seus escribas por um motivo qualquer e, c) a mais importante, de conferir autenticidade a documentos. Isso ocorre, por exemplo, em Colossenses, Gálatas, Tessalonicenses e Filemon. O que ilustram os exemplos (21), (22), (23) e (24) a seguir.

- (21) **Saudai os irmãos de Laodiceia, como também Ninfas e a Igreja que se reúne em sua casa. Depois de lerdes esta carta, fazei que seja lida também na igreja de Laodiceia. E vós, lede a de Laodiceia. Por fim, dizei a Arquipo: «Procura realizar bem o ministério que recebeste do Senhor». A saudação é de minha própria mão: Paulo.** Lembrai-vos de que estou preso! (Carta aos Colossenses 4,15-18)
- (22) **Vede com que letras grandes vos escrevo de meu próprio punho.** Os que querem impor-vos a circuncisão, são aqueles que estão preocupados em fazer boa figura. Fazem isso para não serem perseguidos por causa da cruz de Cristo. (Carta aos Gálatas 6, 11-12)
- (23) **A saudação é de meu próprio punho: Paulo.** Este é o sinal que distingue as minhas cartas. É a minha letra. (Segunda Carta aos Tessalonicenses 3, 17)
- (24) **Eu, Paulo, escrevo com a minha própria mão:** eu pagarei... É claro que não preciso de te lembrar que também me deves a tua própria vida. (Carta a Filemon 19)

Quanto ao conteúdo temático, depende da ocasião específica em que São Paulo escreveu e, assim, varia muito de carta para carta. Mas, em seus textos, o que importa

como informação é o que ele deseja que seja feito e como ele recomenda que seja feito. Nesse sentido, figuram como conteúdo, nos textos produzidos por São Paulo, instruções aos líderes das igrejas primitivas, como podemos verificar em (25) e (26).

(25) Eu te deixei em Creta para organizares o que ainda falta e constituíres presbíteros em cada cidade, conforme as instruções que te dei, a saber: o candidato seja isento de acusação, casado uma só vez, tenha filhos crentes que não se possa acusar de devassidão, nem sejam rebeldes. Pois é preciso que o bispo, como administrador de Deus, seja isento de acusação, não seja arrogante, nem colérico, nem dado ao vinho, nem violento, nem avarento; seja, pelo contrário, hospitaleiro, amigo do bem, prudente, justo, piedoso, disciplinado, apegado à palavra digna de fé segundo o ensinamento, a fim de ser capaz, tanto de exortar na sã doutrina, como de refutar os que a contradizem. (Carta a Tito, 5-9)

(26) Ao partir para a Macedônia, recomendei que ficasses em Éfeso, a fim de impedir que alguns continuassem a ensinar doutrinas diferentes, e para que não se ocupassem com fábulas e genealogias sem fim; estas favorecem mais as discussões do que o projeto de Deus, que se realiza na fé. A finalidade desta ordem é o amor que procede de um coração puro, de uma boa consciência e de uma fé sem hipocrisia. Alguns desviaram-se desta linha e perderam-se num palavreado inútil; pretendem passar por doutores da Lei, mas não sabem nem o que dizem nem o que afirmam. (Primeira Carta a Timóteo 1, 3-7)

São Paulo envia também normas e instruções de comportamento, sobre como os membros da comunidade deveriam agir, em relação aos falsos mestres e falsos ensinamentos, como nos exemplos (27) e (28); instruções de comportamento/conduita dos fiéis para serem bons cristãos, o que ilustram os exemplos (29) e (30); fornecia uma espécie de código doméstico, com recomendações de conduta dirigidas a maridos/esposas, filhos/pais, senhores/escravos, conforme se pode constatar em (31) e (32); apresentava normas para que houvesse ordem e autêntico culto cristão nas assembléias litúrgicas, o que podemos verificar em (33).

(27) De fato, existem muitos rebeldes, faladores fúteis e impostores, principalmente entre os circuncisos. É preciso fechar-lhes a boca. Movidos por vil interesse, transtornam famílias inteiras, ensinando o que não convém. Um deles, seu próprio profeta, disse: “Os cretenses são sempre mentirosos, animais ferozes, ventres preguiçosos”. Este testemunho é verdadeiro. Então, repreende-os severamente, para que sejam sãos na fé e não dêem ouvidos às fábulas judaicas, nem a preceitos de pessoas que voltam as costas à verdade. Para os puros tudo é puro, mas para os impuros e incrédulos nada é puro; até o seu pensamento e sua consciência estão manchados. Confessam que

conhecem a Deus, mas o negam com seus atos. São pessoas abomináveis, rebeldes e incapazes de qualquer obra boa. (Carta a Tito 1, 10-15)

- (28) **Ninguém, pois, vos julgue pelo que comeis ou bebeis, ou por causa de festas anuais, mensais ou de sábados. Tudo isso é apenas sombra daquilo que devia vir. A realidade é Cristo. Que ninguém, com humildade afetada ou culto aos anjos, vos impeça de conseguir a vitória; essas pessoas fecham-se nas suas visões e incham-se de orgulho com o seu modo de pensar. Eles não estão unidos à Cabeça, a qual, através de juntas e articulações, dá alimento e coesão ao corpo inteiro, fazendo-o crescer como Deus quer. (Carta aos Colossenses 2, 16-19)**
- (29) **Portanto, meus amados, obedecendo como sempre, não só como no tempo em que eu estava aí presente, mas muito mais agora que estou longe, continuai a trabalhar com temor e tremor, para a vossa salvação. De fato, é Deus que desperta em vós a vontade e a ação, conforme a sua benevolência. Fazei tudo sem murmurações e sem críticas, para serdes inocentes e íntegros, como perfeitos filhos de Deus que vivem no meio de gente pecadora e corrompida, onde brilhais como astros no mundo, apegando-vos firmemente à Palavra da vida. (Carta aos Filipenses 2, 12-16)**
- (30) **Fazei morrer aquilo que em vós pertence à terra: fornicação, impureza, paixão, desejos maus e a cobiça de possuir, que é uma idolatria. Isso é o que atrai a ira de Deus sobre os rebeldes. Outrora, também vós éreis assim, quando vivíeis entre eles. Agora, porém, abandonai tudo isso: ira, raiva, maldade, maledicência e palavras obscenas que saem da vossa boca. Não mintais uns aos outros. De fato, fostes despojados do homem velho e das suas ações, e revestistes-vos do homem novo que, através do conhecimento, se vai renovando à imagem do seu Criador. E aí já não há grego nem judeu, circunciso ou incircunciso, estrangeiro ou bárbaro, escravo ou livre, mas apenas Cristo, que é tudo em todos. (Carta aos Colossenses 3, 5-11)**
- (31) **Portanto, os maridos devem amar as suas mulheres como aos seus próprios corpos. Quem ama a sua mulher, está amando a si mesmo. Ninguém odeia a sua própria carne; pelo contrário, nutre-a e cuida dela, como Cristo faz com a Igreja, porque somos membros do seu corpo. Por isso o homem deixará seu pai e sua mãe e unirá-se à sua mulher, e os dois serão uma só carne. Este mistério é grande: eu refiro-me a Cristo e à Igreja. Portanto, cada um de vós ame a sua mulher como a si mesmo, e a mulher respeite o seu marido. (Carta aos Efésios 5, 28-33)**
- (32) **Aqueles que se encontram sob o jugo da escravidão devem tratar os seus patrões com todo o respeito, para que o Nome de Deus e o ensinamento não sejam blasfemados. Os que têm patrões que acreditam, não os desrespeitem, porque são irmãos. Pelo contrário: sirvam-nos melhor ainda, pois aqueles que beneficiam dos seus trabalhos, são fiéis e irmãos amados. (Primeira Carta a Timóteo 6, 1-2)**

(33) Que fazer então, irmãos? Quando estais reunidos, cada um pode entoar um cântico, dar um ensinamento ou revelação, falar em línguas ou interpretá-las. Mas **que tudo seja para edificação! Se existe alguém que fale em línguas, falem dois ou no máximo três, um após o outro. E que alguém as interprete. Se não há intérprete, que o irmão se cale na assembléia; fale a si mesmo e a Deus. Quanto aos profetas, que dois ou três falem, e os outros profetas dêem o seu parecer. Se alguém que está sentado recebe uma revelação, cale-se aquele que está a falar. Todos vós podeis profetizar, mas um após outro, para que todos sejam instruídos e encorajados. Os espíritos dos profetas estão submissos aos profetas. Pois Deus não é um Deus de desordem, mas de paz. Que as mulheres fiquem caladas nas assembléias, como se faz em todas as Igrejas dos cristãos, pois não lhes é permitido tomar a palavra. Devem ficar submissas, como diz também a Lei. Se desejam instruir-se sobre algum ponto, perguntem aos maridos em casa; não é conveniente que a mulher fale nas assembléias.** (Primeira Carta aos Coríntios 14, 26-35)

O apóstolo dos gentios manifestava sempre uma preocupação apostólica e missionária, indicando o que e como fazer para resolver os problemas enfrentados pelas comunidades, sempre a partir de seus princípios, convicções e fé em Deus. Nesse sentido, São Paulo mantinha clareza de suas convicções teológicas, mas as aplicava às situações reais de adversidade, buscando o olhar de Deus sobre a realidade concreta, o que mostram os exemplos (34), em que São Paulo insiste em limpar a comunidade da imoralidade, e (35), em que ele adverte os hebreus do perigo da observância de outras doutrinas.

(34) **Todos dizem que entre vós existe imoralidade, e tal imoralidade que não se encontra nem mesmo entre os pagãos, a ponto de uma pessoa conviver com a mulher do seu pai. E vós enchei-vos de orgulho em vez de ficardes tristes, para que o autor desse mal seja eliminado do meio de vós. Pois bem! Ausente de corpo, mas presente em espírito, como se estivesse presente, eu já fiz o julgamento daquele que fez isso. Em nome de nosso Senhor Jesus, vós e o meu espírito, reunidos em assembléia, com o poder de nosso Senhor Jesus, vamos entregar esse homem a Satanás; humanamente ele ficará arrasado, mas o seu espírito será salvo no dia do Senhor. O motivo do orgulho que tendes não é coisa digna! Não sabeis que um pouco de fermento leveda a massa toda? Purificai-vos do velho fermento, para serdes massa nova, já que sois sem fermento. De fato, Cristo, nossa páscoa, foi imolado. Portanto, celebremos a festa, não com o velho fermento, nem com fermento de malícia e perversidade, mas com pães sem fermento, isto é, na sinceridade e na verdade. Na minha carta, escrevi-vos para não vos relacionardes com gente imoral. Não quis dizer que devíeis separar-vos dos imorais deste mundo, ou dos aventos, ladrões e idólatras; se assim fosse teríeis que sair deste mundo! Não! Escrevi que não deveis associar-vos com alguém que traz o nome de irmão e, no entanto, é imoral, avaro, idólatra, caluniador, bebedor ou ladrão. Com pessoas assim, não deveis nem sequer sentar-vos à**

mesa. Porventura, compete a mim julgar aqueles que estão fora? Não são os de dentro que deveis julgar? Deus é quem vai julgar os que estão fora. Afastai do meio de vós o homem mau. (Primeira Carta aos Coríntios 5, 1-13)

- (35) **Não se deixem levar por nenhum tipo de doutrinas estranhas. O bom mesmo é fortalecer o coração pela graça e não com regras alimentares, que de nada serviam para quem as observava.** (Carta aos Hebreus 13, 9)

Muitas de suas cartas tratavam de seus planos de viagem, expressando o desejo de visitar determinada comunidade, as razões que atrasavam a sua ida, dentre outros motivos, o que se pode observar em (36) e (37).

- (36) **Irmãos, já há algum tempo que estamos separados de vós, longe dos olhos, mas não do coração, e por isso temos o mais vivo e ardente desejo de vos tornar a ver. Quisemos visitar-vos.** Eu mesmo, Paulo, por mais de uma vez quis fazê-lo. **Satanás, porém, impediu-nos.** De fato, quem, senão vós, será a nossa esperança, a nossa alegria e a nossa coroa diante de nosso Senhor Jesus, no dia da sua vinda? Sim, a nossa glória e alegria sois vós! (Tessalonicenses, 17-19)

- (37) **É isso que, o mais das vezes, me impedia de ir até vós. Mas agora que não tenho mais campo para o meu trabalho naquelas regiões** e como, há tantos anos, **desejo vivamente visitar-vos, espero ver-vos, de passagem, quando viajar à Espanha.** (Carta aos Hebreus 15, 22-24)

Também há em suas cartas a referência às relações que mantinha com as comunidades, como em Gálatas e Tessalonicenses. Essas referências às suas relações com os fiéis eram um meio de manter a sua presença pessoal em suas congregações, por meio de suas comunicações escritas e de representações como Timóteo, quem levava as cartas, conforme os exemplos (38) e (39) demonstram.

- (38) **Assim, não podendo esperar mais, resolvemos ficar sozinhos em Atenas, e enviar-vos Timóteo, nosso irmão e colaborador na pregação do Evangelho de Cristo. Nós o enviamos para vos fortalecer e encorajar na fé, para que ninguém fique abalado com as presentes tribulações.** (Tessalonicenses, 3, 1-3)

- (39) **Irmãos, peço-vos que sejais como eu, porque eu também me tornei como vós. Não me ofendestes em nada. E sabeis que foi por causa de uma doença física que eu vos evangelizei na primeira vez. E vós não me desprezastes nem me rejeitastes, apesar do meu físico ser para vós uma provação. Pelo contrário, acolhestes-me como a um anjo de Deus ou até como a Jesus Cristo. Onde está**

a alegria que experimentastes então? Pois eu dou testemunho de que, se fosse possível, teríeis arrancado os próprios olhos para mos dar. E agora, será que me tornei inimigo, só porque vos disse a verdade? Esses homens mostram grande interesse por vós, mas a intenção deles não é boa; o que eles querem é separar-vos de mim, para que vos interesséis por eles. Seria bom que vos interessásseis sempre pelo bem, e não só quando estou presente entre vós. (Carta aos Gálatas 4, 12-18)

Além disso, São Paulo aborda também temas relacionados com a doutrina da igreja cristã. A teologia cristã é abordada nas cartas a Tito, aos Colossenses, aos Gálatas, aos Efésios, aos Hebreus e, principalmente, na Carta aos Romanos, quase ela toda dedicada a dar uma resposta completa, lógica e reveladora para a pergunta que a humanidade se faz em todos os tempos: como pode o homem ser justo para com Deus? A Carta aos Romanos constitui um verdadeiro tratado teológico sobre a doutrina cristã, como se pode observar num trecho, no exemplo (40), extraído do capítulo 1, versículos 16 e 17. Também o exemplo (41), retirado do capítulo 1, versículos 13 a 20, mostra um trecho da Carta aos Colossenses, na qual São Paulo explica o Mistério da Igreja: Cristo é a cabeça e a Igreja, seu corpo, Cristo é a possibilidade de tudo.

(40) Eu não me envergonho do evangelho, pois ele é a força salvadora de Deus para com todo aquele que crê, primeiro para o judeu, mas também para o grego. Nele se revela a justiça de Deus, que vem pela fé e conduz à fé, como está escrito: “O justo viverá pela fé”. (Romanos 1, 16-17)

(41) Deus Pai arrancou-nos do poder das trevas e transferiu-nos para o Reino do seu Filho amado, no qual temos a redenção, a remissão dos pecados. Ele é a imagem do Deus invisível, o Primogênito, anterior a qualquer criatura; porque n’Ele foram criadas todas as coisas, tanto as celestes como as terrestres, tanto as visíveis como as invisíveis: tronos, soberanias, principados e autoridades. Tudo foi criado por meio d’Ele e para Ele. Ele existe antes de todas as coisas, e tudo n’Ele subsiste. Ele é também a Cabeça do corpo, que é a Igreja. Ele é o Princípio, o primeiro daqueles que ressuscitam dos mortos, para em tudo ter a primazia. Porque Deus, a Plenitude total, quis n’Ele habitar, para, por meio d’Ele, reconciliar consigo todas as coisas, tanto as terrestres como as celestes, estabelecendo a paz pelo seu sangue derramado na cruz. (Colossenses 1, 13-20)

São Paulo também tratava de temas sociais, como as relações de trabalho e de solidariedade com os mais necessitados, o que podemos observar em (42) e (43), respectivamente.

- (42) **Irmãos, em nome de nosso Senhor Jesus Cristo, ordenamos: afastai-vos de todo o irmão que vive sem fazer nada e não segue a tradição que recebeu de nós. Vós sabeis como deveis imitar-nos: nós não ficamos sem fazer nada quando estivemos entre vós, nem pedimos a ninguém o pão que comemos; pelo contrário, trabalhamos com fadiga e esforço, noite e dia, para não sermos de peso para nenhum de vós. Não porque não tivéssemos direito a isso, mas porque nós quisemos ser um exemplo a imitar. De fato, quando estávamos entre vós, demos esta norma: quem não quer trabalhar, também não coma. Ouvimos dizer que há entre vós pessoas que vivem à toa, sem fazer nada e em contínua agitação. A essas pessoas mandamos e pedimos, no Senhor Jesus Cristo, que comam o próprio pão, trabalhando em paz. (Segunda Carta aos Tessalonicenses 3, 6-12)**
- (43) **Deus que dá semente ao semeador, também dará o pão em alimento; multiplicar-vos-á a semente, e ainda fará crescer o fruto da vossa justiça. E sereis enriquecidos de todos os modos para praticardes toda a espécie de generosidade, que provocará a ação de graças a Deus por meio de nós. De fato, o serviço desta coleta não deve apenas remediar as necessidades dos cristãos, mas há de ser ocasião de dar efusivas ações de graças a Deus. Tal serviço será para eles uma prova; e eles agradecerão a Deus pela obediência que professais ao Evangelho de Cristo e pela generosidade com que repartis os bens com eles e com todos. Manifestarão a sua ternura, rezando por vós por causa da graça extraordinária que Deus vos concedeu. Graças sejam dadas a Deus pelo seu dom extraordinário. (Segunda Carta aos Coríntios 9, 10-15)**

No que se refere à função sociocomunicativa, os textos de São Paulo, como textos predominantemente injuntivos que são, pretendem dizer a ação requerida/desejada; dizer o que e o como fazer, incitando o interlocutor à realização da situação, conforme proposto por Travaglia (2007a). Nesse sentido, os documentos escritos por São Paulo têm funções diversas, mas sempre de caráter evangelizador e pastoral. São Paulo explica a doutrina cristã, dá orientações diversas a seus interlocutores, faz recomendações de pessoas que prestam serviços à ação evangelizadora, tendo sempre em vista o seu papel de líder das igrejas dos primeiros tempos.

As cartas dirigidas a Timóteo, Tito e Filemon são cartas cuja principal função é apresentar diretrizes para os pastores, as pessoas que eram responsáveis pelo governo, ensino e comportamento das comunidades cristãs fundadas ou animadas por São Paulo. Nelas, o apóstolo afirma que o conteúdo da lei moral natural presente na Lei de Moisés não expirou; explica que a Igreja tem uma ordem e uma disciplina, embora a hierarquia eclesiástica estivesse em construção e o ofício dos bispos, presbíteros e diáconos ainda não

estivesse bem delimitado, delimita perfis para os dirigentes das igrejas e encoraja seus discípulos a enfrentarem as dificuldades e perseverarem na fé. Essas diretrizes podem ser observadas em (44) e (45).

(44) Eu te deixei em Creta para organizares o que ainda falta e constituíres presbíteros em cada cidade, conforme as instruções que te dei, a saber: o candidato seja isento de acusação, casado uma só vez, tenha filhos crentes que não se possa acusar de devassidão, nem sejam rebeldes. Pois é preciso que o bispo, como administrador de Deus, seja isento de acusação, não seja arrogante, nem colérico, nem dado ao vinho, nem violento, nem avarento; seja, pelo contrário, hospitaleiro, amigo do bem, prudente, justo, piedoso, disciplinado, apegado à palavra digna de fé segundo o ensinamento, a fim de ser capaz, tanto de exortar na sã doutrina, como de refutar os que a contradizem. (Carta a Tito 1, 5-9)

(45) Ao partir para a Macedônia, recomendei que ficasses em Éfeso, a fim de impedir que alguns continuassem a ensinar doutrinas diferentes, e para que não se ocupassem com fábulas e genealogias sem fim; estas favorecem mais as discussões do que o projeto de Deus, que se realiza na fé. A finalidade desta ordem é o amor que procede de um coração puro, de uma boa consciência e de uma fé sem hipocrisia. Alguns desviaram-se desta linha e perderam-se num palavreado inútil; pretendem passar por doutores da Lei, mas não sabem nem o que dizem nem o que afirmam. (Primeira Carta a Timóteo 1,3-7)

As cartas dos filósofos gregos – *protreptic letters*, cuja função é exortar seus leitores a se converter à sua filosofia e *paraenetic letters*, as quais apresentam ensinamentos morais nas formas tradicionais, refletem-se em várias passagens da Carta aos Romanos e nas demais cartas, respectivamente, de acordo com (46) e (47).

(46) Sede também meus imitadores, irmãos, e tendes cuidado, segundo o exemplo que tendes em nós, pelos que assim andam. (Carta aos Filipenses, 3,17)

(47) Elogio-vos, porque em todas as ocasiões vos lembrais de mim, e porque conservais as tradições conforme eu vo-las transmiti. Todavia, quero que saibais que a cabeça de todo o homem é Cristo, que a cabeça da mulher é o homem, e a cabeça de Cristo é Deus. Todo o homem que reza ou profetiza de cabeça coberta, desonra a sua cabeça. Mas, toda a mulher que reza ou profetiza de cabeça descoberta, desonra a sua cabeça; é como se estivesse com a cabeça rapada. Se a mulher não se cobre com o véu, mande cortar os cabelos. Mas, se é vergonhoso para uma mulher ter os cabelos cortados ou rapados, então cubra a cabeça. O homem não deve cobrir a cabeça, porque é a imagem e a glória de Deus; mas a mulher é a glória do homem. Pois o homem não foi tirado da mulher, mas a mulher foi tirada do homem. E o homem não foi criado para a mulher, mas a mulher foi criada para o homem.

Sendo assim, a mulher deve trazer sobre a cabeça o sinal da sua dependência, por causa dos anjos. (Primeira Carta aos Coríntios 11, 2-10)

As cartas mais populares entre todas, especialmente as dos papiros, são as cartas de recomendação. A carta de Paulo a Filemom tem sido descrita como uma carta de recomendação, mas muitas de suas cartas contêm pequenas recomendações. A mais óbvia é a recomendação de Febe em Romanos, em (48), mas o exemplo (49) também nos mostra a recomendação de São Paulo aos Tessalonicenses, acerca dos chefes locais de sua igreja.

(48) Recomendo-vos, pois, Febe, nossa irmã, a qual serve na igreja que está em Cencréia, / Para que a recebais no Senhor, como convém aos santos, e a ajudeis em qualquer coisa que de vós necessitardes; porque tem hospedado a muitos, como também a mim mesmo. (Carta aos Romanos, 16, 1-2)

(49) E rogamo-vos, irmãos, que reconheçais os que trabalham entre vós e que presidem sobre vós no Senhor, e vos admoestam; / E que os tenhais em grande estima e amor, por causa da sua obra. Tende paz entre vós. (Primeira Carta aos Tessalonicenses, 5, 12-13)

Outra função das cartas de São Paulo é a *paraenesis* - aviso extensivo ético que ele envia às comunidades. Algumas das formas mais comuns são listas de virtudes e vícios e códigos de família. Essas instruções morais são geralmente encontradas nas cartas dos filósofos gregos. Nas cartas de Paulo estão localizadas quase ao final do texto, conforme se vê em (50).

(50) Eu vos exorto, irmãos, pela misericórdia de Deus, a oferecerdes vossos corpos em sacrifício vivo, santo e agradável a Deus: este é o vosso verdadeiro culto. Não vos conformeis com este mundo, mas transformai-vos, renovando vossa maneira de pensar e julgar, para que possais distinguir o que é da vontade de Deus, a saber, o que é bom, o que lhe agrada, o que é perfeito. (...) Temos dons diferentes, segundo a graça que nos foi dada. É o dom de profecia? Profetizemos em proporção com a fé recebida. É o dom do serviço? Prestemos esse serviço. É o dom de ensinar? Dedicuemo-nos ao ensino. É o dom de exortar? Exortemos. Quem distribui donativos, faça-o com simplicidade; quem preside, presida com solicitude; quem se dedica a obras de misericórdia, faça-o com alegria. (Carta aos Romanos 12,1)

O quarto parâmetro proposto por Travaglia (2007a) refere-se às **características da superfície linguística ou estilo** segundo Bakhtin (1992). Nesse aspecto, as cartas de São

Paulo têm a forma típica das cartas gregas, mais comumente as oficiais/formais, em que, às vezes, o nome do destinatário tem uma expansão com termos que o identificam ou indicam seu título. São Paulo expande regularmente o seu nome, geralmente identificando-se como apóstolo de Jesus Cristo e freqüentemente se referindo ao seu chamado divino, como em (51) (52).

(51) **Paulo, chamado apóstolo de Jesus Cristo pela vontade de Deus.** (Primeira Carta aos Coríntios 1,1)

(52) **Paulo, apóstolo de Jesus Cristo pela vontade de Deus.** (Carta aos Efésios 1,1)

Quando ele não usa exatamente esse padrão, é porque tem uma razão, como em Gálatas, no exemplo (53). Nesse caso, ele queria afirmar o seu status de apóstolo, que ainda não estava bem aceito na Galácia. Também, em Romanos, isso ocorre, conforme exemplo (54), em que ele apresenta a doutrina cristã a uma comunidade que não tinha sido fundada por um apóstolo, com tantos pormenores doutrinários.

(53) **Paulo, Apóstolo não da parte dos homens, nem por meio de um homem, mas da parte de Jesus Cristo e de Deus Pai, que O ressuscitou dos mortos.** (Carta aos Gálatas 1,1)

(54) **Paulo, servo do Cristo Jesus, chamado para ser apóstolo, separado para o evangelho de Deus – evangelho que Deus prometeu por meio de seus profetas, nas Sagradas Escrituras, a respeito de seu Filho.** Este, segundo a carne, era descendente de Davi, mas, segundo o Espírito de santidade foi declarado Filho de Deus com poder, desde a ressurreição dos mortos: Jesus Cristo, nosso Senhor. Por ele recebemos a graça da vocação para o apostolado, a fim de trazermos à obediência da fé, para a glória de seu nome, todas as nações; entre as quais também vós, chamados a pertencer a Jesus Cristo. (Carta aos Romanos 1, 1-6)

Freqüentemente ele se refere aos seus destinatários como “santos”¹², como nos exemplos (55) e (56).

(55) A todos em Roma que são amados por Deus e chamados a serem **santos** por vocação. (Carta aos Romanos 1, 3)

¹² Na Bíblia, ser santo é ser separado. Por Deus e para Deus. O Senhor chama a uma vida separada para ele. Separação para Deus é santidade.

(56) à Igreja de Deus que está em Corinto. Dirigimo-nos àqueles que foram santificados em Jesus Cristo e chamados a ser **santos**, juntamente com todos os que invocam em todo o lugar o Nome de nosso Senhor Jesus Cristo, Senhor deles e nosso. (Primeira Carta aos Coríntios 1,2)

Geralmente, observa-se também uma expansão para os destinatários, conforme (57) e (58). A carta aos Gálatas tem a menor expansão para o destinatário: “às igrejas da Galácia”.

(57) À Igreja de Deus que está em Corinto. **Dirigimo-nos àqueles que foram santificados em Jesus Cristo e chamados a ser santos, juntamente com todos os que invocam em todo o lugar o Nome de nosso Senhor Jesus Cristo, Senhor deles e nosso.** (Primeira Carta aos Coríntios 1,2)

(58) À Igreja dos Tessalonicenses, **que está em Deus pai e no senhor Jesus Cristo.** (Primeira Carta aos Tessalonicenses 1,1)

Observamos, nas cartas pastorais, um tom mais familiar e simples, tendo em vista que, nelas, São Paulo se dirige, como pai, a seus filhos, responsáveis pelas comunidades que fundara, o que se pode verificar em (59) e (60).

(59) Caro irmão: o teu amor tem-me dado muita alegria e coragem, pois graças a ti os cristãos sentem-se tranquilos. Tenho toda a liberdade em Cristo para te ordenar o que deves fazer, mas prefiro pedir por amor. Quem faz este pedido sou eu, o velho Paulo, agora também prisioneiro de Jesus Cristo. Peço-te em favor de Onésimo, o filho que eu gerei na prisão. Antes ele era inútil para ti, mas agora é útil, tanto para ti, como para mim. Vou enviar-to novamente; ele é como se fosse o meu próprio coração. (Carta a Filemon, 7-12)

(60) Quando eu te enviar Artemas ou Tíquico, apressa-te a vir ter comigo em Nicópolis, pois resolvi passar lá o inverno. Provê diligentemente à viagem de Zenas, o legista, e de Apolo, para que nada lhes falte. Aprendam também os nossos a destacar-se nas boas obras, para poderem socorrer em casos de necessidade e, assim, não ficarem sem frutos. Saudações de todos os que estão comigo, Saúda os que nos amam na fé. A graça esteja com todos vós. (Carta a Tito, 3, 12-15)

As cartas de São Paulo eram escritas para serem lidas em voz alta para toda a comunidade, algo necessário por duas razões: elas objetivavam toda a comunidade e o nível de letramento era muito baixo naquela época e poucas pessoas sabiam ler. Como eram escritas para serem lidas em voz alta, Paulo utilizava alguns recursos tradicionais,

como rimas e confissões de fé – fáceis de memorizar e de reter na cultura oral. Essas confissões de fé constituem fórmulas breves e normativas que poderiam ser usadas por todos e resumem a fé professada pelos cristãos, o que nos mostram os exemplos (61) e (62).

(61) **Deus é único.** (Primeira Carta aos Coríntios 8,6; Carta aos Romanos 3,30; Carta aos Efésios 4,6)

(62) **Jesus é o Senhor** (Carta aos Romanos 10:9; Primeira Carta aos Coríntios 12,3)

As cartas de São Paulo exibem também características de alguns dos muitos tipos de cartas gregas. Uma das mais comuns é a carta de amizade e embora nenhuma das cartas de Paulo possa ser classificada como tal, há muitas passagens em suas cartas que nos lembram o gênero, conforme mostram os exemplos (63) e (64).

(63) Porque Deus me é testemunha das **saudades que de todos vós tenho, em entranhável afeição de Jesus Cristo**”. (Carta aos Filipenses, 8)

(64) Quando vieres, traz-me o manto que deixei em Trôade, em casa de Carpo. Traz também os livros, principalmente os pergaminhos. Alexandra, o ferreiro, fez-me muito mal. O Senhor o recompensará conforme suas obras. Tu também, **toma cuidado com ele, pois ele opôs-se muito à nossa pregação.** (Segunda Carta a Timóteo 4, 13-15)

Também há passagens em suas cartas que lembram as cartas epidícticas (cartas de elogio e culpa), como em (65) e (66).

(65) Irmãos amados por Deus, sabemos que fostes escolhidos por Ele. De fato, o Evangelho que pregamos não foi apresentado somente com palavras, mas com poder, com o Espírito Santo e com plena convicção. Sabeis o que fizemos entre vós para vosso bem. **E imitastes o nosso exemplo e o exemplo do Senhor, acolhendo a Palavra com a alegria do Espírito Santo, apesar de tantas tribulações. Assim vos tornastes modelo para todos os fiéis da Macedônia e da Acaia. Partindo de vós, a Palavra do Senhor propagou-se, não apenas pela Macedônia e Acaia, mas também por toda a parte se espalhou a fé que tendes em Deus, de modo que sobre isto nada precisamos de dizer. Eles mesmos falam do acolhimento que tivemos entre vós, e de como vos convertestes, deixando os ídolos e voltando-vos para Deus, a fim de servir ao Deus vivo e**

verdadeiro. Falam também de como esperais que Jesus venha do Céu, o Filho de Deus, a que Deus ressuscitou dentre os mortos. É Ele que nos liberta da ira futura. (Primeira Carta aos Tessalonicenses 1, 4-10)

- (66) Damos graças a Deus, Pai de nosso Senhor Jesus Cristo, sempre que rezamos por vós. De fato, **ouvimos falar da fé que tendes em Jesus Cristo, e do vosso amor por todos os cristãos, por causa da esperança daquilo que vos está reservado no céu. Tal esperança já vos foi anunciada pela Palavra da Verdade, o Evangelho, que chegou até vós. Assim como o Evangelho dá fruto e cresce no mundo inteiro, o mesmo acontece entre vós, desde o dia em que ouvistes e conhecestes na verdade a graça de Deus. Aprendestes a conhecê-la pela pregação de Épafras, nosso querido companheiro de serviço, que nos substituiu fielmente como ministro de Cristo. Foi ele quem nos contou sobre o amor com que o Espírito vos anima.** (Carta aos Colossenses 1,3-8)

Em suas cartas, São Paulo freqüentemente oferece uma prece no interesse de seus leitores e afirma como ele os mantém carinhosamente na memória. Em suas cartas, Paulo usa esses elementos de oração e memória como parte da ação de graças que segue regularmente a saudação. Nessa seção. Paulo agradece a Deus por suas congregações, pela divina graça que tem estado no meio deles, por sua fé e amor. Como exemplo, podemos citar a carta aos Efésios, da qual extraímos o exemplo (67) e a Carta aos Colossenses, da qual retiramos o exemplo (68) a seguir.

- (67) Tenho ouvido falar da fé que tendes no Senhor Jesus e do vosso amor para com todos os cristãos. Por isso, não cesso de dar graças a vosso respeito, quando vos menciono nas minhas orações. **Que o Deus de nosso Senhor Jesus Cristo, o Pai a quem pertence a glória, vos dê um espírito de sabedoria que vos revele Deus e faça que O conheçais profundamente. Que vos ilumine os olhos da mente, para que compreendais a esperança para a qual Ele vos chamou; para que entendais como é rica e gloriosa a herança destinada ao seu povo; e compreendais o grandioso poder com que Ele age em favor de nós que acreditamos, conforme a sua força poderosa e eficaz.** (Efésios, 15-19)
- (68) Por essa razão, desde que soubemos disso, rezamos continuamente por vós. **Pedimos que Deus vos conceda pleno conhecimento da sua vontade, com toda a sabedoria e discernimento que vêm do Espírito. Deste modo, vivereis uma vida digna do Senhor, fazendo tudo o que Ele aprova: dareis fruto em toda a atividade boa e crescereis no conhecimento de Deus, fortalecidos em todos os sentidos pelo poder da sua glória. Assim tereis perseverança e paciência a toda a prova. Com alegria, dai graças ao Pai, que vos permitiu participar da herança dos cristãos, na luz.** (Carta aos Colossenses 1, 9-12)

Outra fórmula comum é a afirmação de confiança de que seus leitores fazem ou querem fazer a coisa certa, conforme (69) e (70).

(69) **O motivo do nosso contínuo agradecimento a Deus é este: quando ouvistes a Palavra de Deus que vos anunciamos, acolhestes-la não como palavra humana, mas como ela realmente é, como Palavra de Deus, que age com eficácia em vós que acreditais.** (Primeira Carta aos Tessalonicenses 2, 13)

(70) Sem cessar, agradeço a Deus por vossa causa, em vista da graça de Deus que vos foi concedida em Jesus Cristo. Pois em Jesus é que recebestes todas as riquezas, tanto da palavra como do conhecimento. Na verdade, **o testemunho de Cristo tornou-se firme em vós, a tal ponto que não vos falta nenhum dom, a vós que esperais a Revelação de nosso Senhor Jesus Cristo.** (Primeira Carta aos Coríntios 1, 4-7)

Nos textos de São Paulo, são muito frequentes os auxiliares de modalidade imperativa, próprias do tipo injuntivo, que revelam as orientações que o apóstolo passava às comunidades das suas igrejas, o que podemos observar em (71) e (72).

(71) Que as mulheres fiquem caladas nas assembléias, como se faz em todas as Igrejas dos cristãos, pois não lhes é permitido tomar a palavra. **Devem** ficar submissas, como diz também a Lei. (Primeira Carta aos Coríntios 14, 34)

(72) Irmãos, pedimo-vos que tenhais consideração para com aqueles que se afadigam em vos dirigir e admoestar no Senhor. **Deveis** tratá-los com muito respeito e amor, por causa do trabalho que eles realizam. (Primeira Carta aos Tessalonicenses 5, 12-13)

Em (73), (74), (75) e (76), observamos outra característica de estilo das cartas, que reside no emprego amplo de verbos no imperativo, também característico do tipo injuntivo.

(73) Se ressuscitastes com Cristo, **procurai** as coisas do alto, onde Cristo está sentado à direita de Deus. **Pensai** nas coisas do Alto, e não nas coisas da Terra. (Carta aos Colossenses 3, 1-2)

(74) **Perseverem** no amor fraterno. Não se **esqueçam** da hospitalidade, pela qual alguns, sem o saberem, hospedaram anjos. **Lembrem-se** dos encarcerados, como se vocês estivessem presos com eles. **Lembrem-se** dos que são torturados, pois vocês também têm um corpo. Que todos **respeitem** o matrimônio e não **desonrem** o leito nupcial, pois Deus julgará os libertinos e adúlteros. Que a conduta de vocês não **seja** inspirada pelo amor ao dinheiro. Cada um **fique** satisfeito com o que

tem, pois Deus disse: “Eu nunca deixarei você, nunca o abandonarei”. (Carta aos Hebreus 13, 1-5)

- (75) **Sede** imitadores de Deus, como filhos queridos. **Vivei** no amor, assim como Cristo nos amou e Se entregou a Deus por nós, como oferta e vítima, como perfume agradável. Fornicação, impureza e avareza não **sejam** nem assunto de conversa entre vós, pois isso não convém a cristãos. O mesmo se **diga** a respeito de piadas indecentes, picantes ou maliciosas. São coisas inconvenientes. Em vez disso, **dai** graças a Deus. (Carta aos Efésios 5, 1-4)
- (76) Irmãos, se alguém for apanhado em alguma falta, vós que sois espirituais, **admoestai** com mansidão essa pessoa. E cada um **cuide** de si mesmo, para não ser também tentado. **Levai** os fardos uns dos outros, e assim cumprireis a lei de Cristo. Se alguém pensa que é importante, quando de fato não o é, está se enganando a si mesmo. Cada um **examine** a sua conduta, e então achará motivo de satisfação na sua própria pessoa, e não por comparação com os outros, porque cada um deve levar a sua própria carga. (Carta aos Gálatas 6, 1-5)

Também são empregados, nos textos de São Paulo, verbos enunciativos no discurso indireto e ligados à condição do produtor do texto como incitador e do receptor como potencial executor das ações, conforme proposto por Travaglia (2007a). É o que mostram os exemplos (77) e (78).

- (77) Portanto, em nome do Senhor, vos **digo** e **recomendo** que não vivais como pagãos, cuja mente é vazia. (Carta aos Efésios 4, 17)
- (78) Irmãos, **pedimo**-vos que tenhais consideração para com aqueles que se afadigam em vos dirigir e admoestar no Senhor. Deveis tratá-los com muito respeito e amor, por causa do trabalho que eles realizam. (Primeira Carta aos Tessalonicenses 5, 12-13)

A linguagem das cartas, de um modo geral, é uma linguagem pastoral, que revela preocupação, cuidado e sentimento de responsabilidade de São Paulo, em relação às suas comunidades, o que podemos notar em (79) e (80).

- (79) **Irmãos, peço-vos que sejais como eu, porque eu também me tornei como vós. Não me ofendestes em nada. E sabeí que foi por causa de uma doença física que eu vos evangelizei na primeira vez. E vós não me desprezastes nem me rejeitastes, apesar do meu físico ser para vós uma provação. Pelo contrário, acolhestes--me como a um anjo de Deus ou até como a Jesus Cristo. Onde está a alegria que experimentastes então? Pois eu dou testemunho de que, se fosse possível, teríeis arrancado os próprios olhos para mos dar. E agora,**

será que me tornei inimigo, só porque vos disse a verdade? Esses homens mostram grande interesse por vós, mas a intenção deles não é boa; o que eles querem é separar-vos de mim, para que vos interesseis por eles. Seria bom que vos interessásseis sempre pelo bem, e não só quando estou presente entre vós. Meus filhos, sofro novamente como que dores de parto, até que Cristo esteja formado em vós. Gostaria de estar junto de vós neste momento, e de mudar o tom da minha voz, porque já não sei que atitude tomar convosco. (Carta aos Gálatas 4, 12-20)

- (80) **Agradeço ao meu Deus todas as vezes que me lembro de vós. E sempre, nas minhas orações, rezo por todos com alegria, porque cooperastes no anúncio do Evangelho, desde o primeiro dia até agora. Tenho a certeza de que Deus, que em vós começou esse bom trabalho, vai continuá-lo até que seja concluído no dia de Jesus Cristo. É justo que eu pense assim de todos vós, porque estais no meu coração. De fato participais comigo da graça que recebi, seja nas prisões, seja na defesa e confirmação do Evangelho. Deus é testemunha de que eu vos quero bem a todos com a ternura de Jesus Cristo. Este é o meu pedido: que o vosso amor cresça cada vez mais em perspicácia e sensibilidade em todas as coisas. Deste modo, podereis distinguir o que é melhor, e assim chegar íntegros e inocentes ao dia de Cristo. Estareis repletos então dos frutos de justiça obtidos por meio de Jesus Cristo, para a glória e louvor de Deus.** (Carta aos Filipenses 1,3-11)

Em relação às condições de produção, o remetente das cartas é sempre São Paulo. Mas Paulo menciona, ainda, um co-remetente na saudação de oito de suas cartas. Em seis delas ele identifica esse co-remetente como sendo Timóteo e em 1 e 2 Tessalonicenses, Silvano, além de Timóteo. Em Coríntios, Paulo menciona Sóstenes e em Gálatas, “todos os irmãos comigo” como co-remetentes, como se pode verificar nos exemplos (81) e (82). Tudo indica que o papel desses co-remetentes seria o de co-trabalhadores de Paulo, aqueles que trabalharam muito de perto com a congregação à qual a carta era endereçada. Eles partilhavam com Paulo as suas preocupações registradas nas cartas.

- (81) Paulo, **Silvano e Timóteo** à Igreja dos Tessalonicenses, que está em Deus Pai e no Senhor Jesus Cristo. Para vós, graça e paz. (Primeira Carta aos Tessalonicenses 1,1)
- (82) Paulo, Apóstolo de Jesus Cristo por vontade e chamamento de Deus, e o **irmão Sóstenes**, à Igreja de Deus que está em Corinto. (Primeira Carta aos Coríntios 1, 1-2)

Um destinatário secundário também figura nas Cartas de Paulo, como em (83).

(83) À igreja de Deus que está em Corinto, aos santificados em Cristo Jesus, chamados santos, com **todos os que em todo o lugar invocam o nome de nosso Senhor Jesus Cristo, Senhor deles** e nosso. (Primeira Carta aos Coríntios 1,1)

Ou em Filipenses, quando ele escolhe os supervisores e diáconos da igreja, no exemplo (84):

(84) Paulo e Timóteo, servos de Jesus Cristo, **a todos os santos em Cristo Jesus**, que estão em Filipos, com os bispos e diáconos. (Carta aos Filipenses 1,1)

Paulo também expande o nome de seus destinatários, como em (85) e (86).

(85) Paulo, prisioneiro de Jesus Cristo, e **o irmão** Timóteo, **ao amado** Filemom, **nosso cooperador**, e à **nossa amada** Afia, e a Arquipo, **nosso camarada**, e à igreja **que está em tua casa**. (Filemon 1, 1-2)

(86) À igreja dos Tessalonicenses, **que está em Deus pai e em Nosso Senhor Jesus Cristo**. (Primeira Carta aos Tessalonicenses 1,1)

Depois da designação do emissor/destinatário, as cartas gregas tinham a palavra *chairien*, mas Paulo usa uma saudação constituída de duas palavras: “*Graça e paz*”, como na Primeira Carta aos Tessalonicenses 1,1). Entretanto, ele expande essa saudação na maioria de suas cartas, segundo os exemplos (87) e (88).

(87) Graça e paz **a vocês de Deus o pai e o senhor Jesus Cristo** estejam convosco. (Segunda Carta aos Tessalonicenses 1,2)

(88) Que a Graça e a paz **de Deus, nosso Pai, e do Senhor Jesus Cristo** estejam convosco. (Carta aos Filipenses 1,2)

As cartas de Paulo, embora fossem endereçadas a congregações específicas, tinham sempre um olhar sobre toda a comunidade cristã. Assim, sua primeira carta aos coríntios era endereçada tanto a eles como a todos aqueles que clamavam o nome de Nosso Senhor Jesus Cristo, a despeito do lugar onde viviam. Também em Filipenses, podemos observar esse fato. Observem-se os exemplos (89) e (90):

(89) **À igreja de Deus que está em Corinto, aos santificados em Cristo Jesus, chamados santos, com todos os que em todo o lugar invocam o nome de nosso Senhor Jesus Cristo, Senhor deles e nosso.** (Primeira Carta aos Coríntios 1,2)

(90) **Enviamos esta carta a todos os cristãos que moram na cidade de Filipos, assim como aos seus dirigentes e diáconos.** (Carta aos Filipenses 1,1)

O uso de secretários está amplamente evidenciado nos papiros. Eles eram uma classe profissional de escribas, que ganhavam a vida por meio de suas habilidades de escrita, que o público em geral não tinha, conforme já se apontou. Normalmente, nos papiros, havia uma nota ao final da carta, indicando que o emissor era iletrado ou era “devagar na escrita”, que indicava que fora um secretário que a escrevera.

Mas isso não ocorria apenas com pessoas iletradas. Também pessoas educadas e das classes altas usavam secretários. Oficiais públicos freqüentemente contavam com os secretários no preparo de documentos. Os secretários também eram responsáveis pelo registro e envio de documentos relacionados a interesses comerciais. Esses secretários podiam escrever eles mesmos as cartas, seguindo protótipos, ou copiá-las, palavra por palavra, à medida que iam sendo ditadas.

Alguns estudiosos acreditam que a prática comum de Paulo era a de usar secretários. Entretanto, questiona-se se, no tempo dele, havia secretários que podiam escrever por si mesmos e, assim, acredita-se que Paulo lhes ditava as cartas. Evidências do uso de secretários podem ser observadas em várias de suas cartas, mas a mais direta encontra-se em Romanos, na qual Tertius se identifica como aquele que escreveu a carta, o que podemos verificar no exemplo (91) e também em (92), na Carta a Filemon, em que a presença do secretário pode ser inferida a partir do que diz São Paulo.

(91) **Eu, Tércio, que escrevi esta carta, vos saúdo no Senhor.** Gaio, que hospeda a mim e a toda a Igreja, vos saúda. Erasto, tesoureiro da cidade, e o irmão Quarto vos saúdam. (Carta aos Romanos 16, 22-24)

(92) **Eu, Paulo, escrevo com a minha própria mão:** eu pagarei... (Carta a Filemon, 19)

Passemos, a seguir, à análise dos gêneros atuais da comunidade discursiva católica apostólica romana.

4.2. Os gêneros atuais da comunidade discursiva católica apostólica romana

4.2.1 – Alguns elementos sobre a organização da Igreja Católica Apostólica Romana

Além de um estudo sobre a constituição das cartas de São Paulo, procedemos também ao levantamento dos gêneros usados contemporaneamente na comunidade discursiva religiosa católica apostólica romana, especificamente os documentos produzidos pelos papas ou em seus nomes, conforme já mencionado. Para que se entendam esses documentos, é preciso que esclareçamos a organização hierárquica da Igreja católica, tendo em vista que algumas denominações aparecem com frequência nos destinatários e mesmo em outras partes dos documentos.

Segundo o *Código de Direito Canônico*, para a melhor organização administrativa e pastoral, a Igreja Católica Apostólica Romana é subdividida em unidades menores, cada uma com determinadas funções, desempenhadas por um representante da Igreja, exercendo o papel de liderança, tanto para a ação pastoral quanto para eventuais dificuldades relacionadas à Doutrina e a Administração.

O **Papa** é o Bispo de Roma, e como tal, é o líder mundial da Igreja Católica. Eleito pelo Colégio dos Cardeais¹³, e seu posto é vitalício. Seu cargo eclesiástico é chamado de Papado, uma das instituições mais duradouras do mundo, e sua sede, de **Santa Sé**. O papa também é o Chefe de Estado da Cidade do Vaticano, uma cidade estado soberana, situada dentro de Roma e dela separada por um muro. Assim, o Papa é o possuidor do Pastoreio de todos os cristãos, concedido por Jesus Cristo a São Pedro e, conseqüentemente, a todos os Papas.

Os **Cardeais** são os conselheiros e os colaboradores mais próximos do Papa, sendo todos eles bispos. A cada cardeal é atribuída uma igreja ou capela em Roma, com o objetivo de incluí-lo no clero¹⁴ da cidade. A maioria dos cardeais serve na Cúria, auxiliando o Papa na administração da Igreja. Os que não residem em Roma são bispos diocesanos.

O **Patriarca** é o nome dado aos primeiros chefes de família no Antigo Testamento. Este título é utilizado em certas Igrejas cristãs para designar algumas autoridades

¹³ O Colégio dos Cardeais é o nome dado ao grupo colegial constituído por todos os Cardeais da Igreja Católica, que são responsáveis por assistir e aconselhar o Papa nas suas tarefas administrativas e religiosas.

¹⁴ Conjunto de todos os ministros sagrados a quem foram conferidos o poder e a graça de exercer funções e ministérios eclesiásticos que se referem ao culto de Deus.

eclesiásticas que têm ascendência jurídica ou honorífica em relação a um território, rito ou igreja particular. A circunscrição eclesiástica do patriarca chama-se **patriarcado**. Há cinco grandes patriarcados na Igreja Católica – de Roma, de Antioquia, de Alexandria, de Jerusalém e de Constantinopla. A elevação a Patriarcado constitui a mais elevada dignidade honorífica atribuível pela Igreja a uma Diocese ou Arquidiocese. O seu Prelado¹⁵ recebe então o título de **Patriarca** e goza de precedência, ainda que apenas a título honorífico, relativamente a todos os Primazes, Arcebispos e Bispos. Como esse título é apenas honorífico, o Patriarca não tem jurisdição superior à de Arcebispo da província eclesiástica.

O **Primaz** é o arcebispo cuja sede e circunscrição são as mais antigas de um país ou região. Os Primazes têm precedência, ainda que apenas a título honorífico, sobre todos os Arcebispos e Bispos, mas não sobre os Patriarcas, porque estes lhes são honorificamente superiores.

O **Arcebispo**, Metropolitano ou Titular, é um bispo que, quase sempre, está à frente de uma arquidiocese. A **Arquidiocese** constitui a província eclesiástica que abrange todas as dioceses de uma região. A missão do Arcebispo é ser chefe espiritual e de jurisdição daquela arquidiocese. Cada arquidiocese tem uma “Catedral”, lugar onde se encontra a “*cátedra*”, ou cadeira, do Arcebispo.

O **Bispo**, que pode ser Diocesano, Titular e Emérito, dirige uma circunscrição eclesiástica – a **Diocese** - também chamada de **Bispado**. Toda diocese tem uma Cúria Diocesana, ou seja, o conjunto de organismos com os quais o bispo governa pastoralmente. Os bispos são considerados os sucessores dos Apóstolos como pastores da Igreja, mensageiros do Evangelho de Cristo.

O **presbítero**, ou **padre**, é o responsável pelos cuidados pastorais e administrativos de uma comunidade dentro da Diocese – a **Paróquia** – que também recebe o título de **pároco**, o qual deve trabalhar em comunhão com a diocese, as lideranças pastorais e os demais fiéis batizados. Além do pároco, também há um vigário paroquial, sacerdote nomeado pelo bispo para colaborar com um pároco, no exercício do seu ministério pastoral. Só os padres podem ser párocos, entretanto, numa paróquia, pode haver também um **Diácono**. Os diáconos são os auxiliares dos presbíteros e bispos e possuem o primeiro

¹⁵ Prelado é a autoridade eclesiástica que, na Igreja Católica, tem o encargo de governar ou dirigir, por circunstâncias especiais, uma Prelatura ou Prelazia, como seu próprio pastor, à semelhança do Bispo diocesano, e que constitui uma determinada porção do povo de Deus, territorialmente delimitada.

grau do Sacramento da Ordem. São ordenados não para o sacerdócio, mas para o serviço da caridade, da proclamação da Palavra de Deus e da liturgia. Entretanto eles não consagram a hóstia, não administram a Unção dos Enfermos nem a Reconciliação. Além das pessoas, uma paróquia tem sempre um território e uma igreja principal, chamada igreja paroquial. Pode ter outras igrejas menores, chamadas de ermidas ou capelas¹⁶.

Monsenhor é um título honorário para um presbítero, que não dá quaisquer poderes sacramentais adicionais.

Feito esse esclarecimento, passamos, então, aos documentos usados atualmente na comunidade discursiva católica apostólica romana.

4.2.2- Dez gêneros derivados das cartas dos apóstolos – breve caracterização

Dentre todos os gêneros da comunidade discursiva católica apostólica romana, que levantamos, separamos dez que por suas características, nos pareciam confirmar a hipótese de que gêneros atuais da Comunidade Católica Apostólica Romana têm sua origem ou apresentam vinculações com as cartas dos apóstolos. São eles: Breve Apostólico, Carta Apostólica, Encíclica, *Motu Proprio*, Constituição Apostólica, Exortação Apostólica, Quirógrafo, Mensagem, Rescrito e Bula. As análises foram feitas a partir de dez exemplares de cada um desses textos.

Tomamos o conjunto dos documentos, para descrevê-los e caracterizá-los e, ao mesmo tempo identificar aspectos semelhantes àqueles presentes nas cartas de São Paulo, como evidência de que eles provavelmente se originaram das cartas dos apóstolos ou foram pelo menos motivados por elas.

Para iniciar, procederemos a uma breve apresentação de cada um deles.

O **Breve Apostólico** ou Breve Pontifício é um dos documentos assinados pelo Papa e referendado com a impressão do Anel do Pescador¹⁷. Os Breves surgiram como documentos pontifícios a partir do século XV, distinguindo-se das Bulas, por serem instrumentos destinados a comunicar decisões papais com mais rapidez e menos

¹⁶ Pequena comunidade numa região administrada por uma Paróquia. Além do Culto a Deus, podem-se realizar casamentos e os demais sacramentos, além das atividades sociais e pastorais.

¹⁷ Constitui um símbolo oficial do Papa, o sucessor de São Pedro, que era um pescador. O anel de ouro apresenta um baixo-relevo de Pedro pescando de um barco. O símbolo tem origem na tradição de que os apóstolos eram "pescadores de homens" (Evangelho de São Marcos 1,17).

formalismos. Há um departamento, o Secretariado dos Breves, que cuida da elaboração desses documentos, a partir de uma solicitação do papa. No princípio, havia um encarregado de redigi-los, que exercia o ofício de paladino. No início do século XX, o Secretariado dos Breves foi transferido para as dependências do Vaticano e a sua elaboração ficou a cargo de um grupo de especialistas membros da Cúria Romana, os *minutanti*, sob a direção do cardeal que exerce a função de Secretário de Estado do Vaticano, permanecendo assim até os dias atuais.

A **Carta Apostólica** constitui um documento que se distingue entre “Epístola Apostólica” e “Carta Apostólica”. Dirigida aos bispos e, por meio deles, a todos os fiéis, o primeiro documento trata de matéria doutrinária, de caráter menos solene que a Encíclica, outro gênero da comunidade católica; o segundo é usado para vários outros assuntos, tais como constituição de Santos Padroeiros, promoção de novos Beatos, normas disciplinares, dentre outros assuntos.

A **Carta Encíclica** ou **Encíclica** é um documento mais solene. São enviadas pelo papa a toda a Igreja e, muitas vezes dirigem-se a toda a humanidade, ultrapassando as fronteiras da Igreja. Esse seu caráter universal lhe confere, como expressão do magistério¹⁸ dos papas, uma autoridade especial.

Segundo as palavras do próprio Papa Pio XII, em sua encíclica *Humani Generis*, de 12 de agosto de 1950,

Nem se deve crer que os ensinamentos das encíclicas não exijam, por si, assentimento, sob alegação de que os sumos pontífices não exercem nelas o supremo poder de seu magistério. Entretanto, tais ensinamentos provêm do magistério ordinário, para o qual valem também aquelas palavras: "Quem vos ouve a mim ouve" (*Lc* 10, 16); e, na maioria das vezes, o que é proposto e inculcado nas encíclicas, já por outras razões pertence ao patrimônio da doutrina católica. E, se os romanos pontífices em suas constituições pronunciam de caso pensado uma sentença em matéria controvertida, é evidente que, segundo a intenção e vontade dos mesmos pontífices, essa questão já não pode ser tida como objeto de livre discussão entre os teólogos.

Assim, pode-se verificar a força da encíclica, enquanto instrumento por meio do qual o papa exerce o seu múnus¹⁹ apostólico, o encargo recebido de Deus. A partir das

¹⁸ O **Magistério da Igreja Católica** refere-se à função de ensinar que é própria da autoridade da Igreja e que, por isso, deve ser obedecido e seguido pelos demais católicos. Esse magistério ordinário manifesta-se diariamente por meio de palavras orais, impressos, gestos e feitos, como também por meio da Liturgia, pois as normas da oração são as normas da fé.

¹⁹ O múnus constitui um encargo recebido de alguém.

análises a que procedemos, observamos que as cartas encíclicas se dividem em duas categorias: a Carta Encíclica, endereçada aos bispos do mundo todo e, por meio deles, aos fiéis; e a Epístola Encíclica, endereçada aos bispos de uma determinada região.

Do latim, motivo próprio, o **Motu Proprio** é o documento produzido, com pleno conhecimento de causa, por iniciativa do próprio Papa, o que justifica o fato de figurar em todos eles, no título, a expressão *Motu Proprio*. É um documento cujo conteúdo o Papa quer recomendar com empenho particular. Inocêncio VIII, cujo papado se estendeu de 1484 a 1492, foi o primeiro a utilizar tal documento, o qual contrastava com as Cartas Decretais, que eram sempre a resposta dada a alguma questão levantada e indicavam como o Direito deveria ser aplicado em determinadas circunstâncias, podendo abordar temas importantes ou também introduzir novas disposições legislativas. O *Motu Proprio* passou a ter alcance mais amplo, pois é publicado sem a indicação de destinatário, o que se relaciona com as condições de produção dos documentos, mas também constitui o seu conteúdo temático.

Documento pontifício que trata de assuntos da mais alta importância, a **Constituição Apostólica** distingue-se em **Constituição Dogmática**, que contém definições de dogmas - por exemplo, a Constituição Apostólica "Munificentissimus Deus", de Pio XII, com a qual foi definido o dogma da Assunção de Nossa Senhora; e a **Constituição Disciplinar**, que diz respeito a determinações canônicas - por exemplo, a Constituição Apostólica "Sacrae Disciplinae Leges", de João Paulo II, de promulgação do Código de Direito Canônico de 1983. O conceito de constituição para o direito canônico deriva diretamente do conceito de constituição do direito romano, no qual se reservava o título de *constitutio* para as leis mais importantes. Nesse sentido, difere um pouco do moderno conceito de constituição como lei fundamental de um estado, mas, de certa forma, a idéia central é a mesma.

A **Exortação Apostólica** constitui uma forma de documento menos solene que as encíclicas. Antigamente era dirigida a um determinado grupo de pessoas - por exemplo, "Menti Nostrae", de Pio XII, para o clero. O termo é usado, atualmente, em sentido mais amplo: não somente como documento para determinado grupo de pessoas, mas como documento final, fruto do que foi discutido num Sínodo²⁰, com recomendações feitas pelo

²⁰ Um **Sínodo** é uma reunião religiosa ou assembléia, na qual bispos, reunidos com o Santo Padre, têm a oportunidade de interagir uns com os outros para compartilhar informações e experiências, na busca comum de soluções pastorais que tenham validade e aplicação universal. Trata-se, assim, em termos gerais, de uma

Romano Pontífice aos bispos, presbíteros e a todos os fiéis. Não possui caráter legislativo, mas o papa exorta os cristãos a refletirem sobre os temas discutidos, questões que merecem ser (re)lembradas pelos cristãos, como a evangelização no mundo moderno, na Exortação Apostólica *Evangelii Nuntiandi*, de Paulo VI.

O **Quirógrafo** é um documento de caráter particular do papa. É um texto curto, em regra, fruto de uma audiência com o papa. Alguém solicita uma audiência com o papa, em busca de solução de um problema e o que se decide nesta audiência é registrado sob a forma de um quirógrafo. O Quirógrafo tem força probatória, pois, tem sido escrito pela mão do autor da ação, no caso, o Sumo Pontífice, ou por seu mandatário.

A **Mensagem** é uma comunicação nova, revelação ou ensinamento transmitido a uma pessoa, coletividade ou à humanidade inteira. As mensagens são enviadas pelo papa, em ocasiões especiais, em comemorações de um fato ou data importantes para a Igreja, tais como jubileus, Natal, jornadas mundiais, congressos católicos, dentre outras dessa natureza.

O **Rescrito** constitui um documento por meio do qual o papa concede privilégio, dispensa ou outra graça a pessoas que os solicitam. Segundo o Código de Direito Canônico de 1983, o rescrito é um ato administrativo, em forma de resposta escrita, que supõe a concessão ou a denegação de um benefício, privilégio, dispensa ou favor de outro tipo, por parte de uma autoridade executiva competente.

A **Bula** é um dos documentos mais solenes emitidos pelo Sumo Pontífice. Usada apenas para tratar de temas de reconhecida importância, a bula, escrita originalmente em pergaminhos, tem pendente uma esfera, comumente de chumbo, por meio de fios de seda coloridos, especialmente o roxo e o amarelo.

4.2.3 – A caracterização dos dez gêneros e sua relação com as cartas dos apóstolos.

Tendo em vista os elementos apresentados em 4.2.1 e 4.2.2 e adotando os mesmos parâmetros propostos por Travaglia (2007a), utilizados na caracterização das cartas de São Paulo, procedemos à descrição e caracterização desses dez gêneros.

assembléia de bispos que representam o episcopado católico, tendo a tarefa de ajudar o Papa no governo da Igreja universal, dando-lhe o seu conselho.

Dividiremos a nossa análise em duas partes: primeiro vamos mostrar o que eles têm de comum e o que evidencia as suas relações com as cartas de São Paulo; depois o que os distingue um do outro.

Nos trechos extraídos dos documentos para exemplificação, conservamos a formatação original. Portanto, as letras maiúsculas e minúsculas, itálico e negrito, nos nomes dos documentos, são originais.

Nesta seção do trabalho, que trata da análise de gêneros atuais da comunidade discursiva católica apostólica romana, passamos a apresentar três exemplos de cada aspecto abordado, buscando variar os gêneros de que se extraem os exemplos, em função da quantidade de documentos que constituem o corpus e ainda considerando que seria extremamente longo apresentar um exemplo para cada gênero em que o fato em foco se verifica.

Esclarecemos, ainda, que a maioria dos documentos, como foram obtidos no *site* da Santa Sé, estão traduzidos em português de Portugal e, portanto, trazem as diferenças lingüísticas dessa língua com o Português do Brasil.

4.2.3.1. Configurações comuns e que evidenciam as relações dos gêneros atuais com as cartas de São Paulo

Organizamos a apresentação dos elementos comuns aos dez gêneros papais, que apresentam evidências de sua vinculação com as cartas dos apóstolos, pelos parâmetros e critérios adotados e tomados a Travaglia (2007a): estrutura composicional, conteúdo temático, função sociocomunicativa, características da superfície linguística ou estilo e condições de produção.

Em relação à **estrutura composicional**, observamos que os textos dos dez gêneros em foco têm entre si uma superestrutura muito semelhante, começando com uma forma padrão: identificação do remetente, nome do documento, identificação do destinatário, vocativo, saudação. Vejamos os exemplos (93), (94) e (95), nos quais figuram esses elementos.

(93)

João Paulo II
Fides et ratio

aos Bispos da Igreja Católica
sobre as relações
entre Fé e Razão

Venerados Irmãos no Episcopado, saúde e Bênção Apostólica!
(Encíclica **FIDES ET RATIO** do Papa João Paulo II, de 14/09/1998)

(94)

BREVE APOSTÓLICO DO PAPA JOÃO PAULO II
PARA A NOMEAÇÃO DO CARDEAL AGOSTINO CASAROLI
COMO LEGADO PONTIFÍCIO PARA AS CELEBRAÇÕES
DO 450º ANIVERSÁRIO DAS APARIÇÕES
DE NOSSA SENHORA DE GUADALUPE

Ao Nosso Venerável Irmão
AGOSTINO CASAROLI
Cardeal da Santa Igreja Romana
saúde e Bênção Apostólica

Venerável Irmão

(Breve Apostólico do Papa João Paulo II, de 21/11/1981)

(95)

CARTA APOSTÓLICA DO PAPA PIO XII
AOS CARDEAIS, ARCEBISPOS, BISPOS,
SACERDOTES E A TODOS OS QUE SE DEDICAM
À OBRA DAS VOCAÇÕES SACERDOTAIS NO BRASIL
Veneráveis Irmãos, Saúde e Bênção Apostólica
(Carta Apostólica do Papa Pio XII, de 23/04/1947)

A indicação do remetente está presente em todos os documentos e, por isso, trata-se de uma categoria obrigatória. Entretanto, alguns desses elementos não figuram em todos os gêneros. Todas as Encíclicas, as Exortações Apostólicas e as Constituições Apostólicas do *corpus* têm o nome do documento, todos eles em latim, mesmo nas traduções. Essa denominação refere-se ao conteúdo do documento. No *Motu Proprio*, o nome do documento figura em 90% dos exemplares; na Carta Apostólica, em 80%; na Bula, em 70%; mas no Breve Apostólico, em apenas 40%; no Quirógrafo, em 20%; enquanto que na Mensagem e no Rescrito não aparecem. Isso se justifica porque, na mensagem, temos uma comunicação ou ensinamento transmitido a uma pessoa, coletividade ou à humanidade inteira, pelo papa, em ocasiões especiais, em comemorações de um fato ou data importantes para a Igreja. No Rescrito, temos um documento curto, em que o papa dá uma resposta a uma solicitação de alguém. Provavelmente por isso, nesses documentos que não

têm nome, figure uma espécie de "para quê foi escrito", "em que oportunidade" ou "sobre o quê", conforme podemos observar nos exemplos (96), (97) e (98), nos trechos em negrito.

- (96) *Celebração do Mistério Pascal dada por Motu Proprio*
aprovando as normas universais do Ano Litúrgico
e o novo Calendário Romano Geral
 (Motu Proprio do Papa Paulo VI, de 14/02/1969)
- (97) ***BREVE APOSTÓLICO DO PAPA JOÃO PAULO II***
PARA A NOMEAÇÃO DO CARDEAL AGOSTINO CASAROLI
COMO LEGADO PONTIFÍCIO PARA AS CELEBRAÇÕES
DO 450º ANIVERSÁRIO DAS APARIÇÕES
DE NOSSA SENHORA DE GUADALUPE
 (Breve do Papa João Paulo II, de 21/11/1981)
- (98) ***MENSAGEM DO PAPA BENTO XVI***
AO SENHOR LEE MYUNG-BAK
PRESIDENTE DA COREIA,
POR OCASIÃO DO G20 REUNIDO EM SEUL
 (Mensagem do Papa Bento XVI, de 08/11/2010)

Também não figura o destinatário em 90% dos Breves, 30% das Cartas Apostólicas, 50% dos Quirógrafos, 70% das Bulas, enquanto que esse elemento não aparece em nenhum exemplar dos *Motu Proprio*, Constituições Apostólicas e Rescritos.

No *Motu Proprio*, isso se explica pelo fato de ser um documento escrito por vontade do próprio Papa, normalmente endereçado a toda a comunidade católica. Observemos o exemplo (96). As Constituições Apostólicas também são endereçadas a toda comunidade católica, uma vez que a idéia central do documento é a mesma de uma constituição civil, ou seja, ser lei fundamental de um "estado". No rescrito, como o papa dá uma resposta a uma solicitação de alguém, o destinatário já está presente no texto, implicitamente. Nos demais documentos, em que alguns exemplares não têm o destinatário explícito, esses exemplares são textos endereçados a todos os católicos ou à humanidade inteira - ultrapassando as fronteiras da comunidade católica - ou também se encontra implícito, no corpo do texto, como o caso do Breve "*Aedes illis*", da Criação da Basílica Menor²¹ de Nossa Senhora do Carmo em Campinas, São Paulo. Nesse caso, os

²¹ Na Igreja Católica, há uma classificação que distingue a "Basílica Maior" da "Basílica Menor". O termo "Basílica" foi adotado pelos romanos, porque aliava o interior espaçoso de edifício, adequado à realização de assembléias, com a grandiosidade que convinha à religião que surgia. A designação "Maior" refere-se às Igrejas colocadas diretamente sob a autoridade papal e têm privilégios especiais, altar papal e trono papal.

destinatários são os católicos membros da comunidade da Paróquia de Nossa Senhora do Carmo, mas também toda a comunidade católica, a quem o papa dá a conhecer a sua decisão sobre esse templo. Vejamos os exemplos (99), (100) e (101).

(99)

BENTO XV
Bula que proclamou
Santa a Beata Joana D'Arc

DIVINA DISPONENTE

16 de maio de 1920
O Bento Bispo,
servo dos servos de Deus
A memória perpétua.
(Bula *Divina Disponente* do Papa Bento XV, de 16/05/1920)

(100)

Breve Pontifício *Aedes illis* da **Criação da**
Basílica Menor de Nossa Senhora do Carmo - Campinas

PAULUS PP. VI
ad perpetuam rei memoriam
(Breve *Aedes illis* do Papa Paulo VI, de 06/11/1974)

(101)

SÍNODO DOS BISPOS
A JUSTIÇA NO MUNDO

RESCRITO
DA AUDIÊNCIA CONCEDIDA PELO SANTO PADRE
AO CARDEAL SECRETÁRIO DE ESTADO
EM 30 DE NOVEMBRO DE 1971
(Rescrito do Papa João Paulo II, de 03/11/1971)

Observamos que, no que se refere à estrutura composicional, há categorias obrigatórias e outras não obrigatórias. As categorias obrigatórias, uma vez que estão presentes em todos os exemplares dos dez conjuntos de gêneros, são o Remetente, o Corpo e o Local e a Data. As demais - Nome do Documento, Vocativo, Saudação, Bênção Final, Prece, Comemoração Católica do Dia e Ano de Pontificado são categorias não

"Menor" designa as basílicas que, em diversos países do mundo, são consideradas importantes por diversas razões, tais como a veneração que lhe devotam os cristãos, a transcendência histórica ou a beleza artística de sua arquitetura e decoração.

obrigatórias. O Destinatário, mesmo que não se encontre explicitamente indicado em alguns documentos, está presente, pois está explicitamente apontado no corpo do texto ou pode ser recuperado pelas outras categorias de análise. Portanto, constitui também uma categoria obrigatória. Observemos os exemplos (102), no qual o destinatário pode ser recuperado, a partir das condições de produção, em que o Cardeal Camillo Ruini fez um pedido ao Papa, que o respondeu; (103), em que o destinatário pode ser recuperado pelo conteúdo temático - se o texto trata da organização da Cúria Romana, em que "coadjuvam o Romano Pontífice no exercício do seu supremo múnus pastoral, para o bem e o serviço da Igreja Universal e das Igrejas particulares", os destinatários são todos os católicos do mundo - membros da Igreja e fiéis; e (104), *Motu Proprio*, por meio do qual o Papa aprova as Normas Universais do Ano Litúrgico e o Novo Calendário Romano Geral, o que nos permite inferir que o destinatário é também todo o mundo católico.

- (102) **A pedido do Eminentíssimo e Reverendíssimo Cardeal Camillo Ruini, Vigário geral de Sua Santidade para a Diocese de Roma**, o Sumo Pontífice BENTO XVI, considerando a peculiar circunstância exposta, na audiência concedida ao mesmíssimo Cardeal Vigário Geral, no dia 28 do mês de abril deste ano de 2005, dispensa o tempo de cinco anos de espera após a morte do servo de Deus João Paulo II (Karol Wojtyła), Sumo Pontífice, para que a causa de beatificação e canonização do servo de Deus possa ter início já.
(Rescrito do Papa Bento XVI, de 09/05/2005)

(103) **NORMAS GERAIS**

Noção de Cúria Romana

Art. 1

A Cúria Romana é o conjunto dos Dicastérios e dos Organismos que coadjuvam o Romano Pontífice no exercício do seu supremo múnus pastoral, para o bem e o serviço da Igreja Universal e das Igrejas particulares, exercício com o qual se reforçam a unidade de fé e a comunhão do Povo de Deus e se promove a missão própria da Igreja no mundo.

Estrutura dos Dicastérios

Art. 2

§ 1. Com o nome de Dicastérios entendem-se: a Secretaria de Estado, as Congregações, os Tribunais, os Conselhos e os Ofícios, isto é, a Câmara Apostólica, a Administração do Património da Sé Apostólica, a Prefeitura dos Assuntos Económicos da Santa Sé.

§ 2. Os Dicastérios são juridicamente iguais entre si.

§ 3. Entre os Institutos da Cúria Romana colocam-se a Prefeitura da Casa Pontifícia e o Departamento das Celebrações Litúrgicas do Sumo Pontífice.

(Constituição Apostólica **PASTOR BONUS** do Papa João Paulo II, de 28/06/1988)

- (104) **CARTA APOSTÓLICA
SOB FORMA DE MOTU PROPRIO
MYSTERII PASCHALIS
DE SUA SANTIDADE
O PAPA PAULO VI
SOBRE A CELEBRAÇÃO DO MISTÉRIO PASCAL
**APROVANDO AS NORMAS UNIVERSAIS
DO ANO LITÚRGICO
E O NOVO CALENDÁRIO ROMANO GERAL**
(*Motu Proprio* do Papa Paulo VI, de 14/02/1969)**

O vocativo e a saudação não aparecem em parte dos documentos. Isso ocorre nos documentos que têm destinatário coletivo, mais genérico ou até mesmo a comunidade católica como um todo, conforme já apontamos. Observemos os exemplos (105), (106) e (107), cujo destinatário é todo o mundo católico.

- (105) *Celebração do Mistério Pascal dada por Motu Proprio
aprovando as normas universais do Ano Litúrgico
e o novo Calendário Romano Geral*
(*Motu Proprio* do Papa Paulo VI, de 14/02/1969)
- (106) **CONSTITUIÇÃO APOSTÓLICA
DIVINAE CONSORTIUM NATURAE
DE SUA SANTIDADE
O PAPA PAULO VI
SOBRE O SACRAMENTO DA CONFIRMAÇÃO**
(Constituição Apostólica *DIVINAE CONSORTIUM NATURAE*
do Papa Paulo VI, de 15/08/1971))
- (107) **QUIRÓGRAFO DO PAPA JOÃO PAULO II
PARA O CUIDADO ESPIRITUAL NA CIDADE DO VATICANO
SEGUNDA-FEIRA, JANEIRO 14, 1991**
(Quirógrafo do Papa João Paulo II, de 14/01/1991)

Entretanto, o vocativo aparece no corpo de vários desses documentos, assim como nas Cartas de São Paulo, conforme podemos observar nos exemplos (108), (109) e (110).

- (108) Contudo, conhecendo que "todo dom precioso e toda dádiva perfeita vêm do alto e desce do Pai das luzes" (cf. Tg 1,17), julgamos oportuno, **veneráveis irmãos**, de anunciar novamente orações públicas e súplicas para impetrar e conseguir a concórdia entre os povos.
(Encíclica *SUMMI MAERORIS* do Papa Pio XII, de 19/07/1950)
- (109) **Meus caríssimos Irmãos e Irmãs**, permiti que Vos agradeça todos os anos da minha vida, anos de estudo, de sacerdócio e de episcopado.
(Mensagem do Papa João Paulo II, à Arquidiocese de Cracóvia, de 23/10/1978)
- (110) Está ainda viva, **Veneráveis Irmãos**, no nosso ânimo a recordação da grande emoção sentida ao proclamar a augusta Mãe de Deus como Mãe espiritual da Igreja e, portanto, de todos os fiéis e sagrados Pastores, a coroar a terceira sessão do Concílio Ecuménico Vaticano II, após ter solenemente promulgado a Constituição Dogmática *Lumen Gentium*.
(Exortação Apostólica do Papa Paulo VI *SIGNUM MAGNUM*, de 13/05/1967)

O destinatário e a saudação fazem parte também da superestrutura das Cartas de São Paulo, que diz a quem endereça a carta - uma comunidade ou um sujeito - e faz uma saudação, conforme já descrito anteriormente. Sabemos que esses elementos são constitutivos do gênero "carta", mas figuram também na superestrutura de gêneros atuais da comunidade discursiva católica apostólica romana, evidenciando a relação entre os dois grupos de textos.

Seguem-se o corpo do texto, a benção final, o local e data em que os textos foram produzidos, a comemoração católica do dia e o ano do pontificado. Nos exemplos (111), (112) e (113), podemos observar a presença do local e data, a comemoração do dia e o ano do pontificado.

- (111) Dado em Roma, junto de São Pedro, no dia 8 de dezembro, solenidade da Imaculada Conceição da Bem-aventurada Virgem Maria, do ano de 1975, décimo terceiro do nosso pontificado.
(Exortação Apostólica *Evangelii Nuntiandi*, do Papa Paulo VI)
- (112) Dado em Roma, junto de São Pedro, na Solenidade da Epifania do Senhor, a 6 de Janeiro do ano de 1983, quinto do meu Pontificado.

(Bula de **Proclamação do Jubileu pelo 1950º aniversário da Redenção**, do Papa João Paulo II)

- (113) *Dado em Castel Gandolfo, no dia 14 de Setembro, Festa da Exaltação da Santa Cruz, do ano de 1981, terceiro do meu Pontificado.*
(Encíclica **Laborem Exercens**, do Papa João Paulo II, de 14/09/1981)

O local e a data figuram em todos os documentos, constituindo-se numa categoria obrigatória da superestrutura desses gêneros, conforme já apontamos. O ano do pontificado só não aparece na Mensagem e no Rescrito. Entretanto, a expressão "junto a (de) São Pedro" e o que se comemora no dia, embora apareçam em exemplares de todos os dez conjuntos, não aparecem em todos os documentos, mas em cerca de 80% deles.

Em relação à bênção final, esse elemento figura ao final do corpo dos textos, o que podemos observar nos exemplos (114), (115) e (116), em negrito.

- (114) Invocando sobre Si e sobre a atividade que O espera a abundância dos favores celestes, sentimo-Nos feliz de enviar-Lhe, com grande afeto, **a Nossa reconfortante Bênção Apostólica.**
(Quirógrafo do Papa João Paulo I ao Cardeal Jean Villot, de 27 de agosto de 1978)
- (115) Na alegre esperança de que estas nossas palavras inspirem as almas a uma intensidade de meditação e a uma generosidade de aplicações, a vós, veneráveis irmãos, e a cada um dos sacerdotes e fiéis confiados às vossas solitudes pastorais, **enviamos a nossa propiciatória bênção apostólica.**
(Carta Apostólica *O ecumenicum Concilium*, do Papa João XXIII, de 28/04/1962.)
- (116) Apraz-Nos **abençoar com toda a alma** a actividade da Pontifícia Comissão da Cinematografia, Rádio e Televisão, cujo trabalho frutuoso tanto apreciamos já no passado.
(*Motu Proprio* do Papa João XXIII **Boni Pastores**, de 22 de fevereiro de 1959)

Embora, em suas cartas, São Paulo não empregasse a palavra "benção", ele desejava aos fiéis a quem ele as endereçava que a graça de Deus estivesse com eles. Segundo Ferreira (1986, p. 248), benção é graça divina. Portanto se ele desejava que a graça de Deus estivesse com os fiéis, ele os abençoava, como os papas fazem nos gêneros atuais da Igreja Católica, o que também evidencia a relação entre eles.

Em relação ao corpo do documento, parte do texto em que se localiza a mensagem propriamente dita, observamos que essa seção está presente em todos os exemplares de cada um dos dez gêneros analisados. Entretanto, essa parte dos documentos tem configurações distintas, de gênero para gênero. O que há de comum no corpo de todos os

documentos é que eles têm sempre explicitado no texto aquilo que se realiza por meio do documento junto a uma espécie de justificativa ou explicação de por que isso é realizado.

Essas configurações nos remetem à proposta de Travaglia (2007a, p.51) para a superestrutura do texto injuntivo. Segundo o autor, essa superestrutura compõe-se de três partes: o elenco – “em que se apresentam os elementos a serem manipulados na ação a ser feita”, a determinação ou incitação, na qual “aparecem as situações a cuja realização se incita” e a “justificativa ou explicação”, “em que se dá razões para a realização das situações”. Nesse sentido, verificamos que os gêneros atuais da comunidade discursiva católica apostólica romana são predominantemente injuntivos, embora essa predominância não se dê pela extensão das sequências injuntivas, mas em termos da função sociocomunicativa dos gêneros.

Ao analisar os gêneros atuais, constatamos que, dessa superestrutura proposta por Travaglia, o elenco nunca aparece, mas a justificativa e a determinação aparecem, respectivamente, em 80% e 100%, embora se realizem de maneiras distintas nos diferentes gêneros analisados. Mas a diferença será tratada na próxima seção deste trabalho, conforme apontamos anteriormente. Vejamos, então, nos exemplos (117), (118) e (119), a explicação, em negrito, e a determinação ou incitação, em itálico.

(117) **Existe na cidade de S. Sebastião do Rio de Janeiro um novo e bellissimo templo dedicado a Santa Teresinha do Menino Jesus, que os Carmelitas Descalços da Província de Roma, residentes no Brasil, acabam de edificar com o concurso dos fiéis da Republica Brasileira. Este mesmo templo não só se impõe pela grandiosidade, beleza dos altares e preciosidade dos paramentos, mas também pelo primor da arte. É formado, pois, de três grandes naves de estilo romano, com nove altares de mármore, feitos com toda a perfeição na marmifera Ligure, da Itália.**

Bem que possua este templo muitas relíquias de diversos santos, entre os quais o corpo de S. Justino Martyr, todavia é tido como o Santuário de Santa Teresinha do Menino Jesus da Nação Brasileira, onde se conserva insigne relíquia da mesma santa. E tão grande é a devoção com que o povo brasileiro a venera, que, em prova disto, quis, por subscrição nacional, oferecer a urna preciosíssima em que se conservam os restos mortais da Virgem de Lisieux, da Ordem Carmelitana Descalça. Não é, pois, de admirar que um sem número de fiéis se reúnam neste templo, pia e devotamente, para assistir aos sacros exercícios, que os Padres Carmelitas, coadjuvados também por capelães do clero secular, todos os dias, e não raro solenemente e com magnificência, more romano, realizam.

Examinados, portanto, atentamente, todas estas razões, tendo o Superior dos Carmelitas Descalços no Brasil, que tem sua residência junto do mesmo Santuário, nos pedido insistentemente que, para aumentar cada vez mais a piedade dos fieis e o decoro do Santuário, nos dignássemos elevar á

dignidade e título de Basílica Menor o mesmo templo, sufragando este pedido com calorosa recomendação do Venerável Irmão Arcebispo Coadjutor do dileto nosso filho da Santa Romana Igreja, cardeal Arcoverde de Albuquerque Cavalcanti, arcebispo de S. Sebastião do Rio de Janeiro, como também o procurador geral da Ordem dos Carmelitas Descalços, nós, que sempre tivemos desejo de aumentar a devoção dos fieis para com os santos, e de condecorar com privilégios os sacros edifícios, de boa vontade anuímos a esses votos. *Pelo que, ouvido também o Conselho dos Veneráveis irmãos nossos Cardeais da Santa Romana Igreja que presidem á Sagrada Congregação dos Ritos, motu proprio, com ciência certa e madura deliberação, com o nossa plena potestade apostólica, pela força destas letras, perpetuamente atribuímos ao templo Sacro a Deus Ótimo Maximo, em honra de Santa Teresinha do Menino Jesus da cidade e Arcebispado de S. Sebastião do Rio de Janeiro a dignidade e o título de Basílica Menor, com todas as honras, prerrogativas, indulgencias, privilégios anexos, conforme os decretos e o costume.*

(Breve Apostólico do Papa Pio XI, de 20/07/1927)

- (118) **Nascida do impulso desta Sé Apostólica, que depois acompanhou e orientou as suas actividades, a *Caritas Internationalis* configura-se como uma Confederação de organismos caritativos, em geral denominados como *Caritas* nacionais. Esta Confederação, sem privar as *Caritas* nacionais da autonomia que lhes compete, favorece a sua colaboração, desempenhando tarefas de animação, de coordenação e de representação. Por isso, a *Caritas Internationalis* está unida, em virtude da sua origem e natureza, mediante um vínculo estreito, aos Pastores da Igreja e, de modo particular, ao Sucessor de Pedro, que preside à caridade universal (cf. Santo Inácio de Antioquia, *Ep. ad Romanos*, inscr.), inspirando a sua acção no Evangelho e na tradição da Igreja. A partir da data da sua constituição, numerosas e relevantes foram as intervenções que a *Caritas Internationalis* realizou, através das organizações que a compõem, alcançando reconhecimento e prestígio também da parte das autoridades civis. Por conseguinte, confirmando o papel eclesial desempenhado por esta Confederação benemérita, acolhendo o pedido explicitamente manifestado a este propósito, em virtude da autoridade apostólica e segundo as normas do Código de Direito Canónico, concedo à *Caritas Internationalis* a personalidade jurídica canónica pública (cf. cânones 116-123 do *Codex Iuris Canonici*). Além disso, confirmo os seus Estatutos e o seu Regulamento, que deverão ser interpretados à luz de quanto se estabeleceu neste Quirógrafo. Cada uma das suas modificações deverá ser por mim confirmada, assim como a eventual transferência da sua sede social, que actualmente se encontra na Urbe.**

(Quirógrafo do Papa João Paulo II ao Presidente da Caritas Internationalis, de 16 de setembro de 2004)

- (119) **Às ilustres figuras de São Cirilo e São Metódio se dirigem de novo os pensamentos e as orações neste ano em que decorrem dois centenários particularmente significativos. Completam-se, de facto, cem anos desde a publicação da Carta encíclica *Grande munus* de 30 de Setembro de 1880,**

com a qual o grande Pontífice Leão XIII recordou a toda a Igreja as figuras e a actividade apostólica destes dois Santos e, ao mesmo tempo, introduziu a festividade litúrgica deles no calendário da Igreja católica. Decorre, além disso, o XI centenário da Carta *Industriae tuae*, enviada pelo meu Predecessor João VIII ao Príncipe Svatopluk em Junho do ano de 880, na qual era louvado e recomendado o uso da língua eslava na liturgia, para que "nessa língua fossem proclamados os louvores e as obras de Cristo nosso Senhor".

Cirilo e Metódio, irmãos, gregos, naturais de Tessalonica, cidade em que viveu e trabalhou São Paulo, entraram, desde o início da vocação, em estreitas relações culturais e espirituais com a Igreja patriarcal de Constantinopla, então florescente por cultura e actividade missionária, em cuja alta escola se formaram. Ambos tinham escolhido o estado religioso, unindo os deveres da vocação religiosa com o serviço missionário, de que deram um primeiro testemunho dirigindo-se a evangelizar os Cazários da Criméia.

Mas a preeminente obra missionária dos dois foi a missão na Grande Morávia entre os povos que habitavam então a península balcânica e as terras percorridas pelo Danúbio; foi ela, empreendida a pedido do príncipe da Morávia, Roscislav, apresentado ao imperador e à Igreja de Constantinopla. Para corresponderem às necessidades do serviço apostólico no meio dos povos eslavos, traduziram na língua destes os Livros sagrados com finalidade litúrgica e catequética, lançando com isto as bases de toda a literatura nas línguas dos mesmos povos. Justamente são eles, por isso, considerados não só os apóstolos dos Eslavos, mas também os pais da cultura entre todos esses Povos e todas essas Nações, para quem os primeiros escritos da língua eslava não cessam de ser o ponto de referência na história dessas literaturas.

Cirilo e Metódio desempenharam o próprio serviço missionário em união tanto com a Igreja de Constantinopla, pela qual tinham sido mandados, como com a Sé romana de Pedro, pela qual foram confirmados, manifestando deste modo a unidade da Igreja, que durante o período da vida e da actividade deles não estava ferida pela desventura da divisão entre o Oriente e o Ocidente, apesar das grandes tensões que, naquele tempo, assinalaram as relações entre Roma e Constantinopla.

Em Roma, Cirilo e Metódio foram acolhidos com honra pelo Papa e pela Igreja Romana, e encontraram aprovação e apoio para toda a sua obra apostólica, e também para a sua inovação de celebrar a Liturgia na língua eslava, hostilizada nalguns ambientes ocidentais. Em Roma concluiu a vida Cirilo (14 de Fevereiro de 869) e foi sepultado na igreja de São Clemente, ao passo que Metódio, ordenado pelo Papa Arcebispo da antiga sé de Sírmio, foi enviado para a Morávia a fim de continuar a providencial obra apostólica, continuada com zelo e coragem ao lado dos discípulos e no meio do seu povo até ao fim da vida (6 de Abril de 885).

Há cem anos o Papa Leão XIII com a encíclica *Grande munus* recordou a toda a Igreja os extraordinários méritos de São Cirilo e São Metódio, pela sua obra de evangelização dos Eslavos. Dado, porém, que neste ano a Igreja recorda solenemente o milésimo quingentésimo aniversário do nascimento de São Bento, proclamado em 1964 pelo meu venerado Predecessor, Paulo

VI, Patrono da Europa, pareceu que esta protecção quanto a toda a Europa seria melhor posta em relevo se, à grande obra do Santo Patriarca do Ocidente, juntássemos os particulares méritos dos dois Santos Irmãos, Cirilo e Metódio. Em favor disto há múltiplas razões de natureza histórica, quer da passada quer da contemporânea, que têm a sua garantia tanto teológica como eclesial e também cultural, na história do nosso Continente europeu. Por isso, antes ainda que termine este ano dedicado à especial memória de São Bento, desejo que, para o centenário da encíclica leonina, se valorizem todas estas razões mediante a presente proclamação de São Cirilo e São Metódio como Co-patronos da Europa.

(Carta Apostólica *EGREGIAE VIRTUTIS* do Papa João Paulo II, de 31/12/1980)

Nesses exemplos, podemos notar que os gêneros atuais da comunidade discursiva católica apostólica romana têm, nas suas configurações, uma enumeração de razões para justificar a realização das situações propostas pelos papas. Trata-se de uma seqüência expositiva e/ou argumentativa *stricto sensu*, em que cada razão apresentada constitui um elemento/argumento mobilizado pelos papas para demonstrar a seu interlocutor a legitimidade de sua decisão. São informações de natureza diversa, desde dados históricos, como podemos notar no exemplo (119), até dados biográficos e/ou argumentos baseados em provas concretas, como no exemplo (117). Podemos observar também seqüências narrativas, conforme o exemplo (116), no trecho "Cirilo e Metódio, irmãos, gregos, naturais de Tessalonica, cidade em que viveu e trabalhou São Paulo, entraram, desde o início da vocação, em estreitas relações culturais e espirituais com a Igreja patriarcal de Constantinopla, então florescente por cultura e actividade missionária, em cuja alta escola se formaram". Também há seqüências descritivas, como em (117), no trecho "Existe na cidade de S. Sebastião do Rio de Janeiro um novo e belíssimo templo dedicado a Santa Teresinha do Menino Jesus, que os Carmelitas Descalços da Província de Roma, residentes no Brasil, acabam de edificar com o concurso dos fiéis da Republica Brasileira. Este mesmo templo não só se impõe pela grandiosidade, beleza dos altares e preciosidade dos paramentos, mas também pelo primor da arte. É formado, pois, de três grandes naves de estilo romano, com nove altares de mármore, feitos com toda a perfeição na mamífera Ligure, da Itália. Bem que possua este templo muitas relíquias de diversos santos, entre os quais o corpo de S. Justino Martyr, todavia é tido como o Santuário de Santa Teresinha do Menino Jesus da Nação Brasileira, onde se conserva insigne relíquia da mesma santa".

Nesse sentido, temos o que Travaglia (2007c, p. 1299) propõe, em relação às possíveis relações entre os tipos, na composição de gêneros, uma conjugação de tipos, em

que "vários tipos de uma mesma tipologia aparecem constituindo um texto, com relações hierárquicas entre si ou simplesmente lado a lado". Nos gêneros atuais da comunidade discursiva católica apostólica romana analisados, essa relação é hierárquica, tendo em vista a predominância do tipo injuntivo. Em outras palavras, os tipos expositivo, argumentativo *stricto sensu*, narrativo e descritivo estão a serviço da injunção, constituindo-se em elementos de uma das partes da sua superestrutura, qual seja a justificativa ou explicação.

Assim como ocorre nas cartas de São Paulo, na justificativa, podemos observar que, os papas também a constroem, a partir de afirmações de aspectos constitutivos da fé católica, segundo nos mostram os trechos em destaque, em (120), (121) e (122).

- (120) Guiados pela luz suprema, impetrada pela oração coletiva, se convençam todos de que **somente o Redentor divino pode compor as múltiplas e formidáveis contendas; somente Jesus Cristo, dizemos, que é o caminho, a verdade e a vida** (cf. Jo 14,6), o qual concede a celeste clareza às mentes obtenebradas e a força divina às vontades duvidosas e preguiçosas.

(Encíclica *ANNI SACRI* do Papa Pio XII, de 12/03/1950)

- (121) O tempo jubilar faz-nos ouvir aquela linguagem vigorosa que Deus usa, na sua pedagogia de salvação, para impelir o homem à conversão e à penitência, princípio e caminho da sua reabilitação e também condição para recuperar aquilo que não poderia conseguir só com as suas forças: **a amizade de Deus, a sua graça, a vida sobrenatural, a única onde podem achar solução as aspirações mais profundas do coração humano.**

(Bula *Incararnationis Mysterium* do Papa João Paulo II, de 29/11/1998)

- (122) **Pela misericórdia de Deus, Pai que reconcilia, o Verbo encarnou no seio puríssimo da Bem-aventurada Virgem Maria para salvar «o povo dos seus pecados» (Mt 1,21) e abrir-lhe «o caminho da salvação».** São João Baptista confirma esta missão, indicando Jesus como o «Cordeiro de Deus», «Aquele que tira o pecado do mundo» (Jo 1,29).

(*Motu Proprio Misericordia Dei*, do Papa João Paulo II, de 07/04/2002)

Geralmente, a justificativa ou explicação figura ao longo do corpo dos textos, geralmente antes da determinação. Assim, a determinação ou incitação - a injunção propriamente dita - aparece, na maioria das vezes, ao final, o que podemos verificar em (123), (124) e (125).

- (123) ... em virtude da minha suprema autoridade apostólica na Igreja e da minha soberania no Estado da Cidade do Vaticano, em base aos cânones 331, 114 §§ 1 e 2, 115 § 3, 116 § 1, do Código de Direito Canónico, ao art. 1 da Lei

Fundamental do Estado da Cidade do Vaticano, de 7 de Junho de 1929, e ao art. 1, letra a), da Lei sobre as fontes do direito, de 7 de Junho de 1929, II, **erijo a Fundação Autônoma "Populorum Progressio" em pessoa jurídica canônica pública e em pessoa jurídica civil, com sede no Estado da Cidade do Vaticano. Que a Fundação seja sinal e testemunho do anelo cristão de fraternidade e verdadeira solidariedade. A Fundação reger-se-á pelas Leis canônicas e pelas leis civis em vigor na Cidade do Vaticano, e pelo Estatuto anexo que agora aprovo.**

(Quirógrafo *POPULORUM PROGRESSIO* do Papa João Paulo II, de 13/02/1992)

- (124) Portanto, depois de ouvir o parecer de nossos irmãos os cardeais da santa Igreja romana, com a autoridade de nosso Senhor Jesus Cristo, dos santos apóstolos Pedro e Paulo e com a nossa, **anunciamos, indicamos e convocamos para o próximo ano de 1962, o ecumênico e geral concílio, que se celebrará na Basílica Vaticana, nos dias que serão fixados segundo a oportunidade que a boa Providência quiser nos oferecer.**

Queremos em conseqüência, e ordenamos, que a este concílio ecumênico, por nós indicado, venham de toda parte todos os nossos diletos filhos cardeais, os veneráveis irmãos patriarcas, primazes, arcebispos e bispos tanto residenciais como apenas titulares e ademais todos os que têm direito e dever de intervir no concílio.

(Bula *HUMANAE SALUTIS* do Papa João XXIII, de 25/12/1961)

- (125) Tendo atentamente considerado diante de Deus todos estes motivos, **aprovamos com a nossa autoridade apostólica o novo Calendário Romano Geral, composto pelo Conselho encarregado de executar a Constituição sobre a Sagrada Liturgia, como aprovamos também as normas universais relativas à disposição do ano litúrgico. Determinamos que entrem em vigor a partir do dia 1º de Janeiro do próximo ano, 1970, conforme os decretos a serem publicados conjuntamente pela Sagrada Congregação dos Ritos e pelo referido Conselho, válidos até a edição do Missal e do Breviário restaurados.**

(*Motu Proprio* do Papa Paulo VI, de 14/02/1969)

Essa mesma organização do corpo constitui as Cartas de São Paulo. Podemos observar que essa conjugação de tipos figura também nos escritos do apóstolo, com a mesma relação hierárquica entre o tipo injuntivo, predominante, e os tipos expositivo, argumentativo *stricto sensu*, o narrativo e o descritivo, e a mesma posição da incitação ou determinação - normalmente depois da justificativa -, evidenciando também a relação entre os dois conjuntos de gêneros.

Às vezes, em alguns gêneros, a justificativa não se encontra explícita no corpo do texto, embora ela exista, o que veremos na seção seguinte deste trabalho, em que apontaremos o que distingue um gênero de outro.

As semelhanças quanto à estrutura composicional estão resumidas no Quadro I, a seguir.

Quadro I

| Gênero | Superestrutura | | | | | | | | | | | Tipo | | | | | | | |
|----------------------------|----------------|------|------|-----|-----|------|-----|-------|------|-----|------|---------------|-----|-----|-----|------------------------|------|------|------|
| | Rem. | ND | Des | Voc | Sau | cor | BF | Prece | LD | Com | AP | Predominância | | | | Superestrutura do tipo | | | |
| | | | | | | | | | | | | Des | Nar | Dis | Arg | Inj | Elen | Just | Det |
| 1. Breve Apostólico | 100% | 30% | 10% | 10% | 10% | 100% | 20% | 10% | 100% | 30% | 100% | | | | | 100% | | 100% | 100% |
| 2. Bula | 100% | 60% | 30% | Ø | 30% | 100% | Ø | 50% | 100% | 60% | 100% | | | | | 100% | | 100% | 100% |
| 3. Carta Apostólica | 100% | 80% | 70% | 40% | 30% | 100% | 70% | 30% | 100% | 60% | 100% | | | | | 100% | | 100% | 100% |
| 4. Constituição Apostólica | 100% | 100% | 100% | Ø | Ø | 100% | Ø | 20% | 100% | 70% | 90% | | | | | 100% | | 100% | 100% |
| 5. Encíclica | 100% | 100% | 100% | 60% | 60% | 100% | 90% | 90% | 100% | 60% | 100% | | | | | 100% | | 100% | 100% |
| 6. Exortação Apostólica | 100% | 100% | 50% | 20% | 10% | 100% | 40% | 80% | 100% | 70% | 100% | | | | | 100% | | 100% | 100% |
| 7. Mensagem | 100% | Ø | 100% | 60% | Ø | 100% | 90% | 70% | 100% | Ø | Ø | | | | | 100% | | 100% | 100% |
| 8. Motu Proprio | 100% | 90% | Ø | Ø | 60% | 100% | Ø | 10% | 100% | 20% | 100% | | | | | 100% | | 100% | 100% |
| 9. Quirógrafo | 100% | 30% | 50% | 10% | Ø | 100% | 50% | 30% | 100% | 10% | 90% | | | | | 100% | | 100% | 100% |
| 10. Rescrito | 100% | Ø | Ø | Ø | Ø | 100% | Ø | 10% | 100% | Ø | Ø | | | | | 100% | | 20% | 100% |

Rem - Remetente
 ND - Nome do Documento
 Des - Destinatário
 Voc - Vocativo
 Sau - Saudação
 Cor - corpo
 BF - Bênção final
 LD - Local e data
 Com - Comemoração católica do dia
 AP - Ano Pontificado

Des - Descrição
 Nar - Narração
 Dis - Dissertação
 Arg - Argumentação *stricto sensu*
 Inj - Injunção
 Elen - Elenco
 Just - Justificativa
 Det - Determinação ou Incitação

Tendo em vista que o tipo injuntivo prevalece, nos gêneros atuais, o **conteúdo temático** é algo a ser feito e/ou como deve ser feito, uma ou várias ações cuja realização é pretendida pelo Papa, independentemente de possuir caráter doutrinal, normativo, social, exortatório, administrativo, dentre outros. Nesses gêneros, o Papa dirige-se a indivíduos, grupos de pessoas, membros da Igreja, Igrejas particulares de todo o mundo, a todos os católicos ou até mesmo a toda a humanidade, para exercer seu papel de líder da Igreja Católica.

Dessa forma, o Papa aborda temas como as relações de trabalho, conforme se pode observar em (126), em que a justificativa encontra-se em itálico e a determinação, em negrito.

- (126) *O trabalho é um desses aspectos, perene e fundamental e sempre com actualidade, de tal sorte que exige constantemente renovada atenção e decidido testemunho. Com efeito, surgem sempre novas interrogações e novos problemas, nascem novas esperanças, como também motivos de temor e ameaças, ligados com esta dimensão fundamental da existência humana, pela*

qual é construída cada dia a vida do homem, da qual esta recebe a própria dignidade específica, mas na qual está contido, ao mesmo tempo, o parâmetro constante dos esforços humanos, do sofrimento, bem como dos danos e das injustiças que podem impregnar profundamente a vida social no interior de cada uma das nações e no plano internacional. Se é verdade que o homem se sustenta com o pão granjeado pelo trabalho das suas mãos — e isto equivale a dizer, não apenas com aquele pão quotidiano mediante o qual se mantém vivo o seu corpo, mas também com o pão da ciência e do progresso, da civilização e da cultura — então é igualmente verdade que ele se alimenta deste pão com o suor do rosto; isto é, não só com os esforços e canseiras pessoais, mas também no meio de muitas tensões, conflitos e crises que, em relação com a realidade do trabalho, perturbam a vida de cada uma das sociedades e mesmo da inteira humanidade.

[...]

No trabalho humano, o cristão encontra uma pequena parcela da cruz de Cristo e aceita-a com o mesmo espírito de redenção com que Cristo aceitou por nós a sua Cruz. E, graças à luz que, emanando da Ressurreição do mesmo Cristo, penetra dentro de nós, descobrimos sempre no trabalho um vislumbre da vida nova, do novo bem, um como que anúncio dos "céus novos e da nova terra", os quais são participados pelo homem e pelo mundo precisamente mediante o que há de penoso no trabalho. Mediante a fadiga e nunca sem ela. Ora tudo isto, por um lado, confirma ser indispensável à cruz numa espiritualidade do trabalho humano; por outro lado, porém, patenteia-se nesta cruz, no que nele há de penoso, um bem novo, o qual tem o seu princípio no mesmo trabalho: no trabalho entendido em profundidade e sob todos os aspectos, e jamais sem ele.

E será já este novo bem — fruto do trabalho humano — uma pequena parcela daquela "nova terra" onde habita a justiça? E em que relação permanecerá ele com a Ressurreição de Cristo, se é verdade ser aquilo que multiformemente é penoso no trabalho do homem uma pequena parcela da Cruz de Cristo? O Concílio procura responder também a esta pergunta, indo haurir luz nas mesmas fontes da Palavra revelada: É certo que nos é lembrado que nada aproveita ao homem ganhar o mundo inteiro, se se perde a si mesmo (cf. Lc. 9, 25). A expectativa da nova terra, porém, não deve enfraquecer, mas antes estimular a solicitude por cultivar esta terra, onde cresce aquele corpo da nova família humana, que já consegue apresentar uma certa prefiguração em que se vislumbra o mundo novo. Por conseguinte, embora se deva distinguir cuidadosamente o progresso terreno do crescimento do reino de Cristo, todavia, na medida em que tal progresso pode contribuir para a melhor organização da sociedade humana, tem muita importância para o reino de Deus.

Procurámos, ao longo das presentes reflexões dedicadas ao trabalho humano, pôr em realce tudo aquilo que parecia indispensável, dado que é mediante ele que **devem multiplicar-se sobre a face da terra não só "os frutos da nossa actividade", mas também "a dignidade do homem, a comunhão fraterna e a liberdade". O cristão que está atento em ouvir a Palavra de Deus vivo, unindo o trabalho à oração, procure saber que lugar ocupa o seu trabalho não somente no progresso terreno, mas também no desenvolvimento do**

Reino de Deus, para o qual todos somos chamados pela potência do Espírito Santo e pela palavra do Evangelho.

(Encíclica **Laborem Exercens**, do Papa João Paulo II, de 14/09/1981)

Trata de temas que revelam a sua preocupação apostólica e missionária, apontando o quê e como fazer para enfrentar os problemas da comunidade, como em (127).

- (127) Também eu desejo unir-me ao vosso luto nacional e em particular à oração por todas as vítimas desta horrível carnificina, sem distinção alguma de crença religiosa ou de pertença étnica e política. **Faço fervorosos votos por que todos os ruandeses, guiados pelas Autoridades civis e religiosas, se comprometam de modo mais generoso e eficaz em favor da reconciliação nacional e da reconstrução de um país novo, na verdade e na justiça, na unidade fraterna e na paz.**

As motivações religiosas, que estão na base do compromisso dos católicos na vida quotidiana, familiar e social, e os princípios morais que daí derivam, constituem um ponto de encontro entre os cristãos e todos os homens de boa vontade (cf. *Compêndio da Doutrina Social*, 579).

A fé cristã, que é partilhada pela maioria do povo ruandês, constitui, se for vivida com coerência e em plenitude, uma ajuda eficaz para superar um passado de erros e de morte, cujo ponto culminante foi o genocídio de 1994; ao mesmo tempo, esta fé estimula a confiança na possibilidade oferecida a todos os Ruandeses, reconciliados entre si, de edificar juntos um futuro melhor, redescobrimdo a novidade do amor, que é a única força que pode conduzir à perfeição pessoal e social, e orientar a história para o bem.

(Mensagem do Papa Bento XVI ao Presidente de Ruanda, de 03/04/2007)

Fornece instruções de comportamento aos destinatários, a partir de seus princípios, convicções e fé em Deus, segundo podemos observar em (128).

- (128) Em primeiro lugar, **é necessário uma vasta obra formativa para fazer com que a mídia seja conhecida e usada de maneira consciente e apropriada.** As novas linguagens por ela introduzidas modificam os processos de aprendizagem e a qualidade das relações humanas, razão pela qual sem uma adequada formação se corre o risco que ela, em vez de estar ao serviço das pessoas, as instrumentalize e condicione com grande incisividade. Isto é válido, de modo especial, para os jovens que manifestam uma tendência natural para as inovações tecnológicas, e também por isto **têm ainda mais necessidade de ser educados para o uso responsável e crítico dos mass media.**

Em segundo lugar, gostaria de chamar a atenção para **o acesso aos mass media e para a participação co-responsável na sua gestão.** Se as comunicações sociais são um bem destinado a toda a humanidade, devem ser encontradas sempre formas actualizadas para tornar possível uma ampla participação na sua

gestão, mesmo através de disposições legislativas oportunas. **É necessário fazer crescer a cultura da co-responsabilidade.**

Por fim, **não se devem esquecer as grandes potencialidades que os mass media têm ao favorecer o diálogo**, tornando-se veículos de conhecimento recíproco, de solidariedade e de paz. **Eles constituem um recurso positivo e poderoso, se forem postos ao serviço da compreensão entre os povos; se forem usados para alimentar injustiças e conflitos, tornam-se ao contrário uma "arma" destruidora.** Já o meu venerado Predecessor, o Beato João XXIII, na Encíclica *Pacem in terris*, advertiu de modo profético a humanidade para estes possíveis riscos [13].

(Carta Apostólica **O RÁPIDO DESENVOLVIMENTO**, do Papa João Paulo II, de 24/01/2005.

Observamos que os gêneros analisados agrupam-se, a partir da semelhança em seu conteúdo temático. Têm caráter doutrinal, 50% das Cartas Apostólicas, 40% das Encíclicas e 10% das Mensagens. 100% dos Breves, das Constituições Apostólicas, dos Quirógrafos e dos Rescritos têm caráter normativo, jurídico. 10% das Cartas Apostólicas, 20% das Encíclicas e 20% das Mensagens têm caráter social. Têm caráter exortatório 20% das Bulas, 20% das Cartas Apostólicas, 20% das Encíclicas, 100% das Exortações Apostólicas e 30% das Mensagens. 40% dos *Motu Proprio* e 10% das Cartas Apostólicas têm caráter administrativo e, finalmente, 10% das Cartas Apostólicas e 40% das Mensagens têm caráter pastoral.

Em relação aos gêneros que têm caráter doutrinal, vejamos os exemplos (129), que confirma o Sacramento da Ordem só para homens; (130), o qual trata da relação entre a fé e a filosofia; e (131), que versa sobre a importância da Eucaristia para a Igreja.

- (129) Embora a doutrina sobre a ordenação sacerdotal que deve reservar-se somente aos homens, se mantenha na Tradição constante e universal da Igreja e seja firmemente ensinada pelo Magistério nos documentos mais recentes, todavia actualmente em diversos lugares continua-se a retê-la como discutível, ou atribui-se um valor meramente disciplinar à decisão da Igreja de não admitir as mulheres à ordenação sacerdotal.

Portanto, para que seja excluída qualquer dúvida em assunto da máxima importância, que pertence à própria constituição divina da Igreja, em virtude do meu ministério de confirmar os irmãos (cfr. Lc 22,32), declaro que a Igreja não tem absolutamente a faculdade de conferir a ordenação sacerdotal às mulheres, e que esta sentença deve ser considerada como definitiva por todos os fiéis da Igreja.

(Carta Apostólica *Ordinatio Sacerdotalis*, do Papa João Paulo II, de 22/05/1994)

- (130) Passados mais de cem anos da publicação da encíclica *Æterni Patris* de Leão XIII, à qual me referi várias vezes nestas páginas, pareceu-me necessário abordar novamente e de forma mais sistemática o discurso sobre **o tema da relação entre a fé e a filosofia. É óbvia a importância que o pensamento filosófico tem no progresso das culturas e na orientação dos comportamentos pessoais e sociais. Embora isso nem sempre se note de forma explícita, ele exerce também uma grande influência sobre a teologia e suas diversas disciplinas. Por estes motivos, considerei justo e necessário sublinhar o valor que a filosofia tem para a compreensão da fé, e as limitações em que aquela se vê, quando esquece ou rejeita as verdades da Revelação. De fato, a Igreja continua profundamente convencida de que fé e razão «se ajudam mutuamente», exercendo, uma em prol da outra, a função tanto de discernimento crítico e purificador, como de estímulo para progredir na investigação e no aprofundamento.**

(Encíclica *Fides et ratio*, do Papa João Paulo II, de 14/09/1988)

- (131) **Efectivamente, a força vital da Igreja e a de cada cristão, homem ou mulher, alcança a sua plenitude precisamente na Eucaristia (cf. *Redemptor Hominis*, 20). Por isso a comunidade cristã não se edifica nem consolida se não tem a sua raiz e o seu centro na celebração da Eucaristia (cf. *P.O.*, 6).**

Por outro lado, se o culto eucarístico é vivido verdadeiramente, cada comunidade, cada cristão em particular, experimentará que aumenta a sua consciência da dignidade de todo o homem, a qual se converterá em motivo de uma adequada relação com o próximo, a nível pessoal e institucional.

A Eucaristia é também sacramento de unidade, dado que "nós, que somos muitos, constituímos um só corpo em Cristo, sendo individualmente membros uns dos outros" (*Rom 12, 5*). Vós, católicos do Chile, congregastes-vos nesse Santuário, para dar testemunho de tal unidade, participando do mesmo Corpo e Sangue de Cristo, que constróem a Igreja como autêntica comunidade do Povo de Deus. Partindo dessa unidade profunda que significa e realiza a Eucaristia, é possível chamarmo-nos uns aos outros irmãos. Que profundas conseqüências derivam daqui para a nossa vida individual e social!

A Eucaristia é por isso vínculo de caridade que fortalece a vida cristã no cumprimento do amor a Deus e ao próximo, um amor que encontra a sua fonte no Amor por excelência. De facto, cada vez que participamos na Eucaristia de maneira consciente, "abre-se na nossa alma uma dimensão real daquele amor imperscrutável que em si contém tudo aquilo que Deus fez para nós homens, e que continuamente faz" (*Carta a todos os Bispos da Igreja sobre o mistério e o culto da Eucaristia*, 5). Como conseqüência, para que a celebração da Eucaristia seja sincera e completa, deve orientar cada cristão para a eficaz ajuda aos irmãos, assim como para as diversas formas de verdadeiro testemunho cristão. Só assim poderá dizer-se que o contacto com Cristo o leva a uma abertura a Ele e, por Ele, a todos os outros, ao homem imagem de Deus.

(Mensagem do Papa João Paulo II ao XI Congresso Eucarístico do Chile, de 23/11/1980)

Os exemplos (132), (133) e (134) ilustram os gêneros cujo conteúdo temático tem carácter normativo, em que o Papa, respectivamente, concede o título de beato

ao padre João Bosco, normatiza a instituição e a vida de Ordinariatos Pessoais para fiéis anglicanos e institui uma Comissão de Inquérito para o Instituto para as Obras de Religião.

- (132) Nestas circunstâncias, atendendo aos desejos de toda a Sociedade dos Sacerdotes de São Francisco de Sales, bem como da Congregação das Irmãs da Ajuda Bem-Aventurada Maria dos Cristãos e de todos os Salesianos Cooperadores e alunos, **com nossa autoridade apostólica, de acordo com esta carta, damos corpo docente que o Venerável Servo de Deus João Bosco, um padre secular de Turim, será chamado, a partir de agora, com o título do Beato.**

(Breve Apostólico *Mirabilis Deus*, do Papa Pio XI, de 02/06/1929)

- (133) À luz de tais princípios eclesiológicos, **com esta Constituição Apostólica provê-se a uma normativa geral que regule a instituição e a vida de Ordinariatos Pessoais para aqueles fiéis anglicanos que desejam entrar corporativamente em plena comunhão com a Igreja Católica. Tal normativa é integrada por Normas Complementares emanadas pela Sé Apostólica.**

I § 1. Os Ordinariatos Pessoais para Anglicanos que entram na plena comunhão com a Igreja Católica são erigidos pela Congregação para a Doutrina da Fé dentro dos confins territoriais de uma determinada Conferência Episcopal, depois de ter consultado a própria Conferência.

(Constituição Apostólica *ANGLICANORUM COETIBUS* do Papa Bento XVI, de 04/11/2009)

- (134) Nesta mesma perspectiva, tendo em consideração o facto de que ele queria adaptar melhor as estruturas e as actividades do Instituto às exigências dos tempos; aceitando o convite do nosso Predecessor Bento XVI, a fim de permitir que os princípios do Evangelho permeassem também as actividades de natureza económica e financeira; tendo ouvido o parecer de vários Cardeais e de outros Irmãos no Episcopado, assim como de demais colaboradores; e à luz da necessidade de introduzir reformas nas Instituições que coadjuvam a Sé Apostólica, **Nós decidimos instituir uma Comissão de Inquérito para o Instituto para as Obras de Religião, que recolha informações exactas sobre a posição jurídica e sobre as várias actividades do Instituto, com a finalidade de permitir, se necessário for, uma melhor harmonização do mesmo com a missão universal da Sé Apostólica. A Comissão desempenha as suas funções segundo a norma do presente Quirógrafo e das Nossas disposições concretas.**

1. A Comissão está composta por um mínimo de cinco Membros, entre os quais um Presidente, que é o seu representante legal, um Coordenador que tem poderes ordinários de delegado e age em nome e por conta da Comissão na recolha de documentos, dados e informações necessários, bem como um Secretário que coadjuva os membros e conserva as actas.

(Quirógrafo do Papa Francisco, de 24/06/2013)

Têm carácter social os documentos ilustrados pelos exemplos (135), (136) e (137). No primeiro, o Papa trata da questão da urgência em se socorrer os povos "com

fome"; no segundo, solicita aos líderes que participam do Encontro de Seul, que sejam humanos ao tomarem as suas decisões e, no último, convoca os cristãos todos para colaborarem com a paz na sociedade humana.

- (135) **Hoje, o fenômeno importante, de que deve cada um tomar consciência, é o fato da universalidade da questão social. João XXIII afirmou-o claramente e o Concílio fez-lhe eco com a Constituição pastoral sobre a Igreja no mundo contemporâneo. Este ensinamento é grave e a sua aplicação urgente. Os povos da fome dirigem-se hoje, de modo dramático, aos povos da opulência. A Igreja estremece perante este grito de angústia e convida a cada um a responder com amor ao apelo do seu irmão.**

(Encíclica *Populorum Progressio*, do Papa Paulo VI, de 26/03/1967)

- (136) **Segundo a sua especificidade, a Igreja católica sente-se envolvida e partilha as preocupações dos líderes que participam no Encontro de Seul. Portanto, encorajo-vos a enfrentar os múltiplos e graves problemas que vos esperam — e que, num certo sentido, hoje estão diante de cada pessoa humana — coerentemente com os motivos mais profundos da crise económico-financeira, tendo oportunamente em consideração as conseqüências das medidas que foram adoptadas para compensar a própria crise e encontrar soluções duradouras, sustentáveis e justas. Ao fazê-lo, formulo votos a fim de que se tenha uma profunda consciência de que os instrumentos adoptados, enquanto tais, só funcionarão se, em última análise, forem destinados à realização de uma única finalidade: o progresso autêntico e integral do homem.**

(Mensagem do Papa Bento XVI ao Presidente da Coréia, de 08/11/2010)

- (137) **A todos os homens de boa vontade incumbe a imensa tarefa de restaurar as relações de convivência humana na base da verdade, justiça, amor e liberdade: as relações das pessoas entre si, as relações das pessoas com as suas respectivas comunidades políticas, e as dessas comunidades entre si, bem como o relacionamento de pessoas, famílias, organismos intermédios e comunidades políticas com a comunidade mundial. Tarefa nobilíssima, qual a de realizar verdadeira paz, segundo a ordem estabelecida por Deus.**

163. Bem poucos são na verdade, em comparação com a urgência da tarefa, os beneméritos que se consagram a esta restauração da vida social conforme os critérios aqui apontados. A eles chegue o nosso público apreço, o nosso fervido convite a perseverarem em sua obra com renovado ardor. Confortamos ao mesmo tempo a esperança de que a eles se aliem muitos outros, especialmente dentre os cristãos. É um imperativo do dever, é uma exigência do amor. Cada cristão deve ser na sociedade humana uma centelha de luz, um foco de amor, um fermento para toda a massa. Tanto mais o será, quanto mais na intimidade de si mesmo viver unido com Deus.

164. Em última análise, só haverá paz na sociedade humana, se esse estiver presente em cada um dos membros, se em cada um se instaurar a ordem querida por Deus. Assim interroga Santo Agostinho ao homem: "Quer a tua alma vencer tuas paixões? Submeta-se a quem está no alto e vencerá o que está

em baixo. E haverá paz em ti, paz verdadeira, segura, ordenadíssima. Qual é a ordem dessa paz? Deus comandando a alma, a alma comandando o corpo. Nada mais ordenado".

(Encíclica *PACEM ON TERRIS* do Papa João XXIII, de 11/04/1963)

Os exemplos (138), em que o Papa pede aos cristãos que celebrem solenemente o centenário do Culto ao Sagrado Coração de Jesus; (139), no qual o Papa solicita aos Bispos que exerçam com plenitude a sua tarefa de cuidado com todos os homens, e (140), em que o Papa convida os fiéis a entrarem na quaresma em consonância com a tradição da Igreja, ilustram os gêneros que têm caráter exortatório.

- (138) Completando-se felizmente este ano, como antes indicamos, o primeiro século da instituição da festa do sagrado coração de Jesus em toda a Igreja, instituição promovida pelo nosso predecessor Pio IX, de feliz memória, **é vivo desejo nosso, veneráveis irmãos, que o povo cristão celebre este centenário solenemente em toda parte, com atos públicos de adoração, de ação de graças e de reparação ao coração divino de Jesus. Com especial fervor serão, sem dúvida, celebradas estas solenes manifestações de alegria cristã e de cristã piedade – em união de caridade e em comunhão de orações com todos os demais fiéis naquela nação em que por desígnio de Deus, nasceu a santa Virgem que foi promotora e propagadora infatigável desta devoção.**

(Encíclica *Haurietis Aquas*, do Papa Pio XII, de 15/05/1956)

- (139) **O compromisso do Bispo, ao início dum novo milênio, está claramente delineado. É o seu compromisso de sempre: anunciar o Evangelho de Cristo, salvação do mundo. Mas tal compromisso aparece marcado por novas urgências, que exigem a dedicação concorde de todas as componentes do Povo de Deus.** O Bispo há de poder contar com os membros do presbitério diocesano e com os diáconos, ministros do sangue de Cristo e da caridade; com as irmãs e os irmãos consagrados, chamados a ser na Igreja e no mundo testemunhas eloqüentes do primado de Deus na vida cristã e da força do seu amor na fragilidade da condição humana; e com os fiéis leigos, dotados de maiores possibilidades de apostolado na Igreja, que constituem para os Pastores uma fonte de particular apoio e um motivo de especial conforto.

No termo das reflexões exaradas nestas páginas, damo-nos conta de quanto o tema da X Assembléia Geral Ordinária do Sínodo dos Bispos encaminhe cada um de nós, Bispos, ao encontro de todos os nossos irmãos e irmãs na Igreja e de todos os homens e mulheres da terra. A eles nos envia Cristo, como um dia enviou os Apóstolos (cf. *Mt 28, 19-20*). Tarefa nossa é ser de maneira eminente e visível, para cada pessoa, um sinal vivo de Jesus Cristo, Mestre, Sacerdote e Pastor.(300)

Jesus Cristo é, portanto, o ícone para o qual nós, venerados Irmãos no episcopado, olhamos no desempenho do nosso ministério de arautos da esperança. Como Ele devemos, também nós, saber oferecer a nossa existência pela salvação de quantos nos foram confiados, anunciando e

celebrando a vitória do amor misericordioso de Deus sobre o pecado e sobre a morte.

(Exortação Apostólica *PASTORES GREGIS* do Papa João Paulo II, de 16/10/2003)

(140) **Entremos** então no tempo quaresmal, ajustando-nos à tradição secular da Igreja. **Entremos** neste período em conformidade com a tradição particular da Igreja de Roma. Olham para nós as gerações dos discípulos e dos confessores de Cristo, que Lhe deram aqui singular testemunho de fidelidade, não poupando nem sequer o próprio sangue. Recordam-nos isto as catacumbas e os mais antigos santuários de Roma. Recorda-o toda a história da Cidade Eterna.

Entremos neste período, que principia na Quarta-feira de Cinzas, dia em que a Igreja coloca na nossa cabeça, em sinal da precariedade do nosso corpo e da nossa existência temporal, as cinzas, avisando-nos na liturgia: "Lembra-te que és pó e em pó te hás de tornar".

Aceitemos com humildade este sinal penitencial, para que o mistério de Cristo Crucificado e Ressuscitado consiga mais profundamente renovar-se no coração e na consciência de cada um, de maneira que também nós possamos caminhar numa vida nova.

(Mensagem do Papa João Paulo II para a Quaresma, de 28/02/1979)

Os exemplos (141), (142) e (143) mostram trechos de gêneros cujo conteúdo temático tem caráter administrativo. No primeiro, o Papa renova o estatuto de duas academias pontifícias; no segundo, declara São Cirilo e São Metódio como Copatronos da Europa, e no terceiro, fixa a data para o Concílio Ecumênico Vaticano II.

(141) E por isso, reconhecendo a obra realizada durante séculos por membros da Pontifícia Academia Teológica Romana de S. Tomás de Aquino e de Religião Católica, **decidi renovar os citados Estatutos destas Pontifícias Academias**, de maneira que, com maior eficácia, possam desenvolver o seu empenho em campo filosófico-teológico, para favorecer a missão pastoral do Sucessor de Pedro e da Igreja universal. [...]

Portanto eu, com plena consciência e matura deliberação, e na plenitude do meu Poder Apostólico, em virtude desta Carta, **aprovo «in perpetuo» os Estatutos da Pontifícia Academia de S. Tomás de Aquino, legitimamente elaborados e de novo revistos, e confiro-lhes a força da aprovação Apostólica.**

(*Motu Proprio INTER MUNERA ACADEMIARUM* do Papa João Paulo II, de 28/02/1999)

(142) Há cem anos o Papa Leão XIII com a encíclica *Grande munus* recordou a toda a Igreja os extraordinários méritos de São Cirilo e São Metódio, pela sua obra de evangelização dos Eslavos. Dado, porém, que neste ano a Igreja recorda solenemente o milésimo quingentésimo aniversário do nascimento de São Bento, proclamado em 1964 pelo meu venerado Predecessor, Paulo VI, Patrono da Europa, **pareceu que esta protecção quanto a toda a Europa seria melhor posta em relevo se, à grande obra do Santo Patriarca do Ocidente,**

juntássemos os particulares méritos dos dois Santos Irmãos, Cirilo e Metódio. Em favor disto há múltiplas razões de natureza histórica, quer da passada quer da contemporânea, que têm a sua garantia tanto teológica como eclesial e também cultural, na história do nosso Continente europeu. Por isso, antes ainda que termine este ano dedicado à especial memória de São Bento, desejo que, para o centenário da encíclica leonina, se valorizem todas estas razões mediante a presente proclamação de São Cirilo e São Metódio como Co-patronos da Europa.

(Carta Apostólica *EGREGIAE VIRTUTIS* do Papa João Paulo II, de 30/12/1980)

- (143) **A 25 de Dezembro do ano passado, 1961, festa do nascimento de nosso Senhor Jesus Cristo, actuando uma decisão longamente amadurecida no Nosso espírito, e ao mesmo tempo satisfazendo a expectativa comum do mundo católico, com a Constituição apostólica «*Humanae salutis*» convocámos para o corrente ano de 1962 a celebração do Concílio Ecuménico Vaticano II.**

Agora, depois de atenta reflexão, e com o fim de darmos aos participantes do Concílio a possibilidade de disporem com tempo todas as coisas, determinamos estabelecer para o dia 11 do próximo mês de Outubro a inauguração do Concílio Ecuménico Vaticano II. Escolhemos esta data sobretudo por este motivo: porque ela se prende à lembrança do grande Concílio de Éfeso, que teve suma importância na história da Igreja.

(*Motu Proprio CONCILIUM* do Papa João XXIII, de 02/02/1962)

Finalmente, para ilustrar os gêneros de carácter pastoral, vejamos os exemplos (144), em que o Papa solicita à mídia que colabore com a promoção da justiça e solidariedade; (145), no qual o papa conforta os prisioneiros do Presídio Frei Caneca; e (146), em que o Papa solidariza-se e conforta os enfermos do Instituto Nacional do Câncer.

- (144) **A nossa época é uma época de comunicação global, onde muitos momentos da existência humana se desenrolam através de processos mediáticos, ou pelo menos, se devem confrontar com eles. Limito-me a recordar a formação da personalidade e da consciência, a interpretação e a estruturação dos vínculos afectivos, o desenvolvimento das fases educativas e formativas, a elaboração e a difusão de fenómenos culturais, o desenvolvimento da vida social, política e económica.**

Numa visão orgânica e correcta do desenvolvimento do ser humano, a mídia pode e deve promover a justiça e a solidariedade, comunicando cuidadosa e verdadeiramente os acontecimentos, analisando de maneira completa as situações e os problemas, dando voz às diversas opiniões. Os critérios supremos da verdade e da justiça, na prática madura da liberdade e da responsabilidade, constituem o horizonte em cujo âmbito se situa uma autêntica deontologia na fruição dos modernos e poderosos meios de comunicação.

(Carta Apostólica *O RÁPIDO DESENVOLVIMENTO* do Papa João Paulo II, de 24/01/2005)

- (145) Durante o II Encontro Mundial com as Famílias, meu pensamento se dirige hoje a vós, que vos encontrais no Presídio "Frei Caneca". **Não escondo que sofro convosco pela privação da liberdade. Posso imaginar o que isto significa. Sofro ainda mais, porque compreendo que muitas das vossas famílias não pode contar com a vossa presença de pais e de filhos, às vezes os únicos que poderiam tirá-las do desamparo. Desejo, porém, assegurar-vos que a Igreja permanece junto a vós neste tempo de provação. Cristo quer estar convosco com o apoio da sua palavra e a certeza da sua amizade.**

Hoje, o Papa se dirige a vós com esta Carta, para vos testemunhar o amor de Cristo e a atenção da Comunidade eclesial. Cristo e os Apóstolos experimentaram a realidade do «cárcere», e São Paulo foi diversas vezes aprisionado. Jesus no Evangelho afirma: «Estive na prisão e fostes ter comigo» (Mt 25,36). Ele se solidariza com a vossa condição, e estimula a todos os que compartilham vossos problemas.

(Mensagem do Papa João Paulo II aos detentos do Presídio Frei Caneca, de 04/10/1997)

- (146) No plano salvífico de Deus, «o sofrimento, mais do que qualquer outra coisa, torna presentes na história da humanidade as forças da Redenção» (*Salvifici doloris*, 27). Precisamente como o Senhor Jesus salvou o seu povo, amando-o «até o extremo» (*Jo* 13,1), «até a morte de cruz» (*Fil* 2, 8), também continua a convidar de algum modo todos os discípulos a sofrerem pelo Reino de Deus. **Quando é unido à Paixão redentora de Cristo, o sofrimento humano torna-se um instrumento de maturidade espiritual e uma escola magnífica de amor evangélico.**

A vós doentes convido olhar sempre com fé e esperança para o Redentor dos homens. A misericórdia divina saberá acolher vossas preces e súplicas para, se for do agrado do Pai e para o vosso bem, curá-los dos males que vos afligem. Ele, porém, enxugará sempre vossas lágrimas, se souberdes olhar para a sua Cruz e antecipar na esperança a recompensa destes padecimentos. Tende confiança, Ele não vos abandona!

(Mensagem do Papa João Paulo II aos enfermos do Instituto Nacional do Câncer, de 30/09/1997)

As semelhanças, quanto ao conteúdo temático, cujos temas também fazem parte do conteúdo temático das cartas de São Paulo, estão resumidas no Quadro II.

Quadro II

| Gênero | Conteúdo temático: algo a ser feito e/ou como deve ser feito, uma ou várias ações cuja realização é pretendida pelo Papa | | | | | |
|---------------------|--|-------------------|----------------|---------------------|------------------------|------------------|
| | Caráter doutrinal | Caráter normativo | Caráter social | Caráter exortatório | Caráter administrativo | Caráter pastoral |
| 1. Breve Apostólico | | 100% | | | | |
| 2. Bula | | 80% | | 20% | | |

| | | | | | | |
|----------------------------|-----|------|-----|------|-----|-----|
| 3. Carta Apostólica | 50% | | 10% | 20% | 10% | 10% |
| 4. Constituição Apostólica | | 100% | | | | |
| 5. Encíclica | 40% | 20% | 20% | 20% | | |
| 6. Exortação Apostólica | | | | 100% | | |
| 7. Mensagem | 10% | | 20% | 30% | | 40% |
| 8. Motu proprio | | 60% | | | 40% | |
| 9. Quirógrafo | | 100% | | | | |
| 10. Rescrito | | 100% | | | | |

No que se refere à **função sociocomunicativa**, os gêneros analisados tratam de matéria doutrinal ou moral; de assuntos administrativos ou não, ligados ao governo da Igreja; estabelecem regras, normas, prescrições; exortam os membros do clero todos – Patriarcas, Primazes, Arcebispos, Bispos, presbíteros, dentre outros – mas também todos os fiéis do mundo católico, fazendo uma espécie de “convocação”; promulgam definições dogmáticas; abordam algum ponto doutrinário que esteja sendo mal entendido; concedem títulos, tudo isso com a função de definir como deve ser a conduta dos membros da Igreja, para ser coerente com o catolicismo, dizendo o quê e o como fazer, incitando o interlocutor à realização do que se quer, do que se deve fazer em função dos princípios da fé. Os exemplos (147), (148) e (149) ilustram essa função sociocomunicativa básica comum dos gêneros atuais da comunidade discursiva católica apostólica romana, que é a de orientação dos fiéis em diversos aspectos.

(147) Hoje Nós Nos rejubilamos convosco, Veneráveis Irmãos, ao verificar os ingentes trabalhos realizados em favor dos Seminários Brasileiros e da causa das Vocações em várias dioceses. Nós Nos alegramos convosco, pelos magníficos esforços de tantos devotadíssimos Pastores que à custa de penosos sacrifícios mantêm os seus Seminários florescentes na proficiência dos Mestres, na vigorosa e sadia formação dos levitas, Seminários que já produziram ótimos frutos para a Igreja de Deus.

Contudo, como em negócio de tão grande importância nunca é demais o que fazemos, sendo necessário não parar, mas progredir sempre, desejamos que se cultivem intensamente as vocações eclesásticas para dotar cada dia mais os Seminários do Brasil de muitos e escolhidos jovens.

(Carta Apostólica do Sumo Pontífice Pio XII, À obra das vocações sacerdotais no Brasil, de 23 de Abril de 1947)

(148) **Periodicamente os bispos farão bem em lembrar à indústria cinematográfica que, entre as preocupações de seu ministério pastoral, está a obrigação de se interessarem por todas as formas de diversão sã e honesta, porque são responsáveis diante de Deus pela moralidade do povo, a eles confiado, mesmo quando se diverte. O ministério sagrado que exercem**

força-os a dizer clara e abertamente que um divertimento impuro destrói as fibras morais de uma nação. O que lhes pedem não diz respeito somente aos católicos, mas a todo o público que frequenta o cinema. Vós, em particular, Veneráveis Irmãos, vós podeis procurar obter dos produtores de filmes este fito, lembrando que eles, nos Estados Unidos, livremente se comprometeram a tomar por si a grave responsabilidade que têm perante a sociedade. Os bispos do mundo inteiro, porém, devem esforçar-se para esclarecer os industriais do cinema, fazendo-os compreender que uma força tão poderosa e universal pode ser dirigida utilmente para um fim muito elevado, como seria o aperfeiçoamento individual e social da humanidade. E não é só questão de evitar o mal. Os filmes não devem somente ocupar as horas vagas de lazer, mas podem e devem, por sua força magnífica, ilustrar as mentes dos espectadores e dirigi-los positivamente para todas as virtudes.

(Encíclica *Vigilanti Cura*, do Papa Pio X, de 29 de junho de 1936)

- (149) E por isso, de própria iniciativa e ciência certa, publicamos a Nossa presente instrução; será ela como que um código jurídico de Música Sacra; e, em virtude da plenitude de Nossa Autoridade Apostólica, **queremos que se lhe dê força de lei, impondo a todos a sua mais escrupulosa observância.**

I. Princípios gerais

1. A música sacra, como parte integrante da Liturgia solene, participa do seu fim geral, que é a glória de Deus e a santificação dos fiéis. A música concorre para aumentar o decoro e esplendor das sagradas cerimônias; e, assim como o seu ofício principal é revestir de adequadas melodias o texto litúrgico proposto à consideração dos fiéis, assim o seu fim próprio é acrescentar mais eficácia ao mesmo texto, a fim de que por tal meio se excitem mais facilmente os fiéis à piedade e se preparem melhor para receber os frutos da graça, próprios da celebração dos sagrados mistérios.

2. Por isso a música sacra **deve possuir, em grau eminente, as qualidades próprias da liturgia**, e nomeadamente a *santidade* e a *delicadeza das formas*, donde resulta espontaneamente outra característica, a *universalidade*.

Deve ser santa, e por isso excluir todo o profano não só em si mesma, mas também no modo como é desempenhada pelos executantes.

Deve ser arte verdadeira, não sendo possível que, doutra forma, exerça no ânimo dos ouvintes aquela eficácia que a Igreja se propõe obter ao admitir na sua liturgia a arte dos sons. Mas **seja**, ao mesmo tempo, *universal* no sentido de que, embora seja permitido a cada nação admitir nas composições religiosas aquelas formas particulares, que em certo modo constituem o caráter específico da sua música própria, estas **devem ser** de tal maneira subordinadas aos caracteres gerais da música sacra que ninguém doutra nação, ao ouvi-las, sinta uma impressão desagradável.

(*Motu Proprio Tra Le Sollicitude*, do Papa Pio X, de 22 de novembro de 1903)

As cartas de São Paulo tinham exatamente essa função sociocomunicariva. Ele escrevia para as comunidades em que fundou a Igreja Católica, para fornecer instruções de comportamento aos membros dessas comunidades, de como enfrentar os problemas que

surgiam, relembrar a doutrina cristã, avivar sua fé, sempre a partir de suas convicções e de sua própria fé em Deus. São Paulo exercia seu papel de líder dessas igrejas dos primeiros tempos por meio de suas viagens missionárias, mas principalmente por meio de suas cartas.

Ainda no que se refere à função sociocomunicativa, os gêneros atuais analisados, assim como se pôde observar nas Cartas de São Paulo, apresentam passagens que refletem as cartas dos filósofos gregos – *protreptic letters*, cuja função é exortar seus leitores a se converter à sua filosofia - e *paraenetic letters*, as quais apresentam ensinamentos morais nas formas tradicionais, como se pode ver nos exemplos (150), que ilustra a presença das *protreptic letters*, (151) e (152), que mostram a presença das *paraenetic letters* .

- (150) Aos trabalhadores da comunicação, e principalmente aos crentes comprometidos neste importante âmbito da sociedade, repito **o convite que desde o início do meu ministério de Pastor da Igreja Universal quis fazer ao mundo inteiro: "Não tenhais medo!"**.

Não tenhais medo das novas tecnologias! Elas incluem-se "entre as coisas maravilhosas" "inter mirifica" que Deus pôs à nossa disposição para as descobrirmos, usarmos, fazer conhecer a verdade, também a verdade acerca do nosso destino de filhos seus, e herdeiros do seu Reino eterno.

(Carta Apostólica **O Rápido Desenvolvimento**, do Sumo Pontífice João Paulo II, de 24 de janeiro de 2001)

- (151) Com este fim, o mesmo Predecessor Nosso quis "instituir nesta Cúria Romana uma Comissão própria" (A.A.S., vol. LXIX, p. 768), à qual confiou a execução fiel das medidas e disposições, contidas na Carta Encíclica *Miranda prorsus*, acerca das questões referentes à fé, à moral e à disciplina eclesiástica, no sector da rádio, da televisão e do cinema (ibidem, p. 805). Impressionado pelos graves problemas que – no campo da moralidade pública, propagação das ideias e educação da juventude – são propostos pelas mencionadas técnicas, que difundem palavras e imagens e tanto influxo exercem nas almas, **desejamos fazer Nossas e confirmar as exortações e disposições do mesmo Antecessor Nosso e contribuir, quanto podemos, para transformar em positivos instrumentos do bem aqueles meios que a divina Bondade pôs à disposição dos homens. De fato, são bem conhecidas as grandes possibilidades que, tanto o cinema como a rádio e a televisão, oferecem para difundir-se uma cultura mais alta, uma arte digna deste nome e sobretudo o conhecimento da verdade.**

(*Motu Proprio Boni Pastores*, do Papa João XXIII, de 22 de fevereiro de 1959)

- (152) Em agosto de 1934, dirigindo-Nos, numa audiência, a uma deputação da Federação Internacional do Trabalho da Imprensa Cinematográfica, depois de ter mostrado a grande importância que esta espécie de espetáculo tomou em nossos dias, e sua influência tão intensa, quer para promover o bem, quer para insinuar o mal, lembrávamos que a todo custo se devia **aplicar ao cinema, para que ele**

não injuriasse e desacreditasse a moral cristã, ou simplesmente a moral humana e natural, a regra suprema que deve reger e regulamentar o grande dom da arte.

Toda a arte nobre tem como fim e como razão-de-ser, tornar-se para o homem um meio de se aperfeiçoar pela probidade e virtude; e por isso mesmo deve ater-se aos princípios e preceitos da moral. E concluíamos, com a aprovação manifesta daquelas pessoas de elite – ainda Nos é consolador relembrar – ser necessário tornar o cinema conforme as normas retas, de modo que possa levar os espectadores à inteireza da vida e uma verdadeira educação.

(Encíclica *Vigilanti Cura*, do Papa Pio X, de 29 de junho de 1936)

Também há passagens, nesses gêneros, que lembram as cartas epidícticas (cuja função é a de elogiar ou censurar), tal qual ocorre nas cartas de São Paulo, como em (153), (154) e (155), em que se pode observar o elogio dos Papas a seus destinatários.

- (153) **Hoje Nós Nos rejubilamos convosco, Veneráveis Irmãos, ao verificar os ingentes trabalhos realizados em favor dos Seminários Brasileiros e da causa das Vocações em várias dioceses. Nós Nos alegramos convosco, pelos magníficos esforços de tantos devotadíssimos Pastores que à custa de penosos sacrifícios mantêm os seus Seminários florescentes na proficiência dos Mestres, na vigorosa e sadia formação dos levitas, Seminários que já produziram ótimos frutos para a Igreja de Deus.**

(Carta Apostólica do Sumo Pontífice Pio XII, À obra das vocações sacerdotais no Brasil, de 23 de Abril de 1947)

- (154) **Esse método de formação cristã, usualmente chamado de “Cursos de Cristandade”, que se estende já a um grande número de fiéis, produziu abundantíssimos frutos: renovação da vida cristã familiar em conformidade com a lei Divina; revitalização das paróquias; fiel observância dos deveres, tanto públicos quanto privados, segundo os ditames da consciência. Tudo isso encheu de grande alegria os bispos e outros pastores de almas.**

(Breve Apostólico no qual declara São Paulo Patrono dos Cursos da Cristandade, do Papa Paulo VI, de 14 /12/ 1963).

- (155) **No momento em que a Organização das Nações Unidas celebra os seus vinte e cinco anos de existência, temos a satisfação de lhe assegurar, por intermédio de Vossa Excelência, a Nossa simpatia, juntamente com os Nossos confiantes votos de prosperidade, e de dar o Nosso apoio à sua vocação universal. Queremos hoje repetir o que tivemos a honra de proclamar, no dia 4 de Outubro de 1965, da tribuna da vossa Assembléia: "Esta Organização representa o caminho obrigatório da civilização moderna e da paz mundial".**

(Mensagem do Papa Paulo VI por ocasião do XXV aniversário da Organização das Nações Unidas)

As semelhanças, quanto à função sociocomunicativa, estão resumidas no Quadro III. Conforme podemos observar, as funções desempenhadas pelas Cartas de São Paulo, no Cristianismo dos primeiros tempos, distribuíram-se pelos distintos gêneros atuais da comunidade discursiva católica apostólica romana.

Quadro III

| Gênero | Função Sociocomunicativa | | | | | | | | | | | | |
|----------------------------|--------------------------|-------------------|----------------------|-----------------|---------------|------------------|--------------------|-----------|-----------------|--------------------|-------------------------|------------------|-----------------|
| | Doutrina | | | | Administração | | | | Pastoral | | | Legislação | |
| | Exortar à Reflexão/Ação | Esclarecer pontos | Promulgar definições | Recordar pontos | Nomear | Conceder Títulos | Resolver problemas | Responder | Solicitar/pedir | Instrução de comp. | Solidarizar/estar junto | Prescreve normas | Decreta/Declara |
| 1. Breve Apostólico | | | | | 20% | 40% | | 10% | | | | | 20% |
| 2. Bula | 10% | | | | 10% | 30% | | 10% | | 20% | | 20% | 10% |
| 3. Carta Apostólica | 20% | 20% | | | | 30% | | | | 30% | | | |
| 4. Constituição Apostólica | | 20% | 20% | | | | | | | | | 70% | |
| 5. Encíclica | 60% | 10% | | | | | | | 10% | 20% | | | |
| 6. Exortação Apostólica | 100% | | | | | | | | | | | | |
| 7. Mensagem | 20% | | | | | 10% | | | | | 70% | | |
| 8. Motu Proprio | | | | | | 10% | | | | | | 80% | 10% |
| 9. Quirógrafo | | | | | | 20% | | | | | | 70% | 10% |
| 10. Rescrito | | | | | | | | | | | | | |

O quarto parâmetro proposto por Travaglia (2007a) refere-se às **características da superfície linguística ou estilo**, segundo Bakhtin (2003).

A linguagem dos papas nos documentos analisados é altamente circunstanciada, pormenorizada, minuciosa, com muitas explicações sobre o porquê daquilo que eles realizam por meio desses documentos. Apenas depois de muita explicação, é que dizem o que querem, desejam, esperam ou ordenam. A exceção são os Rescritos, textos mais objetivos, por sua própria natureza, como veremos na segunda parte desta análise. Para ilustrar essa característica da superfície linguística dos gêneros atuais, usaremos o corpo completo de um documento. Vejamos o exemplo (156).

(156) Com sumo agrado e profunda complacência recordamos ainda e revivemos no nosso espírito aqueles dias venturosos que — tendo apenas iniciado o nosso ministério de Pastor da Igreja universal, há quase três anos, na nossa primeira viagem apostólica —, passámos com o amadíssimo povo do México, onde visitámos os nossos Irmãos no Episcopado, sacerdotes, famílias religiosas e multidões de fiéis em localidades diversas.

Mas um sentimento mais terno nos enleva nestes dias, ao pensar no motivo por que, Venerável Irmão, em virtude destas Letras te queremos enviar como Legado Nosso ao lugar aonde Nós mesmo nos deslocámos naquela ocasião para venerar a imagem da Santíssima Virgem mais celebrada nas Américas, ou seja, a

de Guadalupe, no monte Tepeyac. De facto, no dia 12 do próximo mês de Dezembro completam-se quatrocentos e cinquenta anos desde que a Virgem Mãe de Deus, segundo narra a tradição apareceu no céu ao neófito Juan Diego e falou com ele quatro vezes.

Ninguém ignora, com certeza, o caudal de piedade e de fé, de religiosidade e conforto que desse lugar e desse culto dimanou durante séculos nas almas e nas vidas das inumeráveis pessoas que ali têm ido em peregrinação todos os anos, e o grande número de pessoas que a Virgem de Guadalupe atraiu para si e para o seu Divino Filho. Isto verificámo-lo Nós mesmo ali, e sem dúvida também tu que Nos acompanhavas. Assim, pois, a Nossa mente dirige-se espontaneamente de bom grado para esse Templo digno de toda a veneração, onde foram celebrados na Nossa presença solenes actos marianos e onde agora vão celebrar-se outros cultos presididos por ti, que terás a Nossa Representação, para honrar a Mãe de Deus e inculcar uma vez mais a doutrina mariana da Igreja, isto é, que a Santíssima Virgem, verdadeira Mãe de Deus mesmo encarnado, é a mãe espiritual de todos os homens, e que as suas prerrogativas mais eminentes são a virgindade perpétua e a maternidade divina e igualmente espiritual.

Só Nos resta encarregar-te nesta ocasião, a ti mesmo, participante e intérprete do nosso pensamento, de repeties e explicares com diligência todas as coisas que Nós dissemos ali há três anos. Deste modo a solene celebração da origem da devoção Guadalupana servirá — como todos desejam — para incrementar a fé e fomentar o culto mariano, a fim de que este Santuário continue a ser o centro ao qual acorrem os fiéis em busca de exemplo de simplicidade cristã e de trato familiar com Deus, onde encontrem abundância, de graças e confortos divinos, se consolide a união de sentimentos entre os Pastores e as comunidades e entre todos os seguidores de Cristo, e do qual finalmente a luz do Evangelho de Cristo irradie em todas as partes mediante a imagem admirável de sua Mãe. Isto é o que desejamos de todo o coração ao Nosso Venerável Irmão o Cardeal Ernesto Corripio Ahumada, Arcebispo de México — cuja comunidade eclesial celebra também nesses faustos dias o 450º aniversário — assim como ao Reverendíssimo Don Guilherme Schulenburg, Abade de Guadalupe; isto é o que desejamos igualmente aos outros Irmãos Bispos que partilham, não só a solicitude pastoral nessa nação, mas também o mesmo afecto de piedade mariana que se manifesta, sobretudo no culto tributado durante estes 450 anos à chamada "Mãe Morena".

Estes dons espirituais pedimo-los finalmente a Deus para todo o povo que, sob a guia desses Prelados, seguem o caminho do Senhor Jesus e que Nós amamos com sincero carinho. E para todos os que nessa celebração aniversária te acompanham, Venerável Irmão e Legado Nosso, pedimos fertilíssima colheita de dons sobrenaturais, ao mesmo tempo que, juntamente com estas Letras, lhes transmitimos cordialmente a nossa Bênção Apostólica.

(Breve Apostólico do Papa João Paulo II, de 21/11/1981)

Observamos, nos gêneros atuais analisados, de um modo geral, uma linguagem pastoral, que revela preocupação, cuidado e sentimento de responsabilidade do Papa, em relação aos fiéis católicos, como nas cartas de São Paulo, o que podemos notar em (157), (158) e (159).

(157) A aproximação do concílio ecumênico convida as almas, com crescente apelo, à digna celebração do mesmo.

Por isto, nestes últimos meses, e particularmente depois da promulgação da *Humanae Salutis*, **o nosso coração derramou-se em documentos múltiplos, destinados justamente a preparar o clima espiritual do grande acontecimento: alguns solenes, outros familiares, todos bem conhecidos, e ao que nos consta, com acolhida fervorosa da parte dos católicos, e respeitosa da parte de todos os outros.**

(Carta Apostólica *O ecumenicum Concilium*, do Sumo Pontífice João XXIII, de 28 de abril de 1962)

(158) **Não duvidamos de que todos os cristãos, irmãos nossos, hão de querer aumentar o seu esforço comum e organizado, com o fim de ajudarem o mundo a triunfar do egoísmo, do orgulho e das rivalidades, a ultrapassar as ambições e injustiças, a permitir a todos o acesso a uma vida mais humana, onde cada um seja amado e ajudado como próximo, como irmão.** E, comovido ainda pelo nosso inesquecível encontro, em Bombaim, com os nossos irmãos não-cristãos, de novo os convidamos a trabalharem, de todo o coração e com toda a sua inteligência, para que todos os filhos dos homens possam levar uma vida digna de filhos de Deus.

(Encíclica *Populorum Progressio*, do Papa Paulo VI, de 26 de março de 1970)

(159) **O cargo de Bom Pastor de todo o rebanho de Deus - que, desde o princípio do Nosso Pontificado afirmámos "ter a peito de modo especialíssimo" (cfr. A.A.S., vol. L, p. 886) – ao mesmo tempo que solicita constantemente a Nossa atenção para todas as necessidades da Igreja, move-Nos também a considerar com particular interesse todos os inventos da civilização moderna que não pouco influem na vida espiritual do homem, entre os quais se devem contar a rádio, a televisão e o cinema.**

(*Motu Proprio Boni Pastores*, do Papa João XXIII, de 22 de fevereiro de 1959)

Muito comum também, nos documentos analisados, é a presença de uma linguagem iluminadora, encorajadora e estimulante, própria de um pastor, conforme se podemos observar em (160), (161) e (162).

(160) Não queríamos, enfim, deixar de **dar graças ao Senhor, com profunda alegria, ao reconhecermos que muitos daqueles que infelizmente foram infiéis por algum tempo às suas obrigações, reencontraram, com a graça do Sumo Sacerdote, o caminho justo e, para alegria de todos, voltaram a ser ministros exemplares, depois de terem recorrido com boa vontade comovedora a todos os meios idôneos e principalmente à intensa vida de oração, de humildade e de contínuos esforços sustentados pela freqüência do sacramento da penitência.**

(Encíclica *Sacerdotalis Caelibatus*, do Papa Paulo VI, de 24 de junho de 1967)

- (161) O encontro religioso do domingo 10 de setembro em Castelgandolfo, com representações nobres e copiosas de cardeais, de prelados, do corpo diplomático, e com uma multidão de fiéis de todas as proveniências, foi todo penetrado do sentimento de viva preocupação acerca do problema da paz. A presença da nossa humilde pessoa, a nossa voz comovida, era ponto diretivo, luminoso e central daquele encontro. Das nossas mãos consagradas e bentas elevou-se o sacrifício eucarístico de Jesus, Salvador e Redentor do mundo e rei pacífico dos séculos e dos povos. (...) Comovido e ao mesmo tempo confiante, naquela tarde misteriosa **anunciamos o nosso propósito de incentivar sucessivos encontros de almas à medida que se oferecesse ocasião, para entretê-las em oração acerca deste fundamental empenho da preservação da paz no mundo inteiro, e para salvação da civilização.**

(Carta Apostólica *Il Religioso Convegno*, do Sumo Pontífice João XXIII, de 29 de setembro de 1961)

- (162) Com estas palavras, **quis e quero encorajar e, ao mesmo tempo, dirigir um forte convite aos meus irmãos Bispos — e, através deles, a todos os presbíteros** — para um solícito relançamento do sacramento da Reconciliação, inclusive como exigência de autêntica caridade e de verdadeira justiça pastoral, lembrando-lhes que cada fiel, com as devidas disposições interiores, tem o direito de receber pessoalmente o dom sacramental.

(*Motu Proprio Misericordia Dei*, do Papa João Paulo II, de 07 de abril de 2002)

No exemplo (162), podemos observar que essa linguagem pastoral e encorajadora está presente, mesmo nos gêneros que constituem uma espécie de decreto, como o *Motu Proprio*, cuja linguagem é mais concisa, como veremos na seção deste trabalho em que apresentamos as características que distinguem esses gêneros.

Podemos verificar também, em (163), (164) e (165), o largo emprego de adjetivos, mesmo nos textos de caráter mais normativo, exatamente como a linguagem das cartas de São Paulo.

- (163) Depois de invocar com **suplicantes** preces a luz e graças do Espírito Santo, decidimos celebrar um Sínodo Romano, para que nesta cidade **alma**, sede de nossa diocese, a fé católica reverdeça mais e mais, para exemplo de todas as outras, para que ganhem incrementos **saudáveis** os costumes **cristãos**, para que a disciplina do clero e do povo responda mais adequadamente às necessidades de nossos tempos e se fortaleça firmemente.

(Quirógrafo do Papa João XXIII, de 16/01/1960)

- (164) Com **sumo** agrado e **profunda** complacência recordamos ainda e revivemos no nosso espírito aqueles dias **venturosos** que — tendo apenas iniciado o nosso ministério de Pastor da Igreja universal, há quase três anos, na nossa primeira viagem **apostólica** —, passámos com o **amadíssimo** povo do México, onde

visitámos os nossos Irmãos no Episcopado, sacerdotes, famílias **religiosas** e multidões de fiéis em localidades **diversas**.

(Breve Apostólico do Papa João Paulo II, de 21/11/1981).

- (165) É que sabemos muito bem não só quão **grande** "utilidade - para usarmos as palavras de Bento XIV na citada bula **áurea** - derivou desta **piadosa e louvável** instituição para os homens de todas as classes sociais", (3) nos tempos passados, mas também o **grande** empenho e esforço de ânimo, com que, em nossos dias, estas falanges **marianas**, seguindo as **gloriosas** pegadas dos antepassados e obedecendo religiosamente às suas leis, se colocam nas primeiras filas, sob os auspícios e a direção da hierarquia eclesiástica, apoiando e suportando com constância trabalhos para a maior glória de Deus e para o bem das almas; de tal maneira que devem ser consideradas como **aguerridas** coortes e forças **espirituais**, prontas a defender, assegurar e propagar o catolicismo. (4) E isso por muitas razões.

(Constituição Apostólica **BIS SAECULARE DIE**, do Papa Pio XII, de 27/09/1948)

Outra característica comum na linguagem dos gêneros analisados é o emprego de confissões de fé – fórmulas breves e normativas que poderiam ser usadas por todos e resumem a fé professada pelos cristãos, também muito empregadas por São Paulo, em suas cartas. Os exemplos (166), (167) e (168) ilustram isso.

- (166) **Jesus continua sendo o Redentor e o Salvador.**

(Carta Apostólica **Inde a Primis** do Sumo Pontífice João XXIII, de 30 de junho de 1960)

- (167) ... uma salvação que ultrapassa todos estes limites, para vir a ter a sua plena realização numa comunhão com **o único Absoluto, que é o de Deus.**

(Exortação Apostólica **EVANGELII NUNTIANDI** do Papa Paulo VI, de 08/12/1975)

- (168) O cuidado cotidiano do Supremo Pontífice, confiado a nossa humilde força do Senhor, "**que não abandona aqueles que confiam n'Ele**" (cf. *Iud.* 6, 15), nos faz sentir como um dos deveres mais importantes e delicados a escolha de nossos colaboradores mais próximos, chamados a conhecer de perto as angústias do nosso ministério, e compartilhá-las conosco.

(Quirógrafo do Papa João XXIII, de 12/08/1961)

Freqüentemente o Papa usa a expressão "veneráveis irmãos", para chamar os seus destinatários, nos documentos analisados, como nos exemplos (169), (170) e (171). Essa forma muito se assemelha à forma com que São Paulo se dirigia aos povos das comunidades às quais escrevia, chamando-os de "santos".

- (169) O Nosso pensamento foi logo dirigido ao Senhor, **venerável Irmão**, ao qual já o Nosso Predecessor de venerada memória Paulo VI, confiara tal honroso cargo, sublinhando "seus dotes de mente, de coração, de vontade, como de pastoral sensibilidade e sabedoria" que Lhe distinguem.
(Quirógrafo do Papa João Paulo II, de 27/08/1978)
- (170) Está ainda viva, **Veneráveis Irmãos**, no nosso ânimo a recordação da grande emoção sentida ao proclamar a augusta Mãe de Deus como Mãe espiritual da Igreja e, portanto, de todos os fiéis e sagrados Pastores, a coroar a terceira sessão do Concílio Ecuménico Vaticano II, após ter solenemente promulgado a Constituição Dogmática *Lumen Gentium*.
(Exortação Apostólica *SIGNUM MAGNUM*, do Papa Paulo VI, de 13/05/1967)
- (171) Os acontecimentos que então se desenrolaram em Lourdes, e cujas proporções espirituais melhor medimos hoje, são-vos bem conhecidos. Sabeis, **caros filhos e veneráveis irmãos**, em que condições estupendas, apesar de zombarias, de dúvidas e de oposições, a voz daquela menina, mensageira da Imaculada, se impôs ao mundo.
(Encíclica *Le Pèlerinage de Lourdes*, do Papa Pio XII, de 2 de julho de 1957)

Geralmente, observa-se também uma expansão linguística para os destinatários, conforme (172), (173) e (174). Essa expansão é também freqüente nas Cartas de São Paulo.

- (172) Aos veneráveis irmãos, patriarcas, primazes, arcebispos, bispos e ordinários do lugar, **em paz e comunhão com a Sé Apostólica**.
(Carta Apostólica *Oecumenicum Concilium*, do Sumo Pontífice João XXIII, de 28 de abril de 1962)
- (173) Para os Veneráveis Irmãos e Filhos Amados, Patriarcas, Primazes, Arcebispos, Bispos e outros Ordinários, **e também os médicos e estudantes de universidades católicas e seminários**.
(Bula *MATER PROVIDENTÍSSIMA*, do Papa Bento XV, de 19/05/1917)
- (174) AOS BISPOS
AOS PRESBÍTEROS E DIÁCONOS
ÀS PESSOAS CONSAGRADAS
AOS FIÉIS LEIGOS
E A TODOS OS HOMENS
DE BOA VONTADE
(Encíclica *CARITAS IN VERITATE*, do Papa Bento XVI, de 29/06/2009)

Em suas cartas, São Paulo freqüentemente oferece uma prece no interesse de seus leitores. Em muitos dos gêneros atuais da comunidade discursiva católica apostólica romana, os papas também o fazem. Normalmente, nos gêneros de caráter mais doutrinário.

Mas, enquanto nas cartas de São Paulo, essa prece aparece no início dos textos, nas encíclicas, assim como nas cartas apostólicas, elas figuram ao final. Os exemplos (175), (176) e (177) ilustram a prece.

- (175) Quanto a Nós, por tanto tempo quanto tiverdes de lutar contra o perigo, estaremos de corpo e de alma no meio de vós; e, dirigindo ao mesmo tempo ao Deus que fundou a Igreja e que a conserva **as nossas preces mais humildes e mais instantes, suplicá-lo-emos a baixar sobre a França um olhar de misericórdia, a arrancá-la às ondas desencadeadas em torno dela, e a restituir-lhe em breve, pela intercessão de Maria Imaculada, a calma e a paz.**

(Carta Encíclica *Vehementer Nos*, do Papa Pio X, de 11/02/1906)

- (176) **O Apóstolo dos Gentios ilumine e proteja todos aqueles que desempenham as suas funções na Basílica a ele dedicada, e conceda ajuda e alívio a todos os fiéis e aos peregrinos que, com sincera devoção, visitam o lugar sagrado da memória do seu martírio, para reavivar a própria fé e invocar a salvaguarda sobre o caminho de santificação e sobre o compromisso da Igreja,** em vista da propagação do Evangelho no mundo contemporâneo.

(*Motu Proprio A Antiga e Venerável Basílica*, do Papa Bento XVI, de 31/05/2005)

- (177) **Invocando para a causa das Vocações Sacerdotais no Brasil o olhar complacente da Virgem Mãe Aparecida a Cujo Coração Imaculado consagrastes recentemente toda a Nação,** concedemos com todo o carinho e afecto a Vós, Veneráveis Irmãos, aos vossos Sacerdotes, aos vossos Seminários, a todos os que se dedicam à Obra das Vocações Sacerdotais, e à vossa grande e querida Pátria, a Bênção Apostólica.

(Carta Apostólica do Sumo Pontífice Pio XII, À obra das vocações sacerdotais no Brasil, de 23 de Abril de 1947)

A linguagem dos gêneros da comunidade discursiva católica apostólica romana analisados é abundante em seqüência descritivas, narrativas, dissertativas e/ou argumentativas *stricto sensu*, funcionando como elementos que constroem a justificativa do tipo injuntivo, que, conforme já apontamos, predomina nesses textos. Observemos os exemplos (178), em que temos, em itálico, uma seqüência expositiva e, em negrito, uma seqüência argumentativa *stricto sensu*; (179), que constitui uma seqüência narrativa; e (180), uma seqüência descritiva.

- (178) *Sendo assim, o amor conjugal requer nos esposos uma consciência da sua missão de "paternidade responsável", sobre a qual hoje tanto se insiste, e justificadamente, e que deve também ser compreendida com exatidão. De fato, ela deve ser considerada sob diversos aspectos legítimos e ligados entre si. Em*

relação com os processos biológicos, paternidade responsável significa conhecimento e respeito pelas suas funções: a inteligência descobre, no poder de dar a vida, leis biológicas que fazem parte da pessoa humana. Em relação às tendências do instinto e das paixões, a paternidade responsável significa o necessário domínio que a razão e a vontade devem exercer sobre elas. Em relação às condições físicas, econômicas, psicológicas e sociais, a paternidade responsável exerce-se tanto com a deliberação ponderada e generosa de fazer crescer uma família numerosa, como com a decisão, tomada por motivos graves e com respeito pela lei moral, de evitar temporariamente, ou mesmo por tempo indeterminado, um novo nascimento. Paternidade responsável comporta ainda, e principalmente, uma relação mais profunda com a ordem moral objetiva, estabelecida por Deus, de que a consciência reta é intérprete fiel. O exercício responsável da paternidade implica, portanto, que os cônjuges reconheçam plenamente os próprios deveres, para com Deus, para consigo próprios, para com a família e para com a sociedade, numa justa hierarquia de valores. Na missão de transmitir a vida, eles não são, portanto, livres para procederem a seu próprio bel-prazer, como se pudessem determinar, de maneira absolutamente autônoma, as vias honestas a seguir, mas devem, sim, conformar o seu agir com a intenção criadora de Deus, expressa na própria natureza do matrimônio e dos seus atos e manifestada pelo ensino constante da Igreja.

(Encíclica *HUMANAE VITAE*, do Papa Paulo VI, de 25 de julho de 1968)

- (179) **O Venerável Josemaría Escrivá, nascido em Barbastro (Espanha) em 9 de Janeiro de 1902, foi ordenado sacerdote a 28 de março de 1925, e no dia 2 de Outubro de 1928, fundou, em Madrid, o Opus Dei. No dia 14 de Fevereiro de 1930, compreendeu que devia alargar o seu apostolado também às mulheres. No fiel cumprimento da sua tarefa, moveu sacerdotes e leigos, homens e mulheres de todas as condições, a encontrar nas ocupações quotidianas o âmbito da sua corresponsabilidade na missão da Igreja, com plena dedicação a Deus nas circunstâncias ordinárias da vida secular. «Abriram-se os caminhos divinos da Terra, exclamava (*Cristo que passa*, n.21): não se limitou na prática a descrever as perspectivas pastorais que se abriam com esse empenhamento capilar na evangelização, mas configurou-o como realidade atinente à natureza estável e orgânica da Igreja.**

(Breve Apostólico do Papa João Paulo II, de 17/05/1992)

- (180) **Nascida do impulso desta Sé Apostólica, que depois acompanhou e orientou as suas actividades, a *Caritas Internationalis* configura-se como uma Confederação de organismos caritativos, em geral denominados como *Caritas* nacionais. Esta Confederação, sem privar as *Caritas* nacionais da autonomia que lhes compete, favorece a sua colaboração, desempenhando tarefas de animação, de coordenação e de representação. Por isso, a *Caritas Internationalis* está unida, em virtude da sua origem e natureza, mediante um vínculo estreito, aos Pastores da Igreja e, de modo particular, ao Sucessor de Pedro, que preside à caridade universal (cf. Santo**

Inácio de Antioquia, *Ep. ad Romanos*, inscr.), inspirando a sua acção no Evangelho e na tradição da Igreja.

(Quirógrafo **DURANTE A ÚLTIMA CEIA** do Papa João Paulo II, de 16/09/2004)

Também observamos, nesses documentos, assim como nos textos escritos por São Paulo, alta freqüência de emprego de auxiliares de modalidade imperativa, próprias do tipo injuntivo, que revelam as orientações que os papas passam às comunidades das suas igrejas, o que podemos observar em (181), (182) e (183).

(181) Isto representa um desafio sério para os crentes, sobretudo para os pais, as famílias e para quantos são responsáveis pela formação da infância e da juventude. **Devem** ser encorajados na comunidade eclesial, com prudência e sabedoria pastoral, aqueles que têm particulares capacidades para trabalhar no mundo das comunicações sociais, para que se tornem profissionais capazes de dialogar com o vasto mundo dos mass media.

(Carta Apostólica **O Rápido Desenvolvimento**, do Sumo Pontífice João Paulo II, de 24 de janeiro de 2001)

(182) Portanto, o Conselho Superior Geral faz humilde solicitação a Vossa Santidade, para que se digne a prescrever esta Jornada Missionária. Esta missão não **deve**, de modo algum, afetar as festas missionárias já habitualmente celebradas, nem impedir a coleta prescrita.

(Rescrito do Papa Pio XI, de 14/04/1926)

(183) O Abade do Mosteiro de São Paulo fora dos Muros, depois de ter sido canonicamente eleito, **deve** receber a confirmação do Pontífice Romano.

(*Motu Proprio A Antiga e Venerável Basílica*, do Papa Bento XVI, de 31/05/ 2005)

Em (184) e (185), observamos outra característica de estilo dos gêneros que constituem o nosso *corpus*, que reside no emprego amplo de verbos no imperativo, ou formas verbais com o valor de imperativo, como o futuro do presente, no exemplo (186), também característico do tipo injuntivo.

(184) O Seminário é e deve ser o objeto máximo das vossas solitudes. **Dai** aos vossos Seminários os melhores sacerdotes e não **receeis** arrancá-los de outros cargos aparentemente mais relevantes, mas que na realidade não sofrem confronto com esta obra capital e insubstituível.

(Carta Apostólica do Sumo Pontífice Pio XII, À obra das vocações sacerdotais no Brasil, de 23/04/1947)

- (185) **Entremos** então no tempo quaresmal, ajustando-nos à tradição secular da Igreja. **Entremos** neste período em conformidade com a tradição particular da Igreja de Roma. Olham para nós as gerações dos discípulos e dos confessores de Cristo, que Lhe deram aqui singular testemunho de fidelidade, não poupando nem sequer o próprio sangue. Recordam-nos isto as catacumbas e os mais antigos santuários de Roma. Recorda-o toda a história da Cidade Eterna. **Entremos** neste período, que principia na Quarta-feira de Cinzas, dia em que a Igreja coloca na nossa cabeça, em sinal da precariedade do nosso corpo e da nossa existência temporal, as cinzas, avisando-nos na liturgia: "Lembra-te que és pó e em pó te hás de tornar". **Aceitemos** com humildade este sinal penitencial, para que o mistério de Cristo Crucificado e Ressuscitado consiga mais profundamente renovar-se no coração e na consciência de cada um, de maneira que também nós possamos caminhar numa vida nova.

(Mensagem do Papa João Paulo II para a Quaresma, de 28/02/1979)

- (186) A edição latina do rito, que contém a nova forma, entrará em vigor tão logo seja publicada; enquanto as edições vulgares, preparadas pelas conferências episcopais e aprovadas pela Santa Sé, **entrarão** em vigor no dia que será decidido pelas mesmas singulares conferências; o antigo rito poderá ser usado até o final de 1972. Todavia, a partir de 1º de janeiro de 1973, todos os interessados **deverão** fazer uso apenas do novo rito.

(Constituição Apostólica *DIVINAE CONSORTIUM NATURAE* do Papa Paulo VI, de 15/08/1971)

Também são empregados, nesses textos, como nas Cartas de São Paulo, verbos enunciativos no discurso indireto e ligados à condição do produtor do texto como incitador e do receptor como potencial executor das ações, conforme proposto por Travaglia (2007a). É o que mostram os exemplos (187), (188) e (189).

- (187) **Queremos** em consequência, e **ordenamos**, que a este concílio ecumênico, por nós indicado, venham de toda parte todos os nossos diletos filhos cardeais, os veneráveis irmãos patriarcas, primazes, arcebispos e bispos tanto residenciais como apenas titulares e ademais todos os que têm direito e dever de intervir no concílio.

(Constituição Apostólica *HUMANAE SALUTIS* do Papa João XXIII, de 25/12/1961)

- (188) Para que obtenha o desejado efeito tudo quanto, seguindo as pegadas dos nossos predecessores, nós nesta carta encíclica **recomendamos ou prescrevemos**, vós, ó veneráveis irmãos, com solícito empenho adotareis todas as disposições que vos impõe o alto encargo a vós confiado por Cristo e pela Igreja, e que, como resulta da experiência, com grande fruto são, em muitas igrejas do mundo cristão, postas em prática.

(Encíclica *Musicae Sacrae Disciplina*, do Papa Pio XII, de 25 de dezembro de 1955)

- (189) Permanecendo, pois, em vigor, as restantes normas canônicas sobre os processos, “Motu proprio” e com a Nossa Autoridade Apostólica, **determinamos e decretamos** as normas que seguem e que devem ser fielmente observadas em todos os Tribunais, mesmo nos Apostólicos, a partir do dia 1 de Outubro de 1971, até ser promulgado o novo Código de Direito Canônico.

(*Motu Proprio Causas Matrimoniales*, do Papa Paulo VI, de 28 de março de 1971)

Em relação às **condições de produção**, o remetente dos gêneros analisados é sempre o Papa. Quando não é ele pessoalmente, ele desempenha a função de remetente por meio de um secretário, normalmente o Secretário de Estado do Vaticano. Trata-se de um escriba, exatamente como São Paulo fazia em suas cartas. E o nome do Papa consta no documento, identificado como seu autor. São Paulo normalmente escrevia um trechinho, ao final de suas cartas, de próprio punho, para conferir-lhes autenticidade, no sentido de identificá-lo como autor, conforme apontamos na seção em que analisamos as suas cartas. Vejamos a identificação do remetente, nos exemplos (190), (191) e (192).

(190)

BULA
INCRUMENTUM ALTARIS
BENTO BISPO,
SERVO DOS SERVOS DE DEUS.
PARA PERPÉTUA MEMÓRIA
(Bula do Papa Bento XV, de 10/08/1915)

(191)

CONSTITUIÇÃO APOSTÓLICA
DIVINAE CONSORTIUM NATURAE
DE SUA SANTIDADE
O PAPA PAULO VI
SOBRE O SACRAMENTO DA CONFIRMAÇÃO
(Constituição Apostólica do Papa Paulo VI, de 15/08/1971)

(192)

MENSAGEM DO **PAPA BENTO XVI**
AO SENHOR LEE MYUNG-BAK
PRESIDENTE DA COREIA,
POR OCASIÃO DO G20 REUNIDO EM SEUL
(Mensagem do Papa Bento XVI, de 08/11/2010)

Os destinatários desses gêneros são indivíduos, grupos de membros da Igreja, ordinários de Igrejas particulares, católicos de uma região, todos os fiéis do mundo católico e até mesmo a humanidade inteira, o que veremos na seção em que trataremos da distinção dos gêneros. O que há de comum entre esses destinatários é que constituem elementos envolvidos em algo em que a Igreja, por meio de seu líder, o Sumo Pontífice, precisa intervir, para realizar uma espécie de equilíbrio, seja esclarecendo algum ponto da doutrina, realizando um ato administrativo, intervindo em questões sociais ou animando os crentes, para que possa exercer seu magistério pontifício, seja no seio da comunidade eclesial, seja na função pastoral, o que nos revela que o Papa não se esquece dos compromissos da Igreja no mundo. Os exemplos (193), (194) e (195) mostram isso.

- (193) Segundo a sua especificidade, **a Igreja católica sente-se envolvida e partilha as preocupações dos líderes que participam no Encontro de Seul. Portanto, encorajo-vos a enfrentar os múltiplos e graves problemas que vos esperam — e que, num certo sentido, hoje estão diante de cada pessoa humana —** coerentemente com os motivos mais profundos da crise económico-financeira, tendo oportunamente em consideração as conseqüências das medidas que foram adoptadas para compensar a própria crise e encontrar soluções duradouras, sustentáveis e justas. Ao fazê-lo, **formulo votos a fim de que se tenha uma profunda consciência de que os instrumentos adoptados, enquanto tais, só funcionarão se, em última análise, forem destinados à realização de uma única finalidade: o progresso autêntico e integral do homem.**

(Mensagem do Papa Bento XVI ao Sr. Lee Myung-Bak, Presidente da Coreia, por ocasião do G20 reunido em Seul, de 08/11/2010)

- (194) *Aos veneráveis irmãos Patriarcas, Primazes, Arcebispos, Bispos e outros Ordinários de lugar, em paz e comunhão com a Sé Apostólica*

INTRODUÇÃO

1. Sempre tivemos sumamente em consideração a disciplina da música sacra; donde haver-nos parecido oportuno tratar ordenadamente dela, e, ao mesmo tempo, elucidar com certa amplitude muitas questões surgidas e discutidas nestes últimos decênios, a fim de que esta nobre e respeitável arte contribua cada vez mais para o esplendor do culto divino e para uma mais intensa vida espiritual dos fiéis. [...] Assim, nutrimos esperança de que as normas sabiamente fixadas por São Pio X no documento por ele com toda razão chamado "código jurídico da música sacra" (1) serão novamente confirmadas e inculcadas, receberão nova luz, e serão corroboradas por novos argumentos; de tal sorte que a nobre arte da música sacra, adaptada às condições presentes e, de certo modo, enriquecida, corresponda sempre mais à sua alta finalidade.

(Encíclica *MUSICAE SACRAE DISCIPLINA*, do Papa Pio XII, que regulamenta o uso da música sacra no culto divino, de 25/12/1955)

(195) Hoje Nós Nos rejubilamos convosco, Veneráveis Irmãos, ao verificar os ingentes trabalhos realizados em favor dos Seminários Brasileiros e da causa das Vocações em várias dioceses. Nós Nos alegramos convosco, pelos magníficos esforços de tantos devotadíssimos Pastores que à custa de penosos sacrifícios mantêm os seus Seminários florescentes na proficiência dos Mestres, na vigorosa e sadia formação dos levitas, Seminários que já produziram ótimos frutos para a Igreja de Deus.

Contudo, como em negócio de tão grande importância nunca é demais o que fazemos, sendo necessário não parar, mas progredir sempre, desejamos que se cultivem intensamente as vocações eclesásticas para dotar cada dia mais os Seminários do Brasil de muitos e escolhidos jovens. A mesma extraordinária extensão da vossa imensa Pátria e o continuo aumento da população Nos fazem espontaneamente pensar na necessidade de multiplicar o número dos obreiros do Senhor para que em toda a parte e a todo o tempo possam satisfazer às exigências espirituais dos fiéis.

(Carta Apostólica aos Cardeais, Arcebispos, Bispos, Sacerdotes e a todos os que se dedicam à obra das vocações sacerdotais no Brasil, do Papa Pio XII, de 23/04/1947)

É interessante notar que São Paulo fazia a mesma coisa. Entretanto, São Paulo realizava tudo que desejava por meio de suas cartas e não por meio de vários documentos diferentes, como ocorre hoje, no seio da comunidade discursiva católica apostólica romana.

Importante demonstrar, ainda, que o remetente desses gêneros, o Papa, se coloca como um apóstolo (o apóstolo atual de Cristo), assim como fazia São Paulo. Essa identificação como apóstolo é marcada lingüisticamente nos documentos pontifícios por expressões, tais como “a bênção apostólica”, “poder apostólico”, “autoridade apostólica”, dentre outros, o que podemos observar nos exemplos (196), (197) e (198).

(196) Com essa confiança, concedemos de coração a vós todos, veneráveis irmãos, ao vosso clero e aos fiéis, e a todos os que de maneira especial secundarão prontamente essas nossas exortações, **a bênção apostólica**, auspício das graças divinas e de nossa benevolência paterna.

(Encíclica *SUMMI MAERORIS* do Papa Pio XII, de 19/07/1950)

(197) Portanto, com seguro conhecimento e minha madura deliberação, na plenitude do **poder apostólico**, em virtude desta Carta e para sempre, constituo e declaro celestiais Co-patronos de toda a Europa, junto de Deus, os Santos Cirilo e Metódio, concedendo, além disso, todas as honras e os privilégios litúrgicos que pertencem, segundo o direito, aos Patronos principais dos lugares.

(Carta Apostólica *EGREGIA VIRTUTIS* do Papa João Paulo II, de 31/12/1980)

- (198) Por conseguinte, quanto possível suprido o consentimento dos interessados e dos que se presumem tais, depois de tudo maduramente ponderado, com pleno conhecimento de causa, com a plenitude da nossa **autoridade apostólica**, da Diocese de Campinas desmembramos a parte de seu território compreendida pelas paróquias de Santo Antônio de Piracicaba, Bom Jesus, Vila Rezende, Saltinho, Ibitiruna, Charqueada, Santa Bárbara, Rio das Pedras, São Pedro, Santa Maria, Capivari, Vila Rafard. Em uma nossa nova diocese erigimos o território destas paróquias com a denominação de Diocese de Piracicaba, da cidade do mesmo nome, cidade que determinamos para sede episcopal.
(Bula de Criação da Diocese de Piracicaba, do Papa Pio XII, de 26/02/1944)

Ainda em relação às condições de produção, observamos que tanto São Paulo como o Papa produzem textos como líderes da Igreja, cada qual a seu tempo (quem produz) e o fazem para exercer a sua missão pastoral e evangelizadora dos fiéis (para quê produz), esclarecendo-os, orientando-os, estabelecendo normas, dentre outros. Nos exemplos (199), (200) e (201), temos amostras dos gêneros atuais, no que se refere a esse "para quê".

- (199) Embora a doutrina sobre a ordenação sacerdotal que deve reservar-se somente aos homens, se mantenha na Tradição constante e universal da Igreja e seja firmemente ensinada pelo Magistério nos documentos mais recentes, todavia atualmente em diversos lugares continua-se a retê-la como discutível, ou atribui-se um valor meramente disciplinar à decisão da Igreja de não admitir as mulheres à ordenação sacerdotal.

Portanto, para que seja excluída qualquer dúvida em assunto da máxima importância, que pertence à própria constituição divina da Igreja, em virtude do meu ministério de confirmar os irmãos (cfr. Lc 22,32), declaro que a Igreja não tem absolutamente a faculdade de conferir a ordenação sacerdotal às mulheres, e que esta sentença deve ser considerada como definitiva por todos os fiéis da Igreja.

(Carta Apostólica *Ordinatio Sacerdotalis*, do Sumo Pontífice João Paulo II, de 22 de maio de 1994)

- (200) Outra causa que tem acarretado muitos dos males que afligem a Igreja é o indiferentismo, ou seja, aquela perversa teoria espalhada por toda parte, graças aos enganos dos ímpios, e que ensina poder-se conseguir a vida eterna em qualquer religião, contanto que se amolde à norma do reto e honesto. Podeis, com facilidade, patentear à vossa grei esse erro tão execrável, dizendo **o Apóstolo que há um só Deus, uma só fé e um só batismo (Ef 4, 5): entendam, portanto, os que pensam poder-se ir de todas as partes ao porto da Salvação que, segundo a sentença do Salvador, eles estão contra Cristo, já que não estão com Cristo (Lc 11,23), e os que não colhem com Cristo dispersam miseramente, pelo que perecerão infalivelmente os que não tiverem a fé católica e não a guardarem íntegra e sem mancha.**

(Carta Encíclica *MIRARI VOS* do Papa Pio X, de 15/08/1913)

- (201) Por isso, com esta carta, com a nossa autoridade apostólica, instituimos e declaramos instituída para sempre a Faculdade de Filosofia e de Teologia, no Seminário Arquidiocesano de Buenos Aires, de acordo com os cânones da Igreja, com todos os direitos e prerrogativas individuais que, aprovados pela Santa Sé, são geralmente atribuídos a essas instituições. Com essa mesmo Nossa Autoridade Apostólica, **concedemos ao Arcebispo de Buenos Aires poder, por quatro anos, de atribuição de graus acadêmicos de Bacharelado, Licenciatura e Grau em Filosofia, tanto na Sacra Teologia como aos alunos que tenham freqüentado a escola regularmente.** No entanto, devem ser observadas religiosamente as regras em vigor na Universidade Gregoriana desta Cidade.

(Breve Apostólico *Divinum Praeceptum*, do Papa Bento XV, de 23/12/1915)

Ainda como evidência de que os gêneros atuais em análise seriam derivados das cartas dos apóstolos dos primeiros tempos podemos citar o fato de que em muitos deles - Breve Apostólico, Bula, Carta Apostólica, Constituição Apostólica, Encíclica, *Motu Proprio* e Rescrito - o produtor os classifica como cartas, dizendo isso em algum momento, geralmente, ao final do texto, por meio de expressões, tais como "esta carta", "nossa carta" e equivalentes, como se pode ver nos exemplos (202), (203) e (204).

- (202) Tudo o que estabelecemos **nesta nossa carta**, escrita *motu proprio*, seja confirmado e executado não obstante as disposições em contrário constantes das Constituições e Ordenações Apostólicas de nossos antecessores, como também de outras prescrições, mesmo dignas de menção e derrogação.

(*Motu Proprio MYSTERII PASCHALIS*, do Papa Paulo VI, de 14/02/1969)

- (203) É minha vontade que **esta Carta** tenha plena eficácia em toda a Igreja e tenha cumprimento o que nela disponho, não obstante quaisquer disposições em contrário.

(Bula *Aperite portas Redemptori*, do Papa João Paulo II, de 06/01/1983)

- (204) Veneráveis Irmãos, Pastores do rebanho de Deus espalhado pelas diversas partes do mundo, caríssimos sacerdotes irmãos e filhos nossos, para concluir **esta carta** que vos dirigimos de alma aberta a toda a caridade de Cristo, convidamo-vos a voltardes confiadamente os olhos e o coração para a dulcíssima Mãe da Igreja, invocando, com renovada e filial confiança, a sua materna e poderosa intercessão em favor do sacerdócio católico.

(Encíclica *SACERDOTALIS CAELIBATUS*, do Papa Paulo VI, de 24/06/1967)

Depois de apontadas as semelhanças entre os dez gêneros papais da atualidade que foram analisados e os dois conjuntos de textos (cartas de São Paulo e dez gêneros papais da

atualidade), evidenciando as relações dos dez gêneros atuais analisados com as cartas de São Paulo, passemos agora aos aspectos que distinguem entre si os dez gêneros da comunidade discursiva católica apostólica romana que selecionamos para o nosso *corpus*.

4.2.3.2. Características distintivas dos gêneros atuais da comunidade discursiva católica apostólica romana e suas relações com as cartas de São Paulo

Conforme apontamos na seção anterior deste trabalho, os dez gêneros que selecionamos para compor nosso *corpus* têm muito em comum no que se refere à superestrutura, conteúdo temático, função sociocomunicativa, características da superfície linguística e condições de produção, aspectos nos quais têm também muitas semelhanças com as Cartas de São Paulo. Veremos, nesta seção do trabalho, aquilo que os distingue e os caracteriza enquanto gêneros diferentes da comunidade discursiva católica apostólica romana e em que essas diferenças se relacionam com as Cartas de São Paulo. Aqui também a apresentação é feita segundo os parâmetros de caracterização adotados.

No que se refere à **estrutura composicional**, o Rescrito é o gênero que mais se distingue dos demais. Não apresenta nome do documento, indicação do destinatário, vocativo, saudação, bênção final, a comemoração católica do dia nem o ano de pontificado. É um texto curto, conciso e em apenas 20% dos exemplares que constituem nosso *corpus* há justificativa. Mesmo assim, quando há, trata-se de uma justificativa curta, em que não se percebe o cruzamento de tipos, com seqüências descritivas, narrativas, dissertativas e argumentativas *stricto sensu*, a serviço da injunção, como ocorre nos demais gêneros. Assemelha-se ao "Dispositivo" de uma sentença de juiz, seção em que o juiz resolve as questões que lhe são submetidas pelas partes. Conforme o Código de Direito Canônico (Cân. 59), "o rescrito é o ato administrativo exarado por escrito pela competente autoridade executiva, pelo qual, de sua natureza, a pedido de alguém, se concede um privilégio, uma dispensa ou outra graça". Trata-se, assim, de uma resposta a uma solicitação feita ao Papa e, por isso, a justificativa parece ficar mais sob a responsabilidade do solicitante, que deseja ter o seu pedido aprovado pelo Papa. Podemos observar nos exemplos (205), (206) e (207), a resposta do Papa.

(205) A pedido do Eminentíssimo e Reverendíssimo Cardeal Camillo Ruini, Vigário geral de Sua Santidade para a Diocese de Roma, o Sumo Pontífice BENTO XVI, considerando a peculiar circunstância exposta, na audiência concedida ao mesmíssimo Cardeal Vigário Geral, no dia 28 do mês de abril deste ano de 2005, **dispensa o tempo de cinco anos de espera após a morte do servo de Deus João Paulo II (Karol Wojtyła), Sumo Pontífice, para que a causa de beatificação e canonização do servo de Deus possa ter início já.**

(Rescrito do Papa Bento XVI, de 09/05/2005)

(206) Na Audiência concedida em 1º de julho de 1988, ao abaixo-assinado Cardeal Prefeito da Congregação para a Doutrina da Fé, **o Beatíssimo Padre dignou-se aprovar e sancionar os novos textos das fórmulas de 'profissão de fé' e do 'juramento de fidelidade', na realização de ofícios em nome da Igreja, ordenando que a norma relacionada a elas, que está contida na relativa nota explicativa e, ao mesmo tempo, ordenou que todos fossem promulgados nos termos da lei no *Acta Apostolicae Sedis*²².**

(Rescrito do Papa João Paulo II, de 19/09/1989)

(207) O Santo Padre Bento XVI, na Audiência concedida ao abaixo assinado Cardeal Secretário de Estado no dia 28 de junho de 2010, **aprovou o Estatuto e o Regulamento do Fundo de Assistência Sanitária para o pessoal eclesiástico, religioso e laico, da Cúria Romana, em serviço e aposentados, do Governo do Estado da Cidade do Vaticano e dos organismos ou entes geridos administrativamente, de modo direto, pela Sé Apostólica, mesmo não possuindo sede legal no Estado desta Cidade do Vaticano.**

(Rescrito do Papa Bento XVI, de 10/07/2010)

Com uma organização um pouco diferente, o Rescrito do Papa Bento XVI, de 04/04/2006 apresenta dois parágrafos de justificativa, antes de apresentar a sua decisão. Entretanto, isso não o descaracteriza como um exemplar desse gênero, tendo em vista a sua função sociocomunicativa. Assim, o Rescrito é um gênero resultante de uma solicitação, por meio do qual se comunica ao solicitante, a decisão do Papa a respeito, constituindo um gênero predominantemente injuntivo, tanto no que se refere à extensão da sequência, quanto à função sociocomunicativa.

De outro lado, a Bula, o Breve Apostólico e o *Motu Proprio* são gêneros de natureza normativa. Muito se assemelham a um decreto, inclusive com uma fórmula linguística muito parecida para concluir o corpo do texto, uma espécie de "fechamento" muito semelhante aos de leis, decretos, resoluções e assemelhados dos estados e empresas sem natureza religiosa. Nesse aspecto, distinguem-se dos demais textos. Vejamos

²² "Atos da Santa Sé", em Latim, trata-se do boletim oficial da Santa Sé. É uma publicação periódica mensal, em latim, iniciada em 1909. A promulgação das leis eclesiásticas universais efetiva-se pela sua publicação neste boletim, o que está previsto no Código de Direito Canônico (cân. 8, §1).

exemplos desse "fechamento", que é sempre uma seqüência injuntiva, em (208), (209) e (210).

- (208) **É minha vontade que esta carta tenha plena eficácia em toda a Igreja e tenha cumprimento o que nela disponho, não obstante quaisquer disposições em contrário.**

(Bula *DE PROCLAMAÇÃO DO JUBILEU PELO 1950º ANIVERSÁRIO DA REDENÇÃO*, do Papa João Paulo II, de 06/01/1983)

- (209) **Mandamos que tudo que nestas letras está contido permaneça sempre estável, firme, valido e eficaz e consiga sempre seus íntegros efeitos e a Igreja á qual pertence agora e para sempre dê testemunho e assim se deve julgar e definir, ficando irritado e nulo tudo que se fizer contrariamente a esse respeito, seja qual for a pessoa e de qualquer autoridade, ciente ou ignorantemente ousasse atentar. Não obstante qualquer coisa em contrario.**

(Breve de concessão do título de Basílica à Igreja de São Sebastião, do Papa Pio XI, de 20/07/1927)

- (210) **Tudo o que estabelecemos nesta nossa carta, escrita *motu proprio*, seja confirmado e executado não obstante as disposições em contrário constantes das Constituições e Ordenações Apostólicas de nossos antecessores, como também de outras prescrições, mesmo dignas de menção e derrogação.**

(*Motu Proprio MYSTERII PASCHALIS*, do Papa Paulo VI, de 14/02/1969)

Entretanto, o que distingue o *Motu Proprio* da Bula e do Breve são as condições de produção. O *Motu Proprio*, como seu próprio nome diz - motivo próprio - é o documento elaborado por iniciativa do próprio Papa, cujo conteúdo quer recomendar com particular empenho, porque julga oportuno ou necessário. Assim, o *Motu Proprio* não é motivado por consulta prévia ou pedido. Isso é linguisticamente marcado, nos dez exemplares, por expressões parecidas, que podemos observar nos exemplos (211), (212) e (213).

- (211) Tendo presente o facto de que no passado a Santa Sé definiu somente alguns aspectos das competências tanto da Administração Pontifícia da Basílica, como da Abadia Beneditina, **agora considero oportuno emanar algumas normas gerais, com a finalidade de esclarecer ou definir** os principais aspectos da gestão pastoral e administrativa do conjunto de São Paulo fora dos Muros. De resto, isto permitirá redigir um Estatuto que determine as competências dos sujeitos interessados e regule os seus relacionamentos.

(*Motu Proprio A ANTIGA E VENERÁVEL BASÍLICA*, do Papa Bento XVI, de 31/05/2005)

- (212) **Uma atenta reflexão sobre a experiência destes anos, mas sobretudo o desejo de dar resposta cada vez mais adequada às expectativas do povo cristão, recolhidas pelo Episcopado de todo o mundo e manifestadas pelo recente Sínodo dos Bispos, dedicado à família,** levaram a dar à Comissão para a Família nova fisionomia própria e própria estrutura organizativa, de maneira que a família possa enfrentar a problemática específica da sua realidade em ordem ao cuidado pastoral e à actividade apostólica em relação com este sector nevrálgico da vida humana.
(*Motu Proprio FAMILIA A DEO INSTITUTA*, do Papa João Paulo II, de 09/05/1981)

- (213) **Impressionado pelos graves problemas que – no campo da moralidade pública, propagação das ideias e educação da juventude – são propostos pelas mencionadas técnicas, que difundem palavras e imagens e tanto influxo exercem nas almas, desejamos fazer Nossas e confirmar as exortações e disposições do mesmo Antecessor Nosso e contribuir, quanto podemos, para transformar em positivos instrumentos do bem aqueles meios que a divina Bondade pôs à disposição dos homens.** De facto, são bem conhecidas as grandes possibilidades que, tanto o cinema como a rádio e a televisão, oferecem para difundir-se uma cultura mais alta, uma arte digna deste nome e sobretudo o conhecimento da verdade.
(*Motu Proprio BONI PASTORES*, do Papa João XXIII, de 22/02/1959)

A Bula constitui um documento por meio do qual são geralmente tratadas questões mais solenes. Por Bula, conforme podemos notar nos exemplares do nosso *corpus*, o Papa convoca os participantes de um Concílio geral, cria ou desmembra uma diocese, proclama jubileus, constitui Santos Padroeiros e também trata de questões relacionadas à doutrina católica, o que podemos observar nos exemplos (214), (215) e (216).

- (214) Portanto, depois de ouvir o parecer de nossos irmãos os cardeais da santa Igreja romana, com a autoridade de nosso Senhor Jesus Cristo, dos santos apóstolos Pedro e Paulo e com a nossa, **anunciamos, indicamos e convocamos para o próximo ano de 1962, o ecumênico e geral concílio, que se celebrará na Basílica Vaticana, nos dias que serão fixados segundo a oportunidade que a boa Providência quiser nos oferecer.**
(Bula *HUMANAE SALUTIS* do Papa João XXIII, de 25/12/1961)

- (215) Tudo bem analisado pela Congregação Consistorial, foi julgado o pedido merecedor de atendimento, com o voto do já citado Arcebispo e também com o apoio do Bispo de Floresta, o Venerável Irmão, por concluirmos ser necessário e sentirmos corresponder ao interesse de todos. Assim, Nós, **com a plenitude do poder Apostólico e usando a faculdade que nos é reservada, pelas Letras Apostólicas "Ad universas orbis ecclesias" do dia 27 de abril de 1892, erigimos e declaramos perpetuamente ereta a nova Diocese de Nazareth, na parte oriental-setentrional da Arquidiocese de Olinda-Recife, e constituímos**

a Igreja paroquial de Nossa Senhora de Nazareth, na mesma cidade denominada Nazareth, Sede e Cátedra Episcopal, elevando-a à dignidade de Igreja Catedral.

(Bula da Divisão da Arquidiocese de Olinda e Recife, do Papa Bento XV, de 02/08/1918)

- (216) Uma vez que neste ano de 1983 ocorre o 150º aniversário desse acontecimento excelso, foi amadurecendo em mim a decisão, que já tive ocasião de manifestar, aliás, ao Colégio dos Cardeais, a 26 de Novembro de 1982, de dedicar um ano inteiro à especial comemoração da Redenção, a fim de que esta penetre mais profundamente no pensamento e na actividade de toda a Igreja.

Este Jubileu terá início a 25 de Março próximo, Solenidade da Anunciação do Senhor, que recorda aquele momento providencial em que o Verbo eterno, fazendo-se homem por obra do Espírito Santo no seio da Virgem Maria, se tornou participante da nossa carne, « a fim de reduzir à impotência, mediante a morte, aquele que detinha o império da morte, isto é, o demónio, e libertar todos aqueles que, pelo temor da morte, eram mantidos na escravidão por toda a sua vida ». O mesmo concluir-se-á a 22 de Abril de 1984, Domingo de Páscoa, dia da plenitude de alegria alcançada pelo Sacrifício redentor de Cristo, em virtude do qual a Igreja de maneira perene « mirabiliter renascitur e nutritur » (maravilhosamente se renova e se alimenta).

Que este período seja, pois, um Ano verdadeiramente Santo; que seja um tempo de graça e de salvação, porque santificado mais intensamente pela aceitação das graças da Redenção por parte da humanidade do nosso tempo, mediante a renovação espiritual de todo o Povo de Deus, que tem Cristo como Cabeça, "o qual foi entregue à morte por causa dos nossos pecados e ressuscitado para a nossa justificação".

(Bula "*Aperite portas Redemptori*", do Papa João Paulo II, d 06/01/1983)

O Breve Apostólico constitui um género menos solene que uma Bula e normalmente trata de questões mais privadas, como uma nomeação para exercer alguma função na Igreja, conceder títulos às Igrejas particulares, conceder outros benefícios e favores especiais. Mas há alguns exemplares que decretam a beatificação a até mesmo constitui patronos e padroeiros como a Bula. Vejamos os exemplos (217), (218) e (219).

- (217) Hoje, portanto, em Roma, na Praça de São Pedro, no decurso da solene celebração litúrgica, pronunciamos a seguinte fórmula:

Nós acolhendo o desejo dos nossos irmãos Camillo Ruini, Nosso Vigário para a diocese de Roma, Pedro Giacomo Nonis, Bispo de Vicenza, bem como o de muitos outros Irmãos no Episcopado, e de inúmeros fiéis, depois de ter escutado o parecer da Congregação para as Causas dos Santos, **declaramos com a Nossa Autoridade Apostólica que os Veneráveis Servos de Deus Josemaría Escrivá de Balaguer, sacerdote, Fundador do Opus Dei, e Josefina Bakhita, virgem, Filha da Caridade, Canossiana, de agora em diante podem ser chamados Beatos, e a sua festa se poderá celebrar, nos lugares e segundo o modo estabelecidos pelo direito, anualmente, no dia do seu nascimento para o**

Céu: 26 de Junho para Josemaría Escrivá de Balaguer, e 8 de Fevereiro para Josefina Bakhita.

(Breve Apostólico da Beatificação de Josemaria Escrivá, do Papa João Paulo II, de 17/05/1992)

- (218) Acedendo com muito gosto a esta petição, após prévia consulta à Sagrada Congregação dos Ritos, Nós, de ciência certa e depois de madura reflexão, com a plenitude de Nossa autoridade apostólica, por meio destas Letras perpetuamente **nomeamos, constituímos e declaramos ao Bem-aventurado Apóstolo Paulo Patrono Celestial perante Deus deste apostolado de seculares ou método de espiritualidade cristã, conhecido pelo nome de "Cursilhos de Cristandade", com todas as honras e privilégios litúrgicos devidos a tal título**, sem que nada obste em contrário.

(Breve Apostólico para declarar São Paulo Patrono dos Cursos de Cristandade, do Papa Paulo VI, de 14/12/1963)

- (219) Enfim tudo o que diz respeito ao santo concílio ecumênico tem, com a ajuda de Deus, sido realizado e todas as constituições, decretos, declarações e votos foram aprovados por deliberação do Sínodo e promulgados por nós. **Dessa forma, nós decidimos encerrar por todos os intentos e finalidades, com a nossa autoridade apostólica, este concílio ecumênico convocado pelo nosso predecessor, o Papa João XXIII, aberto em 11 outubro de 1962, ao qual demos continuidade depois de sua morte.**

(Breve Apostólico "*IN SPIRITU SANCTO*" PARA O ENCERRAMENTO DO CONCÍLIO, do Papa Paulo VI, de 08/12/1965)

Dessa forma, o que distingue o Breve da Bula não é o conteúdo temático, nem a função sociocomunicativa, mas também as condições de produção. Enquanto que a Bula, sendo um documento mais solene e de alcance mais amplo é elaborada e assinada pelos próprios Papas, quem elabora e, na maioria das vezes, assina o Breve é o Secretário de Estado do Vaticano, que preside o departamento da Cúria Romana, encarregado de elaborar os Breves, conforme podemos observar em (220), (221) e (222).

- (220) Ordenamos, além disso, que se observem, à risca, os ditames do Decreto "*Do Título de Basílica Menor*", datado de 06 de junho de 1968.

Não obstem quaisquer impedimentos.

Datado em Roma, junto a São Pedro, sob o anel do Pescador, no dia 06 de novembro de 1974, duodécimo do Nosso Pontificado.

Joannes Cardeal Villot, Secretário do Estado

(Breve Apostólico "*Aedes illis*" do Papa Paulo VI, de 06/11/1974)

- (221) Tudo quanto decretamos pela presente carta, queremos que seja estável agora e no futuro, não obstante qualquer coisa em contrário.

Dado em Roma, junto de São Pedro, e selado com o anel do Pescador, em 17 de Maio de 1992, ano décimo-quarto do Nosso Pontificado.

Angelo Card. Sodano

Secretário de Estado

L.S. Arquivo da Secr. de Estado, n. 304.722

(Breve Apostólico da Beatificação de Josemaria Escrivá, do Papa João Paulo II, de 17/05/1992)

- (222) Assim o decretamos e dispomos, ordenando que estas Letras sejam e permaneçam sempre firmes, válidas e eficazes; e que produzam e obtenham plena e integralmente todos os seus efeitos; e que beneficiem agora e no futuro a todos aqueles a quem se referem ou a quem se possam referir; e assim deve ficar entendido e definido; considerando-se nulo e sem valor quanto, consciente ou inconscientemente, se intentar contra estas Letras por parte de qualquer autoridade.

Dado em Roma, junto a São Pedro sob o Anel do Pescador, dia 14 de Dezembro do ano de 1963, primeiro de Nosso Pontificado.

H. Cicognani, Secretário de Estado.

(Breve Apostólico para declarar São Paulo Patrono dos Cursos de Cristandade, do Papa João Paulo VI, de 14/12/1963)

Além disso, a função sociocomunicativa dos Breves que é a de comunicar decisões papais com mais rapidez e menos formalismos, decisões essas a que nada nem ninguém se deve opor, conforme já apontamos, explica porque é elaborado e assinado pelo Secretário de Estado do Vaticano²³ e corrobora a distinção entre esse documento e a Bula.

Nesse aspecto, podemos notar uma relação com as Cartas de São Paulo, em que, segundo alguns estudiosos, percebe-se a prática comum de usar secretários, como em Romanos, na qual Tertius se identifica como aquele que escreveu a carta.

O Quirógrafo é um texto ainda mais particular do Papa. Pode ter natureza normativa, mas não necessariamente. Distingue-se dos demais, por ser um texto curto, fruto de uma audiência com o Pontífice. Se há alguma questão que, de uma forma ou de outra, precisa da intervenção do Pontífice, solicita-se uma reunião com o Papa, a Audiência

²³ A Secretaria de Estado do Vaticano é o dicastério da Cúria Romana que mais de perto auxilia o Papa no exercício da sua suprema missão.

Papal²⁴. O que se decide nessa audiência registra-se num Quirógrafo. Vejamos a presença deste solicitante, nos exemplos (223), (224) e (225).

(223) Entre **as sugestões que emergiram durante as Congregações gerais dos Cardeais que precederam o Conclave**, contava-se a conveniência de instituir um grupo estreito de Membros do Episcopado, provenientes das diversas partes do mundo, que o Santo Padre pudesse consultar, individualmente ou de forma colectiva, sobre questões particulares. Quando fui eleito à Sede romana, tive a ocasião de reflectir várias vezes sobre este assunto, considerando que tal iniciativa teria sido de notável ajuda para desempenhar o ministério pastoral de Sucessor de Pedro que os irmãos Cardeais me quiseram confiar.

(Quirógrafo Para a Instituição de um Conselho de Cardeais, do Papa Francisco, de 28/09/2013)

(224) **Estamos satisfeitos que a carta de Vossa Excelência** nos deu a oportunidade de dizer uma palavra de incentivo a todos aqueles que estão seriamente com a intenção de grave tarefa de fortalecer a estrutura frágil da paz para que suas bases pode ser estabelecido com mais firmeza e sabedoria.

(Quirógrafo para o Presidente dos Estados Unidos da América, do Papa Pio XII, de 26/08/1947)

(225) Em diferentes ocasiões, também eu me referi à preciosa função e à grande importância da música e do canto para uma participação mais activa e intensa nas celebrações litúrgicas, e sublinhei a necessidade de «purificar o culto de dispersões de estilos, das formas descuidadas de expressão, de músicas e textos descuidados e pouco conformes com a grandeza do acto que se celebra», para assegurar dignidade e singeleza das formas à música litúrgica.

Em tal perspectiva, à luz do magistério de São Pio X e dos meus outros Predecessores, e **considerando em particular os pronunciamentos do Concílio Vaticano II**, desejo repropor alguns princípios fundamentais para este importante sector da vida da Igreja, com a intenção de fazer com que a música sacra corresponda cada vez mais à sua função específica.

(Quirógrafo no centenário do Motu proprio «**Tra le sollecitudini**» sobre a Música sacra, do Papa João Paulo II, de 22/011/2003)

Entretanto, apesar de ser um texto curto, há justificativa, ao contrário do Rescrito. Assim, para ilustrar a presença dessa estrutura no gênero, apresentarei, em (226), o texto completo de um Quirógrafo. No exemplo, temos, em negrito, a justificativa, construída como nos demais textos, com uma conjugação de tipos.

²⁴ Reunião do Papa com uma pessoa ou um grupo de pessoas. A Audiência Papal Geral acontece na Sala de Audiências, com acomodações para 12000 pessoas, ou na Praça de São Pedro, às quartas-feiras. As Audiências Privadas destinam-se a Cardeais, Bispos, Chefes de Estado, Embaixadores, dentre outros dessa natureza e realizam-se na biblioteca privada do Papa.

- (226) **O meu predecessor de venerada memória, o Papa Paulo VI, a 26 de Março de 1969, data em que se celebrava o segundo aniversário da sua Encíclica *Populorum Progressio*, instituiu um Fundo para ajudar os camponeses pobres e para promover a reforma agrária, a justiça social e a paz na América Latina, segundo as orientações dadas pelos Episcopados daquele Continente.**

Este ano, em que se celebra o V Centenário do início da Evangelização do Continente Americano e se reúne a IVa Assembléia Geral do Episcopado Latino Americano, desejo evidenciar tais acontecimentos com a instituição, no Estado da Cidade do Vaticano, de uma Pia Fundação Autônoma destinada a promover o desenvolvimento integral das comunidades de camponeses mais pobres da América Latina. Este pretende ser um gesto de amor solidário da Igreja para com os mais abandonados e necessitados de proteção, como são os povos indígenas, mestiços e afroasiáticos, dando também, deste modo, continuidade à iniciativa do meu Augusto Predecessor.

A Fundação propõe-se colaborar com todos aqueles que, conscientes da dolorosa condição dos povos latino-americanos, desejam contribuir para o desenvolvimento integral, atuando de modo que a doutrina social da Igreja encontre aplicação justa e oportuna.

Para atingir tal objetivo, e em virtude da minha suprema autoridade apostólica na Igreja e da minha soberania no Estado da Cidade do Vaticano, em base aos cânones 331, 114 §§ 1 e 2, 115 § 3, 116 § 1, do Código de Direito Canónico, ao art. 1 da Lei Fundamental do Estado da Cidade do Vaticano, de 7 de Junho de 1929, e ao art. 1, letra a), da Lei sobre as fontes do direito, de 7 de Junho de 1929, II, erijo a Fundação Autônoma “*Populorum Progressio*” em pessoa jurídica canónica pública e em pessoa jurídica civil, com sede no Estado da Cidade do Vaticano. Que a Fundação seja sinal e testemunho do anelo cristão de fraternidade e verdadeira solidariedade. A Fundação reger-se-á pelas Leis canónicas e pelas leis civis em vigor na Cidade do Vaticano, e pelo Estatuto anexo que agora aprovo.

(Quirógrafo *POPULORUM PROGRESSIO* do Papa João Paulo II, de 13/02/1992)

Assim, pode-se perceber que são também as condições de produção que distinguem o Quirógrafo dos gêneros dos quais apontamos as especificidades, até o momento.

A mensagem papal é um gênero que o Papa elabora, em alguma ocasião especial. Por meio da mensagem o Papa exerce a sua função de pastor da Igreja. Trata-se de um texto que revela a preocupação, cuidado e solidariedade do Papa, da Igreja e de Deus para com os "irmãos" e "irmãs" que sofrem por algum motivo. A mensagem pode também ser um texto de felicitação ou louvor, endereçado a uma entidade ou a uma pessoa, que faz (fazem) ou pode (podem) fazer algo para ajudar os mais necessitados e marginalizados. Por isso se trata de um gênero cujo conteúdo temático é predominantemente pastoral ou exortatório. Mas, mesmo assim, ainda é também um texto predominantemente injuntivo,

como os demais. Por meio dele, o papa orienta os "irmãos" que sofrem sobre o que fazer para aliviar a sua condição. Essa característica evidencia as relações desse gênero com as Cartas de São Paulo, nas quais se percebe esse cuidado do apóstolo com os cristãos dos primeiros tempos. Os exemplos (227), (228) e (229) ilustram a preocupação pastoral, em negrito e a determinação, em itálico.

- (227) **Durante o II Encontro Mundial com as Famílias, meu pensamento se dirige hoje a vós, que vos encontrais no Presídio "Frei Caneca". Não escondo que sofro convosco pela privação da liberdade. Posso imaginar o que isto significa. Sofro ainda mais, porque compreendo que muita das vossas famílias não pode contar com a vossa presença de pais e de filhos, às vezes os únicos que poderiam tirá-las do desamparo. Desejo, porém, assegurar-vos que a Igreja permanece junto a vós neste tempo de provação. Cristo quer estar convosco com o apoio da sua palavra e a certeza da sua amizade. Hoje, o Papa se dirige a vós com esta Carta, para vos testemunhar o amor de Cristo e a atenção da Comunidade eclesial. Cristo e os Apóstolos experimentaram a realidade do «cárcere», e São Paulo foi diversas vezes aprisionado. Jesus no Evangelho afirma: «Estive na prisão e fostes ter comigo» (Mt 25,36). Ele se solidariza com a vossa condição, e estimula a todos os que compartilham vossos problemas. [...]**

Caros amigos, deixai-me dizer-vos hoje: «Coragem! O Senhor está convosco. Não desespereis. Fazei deste tempo de dor, um tempo de reparação e de purificação pessoal. Reconciliai-vos com Deus e com o vosso próximo». Com a ajuda das vossas famílias, dos vossos amigos e da Igreja, que hoje está especialmente convosco, faço votos de que possais encontrar um lugar na sociedade, continuando a servi-la como bons cidadãos e homens responsáveis pelo bem comum.

(Mensagem do Papa João Paulo II aos Detentos do Presídio Frei Caneca, por ocasião do II Encontro Mundial com as Famílias, de 04/10/1997)

- (228) **A iminente reunião, em Seul, dos Chefes de Estado e de Governo das vinte e duas maiores economias mundiais, juntamente com o Secretário-Geral da ONU, com a Presidência da UE e de algumas Organizações regionais, e também com os responsáveis de várias Agências especializadas, não tem apenas um alcance global, mas é inclusive um sinal eloqüente da relevância e da responsabilidade adquiridas pela Ásia no cenário internacional, no início do século XXI. A Presidência coreana do Encontro constitui um reconhecimento do nível significativo de desenvolvimento económico alcançado pelo seu País, que é o primeiro, entre aqueles não pertencentes ao G8, que hospeda o G20 e que orienta as suas decisões no mundo após a crise. Trata-se de esboçar a solução de questões bastante complexas, das quais depende o futuro das próximas gerações e que, portanto, necessitam da colaboração de toda a Comunidade internacional, no reconhecimento comum e concorde entre todos os Povos, do valor primário e central da dignidade humana, objectivo final das próprias opções.**

Segundo a sua especificidade, a Igreja católica sente-se envolvida e partilha as preocupações dos líderes que participam no Encontro de Seul. Portanto, encorajo-vos a enfrentar os múltiplos e graves problemas que vos esperam — e que, num certo sentido, hoje estão diante de cada pessoa humana — coerentemente com os motivos mais profundos da crise económico-financeira, tendo oportunamente em consideração as conseqüências das medidas que foram adoptadas para compensar a própria crise e encontrar soluções duradouras, sustentáveis e justas. Ao fazê-lo, formulo votos a fim de que se tenha uma profunda consciência de que os instrumentos adoptados, enquanto tais, só funcionarão se, em última análise, forem destinados à realização de uma única finalidade: o progresso autêntico e integral do homem.

(Mensagem do Papa Bento XVI ao Presidente da Coréia, por ocasião do G20 reunido em Seul, de 08/11/2010)

- (229) **O décimo terceiro aniversário do início do genocídio no seu amado país, Ruanda, que será celebrado a 7 de Abril com um dia de luto nacional, coincide com o Sábado Santo, segundo o calendário da Igreja católica e de outras confissões cristãs. [...]**

Este sábado também será para os Ruandeses um dia muito importante e diferente dos outros, porque recordarão as centenas de milhares de pessoas inocentes que, há treze anos, foram vítimas de terríveis massacres do genocídio. Levados por esta onda de ódio e vingança, também muitos religiosos e eclesiásticos perderam a vida. [...]

Em sinal de proximidade e de comunhão com os seus cidadãos, os Bispos de Ruanda decidiram adiar a celebração de alguns sacramentos da Igreja baptismo e matrimónio porque estas celebrações normalmente são acompanhadas por festas em família e com os amigos, que não são compatíveis com o luto nacional.

Também eu desejo unir-me ao vosso luto nacional e em particular à oração por todas as vítimas desta horrível carnificina, sem distinção alguma de crença religiosa ou de pertença étnica e política.

Faço fervorosos votos por que todos os ruandeses, guiados pelas Autoridades civis e religiosas, se comprometam de modo mais generoso e eficaz em favor da reconciliação nacional e da reconstrução de um país novo, na verdade e na justiça, na unidade fraterna e na paz.

As motivações religiosas, que estão na base do compromisso dos católicos na vida quotidiana, familiar e social, e os princípios morais que daí derivam, constituem um ponto de encontro entre os cristãos e todos os homens de boa vontade (cf. Compêndio da Doutrina Social, 579).

A fé cristã, que é partilhada pela maioria do povo ruandês, constitui, se for vivida com coerência e em plenitude, uma ajuda eficaz para superar um passado de erros e de morte, cujo ponto culminante foi o genocídio de 1994; ao mesmo tempo, esta fé estimula a confiança na possibilidade oferecida a todos os Ruandeses, reconciliados entre si, de edificar juntos um futuro melhor, redescobrimo a novidade do amor, que é a única força que pode conduzir à perfeição pessoal e social, e orientar a história para o bem

(Mensagem do Papa Bento XVI ao Presidente De Ruanda, por Ocasião do Dia Anual de Luto Nacional que Recorda o Genocídio de 1994, de 03/04/2007)

Mais uma vez, pudemos constatar que o que distingue a Mensagem dos demais gêneros são as condições de produção que se revelaram importantes na distinção dos gêneros com tantas características em comum. No caso da Mensagem, uma ocasião especial, em que se necessita da atenção e cuidado da Igreja. Passemos agora, a tratar das Encíclicas.

As Encíclicas são documentos mais solenes. Constituem um dos documentos mais importantes da Igreja Católica. São enviadas pelo papa aos bispos do mundo todo e, por meio deles, aos fiéis; ou, ainda, aos bispos de uma determinada região.

Trata-se de um documento que o Papa endereça à hierarquia da Igreja e aos fiéis de todo o mundo – à “assembléia dos homens de boa vontade”, conforme as próprias palavras dos Pontífices. A Encíclica não define um dogma, mas atualiza a doutrina católica, por meio de um ensinamento, e é vista como a posição da Igreja Católica sobre um determinado tema. Nesse sentido, as encíclicas tratam de matéria doutrinal, de caráter social, disciplinar e de aspectos relacionados à fé cristã e à própria doutrina da igreja católica. Às vezes, as encíclicas são apenas exortatórias. Por meio delas, o papa faz uma espécie de “convocação” a todos os membros do clero todos – Patriarcas, Primazes, Arcebispos, Bispos, presbíteros, dentre outros – mas também a todos os fiéis do mundo católico. Como essa distinção é em relação ao conteúdo, temos, aqui, um caso de quatro espécies do mesmo gênero, conforme proposto por Travaglia (2007a). Vejamos os exemplos (230), (231), (232) e (233), que ilustram, respectivamente, as **encíclicas** de temática **doutrinal, social, exortatória e disciplinar**.

- (230) Passados mais de cem anos da publicação da encíclica *Æterni Patris* de Leão XIII, à qual me referi várias vezes nestas páginas, **pareceu-me necessário abordar novamente e de forma mais sistemática o discurso sobre o tema da relação entre a fé e a filosofia**. É óbvia a importância que o pensamento filosófico tem no progresso das culturas e na orientação dos comportamentos pessoais e sociais. Embora isso nem sempre se note de forma explícita, ele exerce também uma grande influência sobre a teologia e suas diversas disciplinas. **Por estes motivos, considere justo e necessário sublinhar o valor que a filosofia tem para a compreensão da fé, e as limitações em que aquela se vê, quando esquece ou rejeita as verdades da Revelação. De fato, a Igreja continua profundamente convencida de que fé e razão « se ajudam mutuamente », exercendo, uma em prol da outra, a função tanto de discernimento crítico e purificador, como de estímulo para progredir na investigação e no aprofundamento.**

(Encíclica *FIDES Et Ratio*, do Papa João Paulo II, de 14/09/1988)

- (231) **Hoje, o fenômeno importante, de que deve cada um tomar consciência, é o fato da universalidade da questão social. João XXIII afirmou-o claramente e o Concílio fez-lhe eco com a Constituição pastoral sobre a Igreja no mundo contemporâneo. Este ensinamento é grave e a sua aplicação urgente. Os povos da fome dirigem-se hoje, de modo dramático, aos povos da opulência. A Igreja estremece perante este grito de angústia e convida a cada um a responder com amor ao apelo do seu irmão.**

(Encíclica *POPULORUM PROGRESSIO*, do Papa Paulo VI, de 26/03/1967)

- (232) **Completando-se felizmente este ano, como antes indicamos, o primeiro século da instituição da festa do sagrado coração de Jesus em toda a Igreja, instituição promovida pelo nosso predecessor Pio IX, de feliz memória, é vivo desejo nosso, veneráveis irmãos, que o povo cristão celebre este centenário solenemente em toda parte, com atos públicos de adoração, de ação de graças e de reparação ao coração divino de Jesus. Com especial fervor serão, sem dúvida, celebradas estas solenes manifestações de alegria cristã e de cristã piedade – em união de caridade e em comunhão de orações com todos os demais fiéis naquela nação em que por desígnio de Deus, nasceu a santa Virgem que foi promotora e propagadora infatigável desta devoção.**

(Encíclica *HAURIETIS AQUAS*, do Papa Pio XII, de 15/05/1956)

- (233) **Fixou-se a nossa atenção, de modo particular, nas objeções que, em formas diversas, foram e continuam a ser expressas contra a manutenção do celibato. Com efeito, tema de tão grande importância e complexidade obriga-nos, em virtude do nosso serviço apostólico, a considerar lealmente a realidade e os problemas que essa implica, mas como é nosso dever e nosso encargo, havemos de fazer essa consideração à luz da verdade que é Cristo, propondo-nos cumprir em tudo a vontade daquele que nos entregou a nossa missão e propondo-nos também mostrar aquilo que somos diante da Igreja, isto é, Servo dos servos de Deus.**

(Encíclica *SACERDOTALIS CAELIBATUS*, do Papa Paulo VI, de 24/06/1967)

Além disso, muitas Encíclicas têm como destinatário toda a humanidade, ultrapassando as "fronteiras" da Igreja Católica. Esse seu caráter universal lhe confere, como expressão do magistério²⁵ dos papas, uma autoridade especial. Trata-se, assim, de instrumento por meio do qual o papa exerce o seu múnus²⁶ apostólico, o encargo recebido de Deus. Observemos os exemplos (234), (235) e (236), que mostram, respectivamente, a atuação da Igreja, no sentido de ajudar "povos de civilização antiga lutando com o

²⁵ O Magistério da Igreja Católica refere-se à função de ensinar que é própria da autoridade da Igreja e que, por isso, deve ser obedecido e seguido pelos demais católicos. Esse magistério ordinário manifesta-se diariamente por meio de palavras orais, impressos, gestos e feitos, como também por meio da Liturgia, pois as normas da oração são as normas da fé.

²⁶ O múnus constitui um encargo recebido de alguém.

problema do desenvolvimento"; de orientar os cristãos sobre a regulação da natalidade, com a observância da doutrina da Igreja; e também a atuação da Igreja no sentido de promover a concórdia entre os povos.

- (234) Antes da nossa elevação ao sumo Pontificado, duas viagens, uma à América Latina (1960) outra à África (1962), puseram-nos em contato imediato com os lancinantes problemas que oprimem continentes tão cheios de vida e de esperança. Revestido da paternidade universal, por ocasião de novas viagens à Terra Santa e à Índia, pudemos ver com os nossos próprios olhos e como que tocar com as nossas próprias mãos as gravíssimas dificuldades que assaltam povos de civilização antiga lutando com o problema do desenvolvimento. **Enquanto decorria em Roma o Concílio Ecumênico Vaticano II, circunstâncias providenciais levaram-nos a dirigirmos à Assembléia geral das Nações Unidas: fizemo-nos, diante deste vasto areópago, o advogado dos povos pobres.**

Justiça e paz

E, ultimamente, **no desejo de responder ao voto do Concílio e de concretizar a contribuição da Santa Sé para esta grande causa dos povos em via de desenvolvimento, julgamos ser nosso dever criar entre os organismos centrais da Igreja, uma Comissão pontifícia encarregada de "suscitar em todo o povo de Deus o pleno conhecimento da missão que os tempos atuais reclamam dele, de maneira a promover o progresso dos povos mais pobres, a favorecer a justiça social entre as nações, a oferecer às que estão menos desenvolvidas um auxílio, de maneira que possam prover, por si próprias e para si próprias, ao seu progresso";** (8) *Justiça e paz* é o seu nome e o seu programa. Pensamos que este mesmo programa pode e deve unir, com os nossos filhos católicos e irmãos cristãos, os homens de boa vontade. Por isso é a todos que hoje dirigimos este apelo solene a uma ação organizada para o desenvolvimento integral do homem e para o desenvolvimento solidário da humanidade.

(Encíclica *POPULORUM PROGRESSIO*, do Papa Paulo VI, de 26/03/1967)

- (235) 19. A nossa palavra não seria a expressão adequada do pensamento e das solitudes da Igreja, Mãe e Mestra de todos os povos, se, depois de **termos assim chamado os homens à observância e respeito da lei divina, no que se refere ao matrimônio, ela os não confortasse no caminho de uma regulação honesta da natalidade, não obstante as difíceis condições que hoje afligem as famílias e as populações. A Igreja, de fato, não pode adotar para com os homens uma atitude diferente da do Redentor: conhece as suas fraquezas, tem compaixão das multidões, acolhe os pecadores, mas não pode renunciar a ensinar a lei que na realidade é própria de uma vida humana, restituída à sua verdade originária e conduzida pelo Espírito de Deus.** (24)

Possibilidade de observância da lei divina

20. A doutrina da Igreja sobre a regulação dos nascimentos, que promulga a lei divina, parecerá, aos olhos de muitos, de difícil, ou mesmo de impossível

atuação. Certamente que, como todas as realidades grandiosas e benéficas, ela exige um empenho sério e muitos esforços, individuais, familiares e sociais. Mais ainda: ela não seria de fato viável sem o auxílio de Deus, que apóia e corrobora a boa vontade dos homens. Mas, para quem refletir bem, não poderá deixar de aparecer como evidente que tais esforços são nobilitantes para o homem e benéficos para a comunidade humana.

Domínio de si mesmo

21. Uma prática honesta da regulação da natalidade exige, acima de tudo, que os esposos adquiram sólidas convicções acerca dos valores da vida e da família e que tendam a alcançar um perfeito domínio de si mesmos. O domínio do instinto, mediante a razão e a vontade livre, impõe, indubitavelmente, uma ascese, para que as manifestações afetivas da vida conjugal sejam conformes com a ordem reta e, em particular, concretiza-se essa ascese na observância da continência periódica. Mas, esta disciplina, própria da pureza dos esposos, longe de ser nociva ao amor conjugal, confere-lhe pelo contrário um valor humano bem mais elevado. Requer um esforço contínuo, mas, graças ao seu benéfico influxo, os cônjuges desenvolvem integralmente a sua personalidade, enriquecendo-se de valores espirituais: ela acarreta à vida familiar frutos de serenidade e de paz e facilita a solução de outros problemas; favorece as atenções dos cônjuges, um para com o outro, ajuda-os a extirpar o egoísmo, inimigo do verdadeiro amor e enraíza-os no seu sentido de responsabilidade no cumprimento de seus deveres.

(Encíclica *HUMANAE VITAE*, do Papa Paulo VI, de 25/07/1968)

(236) 1. O Ano santo, em curso, já nos trouxe mais do que um motivo de alegria e consolação. De todas as partes do mundo vimos afluir multidões de fiéis a Roma, de onde se irradia inalterada, desde as origens da Igreja, a luz do ensinamento evangélico. Vieram à sé de Pedro não só para resgatar as suas culpas na penitência mas também para expiar os pecados do mundo e implorar a volta da sociedade a Deus, do qual somente pode nascer a verdadeira paz do coração, a concórdia civil e o bem-estar das nações. E sabemos que estes primeiros grupos de peregrinos são como que a vanguarda dos que chegarão mais numerosos durante a boa estação. É lícito, portanto, esperar disso frutos mais abundantes e salutares.

2. Porém se esses espetáculos nos deram consolações suavíssimas, não faltaram motivos de ânsia e de angústia para entristecer o nosso coração paterno. Primeiramente, mesmo que a guerra tenha acabado em todos os lugares, ainda não chegou a paz desejada, aquela paz estável e segura que possa conciliar felizmente os muitos e sempre crescentes motivos de discórdia. Muitas nações desconfiam mutuamente e, ao faltar a confiança, correm para os armamentos, deixando temerosos e duvidosos os ânimos de todos.

[...]

5. Como esses inumeráveis males derivam, como dizíamos, de uma única fonte, isto é, do repúdio de Deus e do menosprezo de sua lei, é necessário, veneráveis irmãos, elevar a Deus orações fervorosas e revocar àqueles princípios dos quais somente pode vir a luz às mentes, a paz e a concórdia aos ânimos e uma justiça ordenada entre as várias classes sociais.

6. Como sabeis, tirado o sentimento religioso, não pode haver sociedade bem morigerada e bem regulada. **Daqui a urgência de incitar os sacerdotes, sob vossa direção, para que, especialmente durante o ano santo, não poupem fadigas para que as almas a eles confiadas, depostos os falsos preconceitos e as convicções erradas, apagados os ódios e pacificadas as discórdias, se alimentem da doutrina do Evangelho e participem na vida cristã, apressando a desejada renovação dos costumes. E como o sacerdote não pode chegar a tudo e a todos, e nem sempre a sua ação pode bastar adequadamente a toda necessidade, os militantes nas fileiras da Ação católica devem prestar a ajuda de sua experiência e da sua operosidade. A ninguém é permitido ser indolente e preguiçoso, enquanto sobranceiam tantos males e tantos perigos e ao passo que os que estão do outro lado trabalham tão alacremenente para destruir as próprias bases da religião católica e do culto cristão.** Nunca aconteça "que os filhos deste século sejam mais prudentes do que os filhos da luz" (Lc 16,8); nunca que aqueles sejam mais ativos do que estes.

(Encíclica *ANNI SACRI*, do Papa Pio XII, de 12/03/1950)

Embora seja também predominantemente injuntiva, o corpo da Encíclica pode se estruturar em capítulos, itens e até mesmo sub-itens. Nesse aspecto, distingue-se da Mensagem, *Motu Proprio*, Breve, Bula, Rescrito, Quirógrafo e Carta Apostólica.

Entretanto, também se organizam dessa forma o corpo das Constituições Apostólicas e Exortações Apostólicas. Mas o que distingue as Encíclicas desses dois gêneros é o fato que só elas podem ter como destinatário a humanidade como um todo, como podemos perceber nos exemplos (237), (238) e (239). Os destinatários das Constituições Apostólicas e Exortações Apostólicas são os membros da comunidade católica apostólica romana.

(237)

CARTA ENCÍCLICA
HUMANAE VITAE
DE SUA SANTIDADE O
PAPA PAULO VI
SOBRE A REGULAÇÃO DA NATALIDADE

Aos veneráveis Irmãos Patriarcas, Arcebispos, Bispos e outros Ordinários do Lugar em paz e comunhão com a Sé Apostólica, ao Clero e aos Fieis de todo o mundo católico e também a todos os homens de boa vontade.

(Encíclica *HUMANAE VITAE*, do Papa Paulo VI, de 25/07/1968)

(238)

João Paulo II
Laborem exercens
dirigida aos veneráveis Irmãos no Episcopado

aos Sacerdotes
às Famílias religiosas
aos Filhos e Filhas da Igreja
e a todos os Homens de Boa Vontade
sobre o Trabalho Humano no 90º aniversário da
Rerum Novarum
(Encíclica **LABOREM EXERCENS**, do Papa João Paulo II, de 14/09/1981)

(239)

ENCÍCLICA
POPULORUM PROGRESSIO
DE SUA SANTIDADE
O PAPA PAULO VI
SOBRE O DESENVOLVIMENTO
DOS POVOS

*Aos bispos, sacerdotes, religiosos, féis
e a todos os homens de boa vontade*
(Encíclica **POPULORUM PROGRESSIO**, do Papa Paulo VI, de 26/03/1967)

Em relação às configurações do corpo das Constituições Apostólicas, conforme já apontamos, organizam-se em capítulos, itens, sub-itens. As Constituições Apostólicas, normalmente têm a mesma organização de uma constituição civil: Capítulos, artigos, parágrafos, como no exemplo (240); ou apresentam uma estrutura em itens e sub-itens, o que podemos perceber no exemplo (241) ou, ainda, apenas um texto dividido em parágrafos, como em (242).

(240) **1. NORMAS GERAIS*****Noção de Cúria Romana***

Art. 1

A Cúria Romana é o conjunto dos Dicastérios e dos Organismos que coadjuvam o Romano Pontífice no exercício do seu supremo múnus pastoral, para o bem e o serviço da Igreja Universal e das Igrejas particulares, exercício com o qual se reforçam a unidade de fé e a comunhão do Povo de Deus e se promove a missão própria da Igreja no mundo.

Estrutura dos Dicastérios

Art. 2

§ 1. Com o nome de Dicastérios entendem-se: a Secretaria de Estado, as Congregações, os Tribunais, os Conselhos e os Ofícios, isto é, a Câmara Apostólica, a Administração do Património da Sé Apostólica, a Prefeitura dos Assuntos Económicos da Santa Sé.

§ 2. Os Dicastérios são juridicamente iguais entre si.

§ 3. Entre os Institutos da Cúria Romana colocam-se a Prefeitura da Casa Pontifícia e o Departamento das Celebrações Litúrgicas do Sumo Pontífice.

(Constituição Apostólica **PASTOR BONUS**, do Papa João Paulo II, de 28/06/1988)

- (241) 1. Ocorrendo o auspicioso bicentenário do dia em que Bento XIV confirmou com novos benefícios, por meio da bula áurea "*Gloriosae Dominae*", as congregações marianas, perpetuamente erigidas e instituídas por Gregário XIII (1), entendemos ser do nosso munus apostólico não só congratular-nos paternalmente com os diretores e membros das mesmas congregações, mas declarar que confirmamos e ratificamos os privilégios e as amplíssimas graças com que, no decurso de quase quatro séculos, muitos predecessores nossos (2) e nós próprios enriquecemos as ditas congregações por tantos e tão grandes méritos para com a Igreja.

I. EFICÁCIA E ATUALIDADE DAS CONGREGAÇÕES MARIANAS

2. É que sabemos muito bem não só quão grande "utilidade - para usarmos as palavras de Bento XIV na citada bula áurea - derivou desta piedosa e louvável instituição para os homens de todas as classes sociais", (3) nos tempos passados, mas também o grande empenho e esforço de ânimo, com que, em nossos dias, estas falanges marianas, seguindo as gloriosas pegadas dos antepassados e obedecendo religiosamente às suas leis, se colocam nas primeiras filas, sob os auspícios e a direção da hierarquia eclesiástica, apoiando e suportando com constância trabalhos para a maior glória de Deus e para o bem das almas; de tal maneira que devem ser consideradas como aguerridas coortes e forças espirituais, prontas a defender, assegurar e propagar o catolicismo. (4) E isso por muitas razões.

1) Produziram e produzem magníficos frutos:

a) Pelo seu número sempre crescente

3. De fato, quem recorda a história das congregações marianas, terá de confessar que, embora elas apareçam sempre florescentes em fileiras bem compactas, contudo não podem comparar-se com as mais recentes em número de membros, ainda que sim no fervor das obras; pois, quando nos séculos anteriores o número das agregações à Prima-Primária, por ano, não ia nunca além da dezena, desde o princípio do século XX essas agregações anuais facilmente se contam pelo milhar.

(Constituição Apostólica **BIS SAECULARI DIE**, do Papa Pio XII, de 27/09/1948)

- (242) Por tudo isso fica evidente a especial importância da confirmação aos fins da iniciação sacramental, pela qual os féis "como membros do Cristo vivente, a ele são incorporados e assimilados pelo batismo, bem como pela confirmação e eucaristia". No batismo os neófitos recebem o perdão dos pecados, a adoção de filhos de Deus, bem como também o caráter de Cristo, pelo qual são incorporados à Igreja e se tornam, inicialmente, participantes do sacerdócio de seu Salvador (cf. 1Pd 2,5.9). Com o sacramento da confirmação, os que renasceram no batismo, recebem o dom inefável, o próprio Espírito Santo, pelo qual são "enriquecidos de força especial", e, marcados com o caráter do mesmo sacramento, "são coligados mais perfeitamente à Igreja" enquanto "são mais estreitamente obrigados a difundir e a defender, com a palavra e com as obras,

sua fé, como autênticas testemunhas de Cristo". Enfim a confirmação é de tal modo coligada à sagrada eucaristia que os fiéis, já marcados pelo santo batismo e pela confirmação, são inseridos de modo pleno no corpo de Cristo mediante a participação na eucaristia.

O ato de conferir o dom do Espírito Santo, desde os tempos antigos, deu-se na Igreja segundo ritos diferentes. Tais ritos, no Oriente e no Ocidente, passaram por múltiplas transformações, mas sempre de tal modo que mantiveram intacto o significado de comunicação do Espírito Santo.

Em muitos ritos do Oriente parece que, desde tempos remotos, era mais freqüente, no comunicar o Espírito Santo, o rito de crismar, que não era ainda claramente distinto do batismo. Tal rito, ainda hoje, está em vigor na maior parte das Igrejas orientais.

(Constituição Apostólica *DIVINAE CONSORTIUM NATURAE*, do Papa Paulo VI, de 15/08/1971)

Como já vimos, o corpo das Encíclicas também pode ter essa estrutura e, portanto, não é isso que distingue esses dois gêneros. A distinção entre eles está no conteúdo temático conjugado com a função sociocomunicativa. Embora ambos sejam textos cujo conteúdo é algo a ser feito e/ou como deve ser feito, uma ou várias ações cuja realização é pretendida pelo Papa, enquanto que as Encíclicas são utilizadas pelo Papa para exercer seu magistério ordinário e, portanto, tratam de algum ponto doutrinário que esteja sendo mal entendido, propõem orientações em situação difícil, exaltam a figura de algum(a) Santo(a), procurando sempre fortalecer a vida cristã dos fiéis, a Constituição Apostólica: a) promulga as leis fundamentais da Igreja, quer sejam de caráter doutrinário, como a Constituição Apostólica *DIVINAE CONSORTIUM NATURAE*, do Papa Paulo VI, que trata do Sacramento da Confirmação; b) são de caráter administrativo, como a Constituição Apostólica *PASTOR BONUS*, do Papa João Paulo II, que trata da estrutura da Cúria Romana; ou c) disciplinar, como a Constituição Apostólica *DIVINUS PERFECTIONIS MAGISTER*, que trata da legislação sobre a Causa dos Santos.

A Exortação Apostólica também tem o seu corpo organizado em capítulos, com subtítulos e numeração. Entretanto não tem caráter legislativo, como a Constituição Apostólica. Sendo fruto de um Sínodo - reunião dos Bispos, convocados pelo Papa, para deliberar sobre algo, trata-se do documento final, fruto do que foi decidido no Sínodo. Na Exortação Apostólica, como o próprio nome diz, o Papa exorta os católicos a refletirem sobre os temas discutidos e as deliberações dos Bispos. Observemos os exemplos (243), (244) e (245).

(243) **CONCLUSÃO***Palavra programática do Ano Santo*

81. Este, Irmãos e Filhos, é o brado que nos brota do íntimo do coração, como que um eco da voz dos nossos Irmãos reunidos para a terceira Assembléia Geral do Sínodo dos Bispos. Nele vai a palavra programática que nós quisemos dar-vos, no final de um Ano Santo que nos permitiu aperceber-nos, mais do que nunca, das necessidades e dos apelos de uma multidão de irmãos, cristãos e não cristãos, que esperam da Igreja a Palavra da salvação,

Que a luz do Ano Santo que se acendeu nas Igrejas particulares e em Roma para milhões de consciências reconciliadas com Deus, possa continuar a irradiar o Jubileu, através de um programa, de ação pastoral, de que a evangelização é o aspecto fundamental, para estes anos que assinalam a vigília dum novo século e a vigília também do terceiro milênio do cristianismo!

(Exortação Apostólica *EVANGELII NUNTIANDI*, do Papa Paulo VI, de 08/12/1975, sobre a Evangelização no mundo contemporâneo.)

- (244) Ouso ligar esta minha Exortação, numa hora não menos crítica da história, à do Príncipe dos Apóstolos, que foi o primeiro a sentar-se nesta Cátedra romana, como testemunha de Cristo e pastor da Igreja, e aqui «presidiu à caridade» diante do mundo inteiro. **Também eu, em comunhão com os Bispos sucessores dos Apóstolos e confortado pela reflexão colegial que muitos deles, reunidos no Sínodo, dedicaram aos temas e problemas da reconciliação, desejei comunicar-vos, com o mesmo espírito do pescador da Galiléia, o que ele dizia aos nossos irmãos na fé, longe de nós no tempo, mas bem unidos no coração: «sede todos concordes (...), não retribuais o mal com o mal (...), sede zelosos pelo bem». E acrescentava: «é melhor padecer, praticando o bem, se assim agrada à vontade de Deus, do que fazendo o mal».**

Esta palavra de ordem está repleta de expressões que Pedro ouvira ao próprio Jesus e de conceitos, que faziam parte da sua «Boa Nova»: o mandamento novo do amor mútuo; o anelo e o empenho pela unidade; as bem-aventuranças da misericórdia e da paciência na perseguição pela justiça; o retribuir o mal com o bem; o perdão das ofensas; o amor dos inimigos. Em tais palavras e conceitos está a síntese original e transcendente da ética cristã ou, melhor e mais profundamente, da espiritualidade da Nova Aliança em Jesus Cristo.

Confio ao Pai, rico de misericórdia, confio ao Filho de Deus, feito homem como nosso Redentor e Reconciliador, confio ao Espírito Santo, fonte de unidade e de paz, este meu apelo de pai e de pastor à penitência e à reconciliação. Queira a Trindade Santíssima e adorável fazer germinar na Igreja e no mundo a pequenina semente que neste momento entrego à terra generosa de tantos corações humanos.

(Exortação Apostólica *RECONCILIATIO ET PAENITENTIA*, do Papa João Paulo II, de 02/12/1984, sobre a Reconciliação e a Penitência no mundo de hoje.)

- (245) 15. E porque este ano se comemora o XXV aniversário da solene consagração da Igreja a Maria, Mãe de Deus, e ao seu Coração Imaculado, feita pelo nosso Predecessor, de santa memória, Pio XII, em 31 de Outubro de 1942, por ocasião

da Rádio-Mensagem à Nação Portuguesa — Consagração que renovámos em 21 de Novembro de 1964 —, **exortamos todos os filhos da Igreja a renovar pessoalmente a sua própria consagração ao Coração Imaculado da Mãe da Igreja, e a viver este nobilíssimo acto de culto com uma vida cada vez mais conforme a Vontade Divina, e em espírito de serviço filial e de devota imitação da sua celeste Rainha.**

Exprimimos por fim, veneráveis Irmãos, a confiança de que, incitados por vós, o clero e o povo cristão confiados ao vosso ministério pastoral corresponderão generosamente a esta nossa Exortação, demonstrando para com a Virgem Mãe de Deus uma piedade mais ardente e uma confiança mais firme. Enquanto nos conforta a certeza de que a excelsa Rainha do Céu e nossa Mãe dulcíssima não deixará de assistir todos e cada um dos seus filhos e não retirará de toda a Igreja de Cristo o seu celeste patrocínio, concedemo-vos do coração, a vós mesmos e aos vossos fiéis, em auspício dos favores divinos e em sinal da nossa benevolência, a nossa Bênção Apostólica. (Exortação Apostólica *SIGNUM MAGNUM*, do Papa Paulo VI, de 13/05/1967, Consagrada ao Culto da Virgem Maria, Mãe da Igreja e modelo de todas as virtudes)

Portanto o que distingue a Exortação Apostólica da Constituição Apostólica e da Encíclica é a sua função sociocomunicativa de exortar os católicos a refletirem sobre temas diversos.

Por fim, o décimo gênero do nosso *corpus*, a Carta Apostólica.

Tendo em vista que o tipo injuntivo prevalece, também nas cartas apostólicas, o conteúdo temático é algo a ser feito e/ou como deve ser feito, uma ou várias ações cuja realização é pretendida pelo Papa. Nesse sentido, a carta apostólica distingue-se entre “Epístola Apostólica” e “Carta Apostólica”. Dirigida aos bispos e, por meio deles, a todos os fiéis, o primeiro documento trata de matéria doutrinária, de caráter menos solene que a encíclica; o segundo é usado para vários outros assuntos, tais como constituição de Santos Padroeiros, promoção de novos Beatos, normas disciplinares, dentre outros. Como essa distinção é em relação ao conteúdo, temos, aqui, um caso de duas espécies do mesmo gênero, conforme proposto por Travaglia (2007a). Em relação à primeira espécie, que trata de matéria doutrinária, podemos exemplificar com (246), sobre a reza do Rosário; e (241), sobre a Ordenação Sacerdotal só para homens, em que a forma de tratar o conteúdo temático, assinalada no trecho, muito se assemelha às Cartas de São Paulo (Cf. trechos em negrito).

- (246) Por isto, **veneráveis irmãos e diletos filhos**, a vós todos que estais espalhados pelo mundo todo, **comprazemo-nos em chamar-vos**, também, este ano, a algumas considerações simples e práticas, que a devoção do santo Rosário nos

sugere, considerações de saboroso alimento e de robustez de princípios vitais, formulados para direção do vosso pensar e do vosso pregar. **E tudo isto para expressão de piedade cristã perfeita e feliz, e sempre em luz de universal súplica pela paz de todas as almas e de todas as nações.**

O Rosário, como exercício de devoção cristã entre os fiéis de rito latino, que são uma notável porção da família católica, toma lugar, para os eclesiásticos, depois da santa missa e do breviário, e, para os leigos, depois da participação dos sacramentos. Ele é uma forma devota de união com Deus, e sempre de alta elevação espiritual.

Verdade é que, no caso de algumas almas menos educadas para se elevarem acima da homenagem labial, pode ele ser recitado como monótona sucessão das três orações: o Pai-Nosso, a Ave-Maria e o Glória, dispostos na ordem tradicional de quinze dezenas.

(Carta Apostólica *Il Religioso Convegno* do Papa João XXIII de 29/09/1961.)

- (247) A ordenação sacerdotal, pela qual se transmite a missão, que Cristo confiou aos seus Apóstolos, de ensinar, santificar e governar os fiéis, foi na Igreja Católica, desde o início e sempre, exclusivamente reservada aos homens. Esta tradição foi fielmente mantida também pelas Igrejas Orientais.

Quando surgiu a questão da ordenação das mulheres na Comunhão Anglicana, o **Sumo Pontífice Paulo VI, em nome da sua fidelidade o encargo de salvaguardar a Tradição apostólica, e também com o objectivo de remover um novo obstáculo criado no caminho para a unidade dos cristãos, teve o cuidado de recordar aos irmãos anglicanos qual era a posição da Igreja Católica:** "Ela defende que não é admissível ordenar mulheres para o sacerdócio, por razões verdadeiramente fundamentais. Estas razões compreendem: o exemplo - registrado na Sagrada Escritura - de Cristo, que escolheu os seus Apóstolos só de entre os homens; a prática constante da Igreja, que imitou Cristo ao escolher só homens; e o seu magistério vivo, o qual coerentemente estabeleceu que a exclusão das mulheres do sacerdócio está em harmonia com o plano de Deus para a sua Igreja".

Mas, dado que também entre teólogos e em certos ambientes católicos o problema fora posto em discussão, Paulo VI deu à Congregação para a Doutrina da Fé mandato de expor e ilustrar a este propósito a doutrina da Igreja. Isso mesmo foi realizado pela Declaração *Inter Insigniores*, que o mesmo Sumo Pontífice aprovou e ordenou publicar.

(Carta Apostólica *ORDINATIO SACERDOTALIS* do Papa João Paulo II, de 22/08/1994)

A segunda espécie, usada para vários outros assuntos, tais como constituição de Santos Padroeiros, promoção de novos Beatos, normas disciplinares, dentre outros, pode ser ilustrada pelos exemplos (248), sobre a obra realizada no Brasil, em favor das Vocações sacerdotais; e (249), em que se declara São Cirilo e São Metódio co-patronos da Europa. Nesses exemplos, verifica-se que a forma de tratar o conteúdo temático, assinalada no trecho, também conserva traços das Cartas de São Paulo.

- (248) **Hoje Nós Nos rejubilamos convosco, Veneráveis Irmãos, ao verificar os ingentes trabalhos realizados em favor dos Seminários Brasileiros e da causa das Vocações em várias dioceses. Nós Nos alegramos convosco, pelos magníficos esforços de tantos devotadíssimos Pastores que à custa de penosos sacrifícios mantêm os seus Seminários florescentes na proficiência dos Mestres, na vigorosa e sadia formação dos levitas, Seminários que já produziram ótimos frutos para a Igreja de Deus.**

Contudo, como em negócio de tão grande importância nunca é demais o que fazemos, sendo necessário não parar, mas progredir sempre, desejamos que se cultivem intensamente as vocações eclesiais para dotar cada dia mais os Seminários do Brasil de muitos e escolhidos jovens. (Carta Apostólica do Sumo Pontífice Pio XII, À obra das vocações sacerdotais no Brasil, de 23 de Abril de 1947)

- (249) Às ilustres figuras de São Cirilo e São Metódio se dirigem de novo os pensamentos e as orações neste ano em que decorrem dois centenários particularmente significativos. (...)

Cirilo e Metódio, irmãos, gregos, naturais de Tessalônica, cidade em que viveu e trabalhou São Paulo, entraram, desde o início da vocação, em estreitas relações culturais e espirituais com a Igreja patriarcal de Constantinopla, então florescente por cultura e atividade missionária, em cuja alta escola se formaram. (...)

Cirilo e Metódio desempenharam o próprio serviço missionário em união tanto com a Igreja de Constantinopla, pela qual tinham sido mandados, como com a Sé romana de Pedro, pela qual foram confirmados, manifestando deste modo a unidade da Igreja, que durante o período da vida e da atividade deles não estava ferida pela desventura da divisão entre o Oriente e o Ocidente (...)

Como hoje, depois de séculos de divisão da Igreja entre o Oriente e o Ocidente, entre Roma e Constantinopla, se deram, a partir do Concílio Vaticano II, passos decisivos no sentido da plena comunhão, dir-se-ia que proclamar São Cirilo e São Metódio co-patronos da Europa, ao lado de São Bento, corresponde plenamente aos sinais do nosso tempo. (...)

Portanto faço votos por que, **por obra da misericórdia da Santíssima Trindade, pela intercessão da Mãe de Deus e de todos os Santos, desapareça o que divide as Igrejas, como também os Povos e as Nações; e a diversidade de tradições e de cultura demonstre, pelo contrário, o recíproco complemento numa riqueza comum.**

(Carta Apostólica *Egregiae Virtutis* do Papa João Paulo II, de 31/12/1980)

As cartas apostólicas, assim como as de São Paulo, embora sejam endereçadas a congregações específicas, têm sempre um olhar sobre toda a comunidade cristã. Os exemplos (250) e (251) ilustram isso.

- (250) Aos ordinários dos lugares e **aos fiéis cristãos do mundo católico.**

(Carta Apostólica *Le Vocci Che da Tutti*, do Sumo Pontífice João XXIII, de 19/03/1961)

(251) Ao Episcopado, Clero e fiéis.

(Carta Apostólica *Mane Nobiscum Domine*, do Sumo Pontífice João Paulo II, de 07 /10/2004)

Mas o que distingue a Carta Apostólica da Encíclica reside na função sociocomunicativa. Enquanto que a Encíclica aborda temas mais gerais, mais abrangentes, a partir dos quais o Papa exerce seu magistério ordinário, a Carta Apostólica é dirigida às comunidades cristãs para chamar os fiéis a refletirem sobre temas mais específicos, tais como um aspecto da realidade cristã que precise ser recordado. Não se define pontos da doutrina nem se estabelecem normas por Carta Apostólica.

Tendo em vista as análises dos textos produzidos pelos papas, podemos observar que, em relação às características da superfície linguística, à estrutura composicional, à função sociocomunicativa e ao conteúdo temático, são documentos semelhantes, mas distintos especialmente quanto às condições de produção. Considerando todas as categorias de análise, especialmente as características da superfície linguística, é possível concluir que esses textos apresentam muitos elementos comuns com as Cartas de São Paulo, o que evidencia suas relações com elas, revelando que têm suas origens nos textos escritos por São Paulo.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Tendo em vista as análises realizadas, parece que se confirmam as hipóteses da pesquisa de que há gêneros usados contemporaneamente na comunidade discursiva religiosa católica apostólica romana que têm suas origens nas cartas dos apóstolos tal como configuradas nas cartas de São Paulo.

Como um dos mais importantes líderes da Igreja primitiva, ao lado de São Pedro, o apóstolo dos gentios, como é designado pelos próprios papas, exercia função missionária e evangelizadora, visitando as comunidades, inicialmente pagãs, fundando ali as primeiras igrejas, com a conversão dos pagãos em cristãos.

Entretanto, essas comunidades ficavam distantes umas das outras e nem sempre era possível São Paulo ir ter com os fiéis de suas igrejas, tanto para encorajá-los na fé, como para resolver dificuldades que essas comunidades enfrentavam. Assim, como não havia como ir pessoalmente visitar os seus fiéis, São Paulo começou a escrever-lhes cartas. Depois, com a sua prisão, São Paulo foi obrigado a comunicar-se com suas igrejas também por meio de cartas e, assim, continuou a escrevê-las.

Por meio dessas cartas, São Paulo realizava o seu magistério ordinário, enviando aos fiéis suas recomendações. Dessa forma, como textos predominantemente do tipo injuntivo, pretendiam dizer a ação requerida/desejada; dizer o que e o como fazer, incitando o interlocutor à realização da situação, conforme proposto por Travaglia (2007a). Nesse sentido, os documentos escritos por São Paulo tinham funções diversas, mas sempre de caráter evangelizador e pastoral. São Paulo explicava a doutrina cristã, dava orientações diversas a seus interlocutores, fazia recomendações de pessoas que prestavam serviços à ação evangelizadora, tendo sempre em vista o seu papel de líder das igrejas dos primeiros tempos.

A análise dos documentos papais revela que essas funções, que eram todas desempenhadas pelas cartas de São Paulo na Igreja dos primeiros tempos, distribuíram-se pelos diferentes documentos que os papas produzem. Percebemos que o Papa, assim como São Paulo, não consegue estar pessoalmente com os fiéis, para exercer a sua função de pastor dos católicos. Assim, ele desempenha as suas funções como líder supremo da Igreja por meio desses documentos.

As categorias de análise permitiram-nos proceder à descrição e caracterização das Cartas de São Paulo, caracterizando-as enquanto gênero. A partir dessa análise, pudemos inventariar as suas configurações, no que se refere à estrutura composicional, ao conteúdo temático, à função sociocomunicativa, às características da superfície linguística e às condições de produção.

De posse desses dados, foi possível, à medida que descrevíamos e caracterizávamos os gêneros atuais da comunidade discursiva católica apostólica romana, proceder a uma comparação com as características identificadas nas Cartas de São Paulo, revelando as semelhanças entre os dois grupos de textos. Assim, identificamos semelhanças entre eles quanto à estrutura composicional, especificamente na superestrutura e nos tipos que compõem os gêneros; à função sociocomunicativa, verificando que as funções desempenhadas por São Paulo, junto às comunidades cristãs que fundou e cuja fé avivou, são desempenhadas pelo Papa por meio de diferentes gêneros, atualmente; às características da superfície linguística, em que encontramos mais elementos comuns; ao conteúdo temático, praticamente o mesmo nos dois grupos de textos; e, finalmente, às condições de produção.

Esses dados também nos permitiram proceder a uma comparação dos documentos papais e chegar a uma distinção entre eles, a partir do que era diferente, com base nas cinco categorias de análise já mencionadas. Interessante ressaltar que a distinção entre eles reside significativamente nas condições de produção.

Com esses resultados, confirmamos as nossas hipóteses de pesquisa de que os gêneros atuais da comunidade discursiva católica apostólica romana têm suas origens nas Cartas de São Paulo.

Esperamos que este nosso estudo seja visto como uma contribuição pertinente ao estudo dos gêneros textuais, de como eles são, de como eles funcionam nas diferentes sociedades e culturas com suas comunidades discursivas e, ainda, de como determinados gêneros podem se modificar constituindo outros e que realmente o fazem. Certamente se

confirma a proposição de que os gêneros se estabelecem socialmente e historicamente, como uma forma de realizar ações em uma sociedade, de uma certa forma validada por esta sociedade.

Fica posto que a evolução das cartas dos apóstolos nos gêneros papais atuais analisados, não foi acompanhada no correr do tempo e não era nosso objetivo, mas, como dito, acreditamos ter-se evidenciado a relação entre os dois grupos.

Como toda pesquisa esta nos coloca mais desafios. Assim, continuar o levantamento dos gêneros usados na comunidade discursiva católica apostólica romana, fazer sua caracterização e diferenciação, estabelecer quais são próprios dessa comunidade e quais são compartilhados com outras comunidades religiosas ou não, se religiosas cristãs ou não é um projeto de estudo para muitos e por muito tempo. Esperamos poder ainda contribuir mais nessa direção e ter a adesão de outros pesquisadores a esta tarefa.

6. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ADAM, Jean Michel. **Les textes: types et prototypes – Récit, description, argumentation, explication et dialogue**. Paris Nathan. 1993.

BAKHTIN, Mikhail. **A Estética da Criação Verbal**. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

BAZERMAN, Charles. **Gêneros Textuais, Tipificação e Interação**. In: Ângela Paiva Dionísio, Judith Chambliss Hoffnagel (orgs.). Revisão técnica Ana Regina Vieira et al. São Paulo, SP / Cortez Editora, 2006.

BECKER, Jurgen. **Apóstolo Paulo, vida, obra e teologia**. São Paulo: Academia Cristã, 2007. Tradução de Irineu J. Rabuske.

BHATIA, V. K. **Genre Analysis Today**. *Revue Belge de Philologie et d'Histoire* n. 3, p. 629-652, 1997.

BORTOLINI, José. **Como ler a Segunda Carta aos Tessalonicenses: Esperar é resistir**. Paulus, São Paulo, 2008. 4ª Ed.

BRONCKART, J. P. **Atividade de linguagem, textos e discursos: por um interacionismo sócio-discursivo**. 2ª ed. São Paulo: EDUC, 2007.

CERVO, Amado Luiz; BERVIAN, Pedro Alcino. **Metodologia científica**. 5ª ed. São Paulo: Prentice Hall, 2002.

Código de Direito Canônico. Disponível em http://www.vatican.va/archive/cod-iuris-canonici/portuguese/codex-iuris-canonici_po.pdf

DALBERIO, Osvaldo; DALBERIO, Maria Célia Borges. **Metodologia científica: desafios e caminhos**. 2. ed. São Paulo. Paulus Editora, 2011.

FÁVERO, Leonor Lopes e KOCH Ingedore G. Villaça. **Linguística textual: uma introdução**. São Paulo: Cortez, 1983.

FERREIRA, A.B.H. **Novo Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986.

FREMANTLE, A. **The Papal Encyclicals in their historical context**. Nova Iorque: Mentor-Omega Books, 1963.

GIL, A.C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2002.

KAUFMAN, Ana Maria & RODRIGUEZ, Maria Elena. **Escola, leitura e produção de textos**. Porto Alegre, ArtMed, 1995.

KOCH, I. V, ELIAS, V. M. **Ler e Compreender os sentidos do texto**. São Paulo: Contexto, 2011.

MARCUSCHI, L. A. **Gêneros textuais: definição e funcionalidade**. In: DIONISIO, A. P. et al. (org.) **Gêneros textuais & ensino**. Rio de Janeiro : Lucerna, 2002, p. 19-36.

_____. **Produção textual, análise de gêneros e compreensão**. São Paulo, SP. Parábola Editorial, 2008.

POLHILL, John B. **Paul and his letters**. Estados Unidos da América: Nashville, Tennessee: B&H Academic, 1999.

SILVA, V. **Paulo, apóstolo de Jesus Cristo pela vontade de Deus! - Teologia paulina**. São Paulo: Paulinas, 2008.

SWALES, John M.. **Genre analysis – English in academic and research settings**. Cambridge: Cambridge University Press, 1990.

TRAVAGLIA, Luiz Carlos. “**Tipeamentos e a construção de uma teoria tipológica geral de textos**” in FÁVERO, Leonor Lopes; BASTOS, Neusa M. de O. Barbosa e MARQUESI, Sueli Cristina (org.). **Língua Portuguesa pesquisa e ensino – Vol. II**. São Paulo: EDUC/FAPESP, [2003]/2007: 97- 117.

_____. **Esferas de ação social e comunidades discursivas: conceitos superpostos, mas distintos**. IN BASTOS, Neusa Barbosa (org.). **Língua Portuguesa: aspectos linguísticos, culturais e identitários**. São Paulo: EDUC, 2012. p. 75-90.

_____. **A caracterização de categorias de textos: tipos, gêneros e espécies**. Alfa: Revista de Linguística, v. 51, p. 39-79, 2007a.

_____. **Das relações possíveis entre tipos na composição de gêneros** In: **4o Simpósio Internacional de Estudos de Gêneros Textuais (IV SIGET)**, 2007c, Tubarão - SC. Anais [do] 4º Simpósio Internacional de Estudos de Gêneros Textuais (4º SIGET). Tubarão: Universidade do Sul de Santa Catarina - UNISUL, 2007b. v.1. p.1297 – 1306.

_____. **Sobre a possível existência de subtipos**. Anais do VI Congresso Internacional da ABRALIN. Organizador: Dermeval da Hora. João Pessoa, 2009. p. 2632-2641.

_____ **Tipologias textuais literárias e lingüísticas. Scripta. , v.7,**
p.146 - 158, 2004.

_____ **Um estudo textual-discursivo do verbo no português.**
1991. 330 p. + 124 p. Tese (Doutorado em Lingüística) – Campinas, SP: IEL / UNICAMP,
1991.

TRIVIÑOS, A. N. S. - **Introdução à pesquisa em ciências sociais: a pesquisa qualitativa em educação.** São Paulo, Atlas, 1987. 175p.

TROBISCH, D. **Paul's letter collection: tracing the origins.** Estados Unidos da América:
Missouri: Quier Waters Publications, 2001.

WEINRICH, Harald. **Estructura y función de los tiempos en el lenguaje.** Madrid:
Gredos, 1968.

7. BIBLIOGRAFIA

ADAM, Jean Michel. "**Des mots au discours: l'exemple des principaux connecteurs**", in *Pratiques*, no 43, *Le sens des mots*, 1984, p.107 – 123

_____ **Le texte narratif**. Paris: Nathan, 1985.

_____ "**Quels types de textes ?**", in *Le français dans le monde*, no 192, 1985, p. 39 – 44.

_____ **Textualité et séquentialité. L'exemple de la description**. *Language Française*, Paris, n. 74, p. 51-72, Larousse. Maio de 1987.

_____ **Le texte descriptif**. Paris: Nathan, 1989.

_____ **Eléments de linguistique textuelle – théorie et pratique de l'analyse textuelle**, Liège : Mardaga, 1990.

ADAM, J. M. e REVAZ, F. **Aspects de la structuration du texte descriptif: lês mauquers d'enumération et de reformulation**. *Le français dans le monde*, Paris, n. 192, Hachette-Larousse, Abril de 1985.

ADAM, J. M., LUGRIN, G. & REVAZ, F. "**Pour en finir avec le couple récit /discours**", *Pratiques*, n°100, 1998, pp. 81-98.

ADAM, Jean Michel e PETITJEAN, A. **Introduction au type descriptif**. *Pratiques*, Metz, Fr. N. 34, p. 77-91, 1982.

_____ **Les enjeux textuels de la description**. *Pratiques*, Metz, Fr. N. 34, p. 93-117, 1982.

ANGELIM, Regina Célia C. e SILVA, Edila Vianna da. **Variação, gênero textual e ensino**. In: PAULIOKONIS, Maria Aparecida e GAVAZZI, Sigrid (orgs.) **Da língua ao discurso: reflexões para o ensino**. Rio de Janeiro: Lucerna, 2005.

ARAÚJO, Júlio César. **Internet e ensino: Novos gêneros, outros desafios**. Rio de Janeiro: Lucerna, 2007.

ARRUDA FERNANDES, Vânia Maria Bernardes. **A tipologia textual e o emprego de conectivos em textos orais e escritos**. *Letras & Letras*, Uberlândia, v 12 n 2, p 23-45, EDUFU, jul/dez 1996.

Pressuposição, argumentação e ideologia: análise de textos publicitários. Tese (Doutorado em Linguística – IEL/UNICAMP), Campinas, SP, 1997.

ASSUNÇÃO, Glória de Fátima Pinotti de. **Indicativos de Linguagem Publicitária no gênero discursivo reportagem.** Taubaté: UNITAU/UMC. Cópia de inédito apresentado no III Congresso Internacional da ABRALIN, em março de 2003: 5pp.

BAKHTIN, Mikhail. **Questões de Literatura e de Estética – Teoria do Romance.** 4 ed. São Paulo: UNESP, 1998.

BAMBERG, M . & MARCHMAN, V. 1994. '**Foreshadowing and wrapping up in narrative**'. In R.A. Berman & D.I. Slobin, *Relating events in narrative: a crosslinguistic developmental study*, 555-590. Hillsdale N.J.: Lawrence Erlbaum Associates Publ.

BASTOS, L. K. X. **Coesão e Coerência em Narrativas Escolares.** 1. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1994.

BAZERMAN, C. **Gêneros textuais**, tipificação e interação. São Paulo: Cortez, 2005.

Gêneros, Agência e Escrita. São Paulo: Cortez, 2006.

BENTES, Anna Cristina. **Processo de referenciação em duas configurações narrativas: o conto popular e a história oral.** *Cadernos de Estudos Linguísticos*, Campinas, n. 41, p. 177-189, jul./dez. 2001.

BONINI, A. **Gêneros e cognição: um estudo sobre a organização cognitiva da identidade dos textos.** Florianópolis: Insular, 2002.

BRANDÃO, H. N. **Texto, gênero do discurso e ensino.** In: BRANDÃO, H. N. (org.). **Gêneros do discurso na escola.** São. Paulo: Cortez, 2002.

CASTRO, V. S. **Os tempos verbais da narrativa oral.** 1980. 160 f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, 1980.

CAVALCANTE, Mônica Magalhães. **As nomeações em diferentes gêneros Textuais.** *Cadernos de Estudos Linguísticos*, Campinas, SP, n. 41, p.127-140, IEL/UNICAMP, jul./dez. 2001.

CHARAUDEAU, Patrick. **Linguagem e discurso: modos de organização.** São Paulo: Contexto, 2008.

CHAROLLES, Michel e PEYTARD, Jean (eds.) **Enseignement du récit et coherence du texte.** *Langue Française*, 38. Paris: Laorousse, mai./1978.

CHISS, Jean-Louis. **Malaise dans la classification.** *Langue Française*, Paris, n. 74, p. 10-28. In: CHISS, Jean Louis e FILLIOLET, Jacques (eds.). *La Typologie des discours.* Paris: Larousse, mai./1987.

CITELLI, Adilson. **Linguagem e Persuasão**. (6ª ed.) São Paulo: Ática, 1991.

COSTA, Sérgio Roberto. **Dicionário de Gêneros Textuais**. Belo Horizonte: Autêntica, 2008.

D'ONOFRIO, Salvatore. **Teoria do Texto – Teoria da lírica e do drama**. São Paulo, Ática, 2001.

_____ **Forma e sentido no texto literário**. São Paulo, Ática, 2007.

DELL'ISOLA, Regina Lúcia Peret. **Retextualização de textos escritos**. Rio de Janeiro: Lucerna, 2007.

DE MAC, Maria Isabel de Gregório et alii. **Cuando de argumentar se trata**. Rosário/Argentina: Eitorial Fundación Ross, 1998.

DECAT, Maria Beatriz Nascimento. **Relações Adverbiais e gênero de discurso**. Cadernos de Estudos Linguísticos, Campinas, n. 28, p. 19-36, UNICAMP/IEL, Jan./Jun. 1995.

DIONÍSIO, Ângela Paiva et alii (orgs). **Gêneros Textuais e Ensino**. Rio de Janeiro: Lucerna, 2002.

DOLZ, J. e SCHNEUWLY, B. **Gêneros e progressão em expressão oral e escrita. Elementos para reflexões sobre uma experiência suíça (francófona)**. In “Gêneros Oraís e escritos na escola”. Campinas(SP): Mercado de Letras; 2004.

DRY, Helen Aristar. **The movement of narrative time**. Journal of Literary semantics, v. XII, n. 2, p.18-53. Institute of Languages and Linguistics / University of Kent at Canterbury – England, out./ 1983.

DUCROT, Oswald. “**Argumentação e ‘topoi’ argumentativos**”. In GUIMARÃES, Eduardo. História e sentido da Linguagem. Campinas: Pontes, 1989, p.13-38.

ENKVIST, Nils Erik. **Linearization, text type, and parameter weighting**. In: MEY, Jacob L. (ed.) Language e discourse: test and protest. A Festschrift for Petr Segall. Amesterdam: John Benjamins, 1986, p. 245-260.

FAÏTA, Daniel. **A noção de gênero discursivo em Bakhtin: uma mudança de paradigma**. In: BRAIT, Beth (org.). Bakhtin, dialogismo e construção do sentido. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 1997. p. 159-177.

FÁVERO, L. L. & KOCH, I. V. (1987). **Contribuição a uma tipologia textual**. In *Letras & Letras*. Vol. 03, nº 01. Uberlândia: Editora da Universidade Federal de Uberlândia. pp. 3-10.

FERREIRA, Simone Cristina Salviano. **A crônica: problemáticas em torno de um gênero**, 150 p. + anexos. Dissertação (mestrado em Lingüística). Instituto de Letras e Linguística. Universidade Federal de Uberlândia, 2005.

FILLIOLET, Jacques. **La Typologie des discours, mythe ou réalité pédagogique?**. *Langua Française*. Paris, n. 74, p.97-107. In: CHISS, Jean Louis e FILLIOLET, Jacques (eds.). *La Typologie des discours*. Paris: Larousse, mai./1987.

FIORIN, José Luiz e SAVIOLI, Francisco Platão. **Para entender o texto: leitura e redação**. São Paulo, Ática: 2002.

FIORIN, José Luiz. Tipologia dos textos In: LOPES, Harry Vieira et al. (orgs.). **Língua Portuguesa – O currículo e a compreensão da realidade**. São Paulo: Secretaria de Estado de Educação / Coordenadoria de Estudos e Normas Pedagógicas, 1991.p. 33-42.

FONSECA, Fernanda Irene. **Competência narrativa e ensino de língua materna**. In Gramática e Pragmática: Estudos de Lingüística Geral e de Lingüística Aplicada ao ensino de Português. Porto: Porto Editora, 1994.

FREITAS, Alice Cunha. **América mágica, Grã-Bretanha real e Brasil Tropical. Um estudo lexical de panfletos de hotéis**. 1997, 230 p. Tese (Doutorado em Lingüística) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, LAEL, 1997.

GANCHÓ, Cândida Vilares. **Como analisar narrativas**. (4ª ed.) São Paulo: Ática, 1997.
GOMES, Antonio Bosco Luna. **Emergência do gênero Carta**. Fortaleza: Dissertação de mestrado. Universidade Federal do Ceará / Centro de Humanidades / Programa de Pós-Graduação em Lingüística, 2002, 120 pp.

GOMES, Leny da Silva e GOMES, Neiva Maria Tebaldi (orgs.) **Aprendizagem de língua e literatura – gêneros & Vivências de linguagem**. Porto Alegre: Editora UniRitter, 2006.
GOMES-SANTOS, Sandoval Nonato. **Recontando Histórias na escola: gêneros discursivos e produção da escrita**. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

GOMES, Maria Carmem Aires, MELO, Mônica Santos de Souza e CATALDI, Cristiane. **Gênero discursivo, mídia e identidade**. Viçosa, MG. ED UFV, 2007.

GRILLO, Sheila Vieira de Camargo e CARDOSO, Fernanda Moreno. **As condições de produção/recepção dos gêneros discursivos em atividades de leitura de livros didáticos**. In: ROJO, Roxane e BATISTA, Antonio Augusto Gomes (orgs.) Livro Didático de Língua Portuguesa, Letramento e Cultura da Escrita. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2004.

GUIMARÃES, Eduardo Roberto Junqueira. **Polifonia e Tipologia Textual**. In: FÁVERO, Leonor Lopes e PASCHOAL, Mara S. Z. (orgs.) *Lingüística Textual: texto e leitura*. São Paulo, EDUC/Ed. Da PUC-SP, 1986, p. 75-87.

Os limites do Sentido: Um estudo histórico e enunciativo da linguagem. Campinas, SP: Pontes, 1995.

HEATH, Shirley Brice. **What no bedtime story means: narrative skills at home and school**. *Language and Society*. Cambridge, n. 11, p. 49-103. Cambridge University Press, 1982.

JOLLES, André. **Formas Simples: legenda, saga mito, adivinha, ditado, caso memorável, conto, chiste**. São Paulo: Cultrix, 1976.

KARWOSKI, Acir Mário, GAYDECZKA, Beatriz e BRITO, Karim Siebeneicher (orgs.) **Gêneros textuais: reflexões e ensino**. Rio de Janeiro: Lucerna, 2006.

KOCH, I.G.V. **O verbo poder numa gramática comunicativa do Português**. Cadernos PUC n°. 8. São Paulo: EDUC - Editora da PUC, p. 102-113, 1981.

_____ **Argumentação e Linguagem**. São Paulo, Editora. 1987.

LABOV, William. **The Transformation of experience in narrative syntax**. In: Language in the inner city. Studies in the black English vernacular. Philadelphia, University of Pennsylvania Press, 1972, p. 354-396.

LABOV, William e WALETZKY, Joshua. **Narrative Analysis: Oral Versions of Personal Experience**. In: HELM. J. (ed.) Essays on the verbal and visual arts. Washington, Washington University Press, 1967, p.12-44.

LARIVAILLE, Paul. **L'analyse (morpho)logique du récit**. Poétique, Paris, n. 19, p. 369-388, 1974.

LOPES-ROSSI, Maria Aparecida Garcia (org.). **Gêneros discursivos no ensino de leitura e produção de textos**. Taubaté, SP: Cabral Editora e Livraria Universitária, 2002.

MACHADO, Ida Lúcia e MELLO, Renato (org.) **Gêneros: reflexões em análise do discurso**. Belo Horizonte: Núcleo de Análise do Discurso, Programa de Pós- Graduação em Estudos Lingüísticos, Faculdade de Letras da UFMG, 2004.

MACHADO, Irene. **Gêneros Discursivos**. In: BRAIT, Beth (org.). Bakhtin: Conceitos-chave. São Paulo: Contexto, 2005, p.151-166.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. **Marcadores conversacionais no Português brasileiro: formas, posições e funções**. Recife/Freiburg: cópia de texto inédito, 1987, 27 p.

_____ **Sugestões para o desenvolvimento de uma tipologia de texto falado e escrito**. Recife: UFPE, 1992, cópia de Inédito, 34 p.

_____ **Gêneros textuais: definição e funcionalidade**. In: DIONÍSIO, Ângela Paiva; MACHADO Anna Rachel e BEZERRA, Maria Auxiliadora (org.) *Gêneros textuais e ensino*. Rio de Janeiro: Lucerna, 2002. p. 19-36.

_____ **Produção Textual, análise de gêneros e compreensão**. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

MARCUSCHI, Luiz Antônio e XAVIER, Antonio Carlos (orgs.) **Hipertexto e Gêneros Digitais**. Rio de Janeiro: Lucerna, 2004.

MARQUESI, Sueli Cristina. **A organização do texto descritivo em língua portuguesa**. Rio de Janeiro: Lucerna, 2004.

MELO, Carolina Santos. **Tipos de textos empregados com função de argumento na dissertação argumentativa**. 2005. Dissertação (Mestrado), Linguística, UFU – Universidade Federal de Uberlândia, 177 p.

MEURER, José Luiz e MOTTA-ROTH, Désirée (org.) **Gêneros textuais e práticas discursivas**. Bauru, SP: EDUSC, 2002.

MEURER, José Luiz, BONINI, Adair e MOTTA-ROTH, Désirée (org.). **Gêneros: teorias, métodos e debates**. São Paulo: Parábola Editorial, 2005.

MOISÉS, Massaud. **A Criação Literária**. São Paulo: Melhoramentos, 1973.

_____. **A criação literária: introdução à problemática da literatura**. (6ª ed.rev.). São Paulo: Melhoramentos, 1973.

NEIS, Ignácio Antonio. **Problemas de tipologia do texto narrativo**. In: Boletim nº 6 da ABRALIN. Campinas, ABRALIN/UNICAMP, Março de 1984, p.72-81.

_____. **Elementos de tipologia do texto descritivo**. In: FÁVERO, Leonor Lopes e PASCHOAL, Mara S. Z. (orgs.) *Linguística Textual: texto e leitura*. São Paulo, EDUC-Ed. da PUC-SP, 1986, p. 47-63.

NEPOMUCENO, Terezinha. **Sob a ótica dos quadrinhos: Uma proposta textual-discursiva para o gênero tira**. 2005. Dissertação (Mestrado), Linguística, UFU – Universidade Federal de Uberlândia, 151 p.

OLIVEIRA, Eduardo Calil. **Autoria: A criança e a escrita de histórias inventadas**. Londrina: EDUEL, 2004.

ORLANDI, Eni Pucinelli. **A Linguagem e seu Funcionamento: as formas do discurso**. Ed. rev, Campinas, Pontes, 1987.

_____. **Une Confrontation dans le langage**. *Langage et société*. Paris, n. 46, p. 45-66. Maison des sciences de l'homme, dez./1988.

PEZATTI, Erotilde Goreti. **Relevo discursivo e tipos de texto**. *Letras & Letras*. Uberlândia, MG, v. 12, n. 1, p. 77-95. EDUFU, jan./jun 1996.

POLHILL, John B. **Paul and his letters**. Estados Unidos da América:Nashville, Tennessee: B&H Academic, 1999.

RANDQUIST, M. G. **TT-schemata, some notes on text typology**. In: STEVENSEN, L. (ed.) *Nordie research in Textlinguistics and Discouse Analysis*. Thondheim, 1987.

ROJO, Roxane e BATISTA, Antonio Augusto Gomes (orgs.) **Livro didático de Língua Portuguesa, Letramento e Cultura da escrita**. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2004.

ROJO, Roxane. **Gêneros do Discurso e Gêneros Textuais: questões teóricas e aplicadas**. BONINI, J. L. Meurer; ROTH, Desirée Motta (org.). In: *Gêneros: teorias, métodos, debates*. São Paulo: Parábola Editorial, 2005, p. 184-207.

SCHNEUWLY, Bernard & DOLZ, Joaquim. **Os gêneros escolares: das práticas de linguagem aos objetos de ensino**. In: ROJO, Roxane e CORDEIRO, Glaís Sales (Trad. E org.) *Gêneros Orais e Escritos na escola*. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2004, p. 71-91.

SCHNEUWLY, Bernard. **Gêneros e tipos de texto: considerações psicológicas e ontogenéticas**. In: ROJO, Roxane e CORDEIRO, Glaís Sales (Trad. E org.) *Gêneros Orais e Escritos na escola*. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2004, p. 21-40.

SCHNEUWLY, Bernard, ROSAT, Marie-Claude e DOLZ, Joaquim. **Les organisateurs textuels dans quatre types de textes écrits. Étude chez des élèves de dix. Douze et quatorze ans**. *Langue Française*, Paris, n. 81, p. 40-58. Larousse, fev. / 1989.

SIGNORINI, Inês (org.) **[Re] discutir texto, gênero e discurso**. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

SILVA, Jane Quintiliano Guimarães. **Tipologias textuais e a produção de textos na escola**, 1995. 262 = 56 p. Dissertação (Mestrado em Educação). Faculdade de Educação – UFMG, Belo Horizonte, 1995.

SILVA, Pollyanna Honorata. *Os gêneros jornalísticos e as várias faces da notícia*. 2007. Dissertação (Mestrado), Linguística, UFU – Universidade Federal de Uberlândia, 225 p. SIMONIN-GRUMBACH, Jenny. **Para uma tipologia dos discursos**. In: *Língua, Discurso, Sociedade*. São Paulo: Global, 1983.

SIQUEIRA, João Hilton Sayeg. As macrocategorias do texto dissertativo. In: Fávero, L.L. e PASCHOAL, Mara S. Z. (orgs.) **Linguística textual: texto e leitura**. São Paulo, EDUC/Ed da PUC-SP, 1986, p. 133-139.

SMITH, William S. **A teologia de Paulo**. Patrocínio, MG: CEIBEL, 1986.

SOARES, Angélica. **Gêneros Literários**. São Paulo: Ática, 2001.

SWALES, John M. **Genre analysis – English in academic and research settings**. Cambridge: Cambridge University Press, 1990.

THOMPSON, Sandra A. **Subordination and narrative event structure**. In: TOMLIN, Russel S. (ed.) *Coherence and grounding in discourse*. Amsterdam / Philadelphia: John Benjamins Publishing Company, 1987, p. 435-454.

TRAVAGLIA, Luiz Carlos. **Um estudo textual-discursivo do verbo no português**. 1991. 330 + 124 p. Tese (Doutorado em Linguística) – Campinas, SP: IEL / UNICAMP, 1991.

_____ **Tipologia textual e a coesão / coerência no texto oral: transições tipológicas.** Letras & Letras. Uberlândia, v. 8, n. 1, p. 37-56. Uberlândia: EDUFU, jan./jun., 1992.

_____ **A superestrutura dos textos injuntivos.** Estudos lingüísticos/XXI Anais de Seminários do Grupo de Estudos Lingüísticos do Estado de São Paulo - Vol.II. Jaú, Fundação Educacional Dr. Raul Bauab/GEL-SP, 1992: 1290-1297.

_____ **Tipologia textual e o Ensino da Produção de Textos.** In: Anais do XI Encontro Nacional de Professores de Português – IX ENAPP (Escolas Técnicas Federais – ETAS – e Centros Federais de Ensino Técnico – CEFETs). Natal: Escola Técnica Federal do Rio Grande do Norte, 1996: 103-117. (publicado em 1998).

_____ **Gêneros de texto definidos por atos de fala.** In: ZANDWAIS, Ana (org.). Relações entre pragmática e enunciação. Porto Alegre: Sagra Luzzato, 2002. p.129- 153 (Coleção Ensaios - nº17)

_____ **Tipologia textual, ensino de gramática e o livro didático.** In: HENRIQUES, Cláudio Cezar e SIMÕES, Darcília (org.) *Língua e cidadania: novas perspectivas para o ensino.* Rio de Janeiro: Europa, 2004. p. 114-138.

TAVARES, Hênio Último da Cunha. *Teoria literária* (5ª ed. rev. e atual). Belo Horizonte: Itatiaia, 1974.

TROBISCH, David. **Paul's letter collection.** Estados Unidos da América: Bolivar, Missouri: Quiet Waters Publications, 2001.

VAN DIJK, Teun A. **Grammairies textuelles et structures narratives.** In: *Sémiotique narrative et textuelle.* Paris: Larousse, 1973, p. 177-207.

_____ **Philosophy of action and theory of narrative.** Poetics. Amsterdam, n. 5, p. 287-338, 1976. North-Holland Publishing Company.

_____ **Gramáticas Textuais e estruturas narrativas** (tradução de Leyla Perrone Moisés) In: *Semiótica narrativa e textual.* São Paulo: Cultrix / EDUSP, 1977, p. 196-229.

_____ **Estructuras y funciones del discurso.** México, Siglo XXI Editores, 1980.

_____ **La ciência del texto: um enfoque interdisciplinário.** Barcelona, Paidós, 1983.

_____ **New Schemata.** In: COOPER, Charles R. e GRENNBAUM, Sidney (eds.) *Studying writing: linguistics approaches.* London/Beverly Hills/ New Delhi, Sage Publications, 1986, p. 155-185.

_____ **Critical new analysis.** Introductory Paper for the Instituto de Semiótica y Comunicacion Granada, 7 a 12 de setembro de 1987. 32 p.

VENTOLA, Eija. **The Structure of Social Interaction**. A systemic approach to the semiotics of service encounters. London: Frances Pinter Publishers, 1987.

VIRTANEM, Tuija. **Issues of text typology: narrative – a basic type of text?** Text, Amsterdam, v. 12 n. 2, p. 293-310, 1992.

VUILLAUME, Marcel. **Le repérage temporel dans texts narratifs**. Langages, Paris, n. 112, p. 92-126. MOESCHLER, Jacques (ed.) Temps reference et inference. Paris: Larousse, déc./1993.

WALD, Beiji. **Cross-clause relations and temporal sequence in narrative and beyond**. In: TOMLIN, Russel S. (ed.) Coherence and grounding in discourse. Amsterdam / Philadelphia: John Benjamins Publishing Company, 1987, p. 481-512.

WALTZ, David L. **Generating and understanding scene descriptions**. In: JOSHI, WEBBER e SAG (ed.). Elements of discourse understanding. Cambridge: Cambridge University Press, 1981, p. 266-281.

8. ANEXOS

I. BREVES APOSTÓLICOS

1. Breve Apostólico "Aedes illis" da Criação da Basílica Menor de Nossa Senhora do Carmo - Campinas - <http://www.basilicadocarmocampinas.org.br/historico.htm>
2. Breve Apostólico da Beatificação de Josemaría Escrivá - <http://www.pt.josemariaescriva.info/artigo/breve-apostolico-da-beatificaccedilao->
3. Breve Apostólico da Beatificação de Madre Bárbara Maix - <http://barbaramaix.blogspot.com.br/2010/11/se-bendito-deus-amado-novo-brilho-na.html>
4. Breve Apostólico de Concessão do título de basílica à igreja de São Sebastião - <http://pastoralvocacionalcarmelitana.blogspot.com.br/2014/02/teresinha.html>
5. Breve Apostólico de Nomeação do Cardeal Agostinho Casaroli - http://www.vatican.va/holy_father/john_paul_ii/letters/1981/documents/hf_jp-ii_let_19811121_casaroli-guadalupe_po.html
6. Breve Apostólico ao Cardeal Bernardin Gantin - http://www.vatican.va/holy_father/john_paul_ii/letters/1981/documents/hf_jp-ii_let_19810618_gantin_po.html
7. Breve Apostólico "Incarnationis misterium" - http://www.vatican.va/holy_father/john_paul_ii/letters/1994/documents/hf_jp-ii_let_19940908_indulgenze-loreto_it.html
8. Breve Apostólico do Papa Paulo VI no qual De declara São Paulo Patrono dos Cursos de Crisandade - <http://www.mccatedralsantacruz.com/sao-paulo-apostolo>
9. Breve Apostólico "Seraphicus Patriarcha" - http://www.paxetbonum.net/ruleSFO_pt.html#2
10. Breve Apostólico "In Spiritu Sanctu" - <http://www.veritatis.com.br/doutrina/documentos-da-igreja/6934-in-spiritu-sancto>
<http://www.veritatis.com.br/doutrina/documentos-da-igreja/6934-in-spiritu-sancto>

II. BULAS PONTIFÍCIAS

1. Bula Pontifícia "Aperite portas Redemptori" -
http://www.vatican.va/holy_father/john_paul_ii/jubilee/documents/hf_jp-ii_doc_19830106_bolla-redenzione_sp.html
2. Bula Pontifícia "Culto Divino" -
http://www.vatican.va/holy_father/pius_xi/bulls/documents/hf_p-xi_bulls_19281220_divini-cultus_it.html
3. Bula Pontifícia da Criação da Diocese de Piracicaba -
<http://www.diocesedepiracicaba.org.br/novo/capa.asp?secao=material&id=53>
4. Bula Pontifícia da Divisão da Arquidiocese de Olinda e Recife -
http://www.diocesedepesqueira.com.br/?page_id=49
5. Bula Pontifícia "Incruentum Altaris" -
http://www.vatican.va/holy_father/benedict_xv/bulls/documents/hf_ben-xv_bulls_19150810_incruentum-altaris_it.html
6. Bula Pontifícia "Inter Sanctus" -
http://www.vatican.va/holy_father/benedict_xv/bulls/documents/hf_ben-xv_bulls_19150810_incruentum-altaris_it.html
7. Bula Pontifícia "Mater Providentíssima" -
http://www.vatican.va/holy_father/benedict_xv/bulls/documents/hf_ben-xv_bulls_19170527_providentissima-mater_it.html
8. Bula "Provida Romanorum Pontificum" -
<http://obrascaticas.blogspot.com.br/2013/05/bula-provida-romanorum-pontificum-bento.html>
9. Bula Pontifícia "Humanae Salutis" -
http://www.vatican.va/holy_father/john_xxiii/apost_constitutions/documents/hf_j-xxiii_apc_19611225_humanae-salutis_po.html
10. Bula Pontifícia "Incarnationis mysterium" -
<http://agnusdei.50webs.com/incmyst1.htm>

III. CARTAS APOSTÓLICAS

1. Carta Apostólica "Rosarium Virginis Mariae" -
http://www.vatican.va/holy_father/john_paul_ii/apost_letters/documents/hf_jp-ii_apl_20021016_rosarium-virginis-mariae_po.html
2. Carta Apostólica "O Rápido Desenvolvimento" -
http://www.vatican.va/holy_father/john_paul_ii/apost_letters/documents/hf_jp-ii_apl_20050124_il-rapido-sviluppo_po.html

3. Carta Apostólica "Oecumenicum Concilium" -
http://www.vatican.va/holy_father/john_paul_ii/apost_letters/documents/hf_jp-ii_apl_20050124_il-rapido-sviluppo_po.html
4. Carta Apostólica "Indi a Primis" -
http://www.vatican.va/holy_father/john_xxiii/apost_letters/documents/hf_j-xxiii_apl_19600630_indeaprimis_po.html
5. Carta Apostólica "Il Religioso Convegno" -
http://www.vatican.va/holy_father/john_xxiii/apost_letters/documents/hf_j-xxiii_apl_19610929_religioso-convegno_po.html
6. Carta Apostólica "Egregiae Virtutis" -
http://www.vatican.va/holy_father/john_paul_ii/apost_letters/documents/hf_jp-ii_apl_31121980_egregiae-virtutis_po.html
7. Carta Apostólica "Laetamur Magnopere" -
http://www.vatican.va/holy_father/john_paul_ii/apost_letters/documents/hf_jp-ii_apl_15081997_laetamur_po.html
8. Carta Apostólica "Ordinatio Sacerdotalis" -
http://www.vatican.va/holy_father/john_paul_ii/apost_letters/1994/documents/hf_jp-ii_apl_19940522_ordinatio-sacerdotalis_po.html
9. Carta Apostólica "Le Voci che da Tutti" -
http://www.vatican.va/holy_father/john_xxiii/apost_letters/documents/hf_j-xxiii_apl_19610319_s.giuseppe_po.html
10. Carta Apostólica ao Irmão Joaquim Meisner -
http://www.vatican.va/holy_father/benedict_xvi/apost_letters/documents/hf_ben-xvi_apl_20081028_duns-scoto_po.html

IV. ENCÍCLICAS

1. Encíclica "Anni Sacri" -
http://www.vatican.va/holy_father/pius_xii/encyclicals/documents/hf_p-xii_enc_12031950_anni-sacri_po.html
2. Encíclica "Humanae Vitae" -
http://www.vatican.va/holy_father/paul_vi/encyclicals/documents/hf_p-vi_enc_25071968_humanae-vitae_po.html
3. Encíclica "Populorum Progressio" -
http://www.vatican.va/holy_father/paul_vi/encyclicals/documents/hf_p-vi_enc_26031967_populorum_po.html

4. Encíclica "Musicae Sacrae Disciplina" -
http://www.vatican.va/holy_father/pius_xii/encyclicals/documents/hf_p-xii_enc_25121955_musicae-sacrae_po.html
5. Encíclica "Deus Caritas Est" -
http://www.vatican.va/holy_father/benedict_xvi/encyclicals/documents/hf_ben-xvi_enc_20051225_deus-caritas-est_po.html
6. Encíclica "Haurietis Aquas" -
http://www.vatican.va/holy_father/pius_xii/encyclicals/documents/hf_p-xii_enc_15051956_haurietis-aquas_po.html
7. Encíclica "Sacerdotalis Caelibatus" -
http://www.vatican.va/holy_father/paul_vi/encyclicals/documents/hf_p-vi_enc_24061967_sacerdotalis_po.html
8. Encíclica "Vigilanti Cura" -
http://www.vatican.va/holy_father/pius_xi/encyclicals/documents/hf_p-xi_enc_29061936_vigilanti-cura_po.html
9. Encíclica "Le Pèlerinage de Lourdes" -
http://www.vatican.va/holy_father/pius_xii/encyclicals/documents/hf_p-xii_enc_02071957_le-pelerinage-de-lourdes_po.html
10. Encíclica "Vehementer Nos" -
http://www.montfort.org.br/old/index.php?secao=documentos&subsecao=enciclica&artigo=vehementer_nos&lang=bra

V. CONSTITUIÇÕES APOSTÓLICAS

1. Constituição Apostólica "Anglicanorum Coetibus" -
http://www.vatican.va/holy_father/benedict_xvi/apost_constitutions/documents/hf_ben-xvi_apc_20091104_anglicanorum-coetibus_po.html
2. Constituição Apostólica "Bis Saeculari Die" -
http://www.vatican.va/holy_father/pius_xii/apost_constitutions/documents/hf_p-xii_apc_19480927_bis-saeculari_po.html
3. Constituição Apostólica "Divinae Consortium Naturae" -
https://www.google.com.br/webhp?source=search_app&gfe_rd=cr&ei=qpxGU9jvCcOU8Qf-mYBI#q=divinae+consortium+naturae
4. Constituição Apostólica "Divinus Perfectionis Magister" -
http://www.vatican.va/holy_father/john_paul_ii/apost_constitutions/documents/hf_j-p-ii_apc_25011983_divinus-perfectionis-magister_po.html

5. Constituição Apostólica "Fidei Depositum" -
http://www.vatican.va/holy_father/john_paul_ii/apost_constitutions/documents/hf_jp-ii_apc_19921011_fidei-depositum_po.html
6. Constituição Apostólica "Humanae Salutis" -
http://www.vatican.va/holy_father/john_xxiii/apost_constitutions/documents/hf_j-xxiii_apc_19611225_humanae-salutis_po.html
7. Constituição Apostólica "Indulgentiarum Doctrina" -
http://www.vatican.va/holy_father/paul_vi/apost_constitutions/documents/hf_p-vi_apc_01011967_indulgentiarum-doctrina_po.html
8. Constituição Apostólica "Pastor Bonus" -
http://www.vatican.va/holy_father/john_paul_ii/apost_constitutions/documents/hf_jp-ii_apc_19886028_pastor-bonus_po.html
9. Constituição Apostólica "Universi Domini Gregis" -
http://www.vatican.va/holy_father/john_paul_ii/apost_constitutions/documents/hf_jp-ii_apc_22021996_universi-dominici-gregis_po.html
10. Constituição Apostólica "Sacram Unctionem Infirmorum" -
http://www.vatican.va/holy_father/paul_vi/apost_constitutions/documents/hf_p-vi_apc_19721130_sacram-unctionem_po.html

VI. EXORTAÇÕES APOSTÓLICAS

1. Exortação Apostólica "Evangelii Nuntiandi" -
http://www.vatican.va/holy_father/paul_vi/apost_exhortations/documents/hf_p-vi_exh_19751208_evangelii-nuntiandi_po.html
2. Exortação Apostólica "Pastores Gregis" -
http://www.vatican.va/holy_father/john_paul_ii/apost_exhortations/documents/hf_jp-ii_exh_20031016_pastores-gregis_po.html
3. Exortação Apostólica "Quinque Ian Anni" -
http://www.vatican.va/holy_father/paul_vi/apost_exhortations/documents/hf_p-vi_exh_19701208_quinque-iam-anni_po.html
4. Exortação Apostólica "Reconciliatio et Paenitentia" -
http://www.vatican.va/holy_father/john_paul_ii/apost_exhortations/documents/hf_jp-ii_exh_02121984_reconciliatio-et-paenitentia_po.html
5. Exortação Apostólica "Redemptoris Custos" -
http://www.vatican.va/holy_father/john_paul_ii/apost_exhortations/documents/hf_jp-ii_exh_15081989_redemptoris-custos_po.html

6. Exortação Apostólica "Signum Magnum" -
http://www.vatican.va/holy_father/paul_vi/apost_exhortations/documents/hf_p-vi_exh_19670513_signum-magnum_po.html
7. Exortação Apostólica "Verbum Domini" -
http://www.vatican.va/holy_father/benedict_xvi/apost_exhortations/documents/hf_ben-xvi_exh_20100930_verbum-domini_po.html
8. Exortação Apostólica "Vita Consecrata" -
http://www.vatican.va/holy_father/john_paul_ii/apost_exhortations/documents/hf_jp-ii_exh_25031996_vita-consecrata_po.html
9. Exortação Apostólica "Christifideles Laici" -
http://www.vatican.va/holy_father/john_paul_ii/apost_exhortations/documents/hf_jp-ii_exh_30121988_christifideles-laici_po.html
10. Exortação Apostólica "Ecclesia in America" -
http://www.vatican.va/holy_father/john_paul_ii/apost_exhortations/documents/hf_jp-ii_exh_22011999_ecclesia-in-america_po.html

VII. MENSAGENS

Mensagem

1. Mensagem do Papa Paulo VI por Ocasão do XXV Aniversário da Organização das Nações Unidas - http://www.vatican.va/holy_father/paul_vi/messages/pont-messages/documents/hf_p-vi_mess_19701004_xxv-onu_po.html
2. Mensagem do Papa João Paulo II por Ocasão do Lançamento da Campanha da Fraternidade no Brasil -
http://www.vatican.va/holy_father/john_paul_ii/messages/pont_messages/2005/documents/hf_jp-ii_mes_20050103_fraternidade-brazil_po.html
3. Mensagem do Papa João Paulo II aos Participantes na 16ª Assembléia Geral da *Caritas Internationalis* -
http://www.vatican.va/holy_father/john_paul_ii/messages/pont_messages/1999/documents/hf_jp-ii_mes_19990619_caritas_po.html
4. Mensagem do Papa Bento XVI ao Senhor Lee Myung-Bak Presidente da Coréia
http://www.vatican.va/holy_father/benedict_xvi/letters/2010/documents/hf_ben-xvi_let_20101108_korea-president_po.html
5. Mensagem do Papa Bento XVI ao Presidente de Ruanda -
http://www.vatican.va/holy_father/benedict_xvi/letters/2007/documents/hf_ben-xvi_let_20070403_president-rwanda_po.html

6. Mensagem do Papa João Paulo II à Arquidiocese de Cracóvia - http://www.vatican.va/holy_father/john_paul_ii/messages/pont_messages/1978/documents/hf_jp-ii_mes_19781023_arcidiocesi-cracovia_po.html
7. Mensagem do Papa João Paulo II para a Quaresma Dirigida à Igreja de Roma - http://www.vatican.va/holy_father/john_paul_ii/speeches/1979/february/documents/hf_jp-ii_spe_19790228_chiesa-roma-quaresima_po.html
8. Mensagem do Papa João Paulo II aos Detentos do Presídio frei Caneca - http://www.vatican.va/holy_father/john_paul_ii/messages/pont_messages/1997/documents/hf_jp-ii_mes_19970930_carceri-rio_po.html
9. Mensagem do Papa Paulo VI por ocasião do XXV Aniversário da Organização das Nações Unidas - http://www.vatican.va/holy_father/paul_vi/messages/pont-messages/documents/hf_p-vi_mess_19701004_xxv-onu_po.html
10. Mensagem do Papa João Paulo II aos Enfermos do Instituto Nacional do Câncer http://www.vatican.va/holy_father/john_paul_ii/messages/pont_messages/1997/documents/hf_jp-ii_mes_19970930_malati-rio_po.html

VIII. MOTU PROPRIO

1. *Motu Proprio* "A Antiga e Venerável Basílica" - http://www.vatican.va/holy_father/benedict_xvi/motu_proprio/documents/hf_ben-xvi_motu-proprio_20050531_antica-venerabile-basilica_po.html
2. *Motu Proprio* "Celebração do Mistério Pascal" - http://www.vatican.va/holy_father/paul_vi/apost_letters/documents/hf_p-vi_apl_19690203_misterio-pascale_po.html
3. *Motu Proprio* "Ecclesia Dei" - http://www.vatican.va/roman_curia/pontifical_commissions/ecclsdei/documents/hf_jp-ii_motu-proprio_02071988_ecclesia-dei_po.html
4. *Motu Proprio* "Ecclesia Unitatem" - http://www.vatican.va/holy_father/benedict_xvi/apost_letters/documents/hf_ben-xvi_apl_20090702_ecclesiae-unitatem_po.html
5. *Motu Proprio* "Familia A Deo Instituta" - http://www.vatican.va/holy_father/john_paul_ii/motu_proprio/documents/hf_jp-ii_motu-proprio_09051981_familia-a-deo-instituta_po.html
6. *Motu Proprio* "Ministeria Quaedam" - http://www.vatican.va/holy_father/paul_vi/motu_proprio/documents/hf_p-vi_motu-proprio_19720815_ministeria-quaedam_po.html

7. *Motu Proprio* "Misericordia Dei" -
http://www.vatican.va/holy_father/john_paul_ii/motu_proprio/documents/hf_jp-ii_motu-proprio_20020502_misericordia-dei_po.html
8. *Motu Proprio* "Mysterii Paschalis" -
http://www.vatican.va/holy_father/paul_vi/motu_proprio/documents/hf_p-vi_motu-proprio_19690214_mysterii-paschalis_en.html
9. *Motu Proprio* "Tra Le Sollicitudini" -
http://www.vatican.va/holy_father/pius_x/motu_proprio/documents/hf_p-x_motu-proprio_19031122_sollicitudini_po.html
10. *Motu Proprio* "Causas Matrimoniales" -
http://www.vatican.va/holy_father/paul_vi/motu_proprio/documents/hf_p-vi_motu-proprio_19710328_causas-matrimoniales_po.html

IX. QUIRÓGRAFOS

1. Quirógrafo do Papa João Paulo II ao Cardeal Angelo Sodano -
http://www.vatican.va/holy_father/john_paul_ii/letters/1991/documents/hf_jp-ii_let_19910629_nomina-sodano_it.html
2. Quirógrafo do Papa João Paulo II "Le Sollicitudini Crescenti" -
http://www.vatican.va/holy_father/john_paul_ii/apost_letters/1984/documents/hf_jp-ii_apl_19840409_sollicitudini-crescenti_it.html
3. Quirógrafo do Papa João Paulo II Para o Cuidado Espiritual da Cidade do Vaticano -
http://www.vatican.va/holy_father/john_paul_ii/letters/1991/documents/hf_jp-ii_let_19910114_chirografo_it.html
4. Quirógrafo do Papa João Paulo II "Durante a última Ceia" -
http://www.vatican.va/holy_father/john_paul_ii/letters/2004/documents/hf_jp-ii_let_20040916_caritas-internationalis_po.html
5. Quirógrafo do Sumo Pontífice João Paulo II no centenário do Motu proprio "Tra le sollicitudini" -
http://www.vatican.va/holy_father/john_paul_ii/letters/2003/documents/hf_jp-ii_let_20031203_musica-sacra_po.html
6. Quirógrafo do Papa João XXIII para a Convocação do Primeiro Sínodo de Roma -
http://www.vatican.va/holy_father/john_xxiii/letters/documents/hf_j-xxiii_let_19600116_sinodo-roma_sp.html

7. Quirógrafo do Papa João Paulo I para a Nomeação do Secretário de Estado - http://www.vatican.va/holy_father/john_paul_i/speeches/documents/hf_jp-i_spe_27081978_chirograph_po.html
8. Quirógrafo do Papa Francisco para a Revisão da "Pastor Bonus" - http://www.vatican.va/holy_father/francesco/letters/2013/documents/papa-francesco_20130928_chirografo-consiglio-cardinali_po.html
9. Quirógrafo do Papa Pio XII ao Dr. Harry S. Truman - http://www.vatican.va/holy_father/pius_xii/letters/documents/hf_p-xii_lett_19470826_have-just_it.html
10. Quirógrafo do Papa João Paulo II para a Instituição da Fundação "Populorum Progressio" - http://www.vatican.va/holy_father/john_paul_ii/letters/1992/documents/hf_jp-ii_let_19920213_populorum-foundation_po.html

X. RESCRITOS

1. Rescrito do Papa João Paulo II para a Concessão da Rosa de Ouro - http://www.vatican.va/holy_father/john_paul_ii/letters/2004/documents/hf_jp-ii_let_20041101_sameiro_po.html
2. Rescrito do Papa João Paulo II "Regras para a Liquidação e Revisão dos Artigos 11 e 24 do Regulamento das Pensões" - http://www.vatican.va/roman_curia/labour_office/docs/documents/ulsa_b06_4_it.html
3. Rescrito do Papa Bento XVI "Início à Beatificação e Canonização de João Paulo II" - http://www.vatican.va/roman_curia/congregations/csaints/documents/rc_con_csaints_doc_20050509_rescritto-gpii_it.html
4. Rescrito do Papa João Paulo II "Estatuto e Regulamento do Fundo de Assistência Sanitária (FAS)" - http://www.vatican.va/roman_curia/fas/documents/rescritto-fas.pdf
5. Rescrito do Papa João Paulo II que aprova o novo Estatuto da "Peregrinação à Sede do Bispo de Roma" - http://www.vatican.va/roman_curia/secretariat_state/archivio/documents/rc_seg-st_19930215_nuovo-statuto-peregrinatio_it.html
6. Rescrito do Papa João Paulo II que aprova as novas fórmulas de Profissão de Fé http://www.vatican.va/roman_curia/congregations/cfaith/documents/rc_con_cfaith_doc_19890919_professio-fidei-rescriptum_it.html

7. Rescrito do papa João Pulo II "A Justiça no Mundo" - http://www.vatican.va/roman_curia/synod/documents/rc_synod_doc_19711130_giustizia_po.html
8. Rescrito do Papa Bento XVI reordenando as competências dos Dicastérios da Cúria Romana - <http://www.vatican.va/archive/aas/documents/2006/gennaio%202006.pdf>
9. Rescrito do Papa Bento XVI dando "Instrução sobre os critérios de discernimento vocacional acerca das pessoas com tendências homossexuais e da sua admissão ao Seminário e às Ordens sacras" - http://www.vatican.va/roman_curia/secretariat_state/card-bertone/2008/documents/rc_seg-st_20080408_rescriptum-ex-audientia_po.html
10. Rescrito do Papa João Paulo II aprovando as prestações combinadas "para o benefício da família" - http://www.vatican.va/roman_curia/secretariat_state/archivio/documents/rc_seg-st_19940101_provvidenze-famiglia_it.html

XI. CARTAS DE SÃO PAULO

1. Carta aos Romanos
http://www.apostolas.org.br/2010/capela/biblia/novo/cartas/Carta_aos_Romanos.pdf
2. 1ª Carta aos Coríntios
http://www.apostolas.org.br/2010/capela/biblia/novo/cartas/2_Carta_aos_Corintios.pdf
3. 2ª Carta aos Coríntios
http://www.apostolas.org.br/2010/capela/biblia/novo/cartas/2_Carta_aos_Corintios.pdf
4. Carta aos Gálatas
http://www.apostolas.org.br/2010/capela/biblia/novo/cartas/Carta_aos_Galatas.pdf
5. Carta aos Efésios
http://www.apostolas.org.br/2010/capela/biblia/novo/cartas/Carta_aos_Efesios.pdf
6. Carta aos Filipenses
http://www.apostolas.org.br/2010/capela/biblia/novo/cartas/Carta_aos_Filipenses.pdf
7. Carta aos Colossenses
http://www.apostolas.org.br/2010/capela/biblia/novo/cartas/Carta_aos_Colossenses.pdf

8. 1ª Carta aos Tessalonicenses
http://www.apostolas.org.br/2010/capela/biblia/novo/cartas/1_Carta_aos_Tessalonicenses.pdf
9. 2ª Carta aos Tessalonicenses
http://www.apostolas.org.br/2010/capela/biblia/novo/cartas/2_Carta_aos_Tessalonicenses.pdf
10. 1ª Carta a Timóteo
http://www.apostolas.org.br/2010/capela/biblia/novo/cartas/1_Carta_a_Timoteo.pdf
11. 2ª Carta a Timóteo
http://www.apostolas.org.br/2010/capela/biblia/novo/cartas/2_Carta_a_Timoteo.pdf
12. Carta a Tito
http://www.apostolas.org.br/2010/capela/biblia/novo/cartas/Carta_a_Tito.pdf
13. Carta a Filemon
http://www.apostolas.org.br/2010/capela/biblia/novo/cartas/Carta_a_Filemon.pdf
14. Carta aos Hebreus
http://www.apostolas.org.br/2010/capela/biblia/novo/cartas/Carta_aos_Hebreus.pdf